

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AMBIENTAL**

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O PROJETO
ECOMUNITARISMO NA CIDADE DE PELOTAS – RS: UMA
ANÁLISE QUALITATIVA DE RESULTADOS**

PAULO RICARDO GRANADA CORRÊA DA SILVA

**RIO GRANDE
2006**

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AMBIENTAL**

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O PROJETO
ECOMUNITARISMO NA CIDADE DE PELOTAS – RS: UMA
ANÁLISE QUALITATIVA DE RESULTADOS**

PAULO RICARDO GRANADA CORRÊA DA SILVA

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do Grau de Mestre ao Programa de Pós-
Graduação em Educação Ambiental, da Fundação
Universidade Federal do Rio Grande.

Orientador: Professor Dr. Sirio Lopez Velasco

**RIO GRANDE
2006**

Dados de catalogação na fonte:
(Marlene Cravo Castillo – CRB-10/744)

C824e Corrêa da Silva, Paulo Ricardo Granada

A Educação Ambiental e o projeto Ecomunitarismo na cidade de Pelotas – RS : uma análise qualitativa de resultados / Paulo Ricardo Granada Corrêa da Silva ; orientador Sírío Lopez Velasco . – Rio Grande, 2006. –177f. : il. Dissertação (Mestrado). Educação Ambiental. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2006.

1.Educação Ambiental 2. Humanização 3. Dialética 4. Ética 5. Ecomunitarismo I .Velasco, Sírío Lopez (orientador) II .Título.

CDD 304.2

Somente quando o homem branco derrubar a última árvore, matar o último animal e vir o último rio sem peixe, perceberá que não se come dinheiro.
Chefe Seattle

DEDICATÓRIA

Aos meus avós Jorge e Carolina, pelo seu exemplo de fé, coragem e determinação. Fé em um mundo melhor, coragem em sua luta e determinação em sua caminhada. A força e a elevação de suas almas, reverencio neste trabalho. A eles, minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Francisco e Norma, pela oportunidade de viver, pelo exemplo de alegria, amor, dignidade, respeito, compromisso pela vida como um todo e pelo estímulo cultural.

Ao meu tio Luis Carlos, pelo contato com sua cultura, intelectualidade e os mais altos princípios ideológicos que nortearam sua existência em prol de uma sociedade mais digna, e sua dor calada diante da incompreensão de muitos.

À companheira de todas as horas, Mitizi, cujo apoio, presença e determinação foram de importância capital para a realização deste trabalho.

A minha prima Maria da Graça, pela amizade sincera e apoio incondicional.

Ao professor Sirio Lopez Velasco, pelos elevados princípios éticos, sugestões precisas e cumplicidade intelectual.

À Universidade Federal de Pelotas, por todo apoio dispensado.

À Prefeitura Municipal de Pelotas, pelas imagens aéreas, gentilmente cedidas.

A todos que de uma forma ou de outra colaboraram para a realização deste trabalho, o meu mais sincero reconhecimento.

SUMÁRIO

RESUMO	9
RÉSUMÉ	10
INTRODUÇÃO	11
1 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	14
1.1 JUSTIFICATIVA	18
1.2 OBJETIVOS	19
1.3 METODOLOGIA	20
CAPÍTULO II	21
2.1 DA ECONOMIA	21
2.2 DA CIDADANIA	24
2.3 DA EDUCAÇÃO	25
2.4 TEORIA DO ECOMUNITARISMO – ÉTICA PARA O SÉCULO XXI	29
2.4.1 <i>Primeira Norma da Ética</i>	30
2.4.2 <i>Segunda Norma da Ética</i>	31
2.4.3 <i>Terceira Norma da Ética</i>	32
2.4.4 <i>Comentário</i>	33
2.5 TRABALHO ALIENADO	33
CAPÍTULO III	38
3.1 A PROPOSTA ECOMUNITARISTA	38
3.2 ECONOMIA SOLIDÁRIA E ECOLÓGICA ECOMUNITARISTA	38
3.3 O NÃO-TRABALHO NO ECOMUNITARISMO	39
3.4 ECOMUNITARISMO E ECOLOGIA	40
3.5 ECOMUNITARISMO, GÊNERO HUMANO E NECESSIDADES HUMANAS	41
3.6 COMUNIDADES PERIFÉRICAS COMO SUJEITOS COLETIVOS DA LIBERTAÇÃO	43
3.7 TRATAMENTO DE RESÍDUOS	44
3.8 ERÓTICA	44
3.8.1 <i>Auto-Erotismo</i>	44
3.8.2 <i>Heteroerotismo</i>	45
3.8.3 <i>Procriação</i>	46
3.8.4 <i>Homoerotismo</i>	46
3.8.5 <i>Algumas idéias para educação sexual</i>	46
3.8.5.1 <i>Para crianças, púberes e adolescentes</i>	46
3.8.5.2 <i>Para os adultos</i>	47
3.9 PEDAGOGIA	48
3.9.1 <i>A epistemologia da pedagogia da libertação</i>	48
3.9.2 <i>Educação familiar libertadora</i>	49
3.9.3 <i>Ação político-pedagógica libertadora</i>	50
CAPÍTULO IV	52
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL ECOMUNITARISTA SEGUNDO SÍRIO VELASCO	52
CAPÍTULO V	59
5.1 PROJETO ECOMUNITARISMO – UNIVERSIDADE CATÓLICA DA PELOTAS	59
5.2 ENTRE AS METAS E AS CONQUISTAS	62
CAPÍTULO VI	65
RESULTADOS – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	65
6.1 DAS QUESTÕES RELATIVAS À COMUNIDADE	65
6.2 MORADIAS	70

6.3 ÁGUA, LUZ E ESGOTO (INFRA-ESTRUTURA)	72
6.4 SAÚDE	74
6.5 EDUCAÇÃO	77
6.6 RELAÇÕES HUMANAS (SOLIDARIEDADE)	79
6.7 DA VISÃO DE CADA UM	82
6.8 DAS QUESTÕES PERTINENTES À TEORIA DO ECOMUNITARISMO	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96
ANEXOS	99
QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	100
PROPOSTA DO PROJETO ECOMUNITARISMO UCPEL	103
ENTREVISTA COM A PROFESSORA JARA FONTOURA	113
ENTREVISTA COM OSMAR RENATO BRITO FURTADO	122
ENTREVISTA COM NEUZA C. DA SILVA	133
ENTREVISTA COM MARCUS SIQUEIRA DA CUNHA	136
ENTREVISTA COM A SRA. GENECI DA SILVA FREITAS (D. CICA)	144
ENTREVISTA COM O SR. PAULO SILVA	148
ENTREVISTA COM A SRA. GRACINDA SANTOS FEIJÓ	154
ENTREVISTA COM PAULO OPPA	161
MAPAS E FOTOS	169

RESUMO

O presente trabalho de Dissertação destinou-se a verificar os resultados obtidos com a proposta do projeto Ecomunitarismo da Universidade Católica de Pelotas, junto à Comunidade São Gonçalo, na cidade de Pelotas-RS, durante seus sete anos de existência. Esse trabalho de educação não formal, que nos conduziu à correlata linha de pesquisa no MEA (EANF), possui como meta, também, fortalecer uma área ainda carente de Educação Ambiental que é a avaliação de projetos ainda em desenvolvimento, com o objetivo de apreciar o que foi conseguido, ou não, para, dessa forma, poder colaborar na correção dos rumos. Para tanto, construímos uma base teórica referente ao Ecomunitarismo. Em seguida, averiguou-se qual era a proposta do projeto ecomunitarismo na cidade Pelotas, e, a partir de depoimentos dados pelos participantes, promotores (aplicadores) do projeto e membros da comunidade São Gonçalo, foi indagado o que pretendiam, bem como o que fizeram e o que acham que conseguiram. Finalmente, realizamos uma verificação entre o que propõe a teoria ecomunitarista e aquilo que o projeto estava ou não conseguindo fazer, no caso específico da comunidade São Gonçalo. A referida comunidade São Gonçalo, pelas condições sociais de que era dotada, representava em sua totalidade aquilo a que Marx denominava de *Lumpemproletariat*, ou seja, o lixo de todas as classes. O trabalho pedagógico, desenvolvido pela UCPel, de desvelamento crítico da realidade e de ação transformadora sobre esta comunidade, conseguiu resgatá-la da condição de lumpesinato a que estava imersa. Considerou-se, finalmente, que de uma comunidade que se submetia a resignação solícita, pela condição de alienação sociocultural, na qual se encontrava mergulhada, a roubar-lhe o processo de humanização imposta pelo sistema dominante, passa à ação transformadora de sua realidade. Todavia, há que referenciar a carência do aporte teórico da teoria do ecomunitarismo e o temor de que a comunidade, sem o norte regulador que este representa, no dizer de Velasco, possa ficar andando em círculos, mesmo diante das melhores intenções.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Ecomunitarismo, Ética, Dialética, Humanização.

RÉSUMÉ

Cette dissertation est destinée à vérifier les résultats obtenus avec la proposition du projet « Ecomunitarismo » de l'Université Catholique de Pelotas avec la communauté « São Gonçalo » dans la ville de Pelotas, pendant ses sept années d'existence. Ce travail d'Education non formel, qui nous a conduit à la correspondante ligne de recherche dans le MEA (EANF), a-t-il aussi comme but, fortifier un domaine encore absente de « Educação Ambiental », qui c'est l'évaluation des projets en développement, avec l'objectif d'apprécier cela qui a été obtenu, ou non, pour, de cette façon, pouvoir collaborer dans la correction des tournours. Pour cela, nous avons construit une base théorique concernant au « Ecomunitarismo ». Ensuite, nous avons fait une enquête en demandant quelle était la proposition du projet « Ecomunitarismo » dans la ville de Pelotas et à partir des dépositions données pour les participants, les applicateurs du projet et les membres de la communauté « São Gonçalo », on lui a demandé quelles étaient leurs intentions, ainsi que qu'est-ce qu'ils pensait qu'ils avaient obtenu. Finalement, nous avons réalisé une vérification entre celui qui propose la théorie « Ecomunitarista » et cela que le projet a obtenu ou non, dans le cas spécifique de la communauté « São Gonçalo ». La communauté en question, pour les conditions sociales de qui était douée, représentait dans sa totalité cela que Marx appelait de « Lumpenproletariat », cet à dire, l'ordure de toutes les classes sociales. Le travail pédagogique, développé par l'UCPel, de découverte critique de la réalité et de l'action qui transforme cette communauté l'a sauvé de l'état de « lumpesinato » dans lequel elle a été immergé. On a considéré finalement, que d'une communauté qui se sumettait à la resignation prévenante par l'état d'aliénation socioculturel, dans laquelle elle se trouvait plongée, lui en volant le processus d'humanisation imposé pour le système dominant, passe à l'action qui modifie sa réalité. Cependant il faut faire de références à la nécessité de l'appui théorique du « Ecomunitarismo » et la crainte de que la communauté, sans nord de régulation que ceci représente, dans l'énonciation de Velasco, puisse marcher en cercles, quand même en avant des meilleurs intentions.

Mots-clés: « Educação Ambiental », « Ecomunitarismo », Éthique, Dialectique, Humanization.

INTRODUÇÃO

O interesse pela educação faz parte de uma longa e natural caminhada. Um processo de amadurecimento. Porém, tenho consciência de que nascemos educadores ambientais, que tem na transdisciplinaridade sua maior característica. A Educação Ambiental é livre de dogmas de qualquer espécie, congrega profissionais de todas as áreas, visa à harmonia entre homem e natureza, e destes entre si e consigo mesmo. O educador ambiental não se vê apenas como parte integrante da natureza, mas a própria natureza em ação.

Por estas características ela irradia-se de forma ampla, geral e irrestrita a todas as ciências. É holística e transcendente; *Sistêmica*, como diz Capra, e *Hologrâmica*, como a coloca Morin. Percebe as verdades como um processo construtivo, temporal e perene. Nestas características encontra-se sua beleza, que a torna leve, maleável e dotada do que considero sua maior riqueza: HUMANIDADE!

Há que agradecer aos pioneiros que acreditaram em seu sonho, fazendo deste, realidade concreta. Afinal, *viabilizar o sonho de um mundo melhor faz-se o grande ideal da Educação Ambiental*. Sonhar, este ato poético, imbricado a alma humana, para alguns homens torna-se um fim em si mesmo, ao passo que, para outros, esta poesia não é mais do que a razão de sua própria materialidade, agente de transformação! Nesta categoria incluem os pioneiros da Educação Ambiental, poetas da transformação, que fizeram de seu sonho realidade sobre a qual podemos agora transitar.

Todavia, lastimo o ponto de degradação que atingimos enquanto seres humanos. Lastimo pelo mundo. Pelo meu, pelo seu, pelo nosso mundo! Lastimo pelas gerações a que

precedemos, pois, de fato e de direito, gostaria que herdassem um mundo diferente deste. Lastimo pelo riso das crianças, brancas, negras, amarelas, de todos os matizes, crianças de toda ordem, de todos os quadrantes, ricas, pobres, famintas. Suas lágrimas a mim pertencem, e a inocência de seu riso, me faz chorar. Lastimo porque lá em cima há somente céu a cobrir-nos, como um manto sagrado de paz, enquanto esforçamo-nos tanto por alimentarmos as fornalhas do inferno que insistimos em manter, cá em baixo a nos sufocar. Lastimo pela desumana humanidade, pelos que crêem que a solução para a violência encontra-se na própria violência, justificando atos iníquos dos que fazem desta um fim em si mesma. Lancemos os olhos sobre a linha do tempo e ele desvelará, talvez, nossa face mais cruel ao mostrar-nos, que em cinco mil anos de história nos permitimos menos de trezentos anos de paz, não contínuos. Neste momento, em ato reflexo, de pura e relativa impotência, diante daquilo que almejamos, percebo-me a conversar com Deus, seja Ele o que for e esteja onde estiver. Apesar de tudo, ainda creio que, para que os maus vençam, basta que os bons nada façam. Porém, antes de apaziguarmo-nos em armas, há que apaziguarmo-nos na alma, lembrando, sempre, que não pode haver paz onde antes não houver justiça. Por pensarmos desta forma, é que fomos motivados a procurar a ex-aluna do Mestrado em Educação Ambiental Jara Fontoura – terceira aluna do curso a defender sua dissertação no ano de 1997, atual professora do curso de Bacharelado em Ecologia da Universidade Católica de Pelotas /UCPEL.

Esta educadora ambiental desde 1998 desenvolve ativo projeto denominado de Ecomunitarismo, na cidade de Pelotas/RS, com uma comunidade formada por catadores de papelão e pescadores, num total de 400 pessoas. Tal projeto por se tratar de uma reflexão teórico/prática em Educação Ambiental, desencadeou em nós o interesse em levantar dados, historicidade, mapeamento da realidade sócio ambiental desta comunidade/público alvo, para verificar a viabilidade ou não do processo sócio educativo-ambiental durante os sete anos de atuação, nesta, do Ecomunitarismo.

Este projeto, ecomunitário, tem a finalidade de envolver também os diversos cursos da UCPEL de forma interdisciplinar, através dos ensinamentos de Educação Ambiental. Recebe o nome de Ecomunitarismo, em homenagem ao Dr. Sírío Lopez Velasco, professor

da FURG e escritor do livro “Ética para o século XXI – Rumo ao Ecomunitarismo”. Segundo Velasco:

“ECOMUNITARISMO el regime comunitario poscapitalista capaz de pautar las relaciones laborables inter-humanas y entre los seres humanos y la naturaleza por las normas éticas que hemos deducido trascendentalmente a partir de la gramática de la pregunta: que debo/que debemos hacer?” (VELASCO, 2000)

A professora Fontoura salienta que o objetivo geral deste trabalho, vem a ser o de “possibilitar o exercício da cidadania, da ética e buscar soluções para os problemas sócio-ambientais como prioridade daquela comunidade”.

A comunidade, em 1997, ocupava de forma ilegal as margens do Canal de Santa Bárbara mais conhecido como Canal São Gonçalo, causando impacto sócio ambiental. Após muitas lutas, assembléias, e organização popular, em 2004, a prefeitura da cidade começou o processo de legalização das moradias, fazendo loteamentos (10m x 30m), com água e luz, no lugar ocupado na antiga fábrica de óleo vegetal denominada CEVAL. Atualmente, 114 famílias moram na comunidade São Gonçalo, ou seja, Bairro Ecossolidário, nome este dado, segundo Fontoura, pelos próprios moradores em homenagem ao Projeto Ecomunitarismo e a seu criador Dr. Velasco.

Durante estes anos de atuação do projeto, muitas metas do Projeto Ecomunitarismo foram atingidas, como construção da conscientização sócio-ambiental, higiene, alimentação alternativa, alfabetização de adultos, oficinas de teatro, hortas comunitárias, encaminhamento de reivindicações aos órgãos municipais competentes, eleições das lideranças da comunidade, planejamento familiar, aquisição de documentos de identificação pessoal, atividades lúdico-pedagógicas com as crianças, grupo de mulheres e da terceira idade, assim como incentivo à amamentação, ao uso de plantas medicinais, alternativas de trabalho, palestras informativas, esporte, confecção com material reciclado, mutirões de limpeza, assembléias, reforço escolar e outros. Ações que, em seu conjunto, contribuíram para construção dos valores sociais da comunidade.

1 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Na Idade Moderna, através do gênio de Galileu, tomou-se contato com o método experimental, o qual, se por um lado dirigia o homem para a libertação de muitos dogmas religiosos, atrelava-o a outro dogma, o científico. Com Descartes, cujo nome latino era Cartesius – daí seu pensamento ser conhecido por cartesiano –, há a distinção entre mente e corpo, a *res extensa* e a *res cogitans*: o mundo e seu movimento e sua natureza espiritual, respectivamente. Se de Galileu herdamos a racionalidade, de Descartes herdamos a fragmentação do saber. Segundo Regina Bochiniak¹,

Vem daí a primeira grande cisão de áreas do conhecimento, com o estabelecimento de uma sólida fronteira entre a Filosofia e a Ciência e a crença na supremacia desta última, bem como a exigência de que os princípios da objetividade, da neutralidade, da quantificação, da universalidade e, especialmente, da fragmentação, dentre outros, fossem rigorosamente observados para que um conhecimento produzido pudesse ser considerado.

Assim passou a ser entendida a ciência, ou seja, como algo que se caracterizava pela quantificação. Tudo que não pudesse passar pelo crivo desta característica básica da ciência de então não era considerado como tal e, portanto, indigno de consideração. A visão do mundo e do conhecimento sobre ele produzido, que o homem deste período

¹ BOCHINIAK, Regina. “Interdisciplinaridade”. *1º Congresso Paranaense de Instituições de Ensino*. SINEPE, 1998. Disponível em: <www.pucpr.br/institutos/sinepe/curso/palestras/interdisciplinaridade.html> Acessado em: 09/08/2000.

histórico de cinco séculos adquiriu e sedimentou, foi uma visão disciplinada e disciplinar, como bem coloca Bochiniak.

A onda deste modelo foi tão vigorosa que se manteve até a atualidade, momento de transição, de quebra de valores e paradigmas, a que chamamos de fenômeno da pós-modernidade. Como um Phoenix a ressurgir de si próprio, uma nova ordem delineia-se no horizonte metodológico.

Seguindo a linha do tempo, deparamo-nos com o surgimento da sociologia de Comte, em meados do século dezanove, por ele intitulada, em sua origem, de Física Social, por clara imposição das ciências físico-naturais já devidamente instauradas à época. Nascia sua ciência positiva, descrita em suas duas principais obras, *O Sistema de Filosofia Positiva* e *o Sistema de Política Positiva*.

A racionalidade que permeava a física, a química e as demais ciências, cujos fenômenos eram passíveis de reprodução e primavam, por isso mesmo, pela quantificação, era expandida às ciências sociais, o que deveria lhes conferir também outra característica: a da previsibilidade. As ciências humanas, dessa forma, tendo características próprias de subjetividade, deveriam desenvolver, também e por isso mesmo, seus próprios métodos de investigação.

Porém, nos alerta Gamboa² que quem adere aos princípios da ciência empírico-analítica e do positivismo lógico, dificilmente aceita outras formas de elaborar conhecimento científico, senão aquelas que se ajustam aos critérios dos procedimentos experimentais, correlacionais e estatísticos e ao raciocínio hipotético-dedutivo.

Percebe-se no viés positivista e no distanciamento que este impõe ao pesquisador de seu objeto de pesquisa uma barreira a engessar o investigador. Se o que se procura é não só a simples e pura constatação, mas um envolvimento direto com o meio em questão, certamente esta não se apresenta como a melhor opção às pretensões do trabalho de pesquisa. Almeja-se ir além do racionalismo científico. Na verdade, crê-se que há uma identificação do sujeito com a teoria por ele adotada, e que esta, portanto, denunciando sua

² SANTOS FILHO, José Camilo dos, GAMBOA, Sílvia Sanchez (Org). *Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

forma de conceber o mundo, será a extensão de seus princípios e, por isso mesmo, a representação do perfil ideológico do pesquisador.

Segundo Trivinõs, *a escolha de uma teoria para realizar uma pesquisa não é uma tarefa concebida casualmente, à toa. As teorias com as quais trabalhamos estão unidas à nossa maneira de apreciar o mundo, a vida, o ser humano*³. Por isso, faz-se necessário uma profunda reflexão sobre as correntes teórico-metodológicas, para que o caminho escolhido consiga abarcar de forma mais nítida e integral possível as pretensões almejadas pelo pesquisador, em seu trabalho investigativo.

Pelas características que revestem o objeto de pesquisa – comunidade integrada em uma prática profissional coletiva, no caso a de catadores/pescadores –, como padecer dos mesmos problemas e possuir, portanto, os mesmos anseios, é que houve o desejo de não apenas, como foi dito anteriormente, realizar a mera análise quantitativa dos dados, mas de ir além. Deseja-se uma análise qualitativa da questão sócio-educativo-ambiental, que é apresentada, que possa contribuir à mudança situacional almejada para a comunidade estudada. Acredita-se que um estudo só tem e encontra sua razão se conduzir efetivamente a uma mudança de estado, seja ele comportamental, social ou psicológico, e que resulte a favor da melhoria da qualidade de vida da coletividade. Salienta-se aqui a forma como é vista a educação ambiental descrita na introdução deste trabalho, quando foi dito que ela visa à harmonia entre homem e natureza, e destes entre si e consigo mesmo. Os trabalhos de investigação, assim, devem ter por objetivo sempre a harmonia ser humano-natureza.

Por isso, ter-se-á como ponto de partida a pergunta, “quais os resultados obtidos com a proposta do projeto Ecomunitarismo junto à comunidade São Gonçalo, na cidade de Pelotas-RS?” E colocando em relação dialógica o passado e o presente desta comunidade é que pretendemos responder a esta pergunta. Crê-se poder colaborar no aprimoramento do trabalho desenvolvido pela UCPEL, liderado pela professora Fontoura, através deste trabalho de pesquisa.

Como pressuposto teórico, parece-nos o viés marxista o mais conveniente a realização do trabalho, uma vez que só as características dialéticas e diacrônicas de que é

³ TRIVINÕS, Augusto Nivaldo da Silva. *Bases Teórico-Metodológicas da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2001, p. 55.

dotado poderão explicar as mudanças sofridas com a implantação do projeto Ecomunitário na comunidade São Gonçalo. Como nos diz Trivinões⁴,

A explicação no marxismo é de natureza qualitativa. Geralmente está apoiada em informações quantitativas. Além disso, é dialética. Isto a apresenta como um processo diacrônico, isto é, histórico. Jamais a explicação marxista completa de um fenômeno poderá ser fotográfica, fixa. A concepção de causa do marxismo é muito diferente da do positivismo. Existe uma relação dialética entre causa e efeito. A causa de um fenômeno em determinado momento, pode ser efeito do mesmo fenômeno; e o efeito transforma-se em sua causa. Existe uma permanente relação dialética entre a causa e o efeito, como já o assinalou Hegel.

Assim utilizaremos a análise qualitativa, uma vez que não iremos entrevistar um número de pessoas que justifique tal procedimento, ou seja, a análise estatística dos dados coletados.

Dessa forma, acreditamos ser possível realizar nosso trabalho valendo-nos apenas de uma análise do tipo qualitativa e correndo sobre os trilhos da dialética, para assim, de posse das conclusões dessa análise, possamos tornar possível nossa contribuição ao projeto ecomunitarismo.

Assim, então, possuímos a certeza de que, diante da condição de seres humanos, somos artífices da história e, como tal, responsáveis pela existência que em sua forma dialética traz em seu bojo a utopia e a esperança do possível⁵.

⁴ TRIVINÕES, Augusto Nivaldo da Silva. Idem, p. 101.

⁵ HORKHEIMER, Max. Apud. Trivinões, Op. cit., p. 113.

1.1 Justificativa

A EA nunca se fez tão vital a humanidade. Urge uma mudança comportamental planetária, de tal sorte que distancie o homem da autodestruição, do “autoflagelo” e da condição antropofágica da qual jamais se distanciou de fato, posto que se alimenta ainda hoje de seu semelhante das mais variadas, cruéis e dissimuladas formas. Para que como Phoenix, não tenha que ressurgir das próprias cinzas. Se for possível tal ressurreição. O projeto ecomunitário, portanto, contrapondo-se a postura acima descrita, torna-se proposta concreta a balizar a edificação de uma sociedade mais equânime. Dessa forma, pela concretude encontrada no trabalho junto ao ecomunitarismo, torna-se de grande valia a verificação das metas atingidas e de sua mecânica evolutiva, para que de posse destas informações possamos não apenas averiguar dados e obtermos aprofundamento teórico-prático, mas também poderemos contribuir com sugestões que venham a possibilitar a continuidade deste trabalho.

Por isto justifico, como necessário, não apenas a continuidade do projeto do Ecomunitarismo posto em prática pela Universidade Católica de Pelotas, na pessoa da professora Fontoura, mas a realização da pesquisa a que me proponho executar sobre este desafiador e profícuo projeto, pela sua complexidade e interdependência das relações ali estabelecidas a originar uma teia de retro alimentação ecossistêmica. Somos artífices da história, não podemos, assim, nos curvar ao determinismo reducionista, fruto do sistema dominante. Lembramos aqui as palavras de Freire quando diz que

A afirmação de que as coisas são assim porque não poderiam ser de outra forma é odionalmente fatalítica, pois decreta que a felicidade pertence apenas àqueles que têm poder. Os pobres, os deserdados, os excluídos estariam fadados a morrer de frio, não importa se no sul ou no norte do mundo. [...] Somos seres da transformação e não da adaptação.⁶

⁶ FREIRE, Paulo. *À sombra desta Mangueira*. São Paulo: Olho D'Água, 1995.

Temos diante de nós, então, a tarefa sócio-educativa deixada pelo professor Paulo Freire, cuja existência foi pautada na luta pelos excluídos, para a efetivação de uma educação realmente libertadora, que edificasse a construção da cidadania e enaltecasse a ética. O tema, vasto e profundo, deve ser tratado, portanto, com a seriedade que lhe é própria. Sem dúvida, evidencia-se aqui um grande desafio que, no entanto, merece e deve ser vivido.

1.2 Objetivos

Geral:

– Verificar quais os resultados obtidos com a proposta do projeto Ecomunitarismo junto à Comunidade São Gonçalo, na cidade de Pelotas-RS, durante seus sete anos de existência, bem como fortalecer essa área ainda carente de EA que é a avaliação de projetos ainda em desenvolvimento, para apreciar o que foi conseguido, ou não, para, desta forma, poder ajudar na correção dos rumos.

Específicos:

- Levantar dados sobre o histórico sócio-ambiental da comunidade;
- Verificar a problemática vivenciada por esta comunidade;
- Investigar até que ponto o projeto contribuiu para a mudança sócio-ambiental da comunidade alvo do projeto ecomunitarista.

1.3 Metodologia

Inicialmente construiremos uma base teórica referente ao ecomunitarismo. Em seguida averiguaremos qual era a proposta do projeto ecomunitarismo na cidade de Pelotas e a partir de depoimentos dados pelos participantes promotores (aplicadores: Jara Fontoura da Silveira, professora de Educação Ambiental, da UCPel; Professor Osmar Renato Brito Furtado, biólogo; Professora Neuza C. da Silva, pedagoga e ecóloga; Marcus Siqueira da Cunha, advogado/historiador, professor da UCPel; Paulo Oppa, arquiteto, vereador da Câmara Municipal de Pelotas – PT, Secretário da Habitação gestão 2000/2004) do projeto e da comunidade São Gonçalo (Sra. Geneci da Silva Freitas, Sra. Gracinda Santos Feijó, Sr. Paulo Silva, Sr. João Lázaro Ferreira da Silva), será indagado o que eles pretendiam, bem como o que fizeram e o que acham que conseguiram. Para tanto, será elaborada uma entrevista cujos elementos serão detalhados mais adiante e, finalmente realizaremos uma verificação entre o que propõe a teoria ecomunitarista e aquilo que o projeto está ou não conseguindo fazer, no caso específico da comunidade São Gonçalo, na cidade de Pelotas. Apesar de não podermos caracterizar nosso trabalho como sendo Pesquisa-Ação, identificamo-nos com Thiollent no tocante à produção de conhecimento, apropriação de experiência, avanço de debates acerca das questões abordadas e divulgação de resultados quando nos diz que

A Pesquisa-Ação não é constituída apenas pela ação ou pela participação. Com ela é necessário produzir conhecimento, adquirir experiência, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas. Parte da informação gerada é divulgada, sob forma e por meios apropriados, no seio da população. Outra parte da informação coteja os resultados de pesquisas anteriores, é estruturada em conhecimentos. Esses são divulgados pelos canais próprios das ciências sociais (revistas, congressos e etc.) e também por meio de canais a esta linha de pesquisa.⁷

⁷ THIOLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa - Ação*. São Paulo: Cortez, 1998.

CAPÍTULO II

2.1 Da Economia

No período pré-histórico, o conhecimento era transmitido informalmente, de forma empírica e por observação. A sociedade apresentava-se caracterizada pela vida tribal, a terra pertencia a todos e o trabalho e seus produtos eram coletivos, o que caracterizava um regime de propriedade coletiva dos meios de produção. A sociedade era homogênea e indivisível. Neste tocante, nos diz Aranha⁸ que

A pré-história constitui um período extremamente longo, em que instrumentos utilizados para a sobrevivência humana se transformam muito lentamente. [...] As transformações técnicas e o aparecimento das cidades em decorrência da produção excedente e da comercialização alteram as relações entre os homens. As principais mudanças são: na organização social homogênea, na qual antes havia indivisão, surgem hierarquias por causa de privilégios de classes; aparecem formas de servidão e escravidão; as terras de uso comum passam a ser administradas pelo Estado, instituição criada para legitimar o novo regime de propriedade. [...] Finalmente o saber, antes aberto a todos, torna-se patrimônio e privilégio da classe dominante. Nesse momento surge a necessidade da escola, para que apenas alguns iniciados tenham acesso ao conhecimento.

⁸ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da educação*. São Paulo: Moderna, 1998, p. 28.

O raciocínio e a visão holística do ser coletivo e uno que imperava, dá lugar ao ser fracionado, a uma sociedade fragmentada em castas. Havia surgido a divisão entre trabalho intelectual destinado às elites e o trabalho braçal dirigido às demais classes. A ideologia, em decorrência, aparece como fenômeno da sociedade dividida em classes e, por seu intermédio, a classe dominada é incapaz de perceber a inferiorização a que é submetida e, sem consciência de si própria, torna-se inerte e impossibilitada de qualquer transformação, portanto, co-autora do *status quo*. De acordo com Maria Lúcia Aranha⁹, "não compreender os mecanismos pelos quais a ideologia mascara as formas de poder é permitir que esta se perpetue".

A Grécia antiga, berço da democracia, na filosofia da essência, identificava o ser humano apenas no homem livre. O escravo, por conseguinte, não detinha tal condição. Ao atingirmos a Idade Média, a concepção essencialista sofre uma inovação. O homem, ao ser criado segundo uma essência pré-determinada, tem também seu destino previamente definido, o que já justificava a diferença entre a condição de servos e senhores. A essência humana justificava tais diferenças.

Na Idade Moderna, há a ruptura do sistema feudal e o surgimento do modo de produção capitalista. A burguesia, classe em ascensão, passa a advogar a filosofia da essência como a defesa da igualdade entre os homens, criticando nobreza e clero. Uma vez no poder, para manter seus interesses, nega a igualdade dos homens lançando mão da pedagogia da legitimação das desigualdades, segundo a qual os homens não são essencialmente iguais, mas possuidores de diferentes capacidades e aptidões. A burguesia, através da filosofia da essência, legitima os privilégios. Segundo Aníbal Ponce, "as massas exploradas da Antigüidade e do feudalismo, apenas haviam trocado de senhor"¹⁰. Estende a burguesia, assim, seus tentáculos sobre povos e nações apáticas e inertes. Ainda nas palavras de Ponce¹¹,

Um regime em que o capitalista dá ao trabalhador muito menos do que o valor do objeto produzido, [...] se apodera sem nenhuma retribuição, de uma considerável parte do trabalho alheio, de tal modo que o salário com

⁹ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da educação*. São Paulo: Moderna, 1992, p. 186.

¹⁰ PONCE, Aníbal. *Educação e luta de classes*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 135.

¹¹ Idem, *Ibid.*, p. 135.

que paga seus operários mal dá para que estes possam se manter e possam voltar a vender ao capitalista nas mesmas condições, sua força de trabalho.

Admitindo como palavras-chave *agir comunicativo, força hegemônica e conhecimento*, podemos dizer, seguramente, que toda a mudança necessita do agir comunicativo e da força hegemônica, e ambos, do conhecimento, sem o quê não pode haver a instrumentalização das consciências.

Cabe refletirmos, não obstante, que tipo de sociedade almejamos para, então, lançarmos mão das bases pedagógicas. Quanto a isso, nos diz Brandão que "cada tipo de sociedade real, histórica, cria e impõe o tipo de educação que necessita"¹². Dessa forma, impõe-se a pedagogia capitalista do individualismo, da exclusão, da degradação da ética e da inversão dos valores. A competitividade sem ética, que leva à degradação social, substituiu o *ser* pelo *ter*. E pelos antolhos que coloca nas massas desprevenidas, impõe-lhes a visão do próprio umbigo.

A visão e a prática das normas da ética ecomunitária de Velasco¹³ vêm, desta forma, alargar as consciências, obtusas, na busca de horizontes mais amplos. A educação libertadora deve dar o direito ao questionamento do consagrado e a escolha do porvir. Citando novamente Brandão¹⁴, "a necessidade de preservar na consciência dos *imatueros* o que os mais velhos consagraram e ao mesmo tempo, o direito de sacudir e questionar o que está consagrado, em nome do que vem pelo caminho".

¹² BRANDÃO, Carlos R.. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 76.

¹³ VELASCO, Sírio Lopez. *Ética para o século XXI: rumo ao ecomunitarismo*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

¹⁴ BRANDÃO, Op. cit., p. 110.

2.2 Da Cidadania

Com a aglomeração do homem em grupos organizados, surge a necessidade de deliberar sobre as diretrizes da vida em sociedade. Da prática livre e igualitária a que se chamou democracia, surgiu a condição cidadã, composta de direitos e deveres para com a coletividade.

De acordo com Covre¹⁵, "a cidadania está relacionada ao surgimento da vida na cidade, à capacidade de os homens exercerem direitos e deveres de cidadão". Diz-nos, ainda, a autora citada, que

Podemos afirmar que ser cidadão significa ter direitos e deveres, ser súdito e ser soberano. Tal situação está descrita na Carta de Direitos da Organização das Nações Unidas (ONU) de 1948, que tem suas primeiras matrizes marcantes nas cartas de Direitos dos Estados Unidos (1776) e da Revolução Francesa (1789). Sua proposta mais funda de cidadania é a de que os homens são iguais perante a lei, sem discriminação de raça credo ou cor. E ainda, a todos cabem o domínio sobre seu corpo e sua vida, o acesso a um salário condizente para promover a própria vida, o direito à educação, à saúde, a habitação, ao lazer. E mais: é direito de todos poder expressar-se livremente, militar em partidos políticos e sindicatos, fomentar movimentos sociais, lutar por seus valores. Enfim, o direito de ter uma vida digna, de ser homem.¹⁶

Percebe-se, pela citação acima, que basta que apenas uma das premissas, para a condição de cidadania, não seja satisfeita, para que tal condição não seja atingida. Cidadania, mais do que um direito tomado isoladamente, é condição cívica a propiciar o crescimento do cidadão e da sociedade como um todo.

Cidadania deve ser ensinada para que possa ser exigida e conquistada. Como podemos observar, ensino pressupõe informação, e, no caso, informação de princípios éticos, sem a qual não se processa a aprendizagem e a mudança comportamental, que efetivamente possa conduzir à sociedade sustentável, descrita por Velasco.

¹⁵ COVRE, Maria de Lourdes Manzini. *O que é cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 16.

¹⁶ Idem, p. 9.

2.3 Da Educação

Vivemos um período histórico com reflexos provenientes de uma educação dogmática, castradora e individualista, geradora de uma sociedade alienada e dependente cada vez mais dos recursos econômicos e tecnológicos internacionais. Nas palavras de Pedro Demo¹⁷,

É realidade que quem sabe pensar pode ter um projeto próprio, enquanto quem não sabe pensar vive de projetos alheios. Cidadania continua sendo o fator central do desenvolvimento tendo na educação um de seus móveis mais substanciais.

A maneira de reverter tal processo degenerativo da sociedade e altamente traumático pelas conseqüências que dele provém, é uma modificação na base psicopedagógica educacional através da transmissão de valores éticos, e não mais de posicionamentos cômodos e pré-estabelecidos. Com o desenvolvimento do livre pensar, nos afastaremos do que parece já pertencer aos domínios do inconsciente coletivo como uma espécie de herança medieval de cunho extremamente dogmático. Libertos do dogmatismo, formaremos o pesquisador, que é o pensador por excelência, através do cuidado do indivíduo como um ser uno e não fracionado em razão e emoção. Concomitante ao livre pensar, que vem a ser, então, o pré-requisito do pesquisador, será desenvolvida a consciência social. O ecomunitarismo, pelas características que o compõem de diálogo, liberdade e trabalho coletivo, torna-se, por isto, poderoso meio de instrumentalização para atingirmos a condição cidadã. Assim, dar-se-á a formação de indivíduos saudáveis, dotados de senso comunitário, para uma sociedade, conseqüentemente, mais saudável, próspera e justa.

¹⁷ DEMO, Pedro. *Educação e desenvolvimento*. São Paulo: Papyrus, 1999, p. 82.

Simples e ignorantes chegamos ao mundo. Assim pensamos, raciocinamos durante os primeiros anos de nossa existência, com a simplicidade e a pureza dos que ignoram. Vemos, sentimos e processamos toda a gama de informações que absorvemos através dos sentidos de forma simples, pura e singela, porque simples, puro e singelo é todo nosso ser.

Sob certo aspecto, muito se perde em aprendizado pelo fato de perdermos a propriedade de pensar com a simplicidade infantil. Em outras palavras, muitas vezes complicamos demais as coisas perdendo, então, o óbvio.

Com o passar do tempo, imbuímo-nos de toda a cultura do meio, toda a sua carga moral que, em maior ou menor grau, absorve-nos e, da grande maioria, rouba a capacidade de questionamento. Ao ingressarmos na escola, já estamos tão contaminados pelo meio que, com certeza, ele interferirá em qualquer processo raciocinativo que tenhamos. Parece estar por demais arraigado no inconsciente coletivo a herança escolástica medieval de cunho extremamente dogmático. Não devemos e nem podemos ensinar, mas educar, já que nos intitulamos educadores e educar implica trabalhar personalidades. Nas palavras de Flávio Fortes D'Andrea¹⁸:

A personalidade na sua temporalidade não pode ser considerada como uma simples soma de funções vitais, mas uma integração dinâmica cuja resultante se expressa pelo comportamento individual frente a estímulos de variada natureza. Existe, então, em função de um meio e, pertencendo a um ser vivo, tem que sofrer um processo de desenvolvimento.

Todavia, na perspectiva freiriana, não pode existir desenvolvimento científico sem que haja antes o desenvolvimento do cidadão pleno. Devemos, portanto, ensinar a pensar com liberdade, colaborando na formação de uma personalidade harmônica não apenas com o meio, mas com o próprio indivíduo, levando-se em conta que não pode haver harmonia onde não há liberdade. Segundo Marx, citado por Maria Lúcia Aranha¹⁹,

[...] a verdadeira liberdade consiste para cada um, em ver em cada homem não a limitação, mas a realização da sua liberdade. A liberdade é

¹⁸ D'ANDREA, Flávio Fortes. *Desenvolvimento da personalidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994, p. 96.

¹⁹ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Op. Cit., 1999, p. 82.

a união de todos nós para criar um mundo mais livre. Mas é um sentimento de liberdade a que a criança não pode chegar por si própria: não a alcançara sem longa e constante intervenção do adulto.

Não podemos limitar o ser, mas sim, fazê-lo perceber que existem universos além do seu a serem conquistados, e que a busca da verdade é uma constante na vida do homem, relativa sempre ao seu grau de adiantamento psicossocial. Podemos denominar tal comportamento de antidogmático. Na escola, geralmente, ensinam tudo, menos a pensar. Porque eles próprios, os docentes, em grande número não sabem fazê-lo, tornando então o ensino castrador e dogmático.

A curiosidade pode e deve ser estimulada, e o que se faz na maioria das vezes é sufocá-la com posicionamentos cômodos e medíocres. O pensar incomoda, obriga a modificações, à reciclagem, porque agente transformador. Todos os sistemas possuem uma força inercial muito grande, diretamente proporcional à genialidade daquele que atua como agente de transformação, impulsionando o sistema à luz de novas realidades, o que significa, historicamente, deparar-se com grande força opositora. Isto faz-nos lembrar Thomas Young²⁰, quando diz que "A verdade raramente vem ao mundo sem as dores do parto".

O homem é um conjunto uno, não apenas emoção, não apenas razão. Todavia, o processo educacional esquece-se de que não existe um sem o outro, e trata alunos de cursos humanos e técnicos de forma distinta. Nosso cérebro possui dois hemisférios dotados, segundo a ciência, de especificidades distintas, lógica e abstrata, porém, interligados, comandando a totalidade. Não vivemos apenas com um deles, devemos então cuidar de ambos com igual atenção. No dizer de Flávio D'Andrea²¹, "o desenvolvimento do homem como ser social, baseia-se num equilíbrio. O resultado deste equilíbrio é que acarretará em um completo bem estar psicossocial".

Hoje, começa-se a sentir falta de humanismo nos parques industriais, fazendo-se, por isso, grandes investimentos em recursos humanos na busca de eliminar o desequilíbrio gerado pelo abandono destes. O sistema esqueceu que antes mesmo de aprendermos a ler,

²⁰ YOUNG, Thomas. Apud: TRATTNER, Ernest R.. *Arquitetos de idéias*. Porto Alegre: Globo, 1953, p. 146.

²¹ D'ANDREA, Flávio Fortes. Op. Cit., 1994, p. 14.

escrever ou calcular, já éramos capazes de sentir. Nas palavras de Charles Chaplin²², "não sois máquinas, homens é que sois".

Paradoxalmente, o mesmo homem que se lançou à técnica com a avidez do lucro, gerou o grande e desequilibrante vazio que lhe faz quase que desesperadamente voltar-se à natureza que esqueceu, à natureza de seu próprio ser emotivo-abstrato. O caminho está em sabermos administrar razão e emoção às gerações vindouras, de forma a transmitir-lhes valores éticos e não mais dogmas arcaicos e sem sentido. Para tal, educadores em todos os níveis devem abdicar a propriedade da verdade, lembrando que ensinar é, antes de tudo, a consciência de que estamos periodicamente construindo novo saber, e de que não passamos de meros colaboradores na edificação de novas existências. De certa forma, cabem aqui as palavras de Gibran K. Gibran²³ que diz, "vossos filhos não são vossos filhos, mas sim filhos e filhas da ânsia de viver por si mesmos. Vem por vós mas não de vós, vivem convosco mas não vos pertencem".

Concomitante ao desenvolvimento do livre pensador, deve desenvolver-se a consciência social do indivíduo, de tal forma que as futuras gerações/famílias sejam atingidas pela mesma onda de princípios sociais, bem como a consciência de que a célula existe para o órgão, e não o contrário. De indivíduos saudáveis e com senso comunitário, é o que toda a sociedade necessita, para que ela própria assim o seja, e para que este mesmo indivíduo não sofra as conseqüências degenerativas de um comportamento avesso e egoísta, base da quase totalidade das mazelas sociais. Nesse tocante, diz-nos D'Andrea²⁴:

A sociedade precisa de indivíduos para manter-se e progredir, mas muitas famílias parecem não participar dessa opinião. Não estimulam seus filhos a desempenhar qualquer serviço em prol da comunidade; pelo contrário, ensinam-nos a tirar o máximo proveito do meio e a retirar-se para longe das obrigações sociais. É comum, quanto mais próspera é uma pessoa, mais inacessível se torna e mais afastada tende a ficar dos problemas comunitários. [...] isto seria senão muito mais, uma atitude preventiva do sofrimento, ao reconhecer na maturidade, que a vida passou sem que a pessoa tivesse realizado algo útil para seus semelhantes.

²² CHAPLIN, Charles. Do filme *O grande ditador*. 1936.

²³ GIBRAN, Gibran Khalil. *O profeta*. São Paulo: Catavento, 1976, p. 16.

²⁴ D'ANDREA, Flávio Fortes. Op. Cit., 1994, p. 108.

Creemos que, uma pedagogia, aplicada da forma supracitada, pode contribuir, de fato, para a formação do cidadão pleno, instrumentalizando-o para a conquista de seus direitos e para a prática de seus deveres, de modo que a ética deixe de ser mero vocábulo esquecido nas páginas de um livro qualquer, mas prática diária a nos dar a certeza de que nada, absolutamente nada, jamais foi, ou será, construído na impostura, senão, num grande e único compromisso para com a verdade, mãe excelsa de todas as virtudes. Concordamos com Gentili²⁵ quando diz que “educar para prática cidadã significa contribuir para formar a própria cidadania. Trata-se, de um problema ético e político que resume a razão de ser de toda a educação democrática”.

2.4 Teoria do Ecomunitarismo – ética para o século XXI

Daremos início a este subcapítulo apresentando as três normas da ética de Sirio Velasco, base da Teoria Ecomunitária.

Informamos, a priori, que a dedução das três normas éticas, Velasco realiza a partir do conceito de felicidade de um ato de fala lingüística, no sentido de John Austin (1962).

O que Velasco pretende é trazer à luz as normas da ética embutidas na gramática da pergunta “o que devo fazer?”, que vai do mais simples até o mais complexo ato do agir humano, desde ao acordar pela manhã e se perguntar se devemos permanecer em casa ou ir à escola. Sendo esta apenas uma opção dentre tantas decisões diárias que temos que tomar, até as mais graves como as trabalhadas por Sartre em sua obra como, por exemplo, a que diz: devo denunciar meu companheiro para salvar minha vida ou morrer na tortura?

Velasco nos mostra que sua proposta não garante que haja uma coerência entre o conteúdo da norma e a conduta, mas sim o fato de não alegar a partir do contato

²⁵ GENTILI, Pablo. Qual educação para qual cidadania? Reflexões sobre a formação do sujeito democrático. In: AZEVEDO, José Clóvis de (Org.). *Utopia e democracia na educação cidadã*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 150.

consciente, com esta, desconhecimento da existência das normas da ética, não tendo, portanto, mais direito ao benefício da ignorância.

2.4.1 Primeira Norma da Ética

Um pressuposto da pergunta o que devo fazer?, é que há pelo menos duas linhas de ação possíveis, caso contrário, não faria sentido realizar tal pergunta.

Ora, realizar a constatação de que há pelo menos duas linhas de ação possíveis significa que há liberdade para escolher entre elas. Podemos deduzir, assim, a primeira norma da ética: “Devo zelar pela minha liberdade individual de decidir porque isto é condição de felicidade da pergunta o que devo fazer?”. Devo buscar, devo construir a minha liberdade individual de decisão, e isto significa, por si só, que se as coisas se colocam como busca e conquista; que não sou livre. O que significa, por sua vez, que somos determinados por uma série de outras condições sociais, vindas de outras pessoas, que estão cerceando esta capacidade de decidir o que devo fazer. Então a primeira norma da ética que nos obriga a zelar pela capacidade individual de decisão, se configura como ponto de partida a crítica de qualquer tipo de situação na qual essa liberdade de decisão se configure cerceada.

Esta, então, configura-se como a norma fundamental para que se pense no processo de libertação, porque é justamente ela que convida a busca da realização da liberdade individual de decidir criticamente todas as instâncias, nas quais essa liberdade é negada, desde a vida na família, na escola, e no universo da empresa. E esta é uma das questões fundamentais de Velasco na crítica ética do capitalismo, recuperando a crítica antropológica que Marx faz, e contribuindo com uma apresentação que não havia na própria apresentação de Marx, que é a primeira norma da ética e que permite criticar eticamente o capitalismo, pelo cerceamento da liberdade individual de decidir, e que é imposta, diariamente, a cada um dos indivíduos que se encontra sob o domínio de um outro indivíduo.

Para Velasco, este é o cerne de um drama fundamental do capitalismo que diz respeito ao cerceamento, no cotidiano, da liberdade individual de decidir e com o fato de que não se faz possível exercitar a liberdade de decisão.

2.4.2 Segunda Norma da Ética

Esta liberdade individual de decidir tem uma abrangência ilimitada?

Para Velasco deveria haver uma mediação, para que esta liberdade, como disse Marx, pudesse se combinar e pudéssemos realizar nossa liberdade não contra a liberdade do outro, mas justamente com a liberdade deste outro.

Ao nos perguntarmos, o que devemos fazer, mesmo sem querer, fornecemos a oportunidade para que um interlocutor venha a dar sua opinião ao tema que encontra-se em debate. Isto não se trata apenas de uma análise do componente lingüístico da pergunta, uma vez que toda a interrogação apela a opinião do outro. Caso contrário ela será uma pergunta infeliz, uma pergunta meramente retórica, nos chama a atenção Velasco lembrando Austin.

Toda pergunta lançada é capaz de incorporar no universo do diálogo qualquer pessoa que entenda a pergunta em questão, ou seja, o que devo fazer?

Então, perguntar o que devo fazer implica em ir ao encontro de uma resposta consensualmente construída. Abre-se, assim, a porta para que outro opine e para que a minha opinião possa ser beneficiada pela opinião do outro, possa ser trocada pela opinião do outro e eu possa evoluir na construção da resposta, sendo esta a razão da pergunta, a de que outro venha a se incorporar nesta busca.

Concluimos que a aquela liberdade individual de decidir que a primeira norma explicita como sendo uma exigência pela qual devemos zelar, complementa-se com a segunda norma que determina que ela seja elaborada com a participação do outro, ou seja, a minha liberdade individual de decidir se realiza em uma busca consensual, de acordo com os outros, que também estão aqui para fazer valer sua liberdade individual de decisão; de tal forma que, se a primeira norma da ética garantia a liberdade individual de decidir, a segunda norma da ética nos mostra com nitidez que essa liberdade individual de decidir

nunca pode ser egoísta, fechada e oposta a liberdade de decidir dos outros, mas ao contrário, deve se construir numa busca de acordos e consensos sobre o que devemos fazer, até porque o que fazemos sempre tem implicância social, coletiva.

Podemos agora definir a segunda norma da ética; “Devo buscar respostas consensuais para que a pergunta, o que devo fazer?, porque buscar respostas consensuais para a pergunta o que devo fazer? é condição de felicidade da pergunta o que devo fazer?”

Se não tivermos esta atitude estaremos executando atos infelizes da pergunta o que devo fazer?

2.4.3 Terceira Norma da Ética

É condição de felicidade da pergunta “o que devo fazer?” não somente a própria pergunta, mas também que haja uma linguagem que a contenha, e a linguagem que possui a condição de argüição é a linguagem humana. E o que caracteriza e diferencia o ser humano das demais espécies é sua capacidade de trabalho, ou seja, para que haja uma linguagem para a pergunta o que devo fazer?, é preciso pertencer a uma espécie caracterizada como humana e que, por sua vez se diferencia das demais pela capacidade de trabalho. Marx, neste ponto, definirá trabalho como aquela ação que o ser humano estabelece com a natureza para dela se apropriar conforme suas necessidades.

Mas qual é a condição para que haja trabalho? Podemos deduzir: a pergunta o que devo fazer?, supõe uma linguagem humana, a linguagem humana supõe o ser humano, e o ser humano depende do trabalho que transforma e o transforma. As condições de trabalho por sua vez são compostas por três elementos naturais que são: o sujeito, o instrumento e o objeto (os três elementos naturais, pelo menos no seu início). Tenho, portanto, que preservar e regenerar uma natureza sadia do ponto de vista produtivo, para que obtenha felicidade na pergunta “o que devo fazer?”

Eis aqui demonstrado o conteúdo da terceira norma da ética.

“Tenho que preservar e regenerar uma natureza sadia do ponto de vista produtivo porque isto é condição de felicidade da pergunta o que devo fazer?”

2.4.4 Comentário

Nestas três normas podemos discutir o alicerce da Educação Ambiental. Deduzimos que não pode haver EA conforme esta ética, se educandos e educadores estiverem tolhidos do exercício da sua liberdade individual de opinião, convicção, busca, pesquisa e posicionamento. Não pode haver EA se esta liberdade não for exercida segundo uma dinâmica consensual. Portanto, que os conhecimentos gerados no processo ensino/aprendizagem de EA não forem o resultado daquilo que foi construído consensualmente, no diálogo em que educador e educando vão elaborando seu parecer. Parecer este que pode ser modificado, exatamente pela dinâmica de diálogo de que se reveste tal comportamento. E não pode haver EA se o conteúdo do resultado da ação entre educador e educando não obedecer ao princípio da conservação e regeneração da natureza humana e não humana sadia.

2.5 Trabalho Alienado

Num primeiro momento, Marx vai abordar a alienação do trabalhador em relação ao fruto de seu trabalho, e esta é uma questão que deve ser esclarecida para que se possa apreciar o problema antropológico que a produção capitalista reproduz diariamente, pois é nítida a diferença existente entre os grupos que participam do processo de produção e aqueles que participam de fato da produção destes bens.

É a isto, ou seja, à separação, à defasagem, que existe entre o trabalhador e o produto do seu trabalho que Marx critica, porque é justamente o que se encontra por trás desta análise, e que parece estar já identificada no princípio de justiça defendido pela burguesia, e é a partir daí que Marx reflete. Tal princípio de justiça atesta que “cada um

receba segundo seu trabalho”. O que Marx percebe, então, no capitalismo, é sua contradição, ao direito do princípio de justiça, que é o fato de que aqueles que executam a produção não são proprietários do que produzem.

O que Marx faz é denunciar o fato de que o conjunto dos trabalhadores, das pessoas que participam da produção, seja ela indústria ou agricultura e de toda e qualquer outra forma de produção social de que seja capaz, não vem a ser o mesmo conjunto de trabalhadores que irá usufruir desta produção. Isto se verifica através da análise das relações que cada um dos componentes desse processo produtivo tem com os meios de produção. Marx, então, apenas constata um fato, no qual o capitalismo é percebido como um regime em que uma minoria é detentora dos meios de produção sejam estes, terras ou indústria, e que a grande maioria sobrevive apenas a partir do momento em que consiga empregar-se com os donos dos meios de produção.

Os produtos gerados nesse processo produtivo que envolve indústria e agricultura não mais pertencem a quem os produziu, mas sim àqueles a quem competem tais meios produtivos, que, pertencendo a uma minoria, fazem com que esta seja a detentora dos bens gerados neste processo, seja na fábrica ou na lavoura, cada vez mais socializado, no dizer de Marx. Aí se encontra a incoerência fundamental do capitalismo, segundo Marx, que é justamente a contradição entre o caráter social da produção e o caráter individual da apropriação dos bens produzidos.

Harmonizar o modo de produção de apropriação e de troca, com o caráter social dos meios de produção, é o objetivo do estabelecimento de relações de produção socialistas que, pondo fim à exploração, conduziria o homem à supressão dos antagonismos e à diferença de classes ora vigentes. Isso viola então o “princípio de justiça burguês de a cada um segundo o seu trabalho”. No manifesto comunista de 1848, de Marx e Engels, é proposto que aqueles que fabricam os produtos na sociedade sejam os mesmos que usufruam de tais produtos, posto que ajudaram a fazê-los. Em outras palavras, que a sociedade se organize de tal forma que o princípio burguês de justiça seja respeitado, observando que, de fato, cada um receba segundo o trabalho que realizou, a rigor, fruto que o trabalhador colaborou para gerar – uma situação de trabalho alienada do capitalismo que

é quando uma minoria detém os meios produtivos e a massa trabalhadora necessita empregar-se com os donos destes meios para garantir sua sobrevivência.

O fato de trabalhar, ou não, dependerá não da vontade do trabalhador, pois esta se encontra alienada do trabalhador. Já não é mais ele quem decide ou não sobre seu trabalho, mas os donos dos meios de produção que se tornam, desta forma, também proprietários de seu decidir, colocando o trabalhador sempre sob o perigo, no dizer de Marx, de *extraordinárias interrupções*. Isto significa poder ficar desempregado a qualquer momento por tempo incerto e não sabido.

O brasileiro, apesar da pecha de folgado que possui, constitui um dos povos que mais trabalha no mundo, com um número de desempregados alarmente, não possuindo, nem de longe, um salário parecido com os existentes nos países de primeiro mundo. Mais de cem milhões de brasileiros vivem com menos de um salário mínimo ao mês. Dessa forma, enquanto tivermos este exército de trabalhadores de reserva às portas das empresas à espera de uma vaga, o poder de decisão não lhe pertencerá, mas continuará nas mãos dos donos dos meios de produção. Por isso, o investimento nas indústrias da forma como é feito, na tentativa de solucionar o desemprego, não garantirá nada. Pelo simples fato de não possuir fundamento teórico, lógico, nos princípios éticos, já que enquanto o trabalhador não for dono de seu poder de decisão, emblemando a primeira norma da ética, a questão não poderá ser resolvida. Recuperando o trabalhador sua capacidade de decidir, será desenvolvida também sua capacidade produtiva. Marx chama a atenção para o fato de que não basta a vontade de trabalhar, pois esta vontade tem de ser acompanhada dos instrumentos para que possa se concretizar.

Sem os instrumentos para produzir, esta vontade é uma vontade vazia, sem realização, conforme se apresenta na realidade capitalista atual. Marx é convicto, também, ao afirmar que os trabalhadores devem unir-se livremente para usufruir dos meios de produção, dando vazão assim, a sua vontade represada de trabalhar e produzir, não sendo possível, continua ele, deixar nas mãos das minorias capitalistas o controle dos instrumentos e materiais de produção. Caso isto não venha a suceder-se, continuará a manter-se o desemprego de forma perene na linha da história.

Dessa forma, somente uma comunidade de produtores livremente associados a partir do ideal e da vontade de produzir de cada indivíduo logrará êxito, no tocante ao retorno dos bens produzidos às mãos de seus produtores, uma vez que produzindo para a coletividade ele é sabedor de que estará produzindo para si próprio. Esta seria a forma plausível para superar a problemática do desemprego que assola a humanidade em sua maioria esmagadora. Por isso, afirma Velasco²⁶:

Não há projeto de desenvolvimento, mesmo que dirigido por pessoas de esquerda, que logre sucesso ao tentar resolver o problema do desemprego, apostando dentro da lógica dos meios capitalistas de produção.

Conclui-se que, para os trabalhadores, ter acesso aos instrumentos de produção é condição básica para que se efetive a capacidade de produzir. E, em se efetivando esta capacidade, será de fato a ele restituído o poder de decisão, que vem ao encontro da primeira norma da ética que diz: “o que devo fazer?” Pelo fato primário de ser ele a tomar tal decisão, e não mais o dono dos meios de produção e, portanto, a alienar-lhe do poder de decidir, é que fará com que haja a redução dos níveis mundiais de desemprego supracitados.

Marx, falando da relação homem/natureza, afirma que o homem faz parte desta quando diz que a natureza é o corpo inorgânico do homem. Pode-se identificar com clareza em seu pensamento a percepção de que, fazendo parte da natureza, interagimos com ela, e que tudo o que a afeta, enquanto corpo inorgânico do homem, também afeta a si, numa relação nitidamente expressa. A utilização desta natureza não humana que deveria ser feita sob a forma de meio de subsistência imediato e como objeto e instrumento da atividade vital, que se configura no trabalho, deixa de sê-lo pelo fato de que esta natureza não orgânica, que deveria suprir as necessidades básicas do ser humano, possui agora um caráter privado. E possuída por poucos aliena a muitos, perdendo, por conseguinte, seu caráter de satisfação para a humanidade. A privatização da natureza condena, por isso, grande parcela da humanidade a situações de penúria de toda a ordem. Isto é característica

²⁶ Comunicação Oral, 2004.

do afastamento gerado entre a natureza e sua possibilidade de uso para a satisfação das necessidades humanas.

Conclui Marx que o trabalho alienado aliena o homem também da natureza, já que a terra como meio de produção, pertencendo a uma minoria, faz com que a maioria não detentora deste meio, alijada, alienada deste, não possa usá-lo como meio imediato de subsistência, nem como instrumento de trabalho, enquanto necessidade vital da espécie humana. Ainda citando Marx, diz ele, referindo-se ao trabalho para o homem, que este mortifica o seu corpo e arruína o seu espírito. Ao dizer-nos isto, Marx critica, no capitalismo, a animalização do homem ao considerar características que lhe são próprias, e que o diferenciam dos outros animais, que lhe são retiradas em um processo que o conduz à degradação.

Não podemos, no entanto, esquecer que o trabalho alienado, assim como produz danos à existência do trabalhador, portanto do homem, da mesma forma lesa a natureza, submetendo-a a um extrativismo abusivo e impiedoso. Natureza esta em que, se constituindo no corpo inorgânico do homem, conduz este a manter, por isso mesmo, com esta natureza, uma relação dialética de equilíbrio.

A relação de sustentabilidade que almejamos pode, como é possível deduzir, ser alcançada com a simples aplicação das três normas da ética ecomunitária.

CAPÍTULO III

3.1 A proposta ecomunitarista

Nossa intenção, nesse subcapítulo, é oferecer uma visão panorâmica, através de resenha, da teoria ecomunitária, apresentada por Velasco em sua obra “Ética Para o Século XXI: Rumo ao Ecomunitarismo”.

3.2 Economia solidária e ecológica ecomunitarista

Velasco chama de “ecomunitarismo” o regime comunitário pós-capitalista capaz de organizar as relações produtivas inter-humanas, entre os seres humanos em geral e entre estes e a natureza, conforme as normas éticas que deduzimos transcendentemente a partir da pergunta O que devo/devemos fazer?”.

Velasco se propõe a abordar sucessivamente os seguintes tópicos:

1. À luz das duas primeiras normas da ética, como conceber a atividade produtiva no regime comunitário pós-capitalista? (e a atividade lingüística que faz parte daquela?)

2. Como conceber a relação homens-natureza nesse regime pós-capitalista (tendo presente a terceira norma da ética)?
3. Qual é a perspectiva ecomunitarista da estimação e satisfação das necessidades humanas e como ela se vincula à tarefa histórica da constituição real do gênero humano?
4. Como conceber o processo histórico orientado para a construção do ecomunitarismo?

3.3 O não-trabalho no ecomunitarismo

Se o “trabalho” executado/padecido no capitalismo é a atividade produtiva alienada de sua condição assalariada, que, submetida ao império da “ordem” é o tormento diário do qual se foge como da peste assim que surgir a oportunidade, o não-trabalho em que apostamos no ecomunitarismo é o contrário de tudo isso.

O não-trabalho é a instância de expressão livre das energias produtivas, na qual as pessoas realizam alternadamente suas múltiplas vocações. Isso significa que a mesma pessoa exerce com alternância, se não diária, pelo menos semanal, mensal ou trimestral, por exemplo, as atividades de físico nuclear, jardineiro, pescador, dançarino, torneiro mecânico e professor, se estas forem suas vocações. Velasco ainda nos diz que a conciliação das vocações diversas com o conjunto de necessidades comunitárias, as quais devem ser satisfeitas num nível já atingido e que nunca cessa de ser melhorado, será realizada por meio de acordo consensual dos produtores livremente associados que contraem e renovam periodicamente seu pacto de convivência, de acordo com a segunda norma da ética. Assim, ao ser estabelecida a lista de necessidades e de disponibilidades vocacionais, o acordo comunitário de não-trabalho será o mecanismo de compatibilização entre ambas.

O cultivo das ciências passa, no ecomunitarismo, a ser uma entre outras das diversas atividades que uma pessoa pode desenvolver em alternância temporal com vistas a

seu livre desenvolvimento multilateral. Assim se rompe a unilateralidade, que é sinônimo de pobreza humana, dos atuais cientistas, ao mesmo tempo em que se encurta a distância, por dissolução da atual comunidade estanque no tecido social, entre os praticantes e os não-praticantes de atividades caracterizadas como científicas, sendo que estes últimos, à luz de uma instrução generalizada, tendem a desaparecer. A dinâmica acordista supõe a eliminação da ordem do universo produtivo e social em geral, bem como sua substituição por normas éticas, as quais estabelecem as obrigações assumidas e operam num contexto onde todo o cargo de coordenação/fiscalização é eletivo e rotativo.

O ecomunitarismo ajusta-se ao lema: “De cada um segundo sua capacidade, e a cada um segundo sua necessidade”. O produto do não-trabalho corresponde, na sua quantidade e qualidade, ao estabelecido pelo censo consensual das necessidades sociais. Essas necessidades correspondem, por sua vez, ao conjunto do que precisam os seres humanos atuais e futuros para realizar as vocações que são incompatíveis com vocações alheias e/ou de efeito degradante irreversível sobre a natureza exterior.

Uma vez obtido comunitariamente esse produto, sua distribuição também se fará comunitariamente. Dessa forma, no ecomunitarismo, o salário e o dinheiro terão desaparecido da história humana, e as necessidades individuais serão satisfeitas a partir do “fundo econômico comunitário”.

3.4 Ecomunitarismo e ecologia

No que diz respeito à natureza, o ecomunitarismo está baseado na terceira norma da ética, que prescreve: “Devo/devemos conservar uma natureza saudável do ponto de vista produtivo, porque a natureza ser saudável do ponto de vista produtivo é condição de eu fazer a pergunta, O que devo/devemos fazer?”. Isso quer dizer que tal comportamento terá um caráter preservador/regenerador da natureza, resguardando-a de toda degradação da sua potencialidade produtiva. Isso significa que a produção ecomunitarista realiza-se única e

exclusivamente com base em matérias-primas e energia, ao mesmo tempo renováveis e não poluentes, ou pelo menos causadoras de uma poluição reversível. Essa produção integra, como parte de sua atividade permanente, a reversão de seus efeitos degradantes sobre a natureza e a reciclagem de todos os seus resíduos. Essa conduta será tema fundamental da educação problematizadora que, nas instâncias formais e informais, haverá de caracterizar o panorama cultural-educativo do ecomunitarismo.

Sobre essa base se abre a perspectiva de ultrapassar a visão “utilitarista”, presente na terceira norma da ética quanto à relação entre os homens e a natureza para, no contexto do desenvolvimento multifacético dos indivíduos, estabelecer-se e incentivar o reencontro lúdico-estético dos seres humanos com a natureza.

Teria então chegado o momento, depois de longo período das sociedades classistas, de uma reconciliação dos seres humanos com a natureza, mas dentro de uma relação na qual a mediação produtiva entre ambos, diferentemente do que acontece nas sociedades denominadas “primitivas”, está dada por uma sofisticada tecnologia, a qual é possibilitada pela aplicação produtiva das ciências, preservadora/regeneradora do meio ambiente, e que deve satisfazer as múltiplas e diversificadas necessidades postas e resolvidas pelo desenvolvimento universal dos indivíduos.

3.5 Ecomunitarismo, gênero humano e necessidades humanas

O desenvolvimento universal dos indivíduos dá-se não só porque cada indivíduo se desenvolve universalmente a partir de suas vocações, mas também porque esse processo se realiza graças à interação consciente existente entre cada indivíduo e o restante dos seres humanos por meio do contato de suas respectivas comunidades de vida. Assim se completam na negação de sua atual existência restrita, porque não são conscientes no capitalismo, a aparição e a perpetuação de indivíduos que produzem sua vida em interação

com o conjunto dos seres humanos. Assim se constitui o gênero humano como entidade real.

No e sobre a base do plano produtivo de cada comunidade existente no ecomunitarismo se estabelece essa interação universal consciente dos indivíduos. Ressaltando que as interações entre os indivíduos, hoje, são perfeitamente realizáveis *in loco* e à distância pelos meios de transportes intercontinentais e pelas redes multimídias de telecomunicações, pergunta-se como haveremos de encarar, na perspectiva ecomunitarista, a dimensão quantitativa e o grau de variabilidade qualitativa daquilo que catalogamos como necessidades postas e resolvidas pelo e no desenvolvimento dos indivíduos universais. Às vezes, continua Velasco, essa questão tem sido abordada com base numa suposta diferença existente entre “necessidades legítimas” e “necessidades artificiais” (falsas necessidades) humanas.

É evidente que a realidade posta pela propaganda vigente no capitalismo e os hábitos que ela pretende criar e manter nessa chamada “sociedade de consumo” proporciona certo conteúdo visível que se designa com o nome de “necessidades artificiais”.

Quando se pretende aprofundar a análise dessa questão, a diferença estabelecida se revela problemática, pois a legitimidade de certas necessidades, às vezes, é interpretada, em oposição ao “artificial”, como sendo “natural” e porque ela supõe um fundamento ético a partir do qual possa se afirmar como tal.

Em relação ao primeiro ponto, é preciso notar que precisamente o homem é aquela parte da natureza que por meio da cultura transforma sua natureza; ou seja, a espécie humana é a parte da natureza que se encontra por meio de seu devir histórico, em permanente estado de autoprodução. Por isso, falar de uma “necessidade natural” referindo-se aos seres humanos é cair numa visão imobilista que contradiz o caráter historicamente autopoietico da espécie humana e, portanto, incorrer em manifesta falsidade, quando não em um *nonsense*.

Quanto ao segundo ponto, à questão da “necessidade legítima” pode ser balizada por nós a partir das normas éticas anteriormente deduzidas. Ora, é de notar que as mesmas não estabelecem uma versão estática de quais são as “necessidades” que cabem nos seus

limites, senão das que se comportam como fronteiras flexíveis, em cujo seio pode ser acolhida, como “necessidade legítima”, toda carência posta pelo desenvolvimento universal dos indivíduos que não transgrida a livre autodeterminação de qualquer outro, com o qual a única relação admissível com vistas à satisfação de desejos é a do consenso, e que não contrarie a preservação de uma natureza exterior saudável do ponto de vista produtivo. O entendimento entre os seres humanos e o desenvolvimento da tecnologia são os mecanismos que, em cada momento histórico, haverão de marcar a definição do que cabe ser admitido como “necessidade legítima” a ser atendida pela e na vida ecomunitária.

Velasco ressalta, ainda, que apesar da valorização que atribui ao papel das ciências no ecomunitarismo não descarta em absoluto a importância dos saberes “tradicionais”; pelo contrário, amparado nas experiências de Chico Mendes e Paulo Freire e na teoria deste último (Freire, 1970), considera que as ciências têm tudo a ganhar ao incorporar, inclusive para sua autocrítica, esses saberes (como está a ocorrer na agricultura orgânica e na etnobotânica, por exemplo).

3.6 Comunidades periféricas como sujeitos coletivos da libertação

Velasco esclarece, nesse ponto, o fato de que as comunidades e grupos “periféricos” (como é o caso, por um lado das tribos indígenas da América Latina e de suas comunidades rurais, que têm mantido, embora parcialmente, sua organização comunitária tanto na América Latina como na África ou na Ásia, e, por outro, dos grupos estáveis ou temporários de refugiados ou “sem-teto”, por exemplo) fazem parte do conjunto dos sujeitos da atual luta anti-capitalista de libertação.

3.7 Tratamento de resíduos

Velasco, ao se referir ao ecomunitarismo como uma ordem comunitário-ecológica na qual todos os materiais produtivos usados são renováveis e na qual todos os resíduos são reciclados, está apostando conscientemente numa *idéia reguladora*, nunca atingível de fato. Mas precisamente o papel dessa idéia é ser um horizonte que sempre nos lembra de que qualquer grama de matéria não-renovável que estejamos usando significa algo que estamos perdendo para sempre, de forma que não cedamos na busca de sua substituição por outra de caráter renovável; da mesma forma, em relação aos resíduos, nos lembra que nunca devemos tirar de nossa cabeça o imperativo dos “Três R”, que obriga a reduzir, reutilizar e reciclar qualquer resíduo, ou seja, idealmente todo resíduo.

Ao dizer isso, Velasco considera ainda não-desvirtuada a segunda lei da termodinâmica.

3.8 Erótica

Ao me referir á erótica, refiro-me a pulsão libidinal existente nos seres humanos, mais especificamente na porção daquela que vincula indivíduos humanos entre si e cada um deles consigo mesmo.

3.8.1 Auto-Erotismo

À luz da primeira norma da ética, para o auto-erotismo, desde que em situação provisória, de alternância equilibrada com o heteroerotismo, pode reivindicar-se o lugar de um complemento episódico não-nocivo da sexualidade. A primeira norma da ética pode ser

invocada em apoio a essa reivindicação do auto-erotismo. Com efeito, ela ampara a liberdade de decisão do indivíduo, nesse caso, sobre o uso de seu próprio corpo enquanto objeto sexual. E na medida em que não há outro ser humano que seja invadido na sua liberdade de decisão, a propósito de seu próprio corpo, essa liberdade não merece nenhum reparo à luz da segunda norma da ética.

3.8.2 Heteroerotismo

As relações heteroeróticas estão inequivocadamente orientadas a partir da segunda norma da ética. Com base nesta, tudo o que é consensualmente pactuado com o outro tem legitimidade no heteroerotismo. Claro que a premissa de tal conclusão é que a primeira norma da ética tenha sido respeitada, ou seja, que cada um dos parceiros tenha tido assegurada a sua liberdade de decisão no momento de acertar o vínculo heteroerótico. Isto exclui, pois, qualquer mecanismo de coação ou de limitação total ou parcial de tal liberdade, especialmente por meio de violência física, ameaças ou ainda do emprego de qualquer substância (álcool ou drogas) que tenha efeitos contrários ao estipulado pela primeira norma, inclusive quando o consumo de tais substâncias tenha sido voluntário por parte do indivíduo envolvido.

A segunda norma estabelece, pois, uma limitação muito clara na objetivação sexual do outro. Ela não legitima fazer do outro um objeto sexual, na medida em que eu mesmo me disponho a vir a ser objeto sexual para ele. [...] em matéria de mútuo desfrute sexual, nada pode ser eticamente questionado, desde que se enquadre no uso equilibrado de todas as fontes de prazer que envolvam exclusivamente ambos os interessados. Esse mesmo uso equilibrado haverá de depender daquilo que ambos entendem como tal.

3.8.3 Procriação

[...] quando se trata da união entre uma mulher e um homem, a procriação de um filho é assunto exclusivo do consenso ao qual chegam os parceiros.

No tocante a todos os mecanismos anticoncepcionais usados por ambos (quando a decisão de não procriar é livre e consensualmente estabelecida) ou pelo parceiro que se opõe à procriação, a ética não tem nada a opor. [...] com base na segunda norma da ética, se poderia argumentar contra o aborto, mesmo quando este resulte da decisão consensual dos parceiros.

3.8.4 Homoerotismo

Quando se analisa exclusivamente a situação dos diretamente implicados, nada do estabelecido pelas duas primeiras normas da ética autoriza a discriminar um vínculo homossexual no universo das relações heteroeróticas. À luz dessas normas, tanto faz se os parceiros são do mesmo ou de diferentes sexos. Com essa visão nos separamos da condenação freudiana do homossexualismo, catalogado como doença merecedora de tratamento médico analítico.

3.8.5 Algumas idéias para educação sexual

3.8.5.1 Para crianças, púberes e adolescentes

- Os pais não têm por que ocultar de seus filhos suas partes genitais nem fazer mistério sobre seu uso.
- Desde a mais tenra infância, contextualizar o vínculo sexual dentro do universo do predicado pelas duas primeiras normas da ética, a saber, o respeito pela liberdade de

decisão individual e a via do consenso livre como forma de definir qualquer questão, incluídas as de caráter sexual, atinente à nossa relação com o outro.

– Na educação formal, o indicado seria trabalhar as duas idéias recém esboçadas. Nesse sentido, mostra-se absolutamente insuficiente o tímido tratamento que a educação sexual recebe nas escolas latino-americanas, que a reduz a sisudas explicações sobre os aparelhos reprodutores da mulher e do homem. Nesse contexto, o tratamento da masturbação deve ser completamente despenalizado, explicando e discutindo o papel que a auto-erotismo ocupa no amadurecimento e ainda na vivência adulta da sexualidade.

No caso dos adolescentes, os quais ingressam no exercício heteroerótico da sexualidade genital, deve somar-se às práticas anteriores o uso de sessões de vídeo, em que a partir de filmes eróticos (diferentemente de pornográficos) se possa explicar e discutir a vivência concreta do heteroerotismo. Ao mesmo tempo não poderão faltar as explicações e discussões a respeito da responsabilidade da paternidade-maternidade, dos métodos anticoncepcionais e das proteções destinadas a evitar doenças sexualmente transmissíveis, em especial, nos dias de hoje, a AIDS. Esta última questão deverá ser abordada sob o pano de fundo do bom e realizador que significa para o ser humano o exercício de uma sexualidade segura e livremente consentida, como parte de outras relações não menos importantes para o desenvolvimento de indivíduos sadios no seio de uma comunidade saudável.

3.8.5.2 Para os adultos

Aos mesmos mecanismos descritos antes para crianças e adolescentes podemos acrescentar o uso de sessões de análise e de cursos interativos veiculados por meio da televisão, enriquecida pelos meios informáticos. Ambos podem fazer parte de atividades promovidas ou apoiadas por centros de trabalho, clubes sociais ou organizações de bairro e conduzidas por psiquiatras, psicólogos e analistas capazes de orientar e dar incentivo ao candidato à reeducação.

3.9 Pedagogia

3.9.1 A epistemologia da pedagogia da libertação

Ao criticar as relações comunicativas existentes em contextos sociais de opressão, Paulo Freire sintetizou as características principais daquilo que ele denominou de “educação bancária”, instrumento fundamental na opressão de geração em geração da redução dos sujeitos pertencentes às classes subalternas a simples objetos a serviço do (suposto) bem-estar e do poder exercido pelas classes dominantes.

Contra essa educação bancária, Freire propõe uma alternativa pedagógica que ele chamou de “problematizadora”, destinada a ser instrumento de uma sociedade sem opressores nem oprimidos. Essa proposta centra-se no exercício conjunto dialogado entre educador e educando, da conscientização, que Freire define como o complexo que reúne ao mesmo tempo, o desvelamento crítico da realidade, vivida por ambos, e a prática transformadora em relação a essa realidade (rumo à ordem comunitária sem opressores nem oprimidos). O conhecer alimenta o agir antidominador, e este, por sua vez, traz mais elementos ao conhecer crítico da opressão.

Inspirando-se nesses pensadores, Velasco define a pedagogia problematizadora, ou *pedagogia da libertação*, como aquela que:

- a. põe os instrumentos da cultura erudita a serviço da conscientização-mobilização dos oprimidos em luta para superar o capitalismo e alcançar uma comunidade constituída por indivíduos livremente associados e multilateralmente desenvolvidos.
- b. toma como ponto articulador da ação pedagógica as questões vinculadas à vida e à luta dos oprimidos.
- c. estabelece vínculos de mútuo enriquecimento entre a cultura erudita e a chamada cultura popular (aquela que é construída no dia-a-dia pelos oprimidos à margem da educação formal).

- d. Supera a contradição educador/educando, propiciando a construção dialógica do conhecimento vivo, em uma dinâmica onde são educandos/educadores, porque são educadores críticos [...].
- e. combate, por meio da crítica e da auto-reflexão, o fatalismo e o assistencialismo e aposta na capacidade dos oprimidos para melhorar nossas vidas e para, em última instância superar o capitalismo.
- f. defende (e busca aplicar no dia-a-dia) a tomada democrática das decisões e aponta para a superação da disciplina verticalmente imposta pela autodisciplina consensualmente estabelecida e avaliada.

3.9.2 Educação familiar libertadora

[...] a educação tem forçosamente que proibir e submeter, e assim tem feito amplamente em todos os tempos. Mas a psicanálise nos tem mostrado o perigo da doença neurótica... Em decorrência disso, a educação tem que buscar seu caminho entre o limite de deixar fazer e o limite da proibição. E se o problema não for insolúvel, será possível achar para a educação um caminho ótimo, o qual possa dar à criança um máximo de benefício, causando-lhe um mínimo de danos. Tratar-se-á, pois, de decidir o quanto se pode proibir, em que épocas e com quais meios.

Se (educação) encontra o caminho ideal da sua missão, poderá acalantar a esperança de extinguir um dos fatores da etiologia da doença: *a influência dos traumas infantis acidentais*. [...] a única preparação adequada para a profissão de educador é uma preparação psicanalítica fundamental, a qual deverá compreender a análise do próprio sujeito, pois sem perceber a experiência da própria pessoa não é possível assimilar a psicanálise. Os pais que têm passado pela análise de sua própria educação, educarão muito mais compreensivamente os seus filhos e lhes pouparão muito mais danos que a eles não lhes foram poupados (Freud, “Nuevas Aportaciones al Psicoanálisis, Aplicaciones y Observaciones”, 1932, in Freud 1968, vol. II, p. 949).

Acrescenta ainda:

- a. não seria mau se o ecomunitarismo pautasse sua política de saúde pública pela inclusão da psicanálise como serviço acessível a todos os pais que o desejassem para si e para seus filhos.
- b. a determinação de quando se deve proibir, em que épocas e com quais meios deve ser feita, com o auxílio dos analistas e também dos descobrimentos de Piaget em relação aos estágios evolutivos do entendimento infantil, de forma que aquilo que há de se proibir seja sempre que possível de forma argumentada, como exige a segunda norma da ética.
- c. a autoridade que não colide com o carinho é aquela que precisamente se estabelece com base na argumentação exigida pela segunda norma da ética e orientada para o desenvolvimento da liberdade individual da criança, em conformidade com a primeira norma.

3.9.3 Ação político-pedagógica libertadora

A ação pedagógica não se limita àquela desenvolvida nas esferas da família e da educação formal. Ela também tem lugar em todos os espaços das relações humanas, entre os quais nos interessa destacar os seguintes: as ações de bairro, as organizações sociais não-governamentais, sindicais e políticas, por um lado, e os meios de comunicação, por outro. Em todos eles, as três normas da ética, assim como os princípios da pedagogia problematizadora indicam que, simultaneamente à luta contra a feroz resistência dos mantenedores, por ação ou omissão, do atual caos socioecológico, o desafio maior no caminho que aponta para o ecomunitarismo é a superação da dicotomia dirigentes/dirigidos.

[...] essa ruptura significa construir mediante uma democracia direta, horizontal e consensualmente, à luz das duas primeiras normas da ética, as decisões e as ações libertadoras e, simultaneamente, exercer a alternância constante das funções de direção representativa que se julgar imprescindíveis.

[...] levando em conta a contribuição de Habermas (Habermas: 1962), essa ruptura significa superar a dicotomia entre os formadores de opinião e os outros, a imensa maioria que, como aquela expressão, permite deduzir com transparência, assume-manifesta uma opinião que é supostamente a sua, mas que, na realidade, tem sido formada, sendo eles, portanto, os que têm sua opinião formada por outros.

CAPÍTULO IV

A Educação Ambiental Ecomunitarista segundo Sírio Velasco²⁷

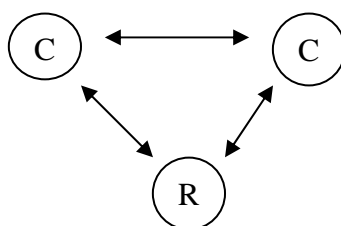
Velasco propõe uma ética argumentativa da libertação e uma educação ambiental problematizadora. Princípios capazes de nortear qualquer ação de forma clara, a fixar o ecomunitarismo como norte utópico indispensável, segundo ele, para quem possui horizontes pós-capitalistas. Desta forma, apesar de reconhecer a validade e riqueza de conteúdo nas ações de protesto das ONGs, através do que diz poder-se chamar de “nova política”, considera estas, ainda assim, fracas em sua dimensão propositiva. Estas ações, ainda não contemplam o horizonte da Educação Ambiental cidadã de Velasco em sua perspectiva ecomunitarista a apresentar-se como “uma modalidade política permanente de crítica e de mudança social”.

Entende Velasco, educação como sinônimo de “conscientização”, da forma como Freire define este termo, como combinação de alimentação recíproca de desvelamento crítico da realidade e de ação transformadora sobre ela (no sentido da construção de uma comunidade humana sem opressores nem oprimidos – “Algumas notas sobre conscientização”, in: Freire, 1982). Reconhece que, a luz da Educação Ambiental, na atualidade, substitui-se o termo “comunidade humana” por “ordem socioambiental sustentável nas relações inter-humanas e entre os seres humanos e o restante da natureza”. Sempre acompanhando Freire, lembra que ninguém educa ninguém, e ninguém se educa

²⁷ Velasco Lopez, Sírio “Ética, educação ambiental e mudança social rumo ao ecomunitarismo”. *Ambiente & Educação*. Revista de Educação Ambiental. Rio Grande, 9: 9-27, 2004.

sozinho, mas que os homens se educam em processo de comunhão, mediatizados pelo mundo. Conclui, então, que “educar-se é conscientizar-se em diálogo com os outros no contexto de uma ação transformadora sobre a realidade “ecossocial” rumo a uma ordem sócio ambiental sustentável a que denomina de ecomunitarismo”.

Nesta assertiva encontra-se a chave da epistemologia da EA que pode ser representada através do gráfico:



Onde “C” representa cada um dos sujeitos na interação dialógica e “R” representa o referente, ou seja, o objeto, a propósito do qual os primeiros estão construindo o conhecimento. Assim Freire situou a construção do conhecimento no interior da práxis, que ele define como “a reflexão e ação dos mesmos sobre o mundo para transformá-lo”²⁸.

Educar-se passa a ser, então, o ato de conscientizar-se em diálogo com os outros no contexto de uma ação transformadora sobre a realidade “ecossocial” rumo a uma ordem socioambiental sustentável que Velasco denomina de “ecomunitarismo”. Lembra, porém que é preciso se fundamentar uma postura ética, (ver capítulo 3, páginas 24 e seguintes), segundo a qual devemos dialogar com os outros; é bom fazê-lo no contexto da ação teórico-prática de desvelamento crítico e transformação da realidade e que devemos buscar uma ordem socioambiental sustentável. Calcada na ética argumentativa da libertação, define o termo “libertação” como o processo histórico de construção da liberdade de decisão consensual a propósito de nossas vidas através da discussão e da luta contra as instâncias de dominação intersubjetiva e de auto-repressão alienada. Inclui-se nesse processo o estabelecimento de relações produtivas e estéticas de caráter preservador

²⁸ FREIRE, Paulo. Apud. VELASCO, Sírio. Idem, p. 17.

regenerador entre os seres humanos e o restante da natureza, o que o faz entender a educação com embasado numa pedagogia problematizadora, ou pedagogia da libertação.

Velasco nos trás, neste momento, de forma muito lúcida, a Educação Ambiental como uma educação problematizadora embasada na ética argumentativa da libertação a incorporar o pensamento sistêmico e orientada na direção do ecomunitarismo. A realidade, diz ele, precisa ser desvelada pela educação problematizadora, porque na sua apreensão acrítica e alienada, ficam ocultos os mecanismos sociais de dominação-repressão-destruição. Não se obterá sucesso, todavia, se o processo de compreensão intelectual não for acompanhado pela ação transformadora que aponte à superação destes mecanismos sobre apóia-se a dicotomia entre opressores e oprimidos e respectiva devastação da natureza. Tal superação permitirá, por sua vez, a superação da dicotomia e a reversão de tal devastação da natureza.

A Educação ambiental torna-se por conseqüência uma atividade comunitário-histórica e individual sem limites, onde “o conhecimento alimenta o agir antidominador e antidevastador”, e este trás por sua vez, mais elementos ao conhecimento crítico da opressão e da devastação, em um nítido processo de retroalimentação, eu diria. Assim, “cada ser humano está chamado a ser um educador ambiental”.

Um momento capital das idéias do professor Velasco, faz-se quando a partir do pensamento de Freire de que educar-se é conscientizar-se, e que conscientização significa desvelamento crítico das instâncias de dominação existentes na realidade, e transformação dessa mesma realidade rumo a uma sociedade sem opressores nem oprimidos, ele amplia essa perspectiva em abordagem socioambiental, podendo, então, estender o desvelamento crítico ao conjunto das instâncias de dominação e devastação, e a ordem socioambiental visada será aquela em que os seres humanos se reconciliem fraternalmente entre si e também com o restante da natureza, mediante a prática de um intercâmbio que permita a preservação ou a permanente regeneração da natureza não-humana, tal qual nos demonstra, ainda Velasco, na sua terceira norma da ética. Assim é que encontramos uma concepção de EA cidadã que pressupõe não ser correto reduzir-se o “meio ambiente” ao conjunto das entidades não-humanas.

Como exemplo desta concepção, deparamo-nos o caso do navio Bahamas, fazendo menção, antes, a lei da PNEA em sua abordagem não reducionista de meio ambiente.

Diz o texto da lei que é princípio básico da EA “a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade”, e isso em escala local, regional, e global (Art. 4). O derramamento de ácido sulfúrico no canal de acesso do porto do Rio Grande, em torno de oito mil toneladas em agosto de 1998, pelo Bahamas, não tendo acarretado a danos significativos a flora e fauna, em uma visão reducionista concluir-se-ia não ter havido danos de ordem ambiental. Porém, ao considerar-mos econômicos, socioculturais e psicológicos e que a comunidade de pescadores e de comerciantes de frutos do mar ficou cerca de um ano lesada em virtude do acidente, há logicamente, neste caso, um caráter de significativo dano ambiental.

Nos alerta Velasco ser muito provável que a caracterização de “dano ambiental” e, portanto, de “meio ambiente” seja um dos pontos cruciais da polêmica legal que faz parte das ações que pedem ressarcimento dos pescadores artesanais prejudicados no caso Bahamas.

A mesma lei da PNEA em seu art. 10 diz que “A educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal”. Isto nos remete aos domínios da multi, inter e transdisciplinaridade.

Velasco percebe, neste ponto, um equívoco na lei, quando ao defender o caráter mais-que-disciplinar da EA, parte para a pura e simples proibição da criação de uma disciplina de EA em outro espaço que não seja o dos cursos de pós-graduação, extensão e nas áreas voltadas ao aspecto metodológico da educação ambiental. Assim é que nos diz o Art. 10 § 1º. “A educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino; § 2º. Nos cursos de pós-graduação quando se fizer necessário é facultada a criação de disciplina específica”. E tristemente constatamos que cinco anos após a criação da lei, a realidade mostra que na maioria das escolas a EA é atividade quase inexistente, ou tarefa episódica aos cuidados do professor de ciências.

Sugere, então, a modificação de dois vetos. Este ao qual nos referimos acima e ao Art.nº. 18 que previa como fonte de financiamento da EA 20% das multas aplicadas no país, levando-se em conta que sem financiamento e descentralizado torna-se muito difícil pôr em prática uma EA cidadã permanente.

Ao contemplar as esferas da EA formal e não formal, Velasco salienta que a PNEA contempla a ambas, e que desta forma ela vem responsabilizar toda a sociedade, através de suas diversas áreas de organização, pela EA.

O art. 2º diz: “A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”.

Já o art. 3º reza que: “Como parte do processo educativo mais amplo todos têm direito à educação, incumbindo: I – ao Poder Público, nos termos dos arts. 205 e 225 da Constituição Federal, definir políticas públicas que incorporem a dimensão ambiental, promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e o engajamento da sociedade na conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente; II – às instituições promover a educação ambiental de maneira integrada aos programas educacionais que desenvolvem; III – aos órgãos integrantes do sistema Nacional do Meio Ambiente – Sisnama, promover ações de educação ambiental integradas aos programas de conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente; IV – aos meios de comunicação de massa, colaborar de maneira ativa e permanente e incorporar a informação ambiental em sua programação; V – às empresas, entidades de classe, instituições públicas e privadas, promover programas destinados à capacitação dos trabalhadores, visando à melhoria e ao controle efetivo sobre o ambiente de trabalho, bem como sobre as repercussões do processo produtivo no meio ambiente; VI – a sociedade como um todo, manter atenção permanente à formação de valores atitudes e habilidades que propiciem a atuação individual e coletiva para a prevenção, a identificação e a solução de problemas ambientais”.

Em nota esclarece que o art. 205 da Constituição Federal diz: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada coma colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da

cidadania e sua qualificação para o trabalho”, e o art. 225 reza que: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e a coletividade o dever de defendê-la e preservá-la para as presentes e futuras gerações”.

Quanto a EA na educação formal a lei é clara em sua abrangência, ao colocar na sua Seção II, Art. 9 que: “Entende-se por educação ambiental na educação escolar a desenvolvida no âmbito dos currículos das instituições de ensino públicas e privadas, englobando”:

I – educação básica:

a) educação infantil;

b) ensino fundamental,

c) ensino médio;

II – educação superior;

III – educação especial;

IV – educação profissional;

V – educação de jovens e adultos.

A lei exige, então, que todos os cursos da universidade revisem seus currículos para fazer com que o elo transversal da EA os permeie, enriquecendo-os; assim indo ao encontro do Art. 11 que determina: “A dimensão ambiental deve contar dos currículos de formação de professores em todos os níveis e em todas as disciplinas”.

No tocante a EA na educação não-formal, continua Velasco, dizendo que a abrangência das responsabilidades atribuídas pela lei em matéria de EA não-formal fica clara, na seção III, Art. 13, ao determinar: “Entende-se por educação ambiental não-formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente”.

Na seqüência, ainda nos diz: “O Poder Público, em níveis federal, estadual, e municipal, incentivará: I – a difusão, por intermédio dos meios de comunicação de massa, em espaços nobres, de programação e campanhas educativas, e de informação acerca de

temas relacionados ao meio ambiente; II – a ampla participação da escola e da comunidade de organização não-governamental na formação e execução de programa e atividades vinculadas à educação ambiental não-formal; III – a participação de empresas públicas e privadas no desenvolvimento de programas de educação ambiental em parceria com a escola, a universidade e as organizações não-governamentais; IV – a sensibilização da sociedade para a importância das unidades de conservação; V – a sensibilização ambiental das populações tradicionais ligadas às unidades de conservação; VI – a sensibilização ambiental dos agricultores; VII – o ecoturismo.

Encontra-se, portanto, a nosso cargo as cobranças pertinentes, sobre a imprensa que posta de forma democrática e a serviço e controle social faz-se pré-requisito para que atinjamos à “construção da ordem socioambiental fraterna e sustentável pretendida”.

Velasco traz, neste ponto, à baila, a questão da EA problematizadora e o Ecomunitarismo nos dizendo que a mesma reúne a crítica da presente crise socioambiental, ameaça tangível à própria sobrevivência da humanidade e a ação transformadora rumo ao ecomunitarismo (ordem socioambiental utópica, guia para a ação, na qual vigorariam as três normas da ética). A proposta surge da crítica socioambiental do capitalismo e se apresenta como a contra-face deste; tendo desenvolvido assim Velasco, esta crítica, (Lopez Velasco, 2003b) e ação propositiva nos planos antropológico (abordando as esferas econômico-comunicativas) e ecológico, erótico (focalizando os relacionamentos auto e heterossexuais, a paternidade-maternidade e o aborto), a pedagogia (incluindo a EA e a educação sexual) e o que chama de individuologia (para nuclear outras esferas de vivência dos indivíduos na presente situação histórica). Concordamos com ao Velasco ao dizer que, nesse contexto, ganha importância a idéia de criarmos espaços em que todos os projetos e as ações de EA possam convergir para, além de permitir o salutar intercâmbio cooperativo que a todos enriquece, somar esforços na caminhada rumo ao inatingível horizonte do ecomunitarismo.

CAPÍTULO V

Neste capítulo, apresentamos os fundamentos do projeto ecomunitarista desenvolvido pela professora Jara Fontoura da Universidade Católica de Pelotas, no ano de 1998, o qual foi formalmente encerrado em novembro de 2005, conforme cronograma original, mas que continua em andamento.

5.1 Projeto Ecomunitarismo – Universidade Católica da Pelotas

O “Projeto Ecomunitarismo” (projeto interdisciplinar, articulador das lutas sócio-ambientais e integrador do saber acadêmico e o popular) foi idealizado pela professora Jara Fontoura da Silveira, da Universidade Católica de Pelotas (ver anexos).

Como público-alvo, teve e tem a comunidade que morava embaixo da ponte que liga os municípios de Pelotas e Rio Grande, às margens do Canal São Gonçalo. Este público-alvo constitui-se de catadores de lixo, desempregados (homens e mulheres), idosos, crianças, adolescentes, etc. A duração do projeto estava inicialmente prevista para um período de cinco anos, a contar de sua idealização no ano de 1998; portanto, deveria concluir-se em 2005.

Sendo este um trabalho interdisciplinar, envolveria os diversos cursos da Universidade Católica de Pelotas – UCPel, como: Ecologia, Serviço Social, Biologia, Pedagogia, Psicologia e Medicina, dentre outros.

Como justificativa, o projeto ampara-se também, com muita propriedade, em uma afirmação de Paulo Freire que diz que “somos seres da transformação e não da acomodação” (Freire, 1995). Fontoura cita, ainda, o relatório da UNESCO “Comission Internacionale Sur L’Educacion pour le vngnt et siécle”, presidida por Jacques Delors, que diz que “devemos aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser”.

Uma forma de atingir as metas pretendidas foi colocar a Universidade a serviço da comunidade, propiciando a inserção dos acadêmicos no seio desta, desenvolvendo um trabalho ético, libertador e solidário, buscando um viver harmonioso consigo mesmo, com a sociedade e com todas as formas de vida do planeta.

O projeto Ecomunitarismo encontrou e lidou com problemas, na comunidade-alvo, ou seja, a comunidade São Gonçalo, de desemprego, moradia, alimentação, saúde, educação, entre outros.

O trabalho, capitaneado pela professora Fontoura, recebeu o nome de Ecomunitarismo em homenagem ao Doutor Sírío Lopez Velasco, professor da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG e autor do livro intitulado *Ética de la liberación* (OIKO – NOMIA), em 1996. Educador e seguidor de Paulo Freire, o referido professor vem há muitos anos dedicando-se a evitar a proliferação de todas as formas de exclusão social, e em seu livro define Ecomunitarismo como

[...] el régimen comunitario poscapitalista capaz de pautar las relaciones laborales inter-humanas y entre los seres humanos y la naturaleza por las normas éticas que hemos deducido trascendentalmente a partir de la gramática de la pregunta “qué debo/ debemos hacer?”

A professora Fontoura acredita que esse projeto tende a superar-se por não apenas contribuir para o entrelaçamento do saber universitário e o popular, mas também por desenvolver de forma integral e harmônica um crescimento individual e grupal de

todos aqueles que participarem do que ela caracteriza como um momento sócio-solidário-educativo.

As participações deram-se desde empresários, até instituições educacionais, culturais, sociais, mídia, até abarcar a sociedade pelotense como um todo. Fontoura ressaltou no projeto que, se os moradores debaixo da ponte de lá tivessem de sair, estariam junto com eles estudantes e coordenadores da UCPel, para ajudá-los.

Finaliza sua justificativa, a professora Fontoura, dizendo que os membros da comunidade desejariam, onde quer que se encontrassem, ser reconhecidos e respeitados pelo seu potencial criativo, organizacional e de cidadãos e cidadãs do universo; cita ela, ainda, Reigota ao dizer que “os problemas ambientais foram criados por homens e mulheres e deles virão as soluções. Estas não serão obras de gênios, de políticos ou tecnocratas, mas sim de cidadãs e cidadãos”²⁹.

O projeto explicita em seu objetivo geral o intuito de possibilitar o exercício da cidadania, da ética, da interdisciplinaridade entre os acadêmicos da UCPel e a comunidade debaixo da ponte, através da pesquisa-ação para detectar alguns dos problemas sócio-ambientais e solucioná-los, a partir do que a comunidade considera prioritário.

Dos objetivos específicos, salientamos alguns que consideramos de grande pertinência, como o de capacitar os acadêmicos do projeto ecomunitarismo a refletir, embasados em princípios éticos, sobre a importância de seu agir na história, avaliando os problemas ambientais em função das ordens econômica, política, social, ecológica, cultural, educacional, etc; bem como o desenvolvimento de lideranças, de alternativas para os problemas detectados e a formação de cooperativas a fim de conseguirem alternativas diversificadas de trabalho e adquirir postura ética e solidária em relação a sua comunidade e o meio ambiente como um todo.

Ao longo do trabalho, verificaremos, através da análise das entrevistas, realizadas com os aplicadores do projeto e com as lideranças da comunidade denominada de Bairro Ecosolidário, até que ponto tais objetivos foram contemplados.

²⁹ REIGOTA, Marcos. *O que é Educação Ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 12.

5.2 Entre as metas e as conquistas

Esboçaremos neste subcapítulo comentários no que tange as metas expostas no projeto da professora Fontoura em relação à comunidade São Gonçalo e o que foi obtido com esta comunidade ao longo de seus sete anos de existência.

Encontramos no ano de 1998 uma comunidade que sequer se assemelha a do presente momento. A comunidade dos primeiros tempos de atividade do projeto era detentora de toda a sorte de problemas. Na área da saúde encontramos através da narrativa dos entrevistados os mais variados tipos de patologias, das físicas as mentais.

Percebemos na declaração dos entrevistados a triste narrativa em que nos contam problemas como os altos níveis de mortalidade infantil, problemas mentais, alcoolismo, viciados em drogas, cocaína, maconha, sarna, piolho, problemas respiratórios e verminose. Referem-se também ao alto nível de gravidez interrompidas por subnutrição. A assistência médica era quase inexistente. Havia um alto nível de mortalidade infantil, portanto. Os médicos do posto de saúde negavam-se a atendê-los pelo mau cheiro, oriundo da falta de banho. Tais problemas de saúde eram agravados pelas condições totalmente insalubres do local em que habitavam inicialmente, denominado por eles Trevo ou Baixada. Várias enchentes por ano a destruir e levar o pouco que possuíam, agravava o quadro de sofrimento e de saúde daquelas pessoas, uma vez que suas casas localizavam-se a margem do Canal Santa Bárbara onde desemboca todo o esgoto de Pelotas; águas nas quais evacuavam; mesma água que utilizavam para banhar as crianças e preparar os alimentos, quando tinham. Na área da educação o analfabetismo imperava. A escola mais próxima ficava a alguns quilômetros de suas casas (palafitas), as crianças eram obrigadas a ajudar na obtenção de renda, das mais diversas formas seja como aviãozinho no tráfico de drogas, seja a puxar as carroças para a coleta de materiais recicláveis ou até em casos de prostituição. O

relacionamento entre as pessoas era péssimo, como também narram nossos entrevistados. Havia brigas diárias com troca de tiros, facadas, ponta-pés, e socos.

Em linhas gerais, havia na comunidade a presença de roubo, drogas e prostituição. Era o que Marx denomina de *lumpemproletariat*³⁰, termo utilizado pela primeira vez em *Os Dezoito Brumário* de Luiz Bonaparte (1852), “o lixo de todas as classes”. Já no dicionário Aurélio, encontramos a seguinte definição:

na sociologia marxista, o *lumpesinato* é a camada social carente de consciência política, constituída pelos operários que vivem na miséria extrema e por indivíduos direta ou indiretamente desvinculados da produção social e que se dedicam a atividades marginais, como por exemplo, o roubo e a prostituição.

Encontramos, desta forma, mais uma vez, em Marx, a contribuição propícia a retratar a realidade encontrada na comunidade São Gonçalo pelos integrantes do projeto de Fontoura, no ano de 1998.

Observando a proposta do projeto, verificamos que suas metas fundamentais foram atingidas em relação a comunidade. Houve uma organização da comunidade, elaborou-se alternativas para os problemas nela encontrados, regatou-se a cidadania. Em relação a postura ética, no entanto, questionamo-nos a que ética refere-se o projeto. As doutrinas racionalistas e metafísicas que orientam a ação humana, ao conjunto de regras e preceitos de ordem valorativa e moral do indivíduo, ou grupo social? São questões que para o ecomunitarismo tornam-se de importância capital, uma vez que ética é a tônica da sociedade utópica do ecomunitarismo, especificamente, o conhecimento das três normas da ética de Velasco, sem as quais não se faz possível a construção da ordem socioambiental sustentável.

Através da educação, todavia, percebe-se o desvelamento crítico da sociedade, bem como a ação transformadora de sua realidade. Tal realidade, hoje encontrada no seio da comunidade, assim confirma esta afirmação. As declarações dos líderes comunitários revela uma consciência sócio ambiental ampliada em relação aquela dos

³⁰ Marx, Karl. Apud Bottomore, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 223.

primórdios do projeto. Esta consciência fruto de sete anos de trabalho foi conseguida pelo cumprimento da metodologia explicitada no projeto. De uma comunidade que se submetia à resignação solícita, pela condição de alienação sociocultural, na qual se encontrava mergulhada, a roubar-lhe o processo de humanização imposta pelo sistema dominante, passa a ação transformadora de sua realidade. Para tanto, valeu-se do processo educativo conjuntamente desenvolvido entre a comunidade e os membros do projeto. “Concordamos com Aranha em que se trata de um trabalho de conscientização e de politização. Não basta que o oprimido tenha consciência crítica da opressão, mas se disponha a transformar essa realidade. A práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido.” (p. 207-Aranha-História da Educação)

A análise mais detalhada da luta pelo resgate deste lumpesinato a condição de cidadania e a conseqüente melhora da qualidade de vida, será realizada no capítulo VI.

CAPÍTULO VI

Resultados – Análise das Entrevistas

Resultados obtidos pelo projeto da UCPel sob a coordenação da professora Jara Fontoura, intitulado: “Projeto Ecomunitarismo (projeto interdisciplinar, articulador das lutas socioambientais e integrador do saber acadêmico e o popular)” a partir de suas metas e objetivos.

Chamamos a atenção inicial para o fato de que, apesar de a comunidade denominar-se hoje de Ecosolidária, por uma questão de praticidade nossa, nos referiremos a ela sempre como comunidade São Gonçalo, utilizando a atual denominação somente quando se fizer necessário.

6.1 Das Questões Relativas à Comunidade

Iniciaremos este subcapítulo com uma averiguação entre as condições iniciais encontradas pela equipe de trabalho da professora Fontoura, ainda no ano de 1998, data de início do projeto por ela coordenado, na comunidade denominada de São Gonçalo e a atual

realidade dessa mesma comunidade hoje situada no local denominado Ceval. A análise recairá, neste tocante, sobre as respostas dadas às questões pertinentes ao período em questão. Ressaltamos, desde já, a convergência das respostas quanto às condições de vida da comunidade, antes e depois do projeto.

Há, no entendimento geral, uma precariedade em todos os sentidos. Falta de condições mínimas materiais, exigidas pela e para condição humana. A professora Fontoura, ao responder a esta questão, nos diz: “eles não se achavam nem cidadãos, nem fazendo parte de nada, não possuindo identidade, certidão de nascimento [...]”, ou seja, nem sequer possuíam “existência legal”. A falta de cidadania já começava por aí, a ausência do existir jurídico a roubar-lhes qualquer possibilidade de ação, juridicamente reconhecida. Brito nos diz que as condições eram tão precárias que quase desistiu do trabalho, e ressalta:

[...] eu fui um dos fundadores do projeto, e aí a professora Jara nos apresentou o local que ela passava quando vinha de Rio Grande, sempre quis desenvolver um trabalho naquela comunidade e nós ficamos, nós ficamos... eu mesmo com sinceridade, eu fui um dia e me deu vontade de desistir pelas condições do local que nós encontramos. Problemas em cima de problemas, onde tinha é... os moradores do início aqui do Trevo eram catadores de papelão brigavam com os moradores quase próximos da ponte que eram pescadores. Trocavam tiros entre eles por aquele corredor ali da margem do Santa Bárbara e pobreza, uma pobreza, uma desorganização, gente..., bebe nascendo e morrendo logo em seguida, não tinha estrutura nenhuma, eles não tinham luz, não tinham água potável, tinham que pegar numa bica que tinha logo adiante numa torneirinha e o... e aí nós resolvemos que... conversamos com os moradores, e os moradores nos aceitaram bem para desenvolver o trabalho naquele local, a Universidade nos apoiou. Nós tivemos que fazer muitas reuniões com a Universidade para que ela pudesse nos dar esse apoio e oficializar esse projeto em 1999. Nós começamos com trabalho de pesquisa e cada vez nós ficávamos mais apavorados que nós víamos dentro da casa. Era mãe lavando, era um frio e mãe lavando bebe dentro de panela com água fria, depois fazia comida na mesma panela. Uma coisa assim de tu... e aquilo ali foi nos tornando cada vez mais compromissados com o ambiente, com aquele trabalho ali, né, e começamos a trazer mais alunos, mais alunos começaram a participar então do projeto, começamos a nos fortalecer, a comunidade (pelotense) começou a nos apoiar, também, com recursos, com cesta básica, com hortifrutigranjeiro, então nós começamos a fazer uma troca com a comunidade. Essa troca, quando nós tínhamos esse material nós resolvemos fazer uma gincana, foi um passo muito importante, sabe porquê? Eu lembro de um fato que nós encostamos um caminhão nas balanças e nós começamos uma gincana com tarefas, então, uma das

tarefas era trazer um gato preto em cinco minutos. O quê que aconteceu Granada com isso? Um catador de papel tinha o gato em casa, um pescador tava com a bicicleta na gincana e eles eram inimigos de se darem tiros, de trocarem tiros um com o outro. Pra ganhar a cesta básica um olhou pro do outro e disse assim: sobe na bicicleta e vamos lá pegar o teu gato pra nós ganhar essa cesta? O outro olhou e disse: tá, vamo. E foram pra casa dele de bicicleta, correndo, porque tinha tempo, não é, e voltaram com o gato preto, que era uma das tarefas, e os dois, as duas famílias ganharam a cesta básica, uma cesta pra cada um. E ali em diante a gente viu que era possível unificar aquelas duas facções vamos dizer que tinha ali naquela comunidade. E ali a gente começou então a desenvolver, viu que poderíamos nos aproximar, nós começamos a desenvolver pra atrair as crianças fizemos uma praça, construímos uma praça ali nas balanças, uma praça linda, as crianças adoraram! Era noite, escurecendo, e nós queríamos ir embora e as crianças não queriam sair dos balanços, não queriam sair... acho que nunca tiveram a oportunidade de ir a uma praça porque o brinquedo deles o quê que era? Era o porco, ali no chiqueiro, ali dentro da casa deles, era o cachorro, era o tonel de lixo, escondido dentro do tonel de lixo quando brincavam de esconder; eles se encantaram com a praça com gangorras, balanço, escorregador. Aí, outro dia, isso foi num sábado, no domingo nos ligaram pedindo pra nós irmos na comunidade. Nós fomos lá e a praça estava toda destruída e um bilhete na praça: Vocês constroem e nós destruímos. O quê que era aquilo ali? Dois três traficantes, da comunidade que não queriam, se incomodavam com a nossa presença naquele local. Sentiam-se incomodados com a nossa presença. Não deixavam nós entrar na residência deles, até que uma, a mulher começou a participar, nós começamos a participar, mas nós entrávamos e eles saíam, num dos chalés ali eles se reuniam, era material de furto, roubavam rádio, televisão, levavam pra ali para sair a vender depois pra outras comunidades, ali pro Simões Lopes, e aí sentiam-se incomodados, então tentaram nos afastar da comunidade, e nós unimos, o grupo se uniu e mostramos pra eles que nós éramos muito mais fortes; destruíam e nós construíamos. Nós construímos uma sala de aula nas balanças, no outro dia chegamos lá tinham botado fogo dentro da sala de aula, quebraram a porta da sala de aula, arrancaram a grade e nós continuamos dando aula sem porta sem grade... Defecavam dentro da sala de aula. Nós não paramos. Continuamos até que eles desistiram e se juntaram a nós. Aí não tivemos mais problemas nenhum, começamos então a desenvolver o projeto e agora na Ceval é outra vida, é outra vida, né. Nós passamos três, cinco anos vendo aquela gente com água até a cintura dentro de casa, fugindo pra margem, pro acostamento da BR. Um risco iminente de acidentes ali. Os caminhões passavam que chegava a levantar a lona da barraca deles do deslocamento do ar; um horror, eu ficava apavorado quando via aquilo. Um caminhão virou, um caminhão de lenha, caiu toco em cima de um menino brincando, quebrou a bacia do menino, quebrou as duas pernas de outro menino... Então um dia nós reunimos, a professora Jara e tal, olha tem um terreno assim, assim, no fim da avenida Brasil, na Ceval, vamu invadir aquele terreno, vamos pra lá? Aí começamos a trabalhar esta questão junto com os moradores e tal dia invadimos lá e veio Brigada e veio prefeitura e todo mundo pra tentar e não conseguiram. Mostramos que a comunidade estava unida, não é, e a união faz a força; pegamos também um ano político, e isso nos ajudou muito. Aí começamos a ter o apoio da própria prefeitura, o prefeito

Marroni, não é. Uma coisa que nos magoou muito, que a época a vereadora Miriam Marroni, foi lá, discutiu com a Jara sobre a invasão e disse pra Jara que nem a mãe dela morava no centro, por que que eles tinham que morar no centro, como dizendo que eles não eram nada. Nos surpreendeu essa atitude da vereadora. Mas depois ela viu que não tinha mais jeito e aí todas as instituições que poderiam atrapalhar ali o desenvolvimento do projeto naquele local, não interferiram mais e nós conseguimos então... A comunidade hoje está mais integrada, está mais unida. Não tem mais o pescador e o catador de papelão, todos fazem parte da comunidade da Ceval, todos são unidos. Tem aquelas desavenças que tem até com quem mora num condomínio aí num apartamento tu tem com o teu vizinho. É normal, mas, são todos unidos, está sendo construído hoje uma cooperativa.

Cunha colabora com sua experiência ao declarar, ainda, que foi a pior situação que viu em Pelotas. “Um exemplo de situação desumana mesmo! Uma situação de miséria absoluta”, afirma categórico.

Eu tive uma experiência rápida, agora na Ceval. A minha presença maior foi quando era ainda ali a margem da BR, embaixo da ponte. Ali era visível, era até assim, era um exemplo que se dava de situação desumana mesmo. Foi a pior situação que eu vi em Pelotas, entre nós, não é. A pior situação de pessoas vivendo em situação de miséria absoluta foi aquela que eu presenciei ali na comunidade São Gonçalo, na ponte do Rio Grande. Eu participei, sou pelotense, nasci e cresci aqui, e não só como ativista político, também já freqüentei já várias situações de bairros afastados com problemas sociais graves, mas nunca tinha visto tamanha degradação como eu vi ali na comunidade São Gonçalo. E hoje, na comunidade do Ceval, que eu presenciei, no início como estou dizendo, ultimamente não tenho até estado presente lá, mas, se verificava uma série de razões que nos levava a crer que o projeto de resgate daquelas pessoas tinha atingido pelo menos naqueles passos iniciais de fazer com que aquelas pessoas que viviam em situação de miséria absoluta agora pudessem ter, pelo menos, a perspectiva de terem um lote descente, numa zona mais urbana, mais próxima do centro e com uma infraestrutura mínima que seria um processo que deveria estar se completando agora, até, com a construção de moradias com tijolos, de alvenaria.

Eu presenciei esse período, né. Eu vi a situação dramática que eles vivam e vi que houve uma melhora substancial, numa série de fatores, inclusive isto, que eu acho que criou uma expectativa positiva para as pessoas muito grande, e isto é muito importante para fazer com que a auto-estima das pessoas se eleve.

O atual líder da comunidade São Gonçalo, Senhor Paulo, corrobora dizendo que, hoje, “aqui na Ceval, é noventa e nove por cento melhor do que era no Trevo”. Ele diz que hoje as pessoas se sentem cidadãs. Lá se vivia à margem da sociedade. “Era a miserabilidade total! As pessoas se sentiam pequenas. Hoje sabem que não eram o que pensavam”.

Noventa e nove ponto nove melhor, aqui, do que lá. Lá as pessoas vivam marginalizadas. Viviam praticamente a margem da sociedade. Hoje aqui, não. Hoje aqui o pessoal se sente cidadãos, foi resgatada a cidadania, o que não se tinha lá embaixo. Lá todo mundo vivia a margem da sociedade. Era a miserabilidade total. Aqui o pessoal já se conscientizou que não são o que pensavam que eram, são cidadãos, agem como tal enquanto que lá vivi-se jogado. Lá eles se achavam pequenos, eram pequenos, não tinham... Qualquer pessoa chegava e dizia é assim; seguia aquilo ali. Agora, não. Agora cada um tem a sua opinião.

A professora Jara, emocionada ao narrar a história do projeto, conta que eles não se sentiam gente, chegando mesmo a sentirem-se animais. Senhor João, um dos atuais líderes comunitários, democraticamente eleito, cuja meta é a consolidação da cooperativa (assunto do qual discutiremos mais adiante), afirma:

No tempo do Trevo era muito ruim. Tivemos grandes melhorias. Lá era muito sofrido. Aquele trânsito de caminhões, arriscando, enchentes a toda hora era muito ruim mesmo. Aqui tá mais sossegado. Bem melhor. Era ruim devido ao lixo, muito lixo, mosquito, o lodo que tinha ali também, aquele canal e a faixa. Lá era muito ruim mesmo.

Eis, aqui, apenas a introdução das condições de existência – reparem que o termo utilizado foi existência e não vida, pelo simples fato de que tais condições não podiam receber tal denominação – daquelas pessoas que viviam não só à margem do Canal Santa Bárbara, mas à margem também da própria sociedade, “à margem de toda e qualquer forma do que os humanos possam conceber como tal”. Lembramos que a comunidade, na ocasião do Trevo, era constituída por dois grupos, formados por catadores de papelão e pescadores. Hoje, esta comunidade separou-se, pelo fato de os pescadores não poderem se afastar do canal São Gonçalo e não poderem deixar seus barcos sem cuidado.

6.2 Moradias

Ao narrar as condições de moradia, Fontoura nos relata as dramáticas condições de insalubridade a que estavam submetidas as pessoas da comunidade quando habitavam no Trevo. Hoje, verifica-se a grande melhoria infra-estrutural da comunidade em suas novas moradias localizadas na Ceval.

Eu chamaria de barracos que somente ratos, poderiam habitar. Ratos, baratas, não é. Um ser humano jamais deveria habitar um local como aquele ou uma casa como aquela, não é. Era uma coisa assim que não tem explicação, com pedaços de plásticos, eles achavam um pedaço de tábua colavam, pregavam do jeito que dava, pedaços de vidro, de lata, o que desse. E aí não tinha condição. Dia de chuva chovia mais dentro de casa do que na rua. Não tinha banheiro, geralmente eram duas peças, às vezes era só uma peça pra fazer a comida e uma peça pra todo mundo dormir, dez, quinze pessoas, né. Era isso, assim, era uma coisa que, não sei! Hoje eles têm casas. As primeiras casas construídas de madeira, eu tenho as fotos, são casas! De madeira com janelas, com portas, com quartos, com salas com as cozinhas, as de madeira. Atualmente, com o convênio, eles estão construindo em regime de mutirão as casas pré-fabricadas. As casas populares, de material. Então gente com oitenta e tantos anos que nunca teve um banheiro vai ter pela primeira vez, tá. Então a esperança está nos olhos deles. A mudança é visível. Porque as pessoas muito humildes, que passam muito trabalho, eles acreditam descreditando quando tu fala em alguma coisa, não é. Eu lembro que eu dizia pra eles que era preciso sonhar, era preciso acreditar no sonho. E um dia um senhor disse pra mim: “para de vender mentiras para nós. Eu não agüento mais ouvir tanta mentira!” E aí, eu, na época, eu fiquei com muita raiva quando ele disse isso aí, depois eu fui parando pra pensar, né, lembrando muito de Paulo Freire, as verdades que estão através das agressões de uma pessoa que sofre. Então eu fui pensando o que tinha de verdade naquilo que ele falava. A verdade era a desesperança. E eu então me senti chamada a resgatar a esperança crítica dentro deles, não é. Isso foi, eu acho, um dos meus maiores desafios. Eles amarem-se enquanto potencial humano, eles acreditarem na sua espécie, eles acreditarem na força da coletividade, eles acreditarem que é possível sonhar, eles acreditarem na luta, ah, isso foi algo pra mim muito difícil e eu acho que eu consegui.

Brito reafirma a precariedade das habitações ao contar-nos que:

Não eram casas, eram casebres, eram barracos quase caindo, sem estrutura nenhuma, casa sem telha forrada com lona, sem piso, com chão batido. Hoje não. Hoje tem casa até de material, de alvenaria, chalés bem feitiños, com telhados, com alpendre, com área pra eles tomarem chimarrão em baixo do alpendre que eles gostam muito, com piso, com assoalho, janela, tudo... As casas de alvenaria estão sendo construída com sistema de mutirão, não é. Os próprios moradores auxiliam, ajudam os outros a construírem. Material, alguns compram, outros ganham. Alguma coisa se conseguiu através de doações. As fundações é construída por uma empreiteira e as casas em regime de mutirão. O esgoto está por sair, está em promessa.

Cunha corrobora ao nos dizer que:

Eram casas localizadas, praticamente, dentro d'água, eram palafitas em grande parte e que inundavam em boa parte do ano e o lixo que era ali separado inundava nos pátios da casas... era uma situação ao extremo, como eu tinha narrado inicialmente. Agora claro, até pela condição de ser num lugar seco, um lugar mais salubre, o simples fato da localidade ser melhor as casas estão numa condição muito melhor. No início, eu disse quando as primeiras famílias foram construindo as suas casas logo se percebia que era outra condição. Um lugar muito mais limpo, muito mais seco, um lugar muito mais habitável.

Dona Cica é objetiva: “barracos! Barracos, e como continuam aqui, não é, os barraquinhos até sair essas casas. As casas de alvenaria já estão em andamento”. Senhor João confirma: “eram precárias, muito ruim mesmo”.

Era precária, era muito ruim mesmo. Quase tudo com parede de papelão. Agora aqui todo mundo procurou fazer um chalezinho, uma coisinha melhor, mas o que se espera mesmo é essas casas de alvenaria. É o que se está esperando.

Dona Gracinda conta que as casas dos pescadores não sofreram modificações, continuam as mesmas, de material. Já a dos papeleiros, a maioria eram barracos, diz ela.

A dos pescadores continua as mesmas, que era praticamente todas de material, né. A dos papeleiros, ali, a maioria era barraco. Até a Jara conseguiu umas verbas que veio, se não me lembro foi UNICEF. Veio uma verba, ela fez uma compra de tábua e eu acho que o resto foi doado. Aí eles conseguiram dar uma reformada nos chalés. E agora por causa da Ceval que eu saiba, que eu vi no jornal, tá ficando muito bonita as casa ali. Tá ficando muito boa as casa de lá. Nos pescadores nem uma residência lá tem fossa, poço negro, essas coisas. Nenhuma.

Atualmente, o bairro situa-se na localidade conhecida por Ceval, área de 12ha, desapropriada pela prefeitura e entregue aos moradores do Trevo para a criação do bairro, hoje denominado Ecosolidário. Em convênio firmado entre Prefeitura e Caixa Econômica Federal, estão sendo construídas casas de alvenaria em regime de mutirão para cada família que morava no Trevo. Ali não se encontram, como já mencionamos, os pescadores, por não poderem se afastar das águas.

6.3 Água, luz e esgoto (infra-estrutura)

Constatou-se não haver a menor infra-estrutura para aquelas pessoas. Não havia luz, a água resumia-se a uma pequena torneirinha, e esgoto não existia. Sobre a infra-estrutura, Fontoura conta-nos que, no início,

[...] eles roubavam a luz. A gente chama gato, né. E a água também, era o mesmo sistema, tá. Umás casas tinham, porque faziam essas coisas, né, ah, esses arranjos e a maioria não tinha nada. Verão era uma tristeza. *O que tu chamas de gato, era tirado de onde?* Eles tiravam lá dum posso, que vinha puxando fio não sei da onde, eu só sei que quando eu via tinha água lá. E tudo era eles que faziam, por debaixo da terra eles iam puxando daqui e d'acolá e saia a tal de água. Só que era assim oh, em determinados horários, porque no verão principalmente, não tinha força, então era um balde pra cada família, quando tinha. *Chegou a existir um bico pra todos eles?* Eles fizeram isso. Eles fizeram. *E hoje como é?* Hoje todos têm água nas suas propriedades.

Brito conta que existia somente uma bica para todos, fornecida por um empresário do Clube de pescadores das proximidades.

Não, água era só uma bica que eles buscavam. Era uma torneira aqui no Trevo e outra torneira... nem era uma torneira, era um empresário lá na parte dos pescadores, que tinha uma casa boa onde ele deixava o seu barco e ele instalou, puxou do clube, tem um clube de regatas ali embaixo da ponte, puxou água do clube e ali eles puxavam do clube pra eles também, mas é uma torneirinha.

Dona Cica relata que “esgoto não havia”.

Os que podiam colocar colocavam luz. A maioria, todos botaram luz. Água também era uma bica comunitária, e todo mundo puxou mangueiras pros seus pátios. Esgoto não havia. Aqui não temos esgoto ainda, mas temos água e luz. Agora vai sair os esgotos aqui.

Verificamos, através da narrativa do Senhor Paulo, a ausência de saneamento básico, que submetia aquela população a toda a sorte de problemas daí resultantes:

Lá na baixada, lá no canal, não é, no Trevo não tinha. Tinha luz, a água era precária, porque era uma bica que a gente puxava água do posto pra todo mundo. A água lá era precária, mas não tinha esgoto, não tinha nada. Aqui também, esgoto a gente ainda não tem, mas é outro ambiente, é outro ambiente.

Tem previsão de esgoto, seu Paulo? Tem. Acho que a partir de fevereiro já começa a fazer a canalização do esgoto aqui. E isso é verba já aprovada do convênio prefeitura e a Caixa; e o SANEP já está com o projeto pronto, já aprovado, tudo.

O bairro, hoje na Ceval, já conta com água, luz e telefone, passando a partir de fevereiro de 2006 a ter sua rede de esgoto construída. Ao final do ano, segundo o senhor Paulo, até à TV a cabo passarão a ter acesso, quando o bairro deverá, finalmente, estar totalmente estruturado.

6.4 Saúde

A propósito do tema “saúde”, podemos observar o grande número de patologias presentes nas pessoas da comunidade, derivadas não somente da falta de infra-estrutura de quando habitavam no Trevo, mas também da precariedade da assistência médica. Já na nova localidade em que hoje habitam, denominada Ceval, podemos verificar uma substancial melhora em todas as condições referidas. Neste aspecto, nos diz Fontoura que,

Então, bom... A questão da saúde. Com a mudança, né, vamos dizer assim, com esse afloramento socioambiental, ah, o que é que aconteceu? Eles começaram a tomar consciência do seu espaço, né, do seu corpo, é... das crianças, do seu espaço de trabalho. Nós fazíamos muitas peças de teatro, passávamos filmes..., então tudo isso começou a mexer com eles, né, através dos alunos de ecologia, biologia, e tantos..., o próprio pessoal da pedagogia também ajudou muito. E com esse processo, eu notei muito a aparência física das crianças. Ah, nós começamos a falar sobre o piolho, levamos aparelhos pra eles olharem..., como se chama?, microscópios, não é, pra eles olharem os piolhos. Levamos o pessoal que trabalha em relação às doenças de pele, pra saúde, pra explicar a questão da gravidez na adolescência, a sarna. Então nós começamos a trabalhar com as crianças e isso foi surtindo efeito nas mães, nos pais e a coisa aflorou de uma forma que era incrível.

Eu lembro de dizer pra eles que a gente ia, ou numa peça de teatro, ou alguma outra coisa e vinham sujos e já nessa nova comunidade, o banho é algo fundamental, não é, mas eles não precisam nem mandar, eles já vêm de cabelos bem limpinhos, unhas aparadas... Inclusive eles tinham vergonha de tirar fotos e hoje eles pedem pra tirar fotos. Então eles estão vaidosos com o seu aspecto físico. No Trevo, nós tínhamos um alto nível de mortalidade infantil, muitos problemas de doença mental, alcoolismo, viciados em drogas, cocaína, maconha, muita sarna, piolho e a princípio problemas respiratórios, e verminose também, bastante verminose. As coisas eram essas. Eu não vou dizer que acabou, porque isso aí é uma bola de neve, né, mas, por exemplo, as gravidez interrompidas: conseguimos fazer que fossem até o final da gravidez. Diminuíram assim essa questão, as mães perdiam os bebês por estarem anêmicas, doentes, etc, da fraqueza mesmo. Os bebês começaram a nascer mais fortes, corados, inclusive. A gente começou a encaminhá-los mais pra questão do dentista, é... a trabalhar a questão do corte de cabelo. Nós ganhamos duas máquinas pra cortar os cabelos. Eles mesmos final de semana já pediam pra gente cortar os cabelos, né. Tu nota assim, eles mesmos querendo cuidar da saúde. Tá. Ah..., uma coisa interessante, assim

também, a própria higiene das grávidas eu notei uma diferença, não é. A higiene nas casas, que era uma coisa. Hoje tu vais na comunidade têm flores nos canteiros. Os canteiros estão organizados, as casas estão limpas varridas, né. Há uma preocupação também com a questão da água que antes eles não ligavam, mas um trabalho assim de formiguinha, não é. Então tu nota, a mudança é incrível, não é. Olhando as primeiras fotos do início do projeto, em 98, com as de hoje, é incrível a mudança. Tu nota a mudança nas fotografias, na aparência das pessoas, no estado das pessoas assim, até de aspecto físico mesmo. Tu olha e tu nota a diferença, né.

Conta-nos Brito, ainda,

No tempo do Trevo era horrível. Posso te dizer que a saúde, a escória da sociedade, eles iam no posto de saúde pra ser atendido e a doutora, do posto de saúde, negava-se a atendê-los pela sujeira, pelo mau cheiro que eles tinham; porque não tomavam banho, não tinham água. Aí nós construímos um banheiro nas balanças lá, pra eles tomarem banho. Mas não tinham recurso nenhum, seguidamente nos ligavam: Renato, tu pode vir com o teu carro, que o fulano ta passando mal, duas da manhã, onze da noite, nós íamos pra socorrer, levar crianças pro hospital, com problemas respiratórios, vários, respiratórios. Problemas, então, Granada, ali, de saúde, eram precários, o atendimento pra eles no posto era horrível, a Jara brigou com o secretário de saúde, brigou com a médica do posto, ameaçou levar até a imprensa pro local e aí eles começaram a ser tratados de uma forma mais humana. Não eram atendidos, ou era porque estava sujos, porque qualquer coisinha era uma virose... Muitas crianças morreram ali. O número de óbitos quando era ali nas margens do São Gonçalo era elevado, agora ali, na Ceval não tem, não posso te dizer com certeza, mas não tem... Na Ceval, aqui, eles já tem luz, tem água, não é, os chalés, as casas, estão melhor estruturadas, então já a qualidade de vida melhorou, tá bem melhor do que era lá embaixo. Não tinham nada, nem um tanque pra lavar roupa. Lavavam roupa na beira do Santa Bárbara. Tu imagina, eles pegavam água pra fazer comida muitas vezes do Santa Bárbara aonde o número de coliformes fecais é enorme. Evacuavam no local, e não só da própria contaminação dos moradores, mas todo o esgoto de Pelotas desemboca no Santa Bárbara; então imagina, toda a população de Pelotas, praticamente, contaminando o canal e eles dormindo ali e usando aquela água. Eles tomavam banho ali, eles pegavam água pra fazer comida dali, então estavam sempre doente.

Em sua narrativa, Brito conta, ainda, a história dramática e chocante, pela desumanidade da situação, de uma menina que frequentou as primeiras aulas na escolinha montada pelo grupo do projeto, nas antigas balanças do Trevo.

Sabe que uma vez uma coisa que me marcou muito, nós estávamos dando uma aula nas balanças, e como é que tu atraía essas crianças pra escolinha, ali? Então nós levávamos iogurte, leite, bolachinha... eu prestei atenção numa menininha, que ela pegava a bolacha e saía da sala de aula, aí daqui a pouco passava de novo a bolacha pra eles e ela pegava a bolacha e saía da sala de aula. A terceira vez que ela fez isso eu fui atrás dela. Sabe o quê que ela estava fazendo? Ela estava enterrando as bolachinhas atrás da balança pra quando desse fome, alguma coisa ela ter aquela bolacha pra comer. Então tu imagina, ela via provavelmente o cachorro fazer isso, ela depois que sentisse fome pegava a bolacha da terra, enterrado, eu chamei a Jara pra ver e tudo, o que ela estava fazendo; então tu imagina os costumes dessas pessoas. Higiene nada. Não tinham conhecimento nenhum de higiene. Nós conseguimos fazer com eles, trabalho de higiene pessoal, a importância da manutenção dos dentes, por exemplo, o tratamento dentário, o pessoal da saúde começou a visitá-los. Eles têm acompanhamento de estagiários da odonto que vão nas casas e examinam os dentes, dão fichas para virem na odonto ser atendidos, aqui na Faculdade de Odontologia. Houve uma melhora significativa na saúde.

Cunha narra, consternado, a seguinte situação que denomina como degradante, por ele vivenciada, ainda no período do Trevo.

Posso dizer que... eu não... da área da saúde, eu sou um advogado, professor. Poderia dizer assim: a situação que era antes era de precariedade total. A situação da comunidade quando vivia às margens da BR era uma situação degradante completa, no meio da água, no meio do lixo. Não poderia haver situação mais degradante do que aquela. Poderia haver uma situação igual aquela, pior do que aquela é difícil de se pensar. Agora, o simples fato de ser retirada da beira da água, dos ratos, de ser transferido para uma zona urbanizada, mais próxima do centro, isso já deu uma qualificação... Imagino que já deve ter havido um salto qualitativo, imenso, em termos de saúde pública, ali. Não sei aferir porque não sou um técnico dessa área, não conheço os dados dessa área.

Havia muitos óbitos naquela ocasião? Imagino que sim, porque as condições eram as piores, imagina no inverno, por exemplo, as pessoas mais idosas e as crianças o que deviam padecer de doenças respiratórias, ali. Posso imaginar, mas não sei aferir. Se tu me perguntasses o que eu acho, acho que sim, mas, não posso atestar isso porque realmente não tenho os dados.

Dona Cica, hoje, com a conscientização oriunda do trabalho de educação desenvolvido ao longo do projeto, é capaz de associar os problemas de saúde que existiam

às condições de infra-estrutura que vigoravam. A entrevistada conta-nos, com a alegria de quem hoje vive uma nova realidade, que:

Lá as crianças vivam doentes e aqui não. A saúde é melhor aqui. Porque aqui tem menos sujeira, não tem contato com águas podres que vinham das enchentes. Ratos, lá tinha à revelia. Os ratos andavam desfilando nos pátios.

Hoje, na nova localidade, a comunidade encontra-se afastada dos problemas que acarretavam tantas doenças. O lugar é seco, tem água potável, banho. Foi realizado um longo trabalho de conscientização ambiental através de oficinas de teatro, filmes, onde de vital importância foram os acadêmicos das Universidades Católica e Federal, trabalhando em parceria. Foram levados os microscópios dos laboratórios da biologia para que as crianças vissem os piolhos. Foi-lhes ensinado o uso de contraceptivos, princípios de higiene, cuidado com o meio em que vivem. Passaram a cortar os cabelos, a aparar as unhas. As mães passaram a levar a gravidez até o final pela melhora das condições de saúde. Seus bebês começaram a nascer mais fortes, com maior peso, inclusive. Hoje, o entorno das casas está em melhores condições, alguns ajardinados e com canteiros de ervas medicinais.

6.5 Educação

O processo de educação foi, como não poderia deixar de ser, de vital importância para todo o processo de crescimento da melhoria da qualidade de vida da comunidade. Percebe-se um crescente nesse sentido. Desde o trabalho realizado com os pequenos, a irradiar-se paulatinamente por todos os membros da comunidade, nota-se o desabrochar de uma nova consciência ecossocial. Em relação a este tema, conta-nos Fontoura que:

Eu montei uma escolinha nas balanças... Quando eu cheguei lá não tinha nada, então eu..., as crianças me pediam muito pra contar história, pra brincar de colégio e aquela coisa toda... Eu resolvi com a turma de pedagogia de Canguçu e a turma de pedagogia de Pelotas, montamos, nas balanças, uma escola que atendia crianças de dois anos a seis anos de idade. Só que foi muito engraçado, porque no fim nós tínhamos crianças de dois e dezesseis anos, então eu tive que dividir o grupo em vários grupos enquanto nós tínhamos apenas uma sala, né. Então foi um trabalho bem árduo. Depois as mães queriam ser alfabetizadas. Então a líder Gracinda começou a alfabetizar no método Paulo Freire. Consegui fazer com que duas líderes também trabalhassem no método Paulo Freire. Elas eram alfabetizadas e começaram a me ajudar a alfabetizar os adultos, né. Então foi um trabalho bem interessante, com bastante dificuldade. A maioria das crianças e daquelas pessoas não estudavam. Hoje a maioria está na escola. A gente nota assim a diferença, né. E nessa nova comunidade, que a gente chama assim, né, nós levamos muitos acadêmicos, de vários cursos e conseguimos agora deixar montada uma sala de aula dentro da comunidade. Esse ano nós fizemos estágio com as alunas de pedagogia, dentro da comunidade. Agora entraram em férias, né. Em março eu quero botar outro grupo de estagiárias a dá aula lá na comunidade.

No início do projeto, cerca de noventa crianças não freqüentavam a escola, em um universo de cento e quarenta e sete. Confirma Brito a inexistência de escolas no Trevo com as seguintes palavras:

A escola na época do Trevo não tinha. Nós, como tem agora na Ceval, é um espaço pra reforço escolar, porque todos eles indo pra escola, todos eles estudam na escola Simões Lopes ou na escola aqui no fim da Osório, ali no João Manoel. Estão todos matriculados e estão freqüentando a escola. E o quê que nós fazíamos? Nós tínhamos estagiários da própria pedagogia da UCPel e professores de Educação Física da UFPel, que desenvolviam atividades esportivas com eles, e estagiários que faziam reforço escolar. Faziam os temas, dificuldades pras provas os estagiários davam a dica, o que é que eles tinham que estudar, como é que eram, toda essa parte de reforço. Nós iniciamos lá embaixo da ponte, onde eram as balanças, e agora está sendo construído aqui na Ceval, tem uma empresa que está construindo essa cooperativa e dentro da cooperativa, no espaço da cooperativa, uma escolinha pra essas aulas de reforço. No tempo do Trevo, muitas crianças não iam à escola. Do Trevo, a escola mais próxima deve haver uns três quilômetros.

Os organizadores do projeto tiveram que fazer um acordo com os pais; de as crianças serem liberadas para a escola e dispensadas da tarefa de puxarem a carroça junto

com estes, em troca dos arreios, correames e cavalos, através de verba conseguida pela professora Fontoura.

Educação e saúde caminham juntas, são agentes indissociáveis. Por isso, o trabalho que acarretou a melhoria da saúde teve início na educação. Hoje, a totalidade das crianças encontra-se estudando. Na nova moradia, situada no prolongamento da Avenida Brasil, adiante do Castelo Simões Lopes, a comunidade tem acesso à escola de forma mais segura. Os pais tornaram-se mais responsáveis e conscientes do fato.

6.6 Relações Humanas (Solidariedade)

Ao comentar a respeito das relações humanas, os aplicadores do projeto são unânimes em afirmar que eram péssimas. Podemos verificar que a crescente melhoria da qualidade de vida é acompanhada pela crescente diminuição da violência, que se manifestava através de toda ordem de agressões imagináveis. Como pano de fundo dessa melhoria, vamos nos deparar, mais uma vez, com a imprescindível ferramenta da educação. Nas palavras da professora Fontoura, o relacionamento humano:

Era horrível. Eles brigavam, havia muito tiroteio, facadas socos, pontapés, um ambiente muito de violência. Hoje tu consegues caminhar na comunidade sem medo de uma bala perdida. As crianças brincam na rua, estão felizes, visitam-se uns aos outros. Tem como tudo que é vizinhança as suas desavenças. Antes, duas horas, três horas da tarde, se tu bobeasse tu era morto por uma briga de vizinho, tá. Então há uma paz, há uma tranqüilidade. Há ruas, eles estão organizados, lá era tudo socado, era uns por cima dos outros. Hoje têm terrenos, Cada um fecha as portas do seu terreno do seu espaço, está delimitado o seu espaço. Eles se sentem proprietários do seu espaço e isso deu vontade de cuidar do lugar, deu vontade de arrumar aquele lugar. Então eles se sentem, eu posso garantir isso, feliz por aquele espaço. Então eu acredito que eles procuram até viver bem uns com os outros agora, com os vizinhos até pra manter aquela comunidade diferente do que era lá embaixo. Nasceu o espírito coletivo que não tinha. Eu lembro as primeiras atividades coletivas foi um desastre. Eles falsificavam, eles faziam horrores!

Brito expõe o que para ele são algumas causas da violência encontrada na comunidade, ainda no Trevo.

São pessoas muito ignorantes, não têm praticamente conhecimento nenhum... O que é que a gente espera? Que os jovens tenham, façam essa diferença, essa mudança, quando formarem suas famílias. São pessoas muito pobres, o marido bebe muito, bate na mulher, eles mantêm relação sexual, agora provavelmente tenha mudado alguma coisa porque essas casas que eles... residindo hoje, são casas que têm mais de uma peça, lá no Trevo era uma peça pra todo mundo e eles mantinham relação sexual na frente dos filhos, os filhos, às vezes, nem dormir não dormiam, e eles mantinham, relação sexual de qualquer forma na frente dos filhos, eles batiam na mulher. As relações sociais, entre famílias, está bem melhor. É aquilo que eu te disse anteriormente, eles descobriram que têm força juntos, eles sabem que podem contar com o nosso grupo. [...]

Uma preocupação que nós tínhamos, eu não consegui ainda detectar se ainda tem hoje isso, eu percebi e até comuniquei a Jara, à época, que nós tínhamos que tomar uma atitude, vez que outra encostava um carro a margem da BR, no Trevo, até tinha um senhor, cabelo branco e aí quando eu via uma guriuzinha entrava no carro. Uma guriuzinha de dez, doze anos. E eu disse: ah, o pai da fulana, disse para uma das mulheres da comunidade, o pai da fulana veio levá-la pro fim de semana? Não, aquilo lá é a mãe que coloca ela pra programa. Aí nós conversamos com a família, ameaçamos em fazer denúncia, coisa e tal... Acho que isso aí acabou, não vimos mais movimentação de pessoas estranhas na comunidade com esse objetivo.

E essa consciência comunitária, Brito, de força proveniente da união, isso foi desenvolvido a propósito, ou veio num despertar natural? Não, nós trabalhamos. A maior evidência da força da união que eles tinham, nós provocamos quando nós invadimos o terreno e veio batalhão de choque todo da brigada para tentar nos tirar e não conseguiram. Aí eles viram que, poxa, os caras de escudo, de cassetetes, armados, não conseguiram nos tirar, ninguém pode mais mexer conosco. E aí nós trabalhamos isso. A união faz a força, quanto mais unidos nós estivermos, mais coisas nós vamos conseguir para a comunidade, e a Jara desenvolveu muito bem isso aí com eles; de força, de... não adiantava ninguém da comunidade fazer alguma coisa porque não ia conseguir. Agora, juntos, nós tínhamos como atingir os objetivos do projeto que é uma melhor qualidade de vida pra eles, uma vida digna, não é. Chega de as pessoas irem lá e atirarem comida por cima deles e dizer o que é que eles tinham que fazer. Hoje não, agora eles foram, é... a arquiteta que está construindo ali a cooperativa e a escolinha queriam construir de madeira e eles foram lá, os líderes foram lá brigar, é de material que vocês vão construir. No contrato tá de material, nós temos o tijolo e eles foram brigar.

Os líderes comunitários, ao se referirem às relações humanas existentes no interior da comunidade, dizem que não se metem na vida dos outros. “Cada um é dono do seu nariz”. Nítido receio da represália dos tempos de violência intensa, ainda visíveis. Senhor Paulo diz: “Prefiro deixar sem comentários, tá. Mas melhorou, é muito mais harmônica, mais confraternização. As relações todas melhoraram”.

A solidariedade era quase inexistente, no Trevo, entre os moradores. Parece ter predominado a indiferença, “um individualismo gritante”, no dizer de Fontoura. “Até mesmo por uma questão de sobrevivência”, segue a professora. Não dava tempo de eles serem solidários. Havia, porém, exceções, como dona Cica e Gracinda, atuais líderes comunitárias, nos lembra Fontoura. A grande exceção era na doença, o grande momento de solidariedade comunitária. Além desse caso, reinava a individualidade total. Senhor Paulo prefere calar-se a comentar o fato. João é categórico: “Só em casos de saúde, nessa história de passar mantimentos um para o outro, já era cada um por si”. E, ao falar do relacionamento humano, completa: “Acho que está havendo melhora sim. Tá melhorando essa parte aí. As pessoas se comunicam mais, vão trabalhando juntas, construindo as casas e vão se ajeitando, não é”.

As relações humanas melhoraram sobremaneira, na nova moradia. Se antes, em plena luz do sol, alguém podia ser morto por uma bala perdida em meio à briga de vizinhos, hoje existe uma tranquilidade. As crianças brincam na rua. A melhoria das condições sociais é notória, pois a conquista de uma dignidade, do existir como cidadãos, bem como o fato de terem, hoje, um documento que os identifique, e se sentirem proprietários de um teto, que, nas palavras de dona Cica, “será a segurança de seus filhos, algo a deixar para eles”, gerou, em seus íntimos, um sentimento do qual os mais velhos não se lembravam mais, e aos mais jovens, talvez, não tenha sido dada a chance de conhecer: a auto-estima. Este novo estado de espírito, por si só, já vem acompanhado da tranquilidade que faz com que não tenham mais o antigo nível de ansiedade proveniente da insegurança e da incerteza do amanhã, a se manifestar sob as mais diversas e variadas formas de violência. Como bem lembra Fontoura, ao se valer de Paulo Freire, quando nos fala das verdades que se manifestam através das agressões de uma pessoa que sofre.

6.7 Da Visão de Cada Um

No momento da pesquisa, em que foi necessário que os entrevistados expusessem suas visões particulares, deparamo-nos com a maior dificuldade, por parte de alguns deles, em compreender o significado das perguntas, o que acarretou por vezes, em uma ausência de norte nas respostas. Todavia, de forma geral, podemos dizer que houve uma mudança significativa na maior parte dessas pessoas, verificadas através das questões de nº. 28 a nº. 32.

Independente da filiação partidária, todos se declaram fiéis às suas convicções políticas iniciais, ou seja, as já existentes antes do projeto ecomunitarista. Foi possível verificar com nitidez que o contato com os excluídos promoveu profunda mudança comportamental nos entrevistados (aplicadores do projeto), tornando-os mais sensíveis, solidários, e conscientes da realidade socioambiental de sua cidade. Por sua vez, os demais entrevistados (membros da comunidade) também afirmaram que sofreram mudanças em função do contato com os integrantes do projeto ecomunitarismo. Neste tocante, nos diz Cunha, na questão 28, que seu ponto de vista político não apenas mudou muito, como o tornou capaz de perceber com maior clareza a coletividade.

Muito, mudou muito. Eu, no sentido assim, sob o ponto de vista político, eu passei a perceber com maior clareza, na coletividade, na cidade como um todo, nós temos que eleger prioridades e eu acho que nós temos que ter clareza que antes de se ter estradas pavimentadas, antes de se ter prédios bonitos, pintados, nós temos que cuidar das pessoas que vivem na comunidade em situação de miséria absoluta, como era o caso daquela comunidade do São Gonçalo. Eu tenho clareza pra mim, hoje, que como, assim, um pai de família na sua casa, se tem um filho que não tem sapato pra colocar nos pés, eu não posso pensar em comprar uma bicicleta nova pro outro filho, não é. Tenho que conseguir o mínimo necessário pra que todos tenham uma condição mínima. Eu tenho que estar atento pra isso. Eu não posso pensar em trocar de carro se eu não tenho as condições mínimas da minha família supridas. E se nós pensamos em termos de cidade, temos que pensar assim, olhar pra nossa comunidade com esse olhar: em nossa comunidade, quem é que mais precisa? Eu preciso construir, arrumar as estradas para os automóveis

passarem, circularem, muito bom também, muito bem, isso é muito interessante, mas o número de pessoas que tem automóvel é muito reduzido e o número de pessoas que se beneficiam desse investimento público é muito reduzido. Então, muito antes de eu dar pavimentação..., acesso à moradia até as pessoas que vivem em situação de miséria. Isso ficou claro, e eu vi que isso é possível, desde que se tenha uma organização da comunidade pra poder também ganhar visibilidade do poder público.

Senhor João diz que mudou muito seu posicionamento político. Para ele os políticos eram todos iguais. Porém, o trabalho desenvolvido pela administração da cidade, na ocasião, junto à comunidade, fez com que tal visão fosse revertida. Alguns políticos se destacaram muito, afirma. Sua visão, finaliza, mudou para melhor, “agora sei que existem políticos honestos”.

Nota-se que, nos líderes comunitários, promoveu-se um crescimento da fé política. Gracinda colabora ao dizer, na questão 28, que a partir daí sua visão mudou, pois os políticos só se preocupavam com eles em época de eleições, com interesse em votos.

Não. Eu sempre fui PT. Meu ponto político não mudou em nada. A minha visão política sofreu sim, por causa que a imagem política que a gente, né, na política, nunca se preocupou com nós, mesmo sendo esse partido ou aquele, não interessa. Eles nunca se preocuparam com o pessoal ali. Eles só se lembravam de ir lá na época de eleição, pedir voto e tudo. Então é uma coisa que a gente tem que considerar, né. Só se preocuparam depois que a Jara foi lá botou o projeto lá, que a Jara convidou todos eles pra ir lá, porque era época de eleição, foi em 2000.

A conotação que prevalecia no ideário coletivo popular, acerca do que vem a ser *política*, é encontrada no dicionário Houaiss, em seu sentido figurado, como: *astúcia, maquiavelismo no processo de obtenção de alguma coisa*.

Mais uma vez percebemos a desesperança a ser superada pela fé raciocinada, a fé na política organizada, na luta solidária, na ajuda mútua e direcionada, sem a qual sociedade alguma jamais logrou êxito ou vitória sobre qualquer coisa, sobre qualquer inimigo. A política se nos apresenta ainda sob esta forma centenária de amigos e inimigos. Parece, ao contemplar o mundo através desse prisma, não poder ser possível outra forma, que não esta cristalizada, de politizar, de conviver com as diferenças. Neste tocante, parece

estar certa a temerosa colocação de Carl Schmitt, quando diz que: “Enquanto houver política, ela dividirá a coletividade em amigos e inimigos”.³¹

Fontoura, na questão nº. 29, ao afirmar que é possível transformar a realidade acreditando em um mundo melhor, recupera para a comunidade a leveza da esperança. Gracinda, em uníssono com as demais lideranças, crê no crescimento das comunidades carentes.

Mudou por causa que agora eu sei que a comunidade carente ela tem como ela crescer, lutar por uma coisa melhor, e antes eu achei que uma comunidade carente era aquilo ali e ficaria naquilo ali. E agora a gente sabe que não. A gente sabe que tem condições de mudar.

Na questão nº. 30, Fontoura diz que sua visão em relação ao seu papel na sociedade apenas enraizou-se mais. A professora destaca seu papel ético com a vida. Cunha afirma que este trabalho mudou inclusive seu foco profissional para poder servir melhor às comunidades carentes. Hoje, em função disso, atua na área de direito previdenciário. Brito, por sua vez, também diz ter mudado seu ponto de vista, e para melhor, ao ter descoberto uma força interior motivadora proveniente das lutas coletivas, comunitárias. As lideranças são unânimes ao afirmar que houve uma mudança na forma de ver as comunidades carentes. Agora eles vêem, acreditam e vivenciam o senso comunitário, a luta solidária em prol das necessidades da comunidade.

Em relação à visão dos entrevistados sobre a Universidade, Fontoura ressalta ter mudado em alguns aspectos, mas pergunta: “Que Universidade é essa que não ensina a colocar em prática a teoria? Que Universidade é essa que não cumpre seu papel social? Que Universidade é essa que diz que num trabalho como esse não tem ensino, pesquisa e extensão? A Universidade ainda tem muito que se esforçar para cumprir seu papel social de ensino, pesquisa e extensão”. A entrevistada finaliza dizendo que tanto a Universidade particular quanto a pública ainda está equivocadamente adormecida.

³¹ Schmitt, Carl. Apud: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Tomo II. Brasília: Editora UnB, 1998, p. 959.

Já Brito, que trabalhou durante os sete anos do projeto, chama a atenção para o fato de não culpar a Universidade por não ter acreditado no projeto. Eles próprios, muitas vezes, tiveram vontade de desistir. Cunha ressalta o apoio da Universidade Católica e acha que a Universidade mostrou que pode cumprir seu papel para além daquele natural da preparação acadêmica, de forma a fazer com que as comunidades carentes sintam sua presença.

As lideranças percebem a Universidade, hoje, de forma bem diferente, ou seja, mais próxima da comunidade. Elas acreditam na possibilidade de ingresso dos mais pobres no universo acadêmico. Sr. João achava que era uma instituição somente para ensinar alunos, agora diz ele: “vejo que entram em campo e fazem”.

A grande mudança, porém, sempre será a interior, a partir da esperança, e é justamente aí que percebemos a modificação mais significativa a que foram submetidos, não apenas os integrantes da comunidade, mas também os aplicadores do projeto. Ambos mudaram no mesmo ponto: “A esperança do poder fazer, do poder transformar, e do poder ser”, fazendo deste ato a grande religião, no sentido lato de religar; religar o homem à sua condição humana da qual é, não raras vezes, alienado.

Assim, nos diz Fontoura que aprendeu a ter paciência com a instituição na qual trabalha, com seus acadêmicos e com mundo. Brito fala do aumento de sua sensibilidade e da profundidade com que hoje vê as coisas. Cunha afirma ter se tornado uma pessoa mais comprometida ao afirmar:

[...] não é que tenha mudado isso em mim, porque isso na verdade, isso eu vou dizer pessoalmente, isso já existia em mim, não é, mas fixou em mim, não é, mais do que mudar, fixou em mim a visão esta, não é, de que, na verdade, na nossa comunidade, e no nosso dia, e a minha vida, se eu for pensar individualmente, como um indivíduo de classe média, eu vivo num outro mundo na verdade; o meu mundo é outro. Eu vivo vinculado, eu posso estar vinculado na internet, conversando com os meus amigos na Itália, eu posso estar assistindo a minha TV a cabo e vendo programação dos outros, enfim eu acesso as Universidades, eu sou professor, eu tenho acesso à informação, eu tenho acesso a bens materiais, à tranquilidade... O meu mundo não é todo mundo. Eu faço parte de uma elite da minha cidade, que é uma parte muito pequena da população na verdade e, o que ficou fixado em mim a partir da convivência neste projeto é de que amanhã ou depois, e até mesmo na minha profissão, e até mesmo enquanto comunicador social, eu também

participo de programas de rádio, participo de programas de... na televisão, que eu tenho o dever de sempre de, quando fizer uma análise assim do todo, não esquecer que a maioria das pessoas da nossa cidade não vivem no mundo que eu vivo, não esquecer que na verdade, na hora que eu for fazer uma análise daquilo que é importante pra minha cidade, não posso deixar de levar em consideração que é isso que eu presenciei; que grande parte da população de Pelotas vive numa situação de abandono, vive numa situação de grande precariedade; e que pessoas como eu, que têm acesso aos meios de comunicação, que têm acesso à informação, que têm acesso a uma série de coisas, não é, de bens materiais e imateriais, não pode abandoná-los. Eu fiquei muito mais comprometido num certo sentido. Não é que isso seja novidade pra mim, eu já sentia isso, mas, isso se solidificou em mim. Eu fiquei muito frustrado, muito marcado, pra mim, e eu me pego sempre fazendo isso e acho bom que muitas vezes, no meu ambiente, onde as pessoas não têm essa experiência e que na hora de fazer uma análise da situação que nós vivemos, na hora de fazer uma reflexão sobre a cidade que nós queremos, eu percebo que muitas vezes eu consigo trazer pra discussão, pra reflexão, elementos de realidade que muitas vezes não são percebidos por pessoas da classe média, da classe bem estande da nossa cidade. Isso eu acho que é uma contribuição que eu posso dar, e que tem a ver exatamente por ter participado do projeto, por ter assim, convivido com pessoas que vivem uma realidade completamente diferente da minha, e que me ajudaram muito a perceber que a minha realidade é uma realidade de poucos, de privilegiados da minha cidade, e eu tenho o dever de, quando pensar na cidade como um todo, não abandoná-los, não deixá-los esquecidos. Então eu tenho isso muito presente pra mim. E eu acho que isso foi uma mudança, uma mudança nesse sentido, não é, uma fixação em mim desses elementos que foram muito importantes.

Os líderes comunitários passaram a sentir-se parte integrante da comunidade. Gracinda obteve um desvelamento da realidade que a coloca hoje à frente da comunidade dos pescadores, ligada ao IBAMA, ativamente. “Sei a quem recorrer e aonde me dirigir”, ressalta.

Finalizamos este subcapítulo com o Sr. João, que retorna com a palavra-chave, ao fazer referência ao que considera sua maior mudança: “Esperança. Tenho mais uma perspectiva de vida”.

6.8 Das questões pertinentes à teoria do ecomunitarismo

Primeiramente, fazemos lembrar que educação para Velasco, conforme já abordada no capítulo IV deste trabalho, é sinônimo de conscientização e que, para Freire, é constituída por dois elementos complementares e indissociáveis que são: o desvelamento crítico das instâncias de dominação existentes na realidade e a ação transformadora sobre a mesma; ação esta que conduzirá à construção de uma comunidade humana sem opressores nem oprimidos. Velasco, à luz da EA, substitui o termo “comunidade humana” por ordem socioambiental sustentável nas relações inter-humanas e entre os seres humanos e o restante da natureza. A definição de Educação Ambiental, proposta no início deste trabalho, em sua apresentação, corrobora a afirmação anterior ao dizer que ela é livre de dogmas de qualquer espécie, congrega profissionais de todas as áreas, visa à harmonia entre homem e natureza, e destes entre si e consigo mesmo. O educador ambiental não se vê apenas como parte integrante da natureza, mas a própria natureza em ação.

Lembramos, ainda, que, para Freire, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Velasco conclui, então, que educar-se é conscientizar-se em diálogo com os outros no contexto de uma transformação sobre a realidade “ecossocial”, rumo à ordem socioambiental sustentável, a que ele denomina de ecomunitarismo. Educação Ambiental, então, passa a ser a educação problematizadora, desveladora da realidade, sem a qual não podemos almejar os horizontes utópicos do ecomunitarismo. Há obrigatoriamente a necessidade da mudança comportamental, que é, por sua vez, uma outra forma de definir Educação Ambiental. Velasco nos propicia a visão de uma sociedade ecomunitária em sua plenitude, em seu artigo intitulado, “A educação ambiental realista pede o impossível”³². No texto, o autor permite o resgate da ordem socioambiental ecomunitarista vivenciada pelo personagem Almotásim, no seio de uma comunidade a qual denominou cidade/planeta de Tlön, local onde as relações capitalistas e de esgotamento dos recursos naturais foram superadas. Tal sociedade constitui o horizonte utópico do ecomunitarismo.

³² VELASCO, Sírio. “A educação ambiental realista pede o impossível”. Texto inédito, 2005.

Coloca-nos Fontoura que ecomunitarismo trata-se de uma proposta pós-capitalista, que vem a ajudar as pessoas e o próprio meio ambiente. A professora chama a atenção ainda para o fato de “que o professor Sírio partia do pressuposto de que para se fazer um trabalho dentro de uma visão ecomunitarista tem que se fazer a pergunta, o que devo fazer?, o que devemos fazer?, e que diante de uma problemática ambiental temos que responder a essa pergunta”. Brito faz a mesma colocação ao dizer que o ecomunitarismo é um projeto de vida pós-capitalista. Diz ainda que há uma estimativa desse projeto se realizar mas muito à frente, daqui a muitos anos, porque se trata de um projeto de sociedade igualitária, onde todos teriam as mesmas chances, de qualidade de vida, de economia.

Para Neuza, trata-se de uma comunidade vivendo em comunhão. Cunha é objetivo ao afirmar que faz uma idéia pelo nome, porém, entende ter este também um caráter pedagógico. Na sua visão, trata-se de uma coisa muito mais ampla do que apenas o trato das questões ambientais, diz mais respeito ao resgate e inserção do ser humano numa condição melhor de vida. Para a líder comunitária Cica, trata-se de uma melhoria, uma vez que as casas foram melhoradas. Paulo crê ser uma integração de comunidades e ecossistemas. Sr. João não tem idéia do que se trata, diz apenas que é coisa de ecologia, de comunidade em geral. Gracinda afirma não se lembrar mais.

Quanto ao que seja a EA, nos diz Fontoura tratar-se de uma proposta político-pedagógica, contextualizadora, problematizadora e de longo curso. Brito colabora lembrando que EA tem vários conceitos, mas que para ele tem que começar com o bem-estar interior. Para Neuza, é desenvolver a sensibilização da consciência do ser humano para as questões ambientais. Cunha novamente é claro ao afirmar que faz uma idéia, mas que para ele é um processo de reeducação, de tal sorte que o ser humano possa se relacionar com seu meio ambiente, com o próprio homem e consigo mesmo. Dona Cica diz que para ela é a limpeza, manter tudo limpo. Sr. Paulo é mais crítico ao dizer que é coisa precária aqui. Joga-se qualquer coisa no meio ambiente para poluir ainda mais o que já está poluído. Sr. João afirma que vem a ser o cuidado com o meio ambiente, com as águas, com as árvores, etc. Gracinda é convicta ao dizer que é algo mais do que cuidar do verde ou

reciclar lixo. É também saber de tudo um pouco, mas que ainda não tem condições de explicar muito bem por estar aprendendo.

Ao falar sobre educação ecomunitarista, Fontoura nos diz “tratar-se de uma educação onde há um planejamento, uma auto-organização, há uma organização ecomunitária, busca de alternativas de renda, alternativas para solucionar problemas. Não existem pessoas inferiores nem superiores”. Ela a denomina de “teia interligada”. Para ela, se começa a entender o que é ética, cidadania, democracia, meio ambiente, direitos humanos, cidadania planetária, ao começar a trabalhar dentro de uma proposta ecomunitarista. Para a entrevistada, a proposta ecomunitarista nos faz pensar em que ser humano somos e em que ser humano queremos ser.

Para Neuza, educação ecomunitarista é uma educação construída. Cunha diz ter presenciado algumas atividades sob esse nome, e reafirma ser uma atividade que transcende ao cuidado com a natureza, chegando ao resgate do ser humano. Dona Cica diz desconhecer o tema. Para Sr. Paulo, é procurar adaptar o pessoal nesse sistema de EA. Diz ainda que não adianta se dizer ambientalista se não cuidar do meio ambiente. Sr. João diz não ter idéia do que se trata. Para Gracinda, trata-se de uma vida em harmonia, sem atritos, saber lidar com as pessoas.

Fontoura fala a respeito da EA ecomunitarista dizendo tratar-se da busca de justiça social, de um equilíbrio entre ser humano e natureza. Brito diz ser uma ação permanente, e afirma não poder ser um assistencialismo natalino, mas um resgate da cidadania. Neuza acredita tratar-se de uma ação comunitária voltada para todos da comunidade ecomunitária. Dona Cica declara desconhecer o que seja. Sr. Paulo é enfático ao dizer que é aquela que tem que ensinar e não dar o peixe. Sr. João acha que é a busca da preservação do meio ambiente, das reservas naturais. Gracinda relaciona, novamente, à questão da harmonia comunitária.

Fontoura, ao falar da ordem socioambiental ecomunitarista, explica dizendo que partiu inicialmente do desvelamento da realidade, levantamento da problemática socioambiental. Para Brito, é o trabalho por eles realizado. Cunha é franco ao dizer que, como “ordem socioambiental ecomunitarista”, não saberia responder. Os demais membros da comunidade se ausentaram da resposta.

Em relação ao questionamento feito sobre o conhecimento das três normas éticas de Velasco, todos os entrevistados se ausentaram de resposta.

Percebemos, no conjunto, uma carência teórica do que vem a ser a ordem socioambiental ecomunitarista, na qual devem vigorar as três normas da ética de Velasco. Porém, simultaneamente, constatamos o sucesso empírico do projeto denominado Ecomunitarismo da UCPel, no tocante à qualidade de vida da comunidade São Gonçalo, hoje Bairro Ecossolidário. Acreditamos que, tanto aos que trabalharam na execução do projeto, quanto aos membros da comunidade, deveria ter sido oferecido um maior aporte teórico das bases do ecomunitarismo, bem como uma visão panorâmica da sociedade ideal, que nada mais é do que a ordem socioambiental sustentável descrita por Velasco. De posse dessas informações, a comunidade não estaria sujeita, em tendo sido finalizado o projeto e, em se afastando a professora Fontoura, à desagregação social por falta, justamente, desse norte oferecido pelo ecomunitarismo, e não poria em risco também toda a grande conquista realizada por Fontoura e seus colaboradores.

Finalmente, acreditamos que se o projeto traz à frente o selo do ecomunitarismo, todas as suas definições devem dele partir e nele se espelhar, não dando margem a confusões conceituais. Acreditamos que, para tanto, deveria ter sido fornecido o sólido aporte teórico do ecomunitarismo, tanto para os membros aplicadores do projeto, como para os membros da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a luta dos empreendedores do trabalho coordenado por Fontoura não conseguiu a implantação da ordem socioambiental sustentável, que se denomina ecomunitarismo, foi pelo simples fato de que, como nos lembra Velasco, “a impossibilidade de realização faz parte de seu caráter utópico, porém constitui-se em guia indispensável para a ação, um norte, sem o qual podemos ficar sem rumo e andando em círculos, mesmo diante das melhores intenções”.³³

Ao olharmos para trás, e vislumbrarmos a realidade passada da Comunidade São Gonçalo, quando residia no Trevo, nos regozijamos com a melhoria da qualidade de vida da atualidade desta mesma comunidade. Quase não somos capazes de reconhecer nossos companheiros de luta. E, ao dizer companheiros, assim o faço porque essa luta é de todos nós. Afinal, cada ser humano está sendo chamado a ser um educador ambiental.³⁴

As ações conduzidas por Fontoura e sua equipe de colaboradores conseguiram, através do desvelamento crítico constatado em nossa pesquisa, promover a transformação da realidade das pessoas que compõem a comunidade em questão, a qual é vítima, como tantas outras comunidades anônimas, do sistema excludente do capital que os mantinha em um processo de alienação global. As pessoas viviam em uma total desorganização, doentes, privadas de um direito básico da condição humana, que vem a ser o direito à nutrição; viviam em condições tais de precariedade, que fazia com que o termo sub-humano sequer tangenciasse a realidade por eles vivenciada.

³³ Velasco, Sírio. Op. cit., 2005.

³⁴ Velasco, Sírio. Op. Cit., 2004, p.13.

Verificamos que o trabalho desenvolvido conseguiu, como sugere Velasco³⁵, colocar os instrumentos da cultura erudita a serviço da conscientização/mobilização dos oprimidos em luta para superar as barreiras impostas pelo capitalismo. E se, como salientamos anteriormente, tal trabalho não conseguiu implantar a ordem socioambiental sustentável, permitiu que estes mesmos indivíduos, membros da comunidade São Gonçalo, estejam começando a organizar-se ao redor da cooperativa que começa a ser estruturada. E se estes ainda não se encontram multilateralmente desenvolvidos, tiveram enriquecido o respeito pela natureza. Prova maior é a atividade consciente que realizam em torno da coleta de materiais recicláveis, matéria-prima e fonte de renda de sua futura cooperativa.

Os membros do projeto tomaram como ponto articulador da ação pedagógica as questões ligadas à realidade concreta. Vincularam a cultura erudita e a cultura popular. A contradição educador/educando foi superada também com a promoção de palestras para os acadêmicos da UCPel realizadas por pessoas da própria comunidade alvo, e com os cursos ministrados para a comunidade de forma interdisciplinar pelos acadêmicos das Universidades Federal e Católica. A superação dessa contradição educador/educando foi possível à medida que se propiciou a construção dialógica do conhecimento vivo, pela consciência de que são, ambos, sujeitos investigadores críticos, desveladores da realidade.

O projeto combateu pela crítica e auto-reflexão o fatalismo e o assistencialismo, apesar de que diante do quadro inicial com que se depararam, a ação primeira não podia ser outra que não esta, assistencial, pelo fato de que a fome diminui a razão e promove os instintos de sobrevivência a índices extremamente elevados. Em outras palavras, a fome rouba a audição. Apostou-se na capacidade de luta dos e com os oprimidos para bem melhorar a vida de todos, na busca de suplantar as dificuldades impostas pelo capital, apesar de não podermos, nesse nível microcósmico e momentâneo, suplantá-lo. Desenvolveu-se a tomada consensual de decisões através de eleições democráticas para a escolha das lideranças comunitárias. Até mesmo a ocupação do terreno, em que hoje se encontram e onde estão sendo construídas suas moradias de alvenaria, em convênio firmado entre a prefeitura de Pelotas e a Caixa Econômica Federal, foi determinada em

³⁵ Velasco, Sírío. Op. cit., 2004, p. 12.

consenso. Nesse momento, já se manifestava o crescimento da capacidade de articulação dessa comunidade.

Chamamos a atenção para a entrevista concedida (anexos) pelo vereador do PT, o arquiteto Paulo Oppa, ex-Secretário de Habitação do governo Marroni, gestão 2000/2004, em que descreve os princípios pelos quais deve se dar a formação da cooperativa, originados na FUCVAM (*Federación Uruguaya de Cooperativismo de Viviendas por Ayuda Mutua*).

A comunidade que vivia em estado de miserabilidade total, símbolo da exclusão social da cidade de Pelotas, mergulhada em um contexto econômico que a todos envolve de forma subliminar, inclusive, negando a possibilidade de outra realidade social, emerge vitoriosa nesta instância de sua história, hoje rebatizada de Bairro Ecossolidário.

O capitalismo, em seu reinado de quatrocentos anos, tem como pai o economista inglês Adam Smith (1723/1790). O economista tem em sua obra máxima, intitulada “Investigação sobre a natureza e causas de riquezas das nações”, mais conhecida como “A Riqueza das Nações”, expostas as leis econômicas do capitalismo de sua época, que para ele são naturais e têm dinâmica própria. Em relação à distribuição das riquezas, Smith nos diz que “nenhuma sociedade poderá ser florescente e feliz se a maioria a ela pertencente for pobre e miserável”. Em contrapartida, será o mesmo Smith a dizer, referindo-se à primeira lei que descobre no capitalismo, que

a força motriz da atividade econômica se encontra no egoísmo humano. Esperamos receber o alimento, não da benevolência do açougueiro ou do padeiro, mas de seus objetivos, de seu interesse próprio. Não imploramos sua humanidade, acudimos seu egoísmo. Para conseguir seus serviços não lhes falamos de nossas necessidades, mas de suas vantagens.³⁶

Neoliberalismo, por sua vez, vem a ser “a doutrina, desenvolvida a partir da década de 1970, que defende a absoluta liberdade de mercado e uma restrição à intervenção estatal

³⁶ IRIARTE, Gregório. *Neoliberalismo, sim ou não?* São Paulo: Paulinas, 1999, p. 14-15.

sobre a economia, só devendo esta ocorrer em setores imprescindíveis e ainda assim num grau mínimo³⁷”.

A educação ambiental, como prática política, deve buscar uma nova ordem econômica e social, portanto, vem a ser explicitamente caracterizada por uma mudança comportamental, que tem nos homens e mulheres que se entregam ao trabalho de construção desta nova realidade planetária seu grande agente transformador.

Como bem nos lembra Reigota, a propósito da educação ambiental, que

ela deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza. A educação ambiental enfatiza antes a questão do “por que fazer” do “que como fazer”.³⁸

Reigota completa afirmando que “os problemas ambientais foram criados por homens e mulheres e deles virão as soluções. Estas não serão obras de gênios, de políticos ou tecnocratas, mas sim de cidadãos e cidadãs”.³⁹

O autor desta citação, apesar da sensatez demonstrada ao falar da necessidade da ética nas relações sociais, não especifica a que ética se refere. A proposta ecomunitarista é clara quanto a isso ao demonstrar através das três normas da ética fundamentais a possibilidade transformadora do modelo vigente, ou seja, das relações econômicas e sociais que esgotam os recursos naturais a ponto de comprometerem a própria existência humana. Vale lembrar que apenas um quinto da humanidade consome sozinho cerca de oitenta por cento de tudo o que é produzido no planeta. O ecomunitarismo aparece aqui como o contraponto da política neoliberal, calcada no egoísmo antiético de pura visão umbilical. É contra este modo de ver e fazer o mundo, esta visão umbilical, a qual nos referimos, que se posiciona o ecomunitarismo. Sua proposta é essencialmente clara, como claro faz-se o entendimento de sua fundamentação ética representada pelas suas três normas.

³⁷ HOUAISS. Dicionário eletrônico. Objetiva, 2002.

³⁸ REIGOTA, Marcos. *O que é Educação Ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 10.

³⁹ Idem, *Ibid.*.

Se de um lado temos a ordem capitalista representada pela sua forma mais aterradora, o neoliberalismo, a impor toda a sorte de mazelas ao planeta como um todo, do outro temos a proposta concreta do ecomunitarismo, “contraface” daquela, a convocar a todos para a construção de uma nova realidade – a realidade ecomunitária –, ordem socioambiental utópica, guia para a ação, na qual vigorariam plenamente as três normas da ética. Para isso, contamos com pessoas como as que conceberam, acreditaram e concretizaram o projeto liderado por Fontoura, que no dizer de Freire são “seres da transformação e não da adaptação”.⁴⁰

Todavia, se por um lado, no conjunto do projeto, se verifica a carência do aporte teórico, do conhecimento das normas da ética de Velasco, verifica-se também a fibra e determinação na manutenção deste, durante seus sete anos de existência, e reconhecemos, por isso, as conquistas realizadas. Certamente foi uma conquista hercúlea, para a qual dedicamos toda a nossa consideração e respeito. Tememos, todavia, que, com o encerramento do projeto, a comunidade ausente do aporte teórico do ecomunitarismo, portanto, sem o norte regulador que este representa, e levando-se em conta que nele devem vigorar as três normas da ética, base da sociedade ecomunitária, possa, no dizer de Velasco, ficar andando em círculos, mesmo diante das melhores intenções. Isto é algo que só o tempo dirá.

⁴⁰ FREIRE, Paulo. *À sombra desta Mangueira*. São Paulo: Olho D'Água, 1995.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da educação*. São Paulo: Moderna, 1992.
- _____. *História da educação*. São Paulo: Moderna, 1998.
- AUSTIN, John L. *How to do things with words*. London: Clarenton Press, 1962.
- AZEVEDO, José Clóvis de (Org.). *Utopia e democracia na educação cidadã*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Tomo II. Brasília: Editora UnB, 1998.
- BOCHINIAK, Regina. “Interdisciplinaridade”. *1º Congresso Paranaense de Instituições de Ensino*. SINEPE, 1998. Disponível em: <www.pucpr.br/institutos/sinepe/curso/palestras/interdisciplinaridade.html> Acessado em: 09/08/2000.
- BRANDÃO, Carlos R.. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CHAPLIN, Charles. Do filme *O grande ditador*. 1936.
- COVRE, Maria de Lourdes Manzini. *O que é cidadania?* São Paulo: Brasiliense, 1999.
- CORTES, Soraya M. Vargas. “Pesquisa Social Empírica: Métodos e Técnicas”. *Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- D'ANDREA, Flávio Fortes. *Desenvolvimento da personalidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.
- DEMO, Pedro. *Educação e desenvolvimento*. São Paulo: Papirus, 1999.

- FAZENDA, Ivani. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia*. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. (Org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 1999.
- FREIRE, Paulo. *À sombra desta Mangueira*. São Paulo: Olho D'Água, 1995.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FORRESTER, Viviane. *Horror econômico*. São Paulo: UNESP, 1997.
- GENTILI, Pablo (org.). *Pedagogia da exclusão*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- GIBRAN, Gibran Khalil. *O profeta*. São Paulo: Catavento, 1976.
- GREIDER, Willian. *O mundo na corda bamba*. São Paulo: Geração Editorial, 1999.
- GUIMARÃES, Célia Silva. *Pontos de psicologia geral*. São Paulo: Ática, 1991.
- IRIARTE, Gregório. *Neoliberalismo, sim ou não?* São Paulo: Paulinas, 1999.
- LEVIN, Henry, CARNOY, Martin. *Escola e trabalho no Estado capitalista*. São Paulo: Cortez, 1993.
- MINUCHIN, Salvador. *Famílias - Funcionamento & Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- PONCE, Anibal. *Educação e luta de classes*. São Paulo: Cortez, 2000.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. *Imagens aéreas – Quick Bird*. Pelotas, 2005.
- REIGOTA, Marcos. *O que é Educação Ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- SANTOS FILHO, José Camilo dos, GAMBOA, Sílvia Sanchez (Org.). *Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade*. São Paulo: Cortez, 2001.
- SILVEIRA, Jara Fontoura da. *Projeto ecomunitarismo Universidade Católica de Pelotas*. Pelotas, 1998.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa - Ação*. São Paulo: Cortez, 1998.
- TRATTNER, Ernest R.. *Arquitetos de idéias*. Porto Alegre: Globo, 1953.
- TRIVINÕS, Augusto Nivaldo da Silva. *Bases Teórico-Methodológicas da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2001.

VELASCO, Sírio Lopez. *Ética para o século XXI: rumo ao ecomunitarismo*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

_____. “Ética, educação ambiental e mudança social rumo ao ecomunitarismo”. *Ambiente & Educação*. Revista de Educação Ambiental. Rio Grande, 9: 9-27, 2004.

_____. “A educação ambiental realista pede o impossível”. Texto inédito, 2005.

ANEXOS

Questionário de Pesquisa

1. Você sabe o que é ecomunitarismo? Caso saiba, explique.

O que é ecomunitarismo para ti?

2. Você sabe o que é educação ambiental? Caso saiba, explique.

O que é EA para ti?

3. Você sabe o que é educação ecomunitarista? Caso saiba, explique.

O que é Educação Ecomunitarista para ti?

4. Você sabe que tipo de ação social busca a educação ambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Qual a ação social que busca a EA Ecomunitarista?

5. Você sabe o que é a ordem sócio-ambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

6. Você sabe quais são as três normas fundamentais da ética? Caso saiba, explique.

7. Como era a comunidade São Gonçalo quando vocês moravam no Trevo? E como é agora na CEVAL?

8. Como era a saúde quando vocês moravam no Trevo? E como está agora na CEVAL? Tinham muitas mortes naquela época devido a problemas de saúde? E agora na CEVAL?

9. Tinha escola para a comunidade antes do projeto, no Trevo? E agora?

10. Como era o relacionamento (humano) entre os integrantes da família quando moravam no Trevo?

a. Marido e mulher? E agora na CEVAL?

b. Pais e filhos? E agora na CEVAL?

c. Entre os irmãos? E agora na CEVAL?

d. Demais integrantes familiares? E agora na CEVAL?

11. Havia água, luz e esgoto? E agora?

12. Em 1998, no Trevo, como foram combatidas as drogas? E agora na CEVAL, continua esse problema? E se ainda existe, o que está sendo feito para resolver esse problema?
13. O que faz com que essas pessoas usem drogas?
14. Como era o deslocamento dos moradores a outros pontos da cidade no tempo do Trevo? E agora na Ceval?
15. Como eram as casas no tempo do Trevo? E agora, na CEVAL?
16. Como a comunidade participa, ajuda a professora Jara quando ela realiza algum trabalho na comunidade? A comunidade sempre colaborou como hoje? Porque?
17. Que projetos mais marcaram a comunidade entre os anos de 1998 e 2005, na sua opinião?
18. Quando vocês começaram a se reunir para fazer assembléias e discutir os problemas da comunidade?
19. Como eram tomadas as decisões na comunidade antes do ecomunitarismo? E agora?
20. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarismo? Quais são hoje as fontes de renda e como vocês organizam estas fontes de renda? (individual, cooperativa, etc.)
21. O que melhorou? O que piorou e o que resta fazer, na sua opinião?
22. Que sonhos vocês ainda têm para o futuro da comunidade?
23. Existia solidariedade na comunidade antes do projeto? E hoje?
24. Como convivem com as diferenças religiosas, sexuais, políticas, dentro da comunidade? *As pessoas respeitam as diferenças?*
25. Quais os principais objetivos (e atividades) desenvolvidas na comunidade, ao longo desses sete anos, na sua opinião?
26. Quais os principais resultados obtidos, em vista do que se pretendia?
27. Em que atividade você participou e quanto tempo permaneceu no projeto?
28. Mudou o seu ponto de vista político?

29. Mudou o seu ponto de vista em relação (*aos pobres*) as comunidades carentes?
30. Mudou a visão que você tinha em relação ao seu papel na comunidade (*sociedade*)?
31. Mudou sua visão em relação à Universidade?
32. O que você acha que mais mudou em você?

Proposta do Projeto Ecomunitarismo UCPel

Projeto ecomunitarismo UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS

PROJETO DE PESQUISA E EXTENSÃO

TÍTULO: Projeto Ecomunitarismo (Projeto interdisciplinar, articulador das lutas sócio-ambientais e integrador do saber acadêmico e o popular)

Local: Continuidade do bairro Simões Lopes (comunidade que mora debaixo da ponte Rio Grande/ Pelotas, as margens do canal São Gonçalo)

Coordenação: Prof^ª. Ms. Jara Fontoura da Silveira

Público alvo: Agentes ambientais (catadores de lixo), desempregados (homens e mulheres), idosos, crianças , adolescentes...

Duração prevista: 5 anos

Início: 1998

Término: agosto/2004

Alunos de diversos cursos da UCPel:

Ecologia, Direito, Serviço Social, Biologia, Pedagogia, Psicologia, Filosofia, Teologia, Medicina, Farmácia, Comunicação, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica e Eletrônica, Economia, Letras, Química, Matemática, Informática, Arquitetura, Jornalismo....

JUSTIFICATIVA:

A afirmação de que as coisas são assim porque não poderiam ser de outra forma é odientamente fatalista, pois decreta que a felicidade pertence apenas àqueles que têm poder. Os pobres, os deserdados, os excluídos estariam fadados a morrer de frio, não importa se no sul ou no norte do mundo. (...) Somos seres da transformação e não da adaptação.

(FREIRE, 1995)

Creemos que é imensa a nossa missão diante da tarefa sócio-educativa deixada pelo professor Paulo Freire, o qual lutou uma vida inteira pelos excluídos e também para que houvesse uma educação realmente libertadora e construtora da cidadania e da ética.

O grande desafio que nos é lançado nesse final e início de novo século não pode mais ser ignorado ou deixado como segundo plano. É *mister* que a educação ocupe de fato a seu papel diante de uma civilização em crise de paradigmas ... As Universidades estão sendo chamadas, nesse momento importante de transição civilizatória, a contribuírem de forma interdisciplinar, transdisciplinar, ética, solidária, a qual segundo o relatório da UNESCO Comissão Internationale Sur L'Education pour le vingt et siécle, presidida por Jacques Delors deve fazer com que possamos:

- aprender a aprender
- aprender a fazer
- aprender a conviver
- aprender a ser.

E segundo a professora-pesquisadora Hedy Silva Ramos de Vasconcelos, no livro educação ambiental – Reflexões e práticas contemporâneas em 1998 a Universidade está sendo chamada a se comprometer com o processo político do país, quando afirma que:

O impulso que tem levado a Universidade brasileira e alguns centros de pesquisa a se comprometerem com o processo político do país, levando-os a se exporem aos riscos da aproximação física dos conflitos sociais, fora do campus universitário, é gerado do espanto diante dos contrastes existente na nossa sociedade. (...) O ensino, a pesquisa e a extensão, no caso da Universidade, ficam envolvidos no processo de pensamento que acompanha essas atividades, vistas pelos que nelas se envolvem, muitas vezes, como o cumprimento de um compromisso social, enquanto universitários.

Assim também a Universidade, por todo esse processo de construção real das nossas teorias e praticas, deve buscar um viver harmonizado conosco, com todos os outros, com todas as formas de vida deste planeta. E por isso, é que entendemos que o projeto Ecomunitarismo, poderá dar a sua parcela de contribuição através de uma das exigências primordiais das novas diretrizes curriculares que é de que se proporcionem a inserção dos acadêmicos, através de seus cursos, em atividades onde a teoria e a prática sejam vivenciadas através de um trabalho alicerçado em princípios éticos, solidários e libertadores dentro da própria comunidade.

O projeto Ecomunitarismo será desenvolvido às margens do canal São Gonçalo, com uma comunidade com dificuldades referentes ao: desemprego, moradia, alimentação, educação e saúde... Tal projeto será desenvolvido contando com a participação de vários acadêmicos oriundos de áreas educativas diferentes da UCPel. Com esses feito pretende-se unir os saberes dos diversos cursos, através de uma pesquisa-ação, em prol da busca de soluções de problemas sócio-ambientais detectados como prioridades desta comunidade. E também dessa forma contribuir para o exercício da cidadania e da ética dos próprios acadêmicos.

A Pesquisa-ação não é constituída apenas pela ação ou pela participação. Com ela é necessário produzir conhecimento, adquirir experiência, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas. Parte da informação gerada é divulgada, sob forma e por meios apropriados, no seio da população. Outra parte da informação, coteja os resultados de pesquisas anteriores, é estruturada em conhecimentos. Esses são divulgados pelos canais próprios das ciências sociais (revistas, congressos etc.) e também por meio de canais próprios a esta linha de pesquisa. (THIOLLENT, 1998)

Esse projeto recebeu o nome de Ecomunitarismo em homenagem ao Dr. Sírío Velasco, professor da FURG e escritor do livro “Ética de la liberación” (OIKO – NOMIA) em 1996. Educador e seguidor de Paulo Freire vem há muitos anos dedicando-se a evitar a proliferação de todas as formas de exclusão social, e em seu livro justifica a palavra Ecomunitarismo como sendo:

Ecomunitarismo el régimen comunitario poscapitalista capaz de pautar las relaciones laborales inter-humanas y entre los seres humanos y la naturaleza por las normas éticas que hemos deducido trascendentalmente a partir de la gramática de la pregunta “qué debo/ debemos hacer?”

Baseando-nos em tal fundamentação teórica, e conceituação justifica-se ainda que esse projeto tende a se superar pelo fato de não só contribuir para o entrelaçamento do saber universitário e o popular, assim como desenvolver de forma integral e harmônica um crescimento individual e grupal de todos aqueles que vierem conosco participar neste momento sócio-solidário-educativo. E essas participações dar-se-ão de várias formas atingindo desde os empresários, comerciantes, instituições educacionais, culturais, meios de comunicação..., até chegarmos à comunidade pelotense como um todo.

É importante ressaltar que se aqueles moradores debaixo da ponte em determinado período tiverem que saírem daquele local, estaremos juntos com eles (estudantes e coordenadores da UCPel), a fim de ajudá-los em mais essa fase de sua história existencial. Desejamos que onde quer que se encontrem, sejam reconhecidos e respeitados pelo seu potencial criativo, organizacional e de cidadãos e cidadãs do universo. Finalizemos essa justificativa fazendo nossas as palavras de Marcos Reigota em 1994 quando anuncia:

Os problemas ambientais foram criados por homens e mulheres e deles virão as soluções. Estas não serão obras de gênios, de políticos ou tecnocratas, mas sim de cidadãos e cidadãs.

Objetivo geral: Possibilitar o exercício da cidadania, da ética, da interdisciplinaridade entre os acadêmicos da UCPel e a comunidade debaixo da ponte, através da pesquisa-ação para a solução de alguns dos problemas socioambientais detectados como prioridades pela comunidade.⁴¹

Objetivos específicos:

A) Capacitar os acadêmicos do Projeto Ecomunitarismo a:

- com base em princípios éticos, refletir sobre a importância de seu ser e agir na história,
- avaliar os problemas ambientais, em função das ordens econômicas, políticas, sociais, ecológica, cultural, educacional...,
- adquirir uma fundamentação teórica para alicerçar a sua prática durante todo a execução do projeto, participando de leituras específicas de livros sobre educação popular e E.A, assim como assistir minicursos Educação Ambiental dados pela internet organizados pelos professores Jara Silveira UCPel, Sirio Velasco FURG, Marcelo Pelizzoli PUC e Fernando Meirelles UCPel...,
- exercitar de forma concreta a sua cidadania,
- integrar todos os saberes tendo como ponto de partida a dimensão sócio-ambiental,
- buscar a elaboração e execução de um planejamento participativo com uma ação pedagógica fundamental para a realização deste projeto em busca da cidadania, da solidariedade e da ética,
- estimular a comunidade em atitudes preservacionistas, cooperativas, associativas e preventivas que busquem a integração Ser Humano e Natureza,
- buscar soluções junto a comunidade para os problemas enfrentados pelos habitantes,

⁴¹ A autora do projeto, nesse item, quer dizer que os membros da comunidade São Gonçalo deverão obter sua inserção social e a melhora de sua qualidade de vida através do trabalho de pesquisa-ação desenvolvido pelos acadêmicos da UCPel.

- envolver outras pessoas e entidades para o desenvolvimento do projeto,
- contribuir para a construção de cooperativas e frentes de trabalho,
- elaborar uma revista com os moradores, com o objetivo de esclarecer dúvidas relativas a sua comunidade,
- construir uma sede de mutirão com os moradores para as reuniões,
- publicar um livro relatando todas as experiências e dados ocorridos durante o projeto.

B) Capacitar os moradores da cidade⁴² a:

- organizar suas lideranças,
- elaborar alternativas para os problemas detectados,
- resgatar a sua cidadania através do seu potencial criativo,
- formar cooperativas a fim de conseguirem alternativas diversificadas de trabalho,
- adquirir postura ética e solidária em relação a sua comunidade e o meio ambiente como um todo,
- analisar criticamente os problemas nos quais estão inseridos,
- oportunizar a busca da coletividade como forma de organização e luta existencial...,
- participar da organização de uma revista aproveitando suas experiências dentro dessa comunidade,
- despertar nas lideranças do bairro a necessidade de parcerias para a busca de soluções de problemas detectados como principais, utilizando os meios jurídicos, sociais, educacionais e ambientais ...,

⁴² Neste item do projeto, a autora refere-se, na realidade, à comunidade São Gonçalo e não à cidade de Pelotas.

- desenvolver o espírito da: autonomia, criatividade, criticidade, ética, solidariedade, coletividade, organização comunitária do amor ao próximo, do respeito ao meio ambiente, unidade e interdependência....,

METODOLOGIA

A metodologia a ser seguida será a seguinte:

- diagnóstico da realidade;
- planejamento interdisciplinar e participativo;
- visitas domiciliares;
- organização comunitária;
- mobilização dos moradores;
- reunião de grupo com os moradores;
- reuniões de estudo, planejamento e avaliação com a equipe atuante;
- entrevistas/encontros;
- oficinas interdisciplinares;
- plantões (prestações de serviços por curso),
- mutirões;
- campanhas;
- eleição dos líderes da comunidade;
- escolha de um nome para a comunidade;
- ação pastoral;
- capacitação de agentes comunitários;
- participação dos estudantes em simpósios e congressos;
- elaboração de uma revista informativa denominada Fotoecomunitarismo;
- exposição do barracão da solidariedade;

- mobilização da comunidade pelotense para a prestação de serviços;
- organização de projetos culturais, esportivos e de lazer para os moradores;
- passeios ecológicos com a comunidade;
- organização de festas decorrentes no ano;
- alfabetização de adulto;
- criação de um grupo de teatro e de amigos da natureza;
- criação de grupos (terceira idade , adolescentes , mulheres ...);
- criação de uma cooperativa;
- criação de um livro contendo os dados da pesquisa-ação e as experiências de todos os grupos envolvidos (nome do livro: Experiências Ecomunitárias);
- seminário de conclusão do Projeto e divulgação do livro.

PARCERIAS E ATRIBUIÇÕES: Todas as parcerias deverão contribuir de acordo com sua especificidade de atuação. Exemplo: 5ª D. E. em relação aos assuntos retratam à Educação (apoio ao encaminhamento de crianças para as escolas...). Patrulha Ambiental, IBAMA, FEPAM, MAR DE DENTRO, participar nas atividades de preservação ambiental, (palestras para a comunidade sobre o impacto ambiental). Pastorais nas atividades relativas às questões espirituais e na organização de alternativas alimentares (formação de grupos de jovens e adultos, realização de encontros, ensinar a manusear a multi-mistura). FURG poderá participar no auxílio de atividades relacionadas às questões da problemática sócio-ambiental, através do mestrado de Educação Ambiental; UFPel através de cursos de Odontologia, Medicina, Veterinária, Nutrição...

METAS:

1ª Formação de um grupo de trabalho interdisciplinar para assessoria do Projeto Ecomunitarismo no prazo de 1 semestre;

- 2ª Montar diagnóstico da realidade e visitas domiciliares num período de 5 meses;
- 3ª Formar lideranças no bairro num período de 5 meses;
- 4ª Preparar a comunidade de catadores de lixo para resolverem os seus problemas socioambientais;
- 5ª Envolver a comunidade pelotense com o Projeto Ecomunitarismo
- 6ª Mobilizar a comunidade de catadores de lixo para a construção do barracão da solidariedade;
- 7ª Promover em um curto espaço de tempo o envolvimento dos diversos cursos da UCPel com o Projeto;
- 8ª Criação de uma cooperativa de catadores de lixo;
- 9ª Elaboração; divulgação e distribuição de 1500 exemplares do livro “Experiências Ecomunitárias”.

Cronograma de atividades - 1999

Obs: Cada etapa do Projeto será desenvolvida obedecendo aos meses estipulados, porém as atividades ficarão a critério de cada curso envolvido e de acordo realizado com a coordenação geral do Projeto Ecomunitarismo.

Atividades	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
1ª ETAPA	X	X			
2ª ETAPA	X	X			
3ª ETAPA			X	X	X
4ª ETAPA			X	X	X

Cronograma de atividades – 2000

Atividade	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.
4ª ETAPA			X	X	X	X
5ª ETAPA						
	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez
4ª ETAPA	X	X	X	X	X	X
5ª ETAPA		X	X	X	X	X

Cronograma de atividades - 2001

Ativid.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	mar.	Mai.	Jun.	Jul.
5ªEtapa			X	X	X	X	X	X

OBS: A AVALIAÇÃO DO PROJETO ECOMUNITARISMO SERÁ DE FORMA CONTÍNUA, CONSTRUTIVA E INTERDISCIPLINAR. SENDO REALIZADA ATAVÉS DE REUNIÕES, RELATÓRIOS E SEMINÁRIOS POR TODOS OS CURSOS ENVOLVIDOS.

Obs: Apoio financeiro em outras atividades que possam surgir conforme o desenrolar do próprio projeto, como torneios esportivos, apresentação cultural, saídas em excursões com os moradores...

Patrocínio: Estamos tentando conseguir junto a algumas firmas...

Parceiros: Os contatos estão em andamento com a 5ª CRE, FEPAM, Mestrado de Educação Ambiental/FURG, Rotary Club, UFPel...

ENTREVISTAS

Entrevista com a Professora Jara Fontoura

Professora Ms. da Universidade Católica de Pelotas

Autora do Projeto Ecomunitarismo

1. Você sabe o que é ecomunitarismo? Caso saiba, explique.

O que é ecomunitarismo para ti?

Ecomunitarismo pra mim é uma proposta pós-capitalista que venha a ajudar as pessoas e o próprio meio ambiente com essa ação e com essa função teórica que tem o ecomunitarismo. O professor Sírio partia sempre do pressuposto que pra se fazer um trabalho voltado, dentro de uma visão ecomunitarista tem que ter a pergunta, “o que devo fazer?”, “o que devemos fazer?”. Diante de uma problemática socioambiental temos que responder essa pergunta. Não podemos cruzar os braços. É uma proposta ecomunitarista, ela vai ajudar na auto-organização, vamos dizer assim, das pessoas envolvidas.

2. Você sabe o que é educação ambiental? Caso saiba, explique.

O que é EA para ti?

EA é uma proposta política pedagógica, que vai requerer justiça social, cidadania planetária, ética. EA é uma proposta complexa, contextualizadora, problematizadora, enfim, eu acho que EA é acima de tudo ela se torna complexa porque ela trabalha com a subjetividade e a subjetividade demanda muito tempo, muita energia. É uma visão, vamos dizer, integrativa, retroalimentativa, onde vários segmentos são chamados para que se unam e consigam, então, elaborar uma devida resposta a problemática que está sendo vivenciada, seja uma comunidade indígena, comunidade de pescadores, enfim, seja onde estivermos atuando. Então, EA não é a salvadora da pátria, né. Ao meu ver, é uma proposta educativa que vai nos possibilitar a construção de um mundo melhor, com certeza.

3. Você sabe o que é educação ecomunitarista? Caso saiba, explique.

O que é Educação Ecomunitarista para ti?

É uma educação onde há um planejamento, há uma auto-organização, há uma organização, ecomunitária, há busca de alternativas, desde alternativa de renda, alternativa pra solucionar os problemas, não é, não existe pessoas superiores ou inferiores. Nós ficamos numa condição de igualdade, buscando todos uma responsabilidade diante dos atos, dos fatos que

estão ocorrendo naquele momento. Eu chamo de uma teia, né, uma teia interligada, uma teia..., vamos dizer assim, com raízes muito profundas. Num exato momento, a gente não percebe as conseqüências desse ato e quando a gente começa a trabalhar dentro de uma proposta ecomunitarista é que a gente começa a entender o que é a ética, o que é realmente democracia, cidadania, responsabilidade planetária, direitos humanos, meio ambiente, né. Então, acredito que uma proposta ecomunitarista acima de tudo nos faz pensar que ser humano nós somos, ou que ser humano queremos ser.

4. Você sabe que tipo de ação social busca a educação ambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Qual a ação social que busca a EA Ecomunitarista?

Eu acho que ela busca, eu acho não, eu tenho certeza. Ela busca uma justiça social. Ela busca um equilíbrio entre ser humano e natureza.

5. Você sabe o que é a ordem socioambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Ordem socioambiental ecomunitarista? Podes me reformular essa pergunta de outra forma pra que eu possa responder. O quê que tu entendes por ordem? O quê que... tu quis ...? Eu não sei bem como é que tu queres que eu explique essa ordem... *Eu quero saber justamente isso, ordem socioambiental ecomunitarista? Como é que te bate no ouvido isso, o que seria pra ti isso, ordem socioambiental ecomunitarista?*

Bom, eu não sei se te respondo assim... Se tu queres é..., que eu explique, eu não sei bem como é que tu queres que explique eu explique, eu, eu, não, não...

Bem, eu quando comecei a fazer o trabalho, eu parti primeiro do desvelamento da realidade, levantamento da problemática socioambiental, né. Esse desvelamento foi feito da seguinte forma; nós nos inserimos dentro da comunidade e fomos ouvir a comunidade. Começamos a traçar diálogos, tanto esclarecedor pra nós como pra própria comunidade. Porque primeiro de tudo, quando se vai trabalhar num trabalho ecomunitário eu tenho que pedir permissão para entrar. Após essa permissão, então, se traçou esse trabalho de desvelamento da realidade. Depois de forma coletiva se trabalhou a, vamos dizer assim, oh, o levantamento da problemática. Depois a busca de soluções, tá. É um trabalho que trabalha com coletivo, nunca com o individualismo, embora o individual seja respeitado, né. Então a gente trabalha de forma cooperativada, vamos dizer assim. É..., o diálogo é algo que, eu diria, é o alicerce dessa proposta, tá. Ah, o que mais que eu posso te dizer? O processo de avaliação. A cada passo, a

cada assembléia, a cada levantamento de propostas, encaminhamento, a comunidade se reunia pra fazer um levantamento e uma avaliação das perdas e os ganhos desse processo. Eu acho que é isso.

6. Você sabe quais são as três normas fundamentais da ética? Caso saiba, explique.

Não, eu não... Eu sei que tem, que o Sírio escreveu, mas eu não li.

7. Como era a comunidade São Gonçalo quando vocês moravam no trevo? E como é agora na CEVAL?

A comunidade no trevo era uma comunidade, eu diria, um tanto perdida, não é. Eles não se achavam nem cidadãos, nem fazendo parte de nada, muitos não tinham identidade, CPF, carteira de trabalho, certidão de nascimento, por causa que as enchentes haviam tudo, é... outros totalmente em condição de miséria, sem nada mesmo pra comer, sem trabalho. A cidadania faltando-lhe, né. Em relação a questão ambiental, se eles não se sentiam nem fazendo parte enquanto seres humanos, quanto mais, eles diziam pra mim: “esse tal de meio de ambiente. Que é isso, meio ambiente, não é.” Eles não entendiam essa questão. Flora, fauna, eles até escutam na televisão, mas isso era um outro mundo deles, não fazia parte deles. Então era uma comunidade, eu acho que, coibida de saber da sua própria miséria, não é. E com o passar dos anos e com trabalho do projeto ecomunitarismo, houve, vamos dizer assim, um desvelamento subjetivo, primeiro, muito subjetivo. E esse desvelamento, foi possibilitando a própria comunidade, ah..., olhar pra dentro da própria comunidade, né. Os indivíduos começaram a pensar enquanto seres humanos, enquanto mãe. Eu penso que esse processo eu chamo de processo libertador, e um processo não induzido, um processo subjetivo construído, tá. Olhando do Trevo para o Ceval, primeiro mudou a consciência socioambiental. Eles viviam no meio do lixo, achavam aquilo normal, aqueles ratos, a própria leptospirose, crianças aparecendo ruídas nos dedos dos pés, aqueles mosquito, o fato de eles estarem aterrando o canal. Havia uma venda nos olhos deles. E aí o que é que aconteceu?, houve uma construção do pensamento crítico. Começaram a se posicionar, eles começaram a analisar a situação e começaram a tomar decisões. Isso foi fantástico. A tomada de decisão, tanto individual como coletiva, começa a eclodir na comunidade. E de uma forma até dolorosa com dificuldades de reconhecer. Eu lembro de uma ocasião em que nós estávamos discutindo um assunto sério sobre as enchentes e uma série de coisas e alguém perto do natal e elas saíram

correndo e eu gritei com elas, eu me exaltei e disse: corram atrás da lavagem! E uma delas voltou e disse pra mim assim, se eu não teria, é..., a senhora não tem medo de amanhecer com a boca cheia de formiga? E eu então disse pra essa senhora que se tivesse valido a pena ela entender o que significava aquelas mulheres lavando as suas consciências em véspera de natal entregando sexta básica, e que isso não é cidadania. Isso não é nada mais do que torná-las escravas daquele processo em que elas estavam vivendo. Isso já tinha valido a pena até amanhecido coma boca cheia de formiga. Então aí invés dela ficar braba comigo ela disse: me explica mais sobre isso. E eu comecei a conversar e chegaram outras senhoras, né, e aí, então, gente começou e foi nesse dia que surgiu, por incrível que pareça a idéia de se fazer uma assembléia pra se eleger lideranças na comunidade.

8. Como era a saúde quando vocês moravam no trevo? E como está agora na CEVAL? Tinham muitas mortes naquela época devido a problemas de saúde? E agora na CEVAL?

Então, bom... A questão da saúde. Com a mudança, né, vamos dizer assim, com esse afluente socioambiental, ah, o que é que aconteceu? Eles começaram a tomar consciência do seu espaço, né, do seu corpo, é... das crianças, do seu espaço de trabalho. Nós fazíamos muitas peças de teatro, passávamos filmes..., então tudo isso começou a mexer com eles, né, através dos alunos de ecologia, biologia, e tantos..., o próprio pessoal da pedagogia também ajudou muito. E com esse processo, eu notei muito a aparência física das crianças. Ah, nós começamos a falar sobre o piolho, levamos aparelhos pra eles olharem..., como se chama?, microscópios, não é, pra eles olharem os piolhos. Levamos o pessoal que trabalha em relação as doenças de pele, pra saúde, pra explicar a questão da gravidez na adolescência, a sarna. Então nós começamos a trabalhar com as crianças e isso foi surtindo efeito nas mães, nos pais e a coisa aflorou de uma forma que era incrível.

Eu lembro de dizer pra eles que a gente ia, ou numa peça de teatro, ou alguma outra coisa e vinham sujos e já nessa nova comunidade, o banho é algo fundamental, não é, mas eles não precisam nem mandar, eles já vem de cabelos nem limpinhos, unhas aparadas... Inclusive eles tinham vergonha de tirar fotos e hoje eles pedem pra tirar fotos. Então eles estão vaidosos com o seu aspecto físico. No trevo nós tínhamos um alto nível de mortalidade infantil, muitos problemas de doença mental, alcoolismo, viciados em drogas, cocaína, maconha, muita sarna, piolho e a princípio problemas

respiratórios, e verminose também, bastante verminose. As coisas eram essas. Eu não vou dizer que acabou, porque isso aí é uma bola de neve, né, mas, por exemplo, as gravidez interrompidas: conseguimos fazer que fossem até o final da gravidez. Diminuíram assim essa questão, as mães perdiam os bebês por estarem anêmicas, doentes, etc, da fraqueza mesmo. Os bebês começaram a nascer mais fortes, corados inclusive. A gente começou a encaminhá-los mais pra questão do dentista, é... a trabalhar a questão do corte de cabelo. Nós ganhamos duas máquinas pra cortar os cabelos. Eles mesmos final de semana já pediam pra gente cortar os cabelos, né. Tu nota assim, eles mesmos querendo cuidar da saúde. Ta. Ah..., uma coisa interessante, assim também, a própria higiene das grávidas eu notei uma diferença, não é. A higiene nas casas, que era uma coisa. Hoje tu vais na comunidade tem flores nos canteiros. Os canteiros estão organizados, as casas estão limpas varridas, né. Há uma preocupação também com a questão da água que antes eles não ligavam, mas um trabalho assim de formiguinha, não é. Então tu nota, a mudança é incrível, não é. Olhando as primeiras fotos do início do projeto, em 98, com as de hoje, é incrível a mudança. Tu nota a mudança nas fotografias, na aparência das pessoas, no estado das pessoas assim, até de aspecto físico mesmo. Tu olha e tu nota a diferença, né.

9. Tinha escola para a comunidade antes do projeto, no Trevo? E agora?

Eu montei uma escolinha nas balanças... Quando eu cheguei lá não tinha nada, então eu..., as crianças me pediam muito pra contar história, pra brincar de colégio e aquela coisa toda... Eu resolvi com a turma de pedagogia de Canguçu e a turma de pedagogia de Pelotas, montamos, nas balanças, uma escola que atendia crianças de dois anos a seis anos de idade. Só que foi muito engraçado, porque no fim nós tínhamos crianças de dois e dezesseis anos, então eu tive que dividir o grupo em vários grupos enquanto nós tínhamos apenas uma sala, né. Então foi um trabalho bem árduo. Depois as mães queriam ser alfabetizadas. Então a líder Gracinda começou a alfabetizar no método Paulo Freire. Consegui fazer com que duas líderes também trabalhassem no método Paulo Freire. Elas eram alfabetizadas e começaram a me ajudar a alfabetizar os adultos, né. Então foi um trabalho bem interessante, com bastante dificuldade. A maioria das crianças e daquelas pessoas não estudavam. Hoje a maioria está na escola. A gente nota assim a diferença, né. E nessa nova comunidade, que a gente chama assim, né, nós levamos muitos acadêmicos, de vários cursos e conseguimos

agora deixar montada uma sala de aula dentro da comunidade. Esse ano nós fizemos estágio com as alunas de pedagogia, dentro da comunidade. Agora entraram em férias, né. Em março eu quero botar outro grupo de estagiárias a da aula lá na comunidade.

10. Como era o relacionamento (humano) entre os integrantes da família quando moravam no trevo?

- marido e mulher? E agora na CEVAL?
- pais e filhos? E agora na CEVAL?
- entre os irmãos? E agora na CEVAL?
- demais integrantes familiares? E agora na CEVAL?

Era horrível. Eles brigavam, havia muito tiroteio, facadas socos, pontapés, um ambiente muito de violência. Hoje tu consegues caminhar na comunidade sem medo de uma bala perdida. As crianças brincam na rua, estão felizes, visitam-se uns aos outros. Tem como tudo que é vizinhança as suas desavenças. Antes, duas horas, três horas da tarde, se tu bobeasse tu era morto por uma briga de vizinho, ta. Então há uma paz, há uma tranqüilidade. Há ruas, eles estão organizados, lá era tudo socado, era uns por cima dos outros. Hoje tem terrenos, Cada um fecha as portas do seu terreno do seu espaço, está delimitado o seu espaço. Eles se sentem proprietários do seu espaço e isso deu vontade de cuidar do lugar, deu vontade de arrumar aquele lugar. Então eles se sentem, eu posso garantir isso, feliz por aquele espaço. Então eu acredito que eles procuram até viver bem uns com os outros agora, com os vizinhos até pra manter aquela comunidade diferente do que era lá embaixo. Nasceu o espírito coletivo que não tinha. Eu lembro as primeiras atividades coletivas foi um desastre. Eles falsificavam, eles faziam horrores!

11. Havia água, luz e esgoto? E agora?

É era assim: eles roubavam a luz. A gente chama gato, né. E a água também, era a mesmo sistema, tá. Umas casas tinham, porque faziam essas coisas, né, ah, esses arranjos e a maioria não tinha nada. Verão era uma tristeza. *O que tu chamava de gato, era tirado de onde?* Eles tiravam lá dum poço, que vinha puxando fio não sei da onde, eu só sei que quando eu via tinha água lá. E tudo era eles que faziam, por debaixo da terra eles iam puxando daqui e d'acolá e saia a tal de água. Só que era assim oh, em determinados horários, porque no verão principalmente, não tinha força, então era um balde pra cada família, quando tinha. *Chegou a existir um bico pra todos eles?* Eles fizeram isso. Eles fizeram. *E hoje como é?* Hoje todos têm água nas suas propriedades.

12. Em 1998, no Trevo, como foram combatidas as drogas? E agora na CEVAL, continua esse problema? E se ainda existe, o que está sendo feito para resolver esse problema?

Bom, eu fui a até a delegacia me informar quais eram os procedimentos, como estava sendo combatido o tráfico na cidade e o delegado então, me informou que havia uma equipe, eu levei as líderes comigo, na época. Nós então, fizemos uma reunião com as lideranças da comunidade e pensamos juntos o que fazer, porque havia junto o aviãozinho, criança que entrega droga, crianças de seis anos, sete, e isso tinha que acabar. Então teríamos que fazer um trabalho de conscientização com as mães, e foi o que a gente tentou durante um bom tempo fazer. E creio que foi profícuo, porque nós conseguimos fazer com que as mães não deixassem mais os filhos fazer essa atividade. A Gracinda, a líder da comunidade teve a sua casa toda baleada, porque colocou cartazes em todas as casas: “denuncie um traficante, não faça de seu filho um traficante.” E aí o quê que aconteceu, isso gerou uma raiva entre os traficantes, né. O quê que eles fizeram pra se mostrar que eles eram fortes, eles destruíram a escolinha, que nós havíamos pintado, tinha cadeiras, quadros, livros de história... Era uma sala de aula de educação infantil, vamos dizer assim, né. E estávamos construindo a cozinha, porque havia uma senhora, que já faleceu, que estava ensinando a fazer alimentação alternativa. Com raízes de plantas, era até do partido verde, Celeste, professora Celeste da farmácia Vida. E ela então, se prontificou a ir todos os sábados pra lá pra nos ajudar, e foi um horror, porque eles arrebitaram a escolinha, arrebitaram a cozinha, que era uma outra balança, né, e ainda deixaram um bilhete dizendo que tudo que a gente fizesse seria destruído. Bom, aí, então, o que é que aconteceu? No outro dia voltamos lá e organizamos a escolinha e resolvemos pra fazer passar a tristeza das crianças fazermos uma praça. E montamos naquela tarde uma praça com pneus, com pedaços de pau, balanço e pra ver se esqueciam aquela destruição da escolinha. E no dia seguinte, nós fomos lá pra colocar os outros..., as gangorras que faltavam e eles haviam destruído a praça também. Então não foi fácil combater a..., então aí o quê que aconteceu? Ah, a gente começou a fazer um trabalho de teatro com as crianças explicando a questão das drogas, não é. O que a droga faz dentro dum corpo, o quê que acontece quando as famílias tem alguém como viciado, o preço de tudo isso dentro do organismo, na sociedade, etc, etc, etc. Então, eu acredito que o fato também de o projeto mobilizar muito a comunidade pelotense e trazer muita gente pra

dentro da comunidade, porque, nós tínhamos acadêmicos que eram da Brigada Militar, faziam biologia, nós tínhamos médicos, engenheiros, arquitetos..., e o que é que aconteceu? Com a chegada de muita gente isso inviabilizou o tráfico na comunidade também, porque eles ficaram, como se diz, a mostra, muito vulneráveis, né. À vista de toda aquela agitação que havia e isso, então, inviabilizou o próprio trabalho do tráfico. Eu creio que isso também incomodou muito eles, por isso muitos foram embora. Depois algumas prisões ocorreram, ta. A própria assembleias, as lideranças femininas, as mulheres, apanhavam muito, não é. E sabiam de roubos e coisas, começaram a denunciar e a criar coragem de dizer as coisas que não tavam certas. E isso também foi uma forma de inviabilizar o tráfico, porque as mulheres que não tinham voz, começaram a ter voz e se impor e se organizar, e isso desmobilizou eles que mandavam e desmandavam, não é. Hoje, na Ceval nós temos viciados, vamos dizer assim, eu acredito que tráfico não como tinha lá na comunidade. Sempre vai ter um ou outro que vai vender a sua maconha, em qualquer bairro tu vai encontrar isso. Mas o tráfico que havia na baixada, posso te garantir que não tem na Ceval.

13. O que faz com que essas pessoas usem drogas?

Muitas coisas. Primeiro que eu creio que é um fator muito importante de que as pessoas às vezes não acreditam, o tráfico gera dinheiro. Então, o cara já ta excluído mesmo, eles dizem até uma outra palavra bem feia. Então, arriscar mais um pouquinho não vai ter problema. E se ele tiver dinheiro, melhor, ta. Então a questão grana é um fator determinante, ta. Bom, outro fator porque tu vendendo tu também pode consumir, tá. A desgraça é tão grande que quando tu usa uma droga, aquilo te amortece, então por alguns momentos, por algumas horas, tu esquece daquela miséria que tu vive, que os teus filhos vivem, daquela situação toda. Então creio que isso aí também é um fator que ajuda. Ah, a cola como a gente sabe que lá na comunidade tinha algumas crianças usando cola e tal, a questão do frio, tira o frio, tira a fome. Então são fatores que também tu diz assim: ah, eu não pensei que isso era fator determinante, porque anestesia o corpo, anestesia a barriga, como eles dizem, e é mais fácil de ir levando. Então eu creio que a falta também de uma perspectiva de vida. Não conseguem se inserir nessa sociedade, não tem estudo, não tem trabalho, se sentem à margem, mas quando eles são traficantes, eles são autoridades. É um poder, né, então isso dá *status* dentro de uma comunidade sem perspectivas, vamos dizer assim.

14. Como era o deslocamento dos moradores a outros pontos da cidade no tempo do trevo? E agora na Ceval?

A pé, ou com asa charretes, né. A maioria deles não tinha cavalo, então eles eram os cavalos, tá, e caminhavam quilômetros e quilômetros pra vender o seu papelão, ou alguns cavalos muito magros e doente. Até nós tivemos que fazer um levantamento de quantos cavalos estavam doentes, fazer chamar veterinário; uma vez eu lembro, a primeira vez que a gente ganhou um dinheiro do governo do estado – o nosso projeto infelizmente não teve dinheiro, não teve apoio financeiro – nós fizemos uma assembléia e eles pediram pra comprar correames pros cavalos. Porque era tudo assim, amarrado com cordão, então haviam muitos tombos, muitos acidentes. Isso era muito perigoso. Então era assim, dessa forma. Hoje, atualmente na comunidade, eles estão mais organizados, eles têm os seus cavalos bem cuidados, as suas charretes, ah..., eles usam o ônibus; tem um ônibus ali bem no finalzinho assim da rua, tá, eles estão pertos do centro, porque se tiver que vir a pé, eles dizem que vem assobiando. Pra tu teres uma idéia eles estão mais no centro do que eu. Eu moro fora realmente, mesmo, e eles moram no centro. Ali tem acesso a outros meios de transporte como moto táxi. Hoje tu vai na comunidade tu vê gente pegando moto táxi, dentro da comunidade; coisa que é raro a gente vê, né. *E tinha transporte disponível no tempo do trevo?* Não, não porque lá é BR, então não tem, a não ser que fossem pegar..., há uns três quilômetros. Então não tinha. Ou de bicicleta, ou a pé ou no cavalo.

15. Como eram as casas no tempo do Trevo? E agora, na CEVAL?

Eu chamaria de barracos que somente ratos, poderiam habitar. Ratos, baratas, não é. Um ser humano jamais deveria habitar um local como aquele ou uma casa como aquela, não é. Era uma coisa assim que não tem explicação, com pedaços de plásticos, eles achavam um pedaço de tábua colavam, pregavam do jeito que dava, pedaços de vidro, de lata, o que desse. E aí não tinha condição. Dia de chuva chovia mais dentro de casa do que na rua. Não tinha banheiro, geralmente eram duas peças, às vezes era só uma peça pra fazer a comida e uma peça pra todo mundo dormir, dez, quinze pessoas, né. Era isso, assim, era uma coisa que, não sei! Hoje eles têm casas. As primeiras casas construídas de madeira, eu tenho as fotos, são casas! De madeira com janelas, com portas, com quartos, com salas com as cozinhas, as de madeira. Atualmente, com o convênio, eles estão construindo em regime de mutirão as

casas pré-fabricadas. As casas populares, de material. Então gente com oitenta e tantos anos que nunca teve um banheiro vai ter pela primeira vez, tá. Então a esperança está nos olhos deles. A mudança é visível. Porque as pessoas muito humildes, que passam muito trabalho, eles acreditam desacreditando quando tu fala em alguma coisa, não é. Eu lembro que eu dizia pra eles que era preciso sonhar, era preciso acreditar no sonho. E um dia um senhor disse pra mim: “para de vender mentiras para nós. Eu não agüento mais ouvir tanta mentira!” E aí, eu, na época, eu fiquei muita raiva quando ele disse isso aí, depois eu fui parando pra pensar, né, lembrando muito de Paulo Freire, as verdades que estão através das agressões de uma pessoa que sofre. Então eu fui pensando o que tinha de verdade naquilo que ele falava. A verdade era a desesperança. E eu então me senti chamada a resgatar a esperança crítica dentro deles, não é. Isso foi, eu acho, um dos meus maiores desafios. Eles amarem-se enquanto potencial humano, eles acreditarem na sua espécie, eles acreditarem na força da coletividade, eles acreditarem que é possível sonhar, eles acreditarem na luta, ah, isso foi algo pra mim muito difícil e eu acho que eu consegui.

16. Como a comunidade participa, ajuda a professora Jara quando ela realiza algum trabalho na comunidade? A comunidade sempre colaborou como hoje? Porquê?

No início muito difícil. Não queriam nada com nada. Quem trabalhava e quem participava eram as crianças, eram os adolescentes, com as crianças. Aos poucos eu fui trazendo as mulheres e mais tarde os homens. Hoje quando eu preciso de alguma coisa eles se auto-organizam. Quem vai trazer isso, quem vai trazer a lâmpada, quem vai buscar o pau, quem vai botar a madeira aqui, quem vai trazer a mesa pra cá. Sempre vai ter aquele que é deitado, né. Ah, eu não faço, isso eu não faço, isso em tudo que é lugar, mas eu fico surpresa com os exemplos que eles já estão realizando. A festa junina, festas comemorativas. Agora mesmo eles estão organizando um torneio de futebol. Conseguiram até os troféus. Então isso é deles. É organização deles. E eu fico feliz quando eu vejo se organizando pra festa de natal, pro dia da criança. Sabe, existe assim um espírito, vamos dizer assim, comunitário, tanto que está saindo a associação de bairros, né. Estão fundando a associação.

17. Que projetos mais marcaram a comunidade entre os anos de 1998 e 2005, na sua opinião?

Que projetos, a comunidade dentro desse período? O projeto eco renda, que foi busca de

renda, a Neuza, uma aluna minha da ecologia, que fez um projeto muito bonito. Outro projeto, o eco familiar, foi um projeto que gente conseguiu colocar telhados nas casas, organizar as casas que através das enchentes estavam acabadas, detonadas. Então esse foi um projeto muito bom. Teve vários, por exemplo, o eco esporte, onde a primeira vez que teve esporte dentro da capoeira. Tiveram uniformes, se apresentaram em locais deferentes da cidade e até fora da cidade. Outro projeto interessante foi do próprio Jean Carlo com o plantio de hortas medicinais, não é, dentro da comunidade. Esse foi um projeto que eu considere assim muito importante.

18. Quando vocês começaram a se reunir para fazer assembléias e discutir os problemas da comunidade?

Em final de 98. Do meio de 98 pro final. Eu primeiro namorei a comunidade e a comunidade me namorou. É um processo assim de não vamos falar de coisa tão sérias, né, mas tem que falar ao mesmo tempo. Então aquilo vai indo, vai, vai de uma forma muito tranqüila. Nós usávamos o lúdico para nos aproximarmos da comunidade. Eu cantava, nós dançávamos com as crianças com as crianças, eu contava histórias, eu envolvi peças de teatro, eu levei pessoas músicos, inclusive de Rio Grande, de outros locais. Iam tocar aos sábados, nós fazíamos uma rodada de chimarrão. Comecei a fazer gincana entre os adultos, não é. Então foi uma fala lúdica, vamos dizer assim. Assim eu fui chegando, através do esporte, da dança, do teatro. Eu fui chegando na comunidade, até que surgiu então a primeira assembléia. Foi quando eles tiveram uma enchente terrível e haviam perdido muitas coisas, inclusive houve morte na comunidade.

19. Como eram tomadas as decisões na comunidade antes do ecomunitarismo? E agora? Cada um por si e quem tinha revolver ou uma faca na cintura, tá. Ah..., havia um pacto de medo de silêncio terrível. O medo é que mandava, tá. Então, vamos dizer assim, se tu detinhas o poder na comunidade, eu tinha medo de ti e me submetia aos teus mandos e desmandos, né. As mulheres apanhavam muito dos seus companheiros, né. Pairava um pacto do medo, vamos dizer assim. Hoje, na comunidade, eles e reúnem, eles discutem, eles vão pra prefeitura, eles fazem abaixo assinado. Agora mesmo está demorando a construção das casas, então eles já estavam se reunindo pra encaminhar pro ministério publico alguma forma de pressão, né. Então eles tiveram apoio de um advogado através do nosso projeto. Então, hoje, eles mesmos já ligam pro advogado

e já pedem, como se diz?, um atendimento e já a coisa começa a andar. Então eles vão pra rádio, eles vão pra TV. Eles têm o telefone dos repórteres, tá. Então isso é assim, é incrível, eles andam pelas suas perninhas, vamos dizer assim, né.

20. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarismo? Quais são hoje as fontes de renda e como vocês organizam estas fontes de renda? (individual, cooperativa, etc.)

Bom, antes era, sinceramente, roubo, muito roubo, desmanche de carro, abate de vaca, né. Ah, deixa eu ver..., o que mais, ah..., biscates, né. Venda dos próprios roubos. Ah..., e o papelão, né. Os pescadores, porque tu sabes que eram duas comunidades dentro de uma só, com peixe, né, e eles com papelão. Então era isso. Hoje as pessoas estão estudando, eles estão trabalhando ou em firmas, ou indústrias; eles estão trabalhando em casas de família. Eles estão prestando concurso. Inclusive um dos..., a comunidade sempre foi liderada por mulheres, hoje nós temos um homem liderando a comunidade, o João. Então o João está estudando, ele vai fazer concurso, né. A Gracinda que é a líder dos pescadores, está estudando o segundo grau agora, quando eu a conheci ela só tinha o primeiro grau e vai fazer concurso porá pedagogia. Então tu nota as pessoas..., sabe, tem gente na comunidade na faculdade já, né. Há uma..., eles valorizaram, não sei o fato dos meus estudantes irem também lá e eles perguntavam muito como que é a faculdade, o que é isso, o que é que faz, como é que chega lá, eles começaram a dar valor a educação; coisa que eles não davam.

21. O que melhorou? O que piorou e o que resta fazer, na sua opinião?

Átis! É grande essa pergunta! O que melhorou? Qualidade de vida, né. Melhorou auto-estima, melhorou a organização comunitária, melhorou a qualidade ambiental, melhorou a consciência socioambiental, melhorou o espírito crítico, melhorou a saúde a educação, é..., o espaço físico deles melhorou consideravelmente, né. Mas algo assim muito importante que eu posso te dizer, que eu acho que foi fundamental: "nasceu a esperança." *Alguma coisa piorou?* Sim. Nós éramos uma comunidade que nos conhecemos. Era só bater o olho, não precisava falar muito. Com a perda do PT, partido dos trabalhadores, esse novo prefeito colocou pessoas de outros bairros que a gente nem sabe como chegaram lá direito. Alguns arruaceiros, algumas pessoas violentas, é..., e essa mistura enfraqueceu um pouco a luta comunitária, assustou, vamos dizer assim, algo que estava

indo tão bem. A comunidade é maior, mas tu sabes que uma ovelha que esteja doente pode contaminar todo o rebanho. Então eles vão ter que lutar muito para que isso não estrague todo esse trabalho. *E o que resta fazer?* O que resta fazer? Eles acreditarem que podem ainda lutar sozinhos, eles acreditarem que são capazes de reivindicar, sonhar, é..., buscar alternativa, caminhar com as próprias pernas. O que resta fazer também, que outras instituições continuem, lá, ajudando, montando o projeto, porque acredito que agora, está bem fácil fazer um bom trabalho, lá.

22. Que sonhos vocês ainda têm para o futuro da comunidade?

Eles querem muito uma escola dentro da comunidade, eles querem montar a associação de bairro, porque eu desde 98 dizia: se nós tivéssemos um galpão, se nós tivéssemos um lugar pra fazer a nossa associação, agente fazer as nossas reuniões, as nossas assembléias, quanta coisa a gente já tinha avançado. Então eu sei que eles têm um sonho de ter essa associação até pra montar a cooperativa que eles tanto querem.

23. Existia solidariedade na comunidade antes do projeto? E hoje?

Quase nenhuma. Quase nenhuma. É, eu diria que havia um egoísmo, um individualismo gritante. *Uma indiferença com o próximo?* Ah, com certeza! Até por uma questão, assim, se eu me preocupar com o outro vai faltar aqui em casa. Não dá tempo dele ser solidário. Entendes? E mesmo assim, apesar de todo esse processo tu ainda via algum gesto, como a Gracinda, né. É um ser humano especial assim, que tu notava que fazia a diferença, mesmo com fome, mesmo passando necessidade. Tinha as suas exceções, no próprio grupo dos pescadores, dos catadores também. A dona Cica é um exemplo e tantas outras pessoas, mas eram casos isolados. Mas hoje, não! Hoje tu mexeu comum é mexer com um quarteirão, vamos dizer assim.

24. Como convivem com as diferenças religiosas, sexuais, políticas, dentro da comunidade? *As pessoas respeitam as diferenças?*

Tranquilo, tranquilo. Nós temos evangélicos lá, temos pessoas espíritas e temos pessoas católicas. Então sem problema nenhum.

25. Quais os principais objetivos (e atividades) desenvolvidas na comunidade, ao longo desses sete anos, na sua opinião?

O principal objetivo atingido, a auto-estima. Outro objetivo atingido, organização

comunitária, outro objetivo atingido, construção da consciência socioambiental. Outro objetivo atingido, eles começaram a buscar competências, né. Então, se eles não conseguem resolver, quem é que consegue? É o prefeito, é o lá do SANEP, é o secretário disso, é urbano é FEPAN, eles conseguem entender esses seguimento e buscar. “Desvelaram a realidade!” Um objetivo clássico que a gente alcançou: a aquisição da moradia e alternativas de renda.

26. Quais os principais resultados obtidos, em vista do que se pretendia?

Algo importante é o entrelaçamento entre o saber popular e acadêmico, né. Foi algo assim que teve momentos que eu achei que não ia conseguir. Por uma série de fatores. Objetivo atingido, assim..., conseguir provar que é possível fazer interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, através de um projeto como este, o ecomunitarismo. UM reconhecimento dos meios de comunicação e da comunidade pelotense que eu não esperava. Pessoas que eu nunca vi conhecem o projeto, ouviram falar do projeto, lêem e guardavam jornais quando saia publicações. Um reconhecimento assim que eu não esperava dos meios mais diversos possíveis. Políticos, instituições educacionais também. De outro município me mandavam carta, a própria... é..., Brasília, recebi carta de Brasília, tá. Então, reconhecimento assim que eu não esperava alcançar, assim, por exemplo: Zero Hora, fazendo entrevistas, né. A televisão, a RBS, o carinho dos radialistas, jornalistas, advogados, juristas, né. Assim oh, não tem explicação a dimensão que o ecomunitarismo alcançou. Eu cheguei a envolver até municípios como Santa Vitória, Canguçu, Pinheiro Machado, São Lourenço, é..., no projeto! Vinham acadêmicos de outros municípios, de outras localidades. Rio Grande! E algo assim fantástico, que eu não esperava, outras universidades trabalhando dentro do projeto, mesmo o projeto sendo da UCPel. Como a própria FURG, a UFPel, né. Então são coisas assim que tu não espera, escolas particulares, escolas municipais, escolas estaduais, é não, não, não tem explicação, é..., Banco do Brasil, e entidades assim que tu nem sabe como é que começaram a saber do projeto e foram chegando e foram ajudando e..., não tem explicação! Eu não pensava em mexer com tantas pessoas e segmentos da sociedade tão diferenciados. Ah, lembrei de outra coisa! O livro, né, que a gente conseguiu escrever: “O Contrato Social da Ciência.” Algo que eu também não imaginava e um reconhecimento da minha universidade, algo muito dolorido e sofrido. E eu posso afirmar que desde o simples faxineiro da universidade eles tem um carinho

ao projeto ecomunitarista que eu acho que muitos projetos que trazem grandes dinheiros pra universidade não tem.

27. Em que atividade você participou e quanto tempo permaneceu no projeto?

Os sete anos e sem faltar um único dia. E quando faltava, se eu não podia ir, eu não ia, ia alunos. Sempre tem alguém fazendo alguma coisa, entende, e por exemplo, não se estava na comunidade mas se estava em reunião com a prefeitura, estava-se com advogado, estava-se na delegacia de polícia resolvendo algum caso, estava num hospital com alguém que estava em trabalho de parto, ãh, conseguindo os enxovais junto ao grupo da terceira idade, é o grupo Girassol.

28. Mudou o seu ponto de vista político?

Se mudou? Não, eu continuo fiel às minhas idéias de esquerda, jamais poderia ser de direita pela minha convicção. Vamos dizer, partidário, muito triste e magoada, revoltada, mas ainda não perdi a esperança porque eu acredito, ainda, que existem pessoas íntegras, que existe condição da mudança da transformação de valores éticos, né, existem pessoas que com certeza sonham coisas como eu, ou até muito mais do que eu que sou uma simples pessoa, mas com ideais fortes, tá. Eu não posso dizer que não tenho esperança porque se não poderia dizer que sou educadora. A esperança crítica faz parte, não é. Tenho convicção das coisas que passam a esquerda, hoje, no meu país mas não perdi a luta, eu não me sinto perdedora, eu me sinto cada vez mais forte nas minhas convicções, né, nas coisas que eu acredito, que eu sei que posso fazer, na forma como eu acho que tenho que proceder, as minhas aulas e etc. Então, eu creio, como é que eu posso te dizer? Eu creio que existe pessoas, tanto quanto eu, que estou nesse exato momento, né, atordoados, vendo alguns sonhos sendo desmanchados, mas que não perderam a esperança, não perderam a vontade de lutar.

29. Mudou o seu ponto de vista em relação (*aos pobres*) as comunidades carentes?

Se mudou? Não, eu acho que eu sempre tive a visão que eu tenho, né, eu venho construindo cada vez mais. Eu acho que reafirmou a minha visão. É possível sim fazer a diferença! É possível sim transformar a realidade! É possível sim construir uma melhor qualidade de vida! É possível sim justiça social, cidadania planetária, mas para isso é preciso sim que o ser humano acredite no seu potencial, que resgate o seu equilíbrio com a natureza, que resgate esse entrelaçamento, esse respeito mútuo, não é. ãh, acredito que é possível sim a construção de um

mundo melhor desde que haja pessoas comprometidas com essa luta.

30. Mudou a visão que você tinha em relação ao seu papel na comunidade (*sociedade*)?

Se mudou? No início, eu me via, diante de tanta miséria, de tanta fome, tanta gente esfaqueada, é..., gente morrendo... *É quanto ao teu papel na sociedade como um todo.* Eu acho que ele não mudou, ele se enraizou-se mais. Eu tenho um comprometimento ético diante da vida. Eu tenho um comprometimento ético diante do outro. Eu tenho um comprometimento ético com a vida. Com todas as formas de vida, e isso não, não me aposenta nunca, não é. Isso não me deixa ficar quieta nunca. Não que aposentado vá ficar quieto, não. Mas é que, ãh, é, é, esse fator vai me impulsionar até o meu último suspiro.

31. Mudou sua visão em relação à universidade?

Ah, que pergunta! Em alguns aspectos sim. Outros bem negativos, como que universidade é essa que não ensina a colocar em pratica a teoria? Que universidade é essa que não cumpre com seu papel social? Que universidade é essa que diz que um trabalho como não existe ensino, pesquisa e extensão? Então, ãh..., isso me fez pensar que universidade eu quero, que universidade eu acredito, que universidade eu luto, que universidade eu proponho pros meus acadêmicos, né? Eu acho que cada vez mais, eu entendo o quanto a universidade ainda tem que se esforçar e muito pra cumprir com o seu papel social, o seu papel de ensino, pesquisa e extensão. Eu penso que ela ainda, tanto na universidade particular quanto pública, está ainda equivocadamente adormecida.

32. O que você acha que mais mudou em você?

O quê que mudou mais em mim? *A la pucha!* Bom, sete anos tu amadurece um monte, né. Sete anos te faz repensar uma série de coisas, sete anos te ensina muitas coisas, como o que é realmente educação popular, como realmente traçar esse diálogo, como respeitar essa complexidade, esse tempo que eles precisam pra gerir, pra eles renascerem, pra eles se reencontrarem, pra eles desvelarem a comunidade. Esse tempo todo também me ensinou a ter paciência comigo, com a instituição com a qual eu trabalho, com os meus acadêmicos, com o mundo, é..., esse tempo todo me ensinou o quanto temos que lutar pra que as pessoas entendam o que a luta socioambiental, o que é EA, ah, o que é uma organização comunitária. Eu acho que esse tempo todo aí me fez refletir o papel da mulher, das lideranças, dos políticos, o papel das pessoas que tem poder. Me fez ver também na íntegra as mentiras, tá. As falsas verdades os acertos por

debaixo dos panos, me fez compreender mais o trabalho com o povo e me fez acima de tudo, entender que embora eu tenha começado a dar aula com dezoito anos, e eu estou com quarenta e cinco, eu estou atrasada. Porque o tempo corre, corre muito depressa, e ainda tem muita coisa pra fazer, e eu tenho que encontrar uma forma de ser mais rápida que o tempo, e possibilitar mais multiplicadores das idéias de Paulo Freire, do próprio Gandhi, Che Guevara, de tantas pessoas como o próprio Sírio Velasco. De tantas pessoas que fazem a diferença no mundo pra que esses exemplos, sejam não só lembrados mas vivenciados. É isso.

Entrevista com Osmar Renato Brito Furtado

Biólogo pela Universidade Federal de Pelotas – UCPel

Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Rio Grande – FURG

1. Você sabe o que é ecomunitarismo? Caso saiba, explique.

O que é ecomunitarismo para ti?

O ecomunitarismo pra mim ele é um projeto de vida, é... pós-capitalista. Discutimos isto muito com o professor Sírio e inclusive tem um livro do professor que te uma estimativa, não é, desse projeto ecomunitarismo um dia se concretizar, mas muito a frente, muito anos porque é uma sociedade igualitária pra todos, com todos com as mesmas chances de qualidade de vida, de economia, de perspectiva de uma vida, posso dizer, onde todos tenham a mesma oportunidade profissional, onde todos possam fazer uma faculdade, uma vida bem igualitária.

2. Você sabe o que é educação ambiental? Caso saiba, explique.

O que é EA para ti?

Educação ambiental tem vários conceitos como tu mesmo já estudaste isso aí, né. Cada um tem um conceito de educação ambiental, cada autor de vários livros de EA tem um determinado conceito de EA. Mas eu penso que a EA ela a princípio ela tem que ser interdisciplinar porque antigamente as pessoas viam o meio ambiente como fauna e flora; hoje, a EA mostra que não é mais nada disso, porque a EA, o meio ambiente começa dentro da gente, tu tens que estar bem contigo próprio, com a tua própria subjetividade, tem que trabalhar a tua subjetividade. Ninguém consegue praticar EA se não estiver bem consigo próprio, se não consegue ser um multiplicador de EA. Então é conscientizar as pessoas da importância da qualidade de vida, da sustentabilidade, de tu preparar a pessoa desde a pré-escola; eu acho que a EA tem que começar com os pequeninhos, ali tem até... eu tenho uma história prática de EA aonde eu fiz uma palestra com o primeiro, segundo e terceiro anos do ensino fundamental, e um dos alunos era filho de um amigo e passou um mês, dois depois da palestra e o meu amigo me encontrou num determinado lugar e, tomando um cafezinho, ele disse: poxa, Renato, não sei o que me passou na cabeça, comi uma bala no carro e fui atirar o papel pra fora e a minha filha de sete anos de idade do banco de trás me corrigiu, “pai eu não

acredito que tu vais sujar a cidade. Tu não é amigo do professor Renato? Ele nos falou no colégio que como é que pode a gente não cuidar” – vê que a criança gravou bem isso – Eu falei assim pra eles: quantos de vocês já viram alguém pegar o lixo olha pros lados e botar a sacola do lixo na frente da casa do vizinho ou no terreno vazio e não colocar na frente da sua casa?. Então quer dizer que o que interessa é cuidar da sua casa, é tu cuidar o teu espaço e aí ta sujando a mãe que é a terra, tá sujando o espaço do outro...

As pessoas tão pensando muito individualistas, enquanto deveriam pensar de uma forma coletiva. E o papel da EA é este, trabalhar na escola, trabalhar é, até informalmente, numa fila de banco, num ônibus, em qualquer lugar tu podes praticar EA. Como? Conscientizando, falando pras pessoas da importância da sustentabilidade, da sustentabilidade das gerações futuras, não é, o quê que vai ficar pro teu filho. Em alguns alunos eu pergunto: gente, vocês não pararam pra pensar que se não preservar o teu ambiente, daqui a cinquenta anos nós estaremos respirando com tubo de oxigênio, vamos trabalhar com tubos de oxigênio, que não vai ter mais árvores, que não vai ter mais fonte de oxigênio pras pessoas sobreviverem? Então EA é tu trabalhar estas questões, são questões que te rodeiam, mais simples possível. As coisas mais simples já é uma forma de exercer a EA. Ser um multiplicador preocupado com o quê que tu podes deixar para as gerações futuras. E eu acho que o importante é trabalhar com esses pequeninhos, que eles, como eu te disse, a menininha chamou a atenção do pai, e o pai dela disse: Renato, nunca mais eu..., eu boto no bolso o papel, mas não boto no chão, porque a minha filha de sete anos me chamou a atenção. Então eu acho que o importante, né, que um pequeno, uma pessoa, uma criança corrigiu um adulto e aquilo pra ele serviu como...

3. Você sabe o que é educação ecomunitarista? Caso saiba, explique.

O que é Educação Ecomunitarista para ti?

Essa não é fácil. Essa tem que ter um conhecimento é... da EA, do socioambiental, das questões socioambientais, porque pra mostrar pras pessoas que meio ambiente, a educação, a EA está vinculada ao social. Eu mesmo quando saía com a professora Jara, em algumas palestras, alguns trabalhos, exemplificávamos o acidente do Bahamas em Rio Grande. A maioria das pessoas se preocuparam com a poluição do mar, do porto, da água, do meio ambiente e esqueceram do social; que com aquela poluição, aquela contaminação o pescador deixou de

pescar. Deixou de dar roupa pro seu filho, de mandar o seu filho pras escola porque não tinha um chinelo pra colocar, né, então eu vinculo muito a educação ecomunitarista ao social, ao ambiente social, socioambiental. Trabalhar as questões de economia, porque todas as coisas estão interligadas, tudo está interligado. Fritjof Capra no seu, aquele, “A Teia da Vida”, ele diz que até nós seres humanos estamos interligados através de átomos, né, então uma coisa vai atingir a outra. Querendo ou não de uma forma indireta, mas vai atingir, as pessoas vão... Então o que é que acontece? Se tu tem um projeto, tem um conhecimento do ecomunitarismo, um mínimo de conhecimento que tem, um projeto de vida que o ecomunitarismo trabalha. Se tu não vincula o socioambiental a este projeto, tu tá, tu não tem praticamente conhecimento nenhum do que se que em termos de futuro pra se possa gradualmente, é um processo muito lento pra tu consegui desenvolver esse projeto ecomunitarista. Então o que é que eu vejo, que esta educação que eu te falei da EA e de trabalhar as questões socioambientais isso é uma consequência, porque no momento em que tu começar a desenvolver essa educação, direcionada ao ecomunitarismo essa aplicabilidade do ecomunitarismo vai se uma consequência do que tu vem plantando já no público em geral; na pré-escola, no ensino fundamental, no ensino médio e nas próprias Universidades, tu consegue, então, te aproximar de uma forma lenta, porque como eu te disse é um processo lento, tu consegues te aproximar dessa qualidade de vida, dessa forma de vida que é idealizada pelo ecomunitarismo.

4. Você sabe que tipo de ação social busca a educação ambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Qual a ação social que busca a EA Ecomunitarista?

No meu modo de ver é a ação permanente, não é. Tem que ser uma ação social permanente como nós fizemos com o projeto ecomunitarista com os moradores a margem do São Gonçalo. Porque uma ação permanente? Ação social que se pratica muito hoje é em época de natal, dia das crianças, em datas específicas, isso é assistencialismo. Isso se faz hoje no sistema em que se vive, no capitalismo e em outras forma de projeto de vida que se tem no mundo hoje, atual. No projeto ecomunitarismo nós desenvolvemos sete anos desse projeto, porquê? Resgate de cidadania... A gente até discutiu muito isso, essa forma de resgate de cidadania, porque uma coisa nós pensávamos muito parecida eu e a Jara, será que está certo resgate de cidadania? Como é que se vai resgatar uma

coisa que eles nunca tiveram? Eu acho que a melhor forma é tu trabalhar, desenvolver projetos objetivando o resgate de cidadania e qualidade de vida pra essas pessoas. Pelo menos uma qualidade de vida estável, nem que não seja uma qualidade de vida como a gente queria que fosse, mas pelo menos eles terem uma condição de vida estável pra pudessem ter o seu lazer, ter o seu trabalho, a sua alimentação, acesso a escola. Quando nós iniciamos aquele projeto, noventa crianças não iam a escola. Nós conseguimos colocar noventa crianças dentro da escola de um total de cento e quarenta e sete. Fizemos um acordo com os pais, a professora Jara conseguiu uma verba e as crianças tinham que andar na carroça e... puxando carrocinha com os pais pra catar o lixo e aí nós conseguimos uma verba e compramos arreios pros cavalos e todo o material, toda uma estrutura para uma carroça trabalhar com tração animal em troca deles liberarem as crianças para irem pra escola. Aí ganharam arreios novos, tudo novo pra carroça e os pais então concordaram em colocar as crianças na escola. Nós conseguimos algumas verbas e eles compraram cavalos.

5. Você sabe o que é a ordem socioambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Ordem socioambiental ecomunitarista é a que nós fizemos, não é, desenvolvemos este trabalho socioambiental naquela área, hoje eles já estão tendo uma vida mais, podemos dizer que social dentro de uma inclusão na sociedade, mesmo que restrita, ordem eu não sei, um entendimento assim da questão a que tu te referes, a organização socioambiental ecomunitarista, daquela região pelo menos, da organização deles em cooperativas, escolas, bibliotecas estão sendo montadas ali, alguns recursos, essa parte assim.

6. Você sabe quais são as três normas fundamentais da ética? Caso saiba, explique. Não.

7. Como era a comunidade São Gonçalo quando (vocês) moravam no Trevo? E como é agora na CEVAL?

Quando nós iniciamos com o projeto, eu fui um dos fundadores do projeto, e aí a professora Jara nos apresentou o local que ela passava quando vinha de Rio Grande, sempre quis desenvolver um trabalho naquela comunidade e nós ficamos, nós ficamos... eu mesmo com sinceridade, eu fui um dia e me deu vontade de desistir pelas condições do local que nós encontramos. Problemas em cima de problemas, onde tinha é... os moradores do início aqui do Trevo eram

catadores de papelão brigavam com os moradores quase próximos da ponte que eram pescadores. Trocavam tiros entre eles por aquele corredor ali da margem do Santa Bárbara e pobreza, uma pobreza, uma desorganização, gente..., bebe nascendo e morrendo logo em seguida, não tinha estrutura nenhuma, eles não tinham luz, não tinham água potável, tinham que pegar numa bica que tinha logo adiante numa torneirinha e o...e aí nós resolvemos que...conversamos com os moradores, e os moradores nos aceitaram bem para desenvolver o trabalho naquele local, a Universidade nos apoiou. Nós tivemos que fazer muitas reuniões com a Universidade para que ela pudesse nos dar esse apoio e oficializar esse projeto em 1999. Nós começamos com trabalho de pesquisa e cada vez nós ficávamos mais apavorados que nós víamos nós dentro da casa. Era mãe lavando, era um frio e mãe lavando bebe dentro de panela com água fria, depois fazia comida na mesma panela. Uma coisa assim de tu... e aquilo ali foi nos tornando cada vez mais compromissados com o ambiente, com aquele trabalho ali, né, e começamos a trazer mais alunos, mais alunos começaram a participar então do projeto, começamos a nos fortalecer, a comunidade (pelotense) começou a nos apoiar, também, com recursos, com cesta básica, com hortifrutigranjeiro, então nós começamos a fazer uma troca com a comunidade. Essa troca, quando nós tínhamos esse material nós resolvemos fazer uma gincana, foi um passo muito importante, sabe porquê? Eu lembro de um fato que nós encostamos um caminhão nas balanças e nós começamos uma gincana com tarefas, então, uma das tarefas era trazer um gato preto em cinco minutos. O quê que aconteceu Granada com isso? Um catador de papel tinha o gato em casa, um pescador tava com a bicicleta na gincana e eles eram inimigos de se darem tiros, de trocarem tiros um com o outro. Pra ganhar a cesta básica um pro do outro e disse assim: sobe na bicicleta e vamos lá pegar o teu gato pra nós ganhar essa cesta? O outro olhou e disse: tá, vamu. E foram pra casa dele de bicicleta, correndo, porque tinha tempo, não é, e voltaram com o gato preto, que era uma das tarefas, e os dois, as duas famílias ganharam a cesta básica, uma cesta pra cada um. E ali em diante a gente viu que era possível unificar aquelas duas facções vamos dizer que tinha ali naquela comunidade. E ali a gente começou então a desenvolver, viu que poderíamos nos aproximar, nós começamos a desenvolver pra atrair as crianças fizemos uma praça, construímos uma praça ali nas balanças, uma praça linda, as crianças adoraram! Era noite, escurecendo, e nós queríamos ir embora e as

crianças não queriam sair dos balanços, não queriam sair... acho que nunca tiveram a oportunidade de ir a uma praça porque o brinquedo deles o quê que era? Era o porco, ali no chiqueiro, ali dentro da casa deles, era o cachorro, era o tonel de lixo, escondido dentro do tonel de lixo quando brincavam de esconder; eles se encantaram com a praça com gangorras, balanço, escorregador. Aí, outro dia, isso foi num sábado, no domingo nos ligaram pedindo pra nós irmos na comunidade. Nós fomos lá e a praça estava toda destruída e um bilhete na praça: Vocês constroem e nós destruímos. O quê que era aquilo ali? Dois três traficantes, da comunidade que não queriam, se incomodavam com a nossa presença naquele local. Sentiam-se incomodados com a nossa presença. Não deixavam nós entrar na residência deles, até que uma, a mulher começou a participar, nós começamos a participar, mas nós entrávamos e eles saíam, num dos chalés ali eles se reuniam, era material de furto, roubavam rádio, televisão, levavam pra ali para sair a vender depois pra outras comunidades, ali pro Simões Lopes, e aí sentiam-se incomodados, então tentaram nos afastar da comunidade, e nós unimos, o grupo se uniu e mostramos pra eles que nós éramos muito mais fortes; destruíam e nós os construíamos. Nós construímos uma sala de aula nas balanças, no outro dia chegamos lá tinham botado fogo dentro da sala de aula, quebraram a porta da sala de aula, arrancaram a grade e nós continuamos dando aula sem porta sem grade... Defecavam dentro da sala de aula. Nós paramos. Continuamos até que eles desistiram e se juntaram a nós. Aí não tivemos mais problemas nenhum, começamos então a desenvolver o projeto e agora na Ceval é outra vida, é outra vida, né. Nós passamos três, cinco anos vendo aquela gente com água até a cintura dentro de casa, fugindo pra margem, pro acostamento da BR. Um risco iminente de acidentes ali. Os caminhões passavam que chegava a levantar a lona da barraca deles do deslocamento do ar; um horror, eu ficava apavorado quando via aquilo. Um caminhão virou, um caminhão de lenha, caiu toco em cima de um menino brincando, quebrou a bacia do menino, quebrou as duas pernas de outro menino... Então um dia nós reunimos, a professora Jara e tal, olha tem um terreno assim, assim, no fim da avenida Brasil, na Ceval, vamu invadir aquele terreno, vamos pra lá? Aí começamos a trabalhar esta questão junto com os moradores e tal dia invadimos lá e veio Brigada e veio prefeitura e todo mundo pra tentar e não conseguiram. Mostramos que a comunidade estava unida, não é, e a união faz a força; pegamos também um ano político, e isso nos ajudou muito. Aí

começamos a ter o apoio da própria prefeitura, o prefeito Marroni, não é. Uma coisa que nos magoou muito, que a época a vereadora Miriam Marroni, foi lá, discutiu com a Jara sobre a invasão e disse pra Jara que nem a mãe dela morava no centro, porquê que eles tinham que morar no centro, como dizendo que eles não eram nada. Nos surpreendeu essa atitude da vereadora. Mas depois ela viu que não tinha mais jeito e aí todas as instituições que poderiam atrapalhar ali o desenvolvimento do projeto naquele local, não interferiram mais e nós conseguimos então...

A comunidade hoje está mais integrada, está mais unida. Não tem mais o pescador e o catador de papelão, todos fazem parte da comunidade da Ceval, todos são unidos. Tem aquelas desavenças que tem até com quem mora num condomínio aí num apartamento tu tem com o teu vizinho. É normal, mas, são todos unidos, está sendo construído hoje uma cooperativa.

8. Como era a saúde quando vocês moravam no Trevo? E como está agora na CEVAL? Tinham muitas mortes naquela época devido a problemas de saúde? E agora na CEVAL?

No tempo do Trevo era horrível. Posso te dizer que a saúde, a escória da sociedade, eles iam no posto de saúde pra ser atendido e a doutora, do posto de saúde, negava-se a atender-los pela sujeira pelo mau cheiro que eles tinham; porque não tomavam banho, não tinham água. Aí nós construímos um banheiro nas balanças lá, pra eles tomarem banho. Mas não tinham recurso nenhum, seguidamente nos ligavam: Renato, tu pode vir com o teu carro, que o fulano tá passando mal, duas da manhã, onze da noite, nós íamos pra socorrer, levar crianças pro hospital, com problemas respiratórios, vários respiratórios. Problemas, então, Granada, ali, de saúde, eram precários, o atendimento pra eles no posto era horrível, a Jara brigou com o secretário de saúde, brigou com a médica do posto, ameaçou levar até a imprensa pro local e aí eles começaram a ser tratados de uma forma mais humana. Não eram atendidos, ou era porque estava sujos, porque qualquer coisinha era uma virose... Muitas crianças morreram ali. O número de óbitos quando era ali nas margens do São Gonçalo era elevado, agora ali, na Ceval não tem, não posso te dizer com certeza, mas não tem... Na Ceval aqui, eles já tem luz, tem água, não é, os chalés, as casas, estão melhor estruturadas, então já a qualidade de vida melhorou, tá bem do que era lá embaixo. Não tinham nada, não um tanque pra lavar roupa. Lavavam roupa na beira do Santa Bárbara. Tu imagina, eles pegavam água pra fazer comida

muitas vezes do Santa Bárbara aonde o número de coliformes fecais é enorme. Evacuavam no local, e não só da própria contaminação dos moradores, mas todo o esgoto de Pelotas desemboca no Santa Bárbara; então imagina, toda a população de Pelotas, praticamente, contaminando o canal e eles dormindo ali e usando aquela água. Eles tomavam banho ali, eles pegavam água pra fazer comida dali, então estavam sempre doente. Sem falar dos costumes. Sabe que uma vez uma coisa que me marcou muito, nós estávamos dando uma aula nas balanças, e como é que tu atraía essas crianças pra escolinha, ali? Então nós levávamos iogurte, leite, bolachinha... eu prestei atenção numa menininha, que ela pegava a bolacha e saía da sala de aula, aí daqui a pouco passava de novo a bolacha pra eles e ela pegava a bolacha e saía da sala de aula. A terceira vez que ela fez isso eu fui atrás dela. Sabe o quê que ela estava fazendo? Ela estava enterrando as bolachinhas atrás da balança pra quando desse fome, alguma coisa ela ter aquela bolacha pra comer. Então tu imagina, ela via provavelmente o cachorro fazer isso, ela depois que sentisse fome pegava a bolacha da terra, enterrado, eu chamei a Jara pra ver e tudo, o que ela estava fazendo; então tu imagina os costumes dessas pessoas. Higiene nada. Não tinham conhecimento nenhum de higiene. Nós conseguimos fazer com eles, trabalho de higiene pessoal, a importância da manutenção dos dentes, por exemplo, o tratamento dentário, o pessoal da saúde começou a visitá-los. Eles tem acompanhamento de estagiários da odonto que vão nas casas e examinam os dentes, dão fichas para virem na odonto ser atendidos, aqui na Faculdade de Odontologia. Houve uma melhora significativa na saúde.

9. Tinha escola para a comunidade antes do projeto, no Trevo? E agora?

A escola na época do Trevo não tinha. Nós, como tem agora na Ceval, é um espaço pra reforço escolar, porque todos eles indo pra escola, todos eles estudam na escola Simões Lopes ou na escola aqui no fim da Osório, ali no João Manoel. Estão todos matriculados e estão freqüentando a escola. E o quê que nós fazíamos? Nós tínhamos estagiários da própria pedagogia da UCPel e professores de Educação Física da UFPel, que desenvolviam atividades esportivas com eles e estagiários que faziam reforço escolar. Faziam os temas, dificuldades pras provas os estagiários davam a dica, o que é que eles tinham que estudar, como é que eram, toda essa parte de reforço. Nós iniciamos lá embaixo da ponte, onde eram as balanças, e agora está sendo construído aqui na Ceval, tem

uma empresa que está construindo essa cooperativa e dentro da cooperativa, no espaço da cooperativa, uma escolinha pra essas aulas de reforço. No tempo do Trevo muitas crianças não iam a escola. Do Trevo a escola mais próxima deve haver uns três quilômetros.

10. Como era o relacionamento (humano) entre os integrantes da família quando moravam no Trevo?

- a. marido e mulher? E agora na CEVAL?
- b. pais e filhos? E agora na CEVAL?
- c. entre os irmãos? E agora na CEVAL?
- d. demais integrantes familiares? E agora na CEVAL?

Olha Granada. Eu posso te dizer até que não mudou muita coisa nessa questão de relacionamento, mas dentro da própria família. São pessoas muito ignorantes, não tem praticamente conhecimento nenhum... O que é que a gente espera? Que os jovens tenham, façam essa diferença, essa mudança, quando formarem suas famílias. São pessoas muito pobres, o marido bebe muito, bate na mulher, eles mantêm relação sexual, agora provavelmente tenha mudado alguma coisa porque essas casas que eles residindo hoje, são casas que tem mais de uma peça, lá no Trevo era uma peça pra todo mundo e eles mantinham relação sexual na frente dos filhos, os filhos as vezes nem dormir não dormiam, e eles mantinham, relação sexual de qualquer forma na frente dos filhos, eles batiam na mulher.

Podes dizer que era um ambiente promíscuo?
Acho que não porque era uma coisa tão natural pra eles que... Tu imaginas tu morar numa peça dois por dois com seis filhos dentro, não é? Tinham parceiros fixos, mas o que eu ia te dizer é que a maioria das mulheres o companheiro não moravam junto, vinham só pra um namoro, pra uma relação sexual... Inclusive eu conversando com uma das moradoras, a Lúcia, ela tem sete filhos, e eu sempre levava, todo fim de semana eu sempre levava um dos filhos para minha casa. Eu ficava muito preocupado e aí eu perguntando pra ela: Lúcia, pô o anticoncepcional é gratuito na secretaria de saúde? Ah, não, eu tenho, eu pego lá e tal. Como é, tu já estás com sete filhos, uma guriazinha nova, sete filhos com vinte e seis anos, uma guriazinha nova, tu não tá tomando o anticoncepcional? Não, eu tomo, toda a vez que ele vem, que o meu parceiro vem me visitar eu tomo. Então é pra tu vê a falta de conhecimento e da ignorância das pessoas. É como dor de cabeça, toma a pílula para tirar a dor de cabeça. Falta de conhecimento do método, de como ela deveria fazer aquilo ali. Aí preocupados com isso, com esse gesto dela de tomar uma pílula só

quando o companheiro dela vinha despertou em nós uma atenção de instruir a comunidade a respeito desse problema da gravidez, não é. As relações sociais, entre famílias, está bem melhor. É aquilo que eu te disse anteriormente, eles descobriram que tem força juntos, eles sabem que podem contar com o nosso grupo. Qualquer coisinha eles ligam pra Jara, e a Jara aciona o que é que tem que fazer, ou aciona advogado, ou aciona médico, ou aciona até o nosso pessoal do grupo mesmo pra poder trabalhar o que eles precisam naquele momento. As famílias! Agora, dentro da própria família, tem o homem violento, tem a mulher que trai o marido, tem a mulher que... Uma preocupação que nós tínhamos, eu não consegui ainda detectar se ainda tem hoje isso, eu percebi e até comuniquei a Jara, à época, que nós tínhamos quer tomar uma atitude, vez que outra encostava um carro a margem da BR, no Trevo, até tinha um senhor, cabelo branco e aí quando eu via uma guriazinha entrava no carro. Uma guriazinha de dez doze anos. E eu disse: ah, o pai da fulana, disse para uma das mulheres da comunidade, o pai da fulana veio levá-la pro fim de semana? Não, aquilo lá é a mãe que coloca ela pra programa. Aí nós conversamos com a família, ameaçamos em fazer denúncia, coisa e tal... Acho que isso aí acabou, não vimos mais movimentação de pessoas estranhas na comunidade com esse objetivo. E eu acho que os próprios líderes da comunidade, acho que fizeram um trabalho de que não acontecesse isso dentro da comunidade, desmoralização da própria comunidade e coisa e tal.

E essa consciência comunitária Brito, de força proveniente da união, isso foi desenvolvida a propósito ou veio num despertar natural? Não, nós trabalhamos. A maior evidência da força da união que eles tinham, nós provocamos quando nós invadimos o terreno e veio batalhão de choque todo da brigada para tentar nos tirar e não conseguiram. Aí eles viram que, poxa, os caras de escudo, de cassetetes, armados, não conseguiram nos tirar, ninguém pode mais mexer conosco. E aí nós trabalhamos isso. A união faz a força, quando mais unidos nós estivermos, mais coisas nós vamos conseguir para a comunidade, e a Jara desenvolveu muito bem isso aí com eles; de força, de não adiantava ninguém da comunidade fazer alguma coisa porque não ia conseguir. Agora juntos, nós tínhamos como atingir os objetivos do projeto que é uma melhor qualidade de vida pra eles, uma vida digna, não é. Chega de as pessoas irem lá e atirarem comida por cima deles e dizer o que é que eles tinham que fazer. Hoje não, agora eles foram, é... a arquiteta que está construindo ali a cooperativa e a escolinha

queriam construir de madeira e eles foram lá os líderes foram lá brigar, é de material que vocês construir. No contrato ta de material, nós temos o tijolo e eles foram brigar.

11. Havia água, luz e esgoto? E agora?

Não, água era só uma bica que eles buscavam. Era uma torneira aqui no Trevo e outra torneira... nem era uma torneira, era um empresário lá na parte dos pescadores, que tinha uma casa boa onde ele deixava o seu barco e ele instalou, puxou do clube, tem um clube de regatas ali embaixo da ponte, puxou água do clube e ali eles puxavam do clube pra eles também, mas é uma torneirinha.

12. Em 1998, no Trevo, como foram combatidas as drogas? E agora na CEVAL, continua esse problema? E se ainda existe, o que está sendo feito para resolver esse problema?

Bom, na época do Trevo, como eu te falei no início, nós não desistimos das atividades e do projeto que foi imposto pelos traficantes do lugar. Uma das exigências deles era que nós não entrássemos nas casa... Querem trabalhar, trabalhem só lá nas balanças lá em cima, a comunidade vai pra lá e nós não aceitamos isso, não aceitamos e começamos a trazer a comunidade pra nós, fazer muitas trocas, em que? Alimentação, roupas, é... Teve uma campanha de roupas que nós fizemos pra eles que eu lembro uma das moradoras disse: Renato pelo amor de Deus, eu não tenho onde colocar roupa na minha casa. Chega, roupa chega, pelo amor de Deus. Então as crianças estavam indo arrumadinhas para a escola, a comunidade começou a perceber isso. O meu filho não está servindo mais de deboche em sala de aula porque está indo arrumadinho, está indo de tenizinho. Tinha criança que ia de pé descalço pra escola. As próprias se juntaram e fizeram uma cota pra comprar um chinelinho de dedo pra um menino lá, da comunidade. E após a nossa entrada na comunidade as crianças começaram a ir de tênis, a ir de vestidinho, de blusão. Eles iam de camiseta no inverno. Eu chegava a tirar do meu filho pra dar pra menininha lá que tava indo de camiseta pra escola que chegava a bater dente. Como é que uma criança dessas vai desenvolver dentro de um... dentro de uma sala de aula com frio, não é.? Não tem... e aí eles fizeram todo aquele processo da gente construir a praça eles iam lá e destruíam, nós construíamos escola, uma sala de aula e eles iam lá e destruíam a sala de aula. Teve até uma ocasião em que eles roubaram um transformador da ponte. A ponte ficou sem luz. No outro dia a polícia civil foi lá e bateu nos rapazes esses que tinham roubado o

transformador e eles acharam que éramos nós que tínhamos feito a denúncia. Ameaçaram que iam me dar um tiro, que iam dar um tiro na Jara. A Jara vai passar aqui na frente da minha casa e eu vou dar um tiro nela. E aí uma das líderes disse pra ele: “se tu deres um tiro na Jara tu vai dar um tiro em todas nós, tu vai ter que ter mais de uma munição no teu revólver”, e aí eles começaram a parar de interferir. Hoje eu vejo aqui na Ceval que não existem mais traficante. Pelo que eu soube, os dois que faziam tráfico lá dentro, em vez de vir pra Ceval, voltaram pra beira do canal ali no Simões Lopes.

13. O que faz com que essas pessoas usem drogas?

Exclusão social, não é, dificuldade de oportunidade. Tens pessoas que se aproveitam da ignorância deles. Imagina um menino de oito, nove anos de idade puxando carrocinha de papelão no centro. Aí aparece um traficante lá e diz; olha aqui oh, essa tua comunidade tem condições de ter uma vida melhor através da tua pessoa, quem sabe tu começa a trabalhar conosco aqui, distribui aqui, os caras param com o carro aqui na BR, tu vai ali... mas eu só soube de casos de encostar carros no acostamento da BR e eles, os próprios entregarem pro usuário e... Eles mesmo faziam esse trabalho, não usavam aviãozinho.

14. Como era o deslocamento dos moradores a outros pontos da cidade no tempo do Trevo? E agora na Ceval?

O deslocamento deles era a pé, de carroça, né, se desloca a pé, puxando a carrocinha dele e continua assim. A maioria hoje já tem carroça, puxada a tração animal. Não tinha transporte coletivo no tempo do Trevo. Os idosos estão tendo agora ali na... porque o mais novo além de não ter o dinheiro, ainda, pra se deslocar até o centro através do transporte coletivo, ele acha perto demais pra fazer isso, acha desnecessário. Puxa, vou dar um e quarenta e cinco, ou alguma coisa assim que está o ônibus, o valor, pra se andar o que/, dez quadras. Não vou a pé. Agora, os idosos não, os idosos pegam o ônibus ali, na avenida Brasil, não paga, não é e vão pro centro de ônibus. Porque lá no Trevo não tinha ônibus, não é. Na Ceval eles estão muito mais perto do centro. A Avenida Brasil é cinco quadras do centro, então bem mais próximo, até pra quem puxa a carrocinha ta com mais facilidade, uma maior proximidade, sem falar na BR que eles tinham que puxar a carrocinha pelo acostamento, onde que eu lembre durante o projeto uns dois ou três foram atropelados puxando carroça no acostamento porque o carro

desgovernou, ou o caminhão foi ultrapassar outro.

15. Como eram as casas no tempo do Trevo? E agora, na CEVAL?

Não eram casas, eram casebre, eram barracos quase caído, sem estrutura nenhuma, casa sem telha forrada com lona, sem piso, com chão batido. Hoje não. Hoje tem casa até de material, de alvenaria, chalés bem feitiños, com telhados, com alpendre, com área pra eles tomarem chimarrão em baixo do alpendre que eles gostam muito, com piso, com assoalho, janela, tudo... As casas de alvenaria estão sendo construída com sistema de mutirão, não é. Os próprios moradores auxiliam, ajudam os outros a construir. Material, alguns compram, outros ganham. Alguma coisa se conseguiu através de doações. As fundações é construída por uma empreiteira e as casas em regime de mutirão. O esgoto está por sair, está em promessa.

16. Como a comunidade participa, ajuda a professora Jara quando ela realiza algum trabalho na comunidade? A comunidade sempre colaborou como hoje? Porquê?

Isso veio com o tempo, não é. Nosso início de lá, no Trevo tinha sábados que eu e a Jara ficávamos olhando um pro outro, porque a comunidade não subia pra balança tinha um certo receio, não subia ali onde era as balanças, onde a gente desenvolvia os projetos. O que será que eles querem conosco, era a pergunta deles. Acho que demorou um mês e alguma coisa assim pra eles adquirirem no nosso trabalho e em nós. Porque a princípio, todas as pessoas que se aproximavam deles era pra pedir voto, nunca mais aparecia ou pro natal pra doar tal cesta básica ou presente e não apareciam mais. E então eles ficavam pensando, o que é que esse pessoal quer aqui todos os sábados? O que é que eles querem? Até que nós começamos a... já que eles não vinham até nós, nós passamos nas casas pra explicar o projeto, e não adiantou muito. Nós começamos a ir, então, até eles. Contratamos até um carro com megafone pra na comunidade, “hoje tem gincana, cesta básica de prêmio!”, e aí o pessoal começou a subir e a acreditar no projeto e aí começaram a trabalhar junto. E aí nós tivemos a percepção de identificar quem poderia ser líder, e tivemos muita sorte em identificar essas pessoas, e acertar nessas pessoas porque a partir do momento que nós descobrimos essas lideranças essa liderança passou a, passava toda a semana trabalhando junto à comunidade pra, no sábado, nós desenvolvemos nosso trabalho.

Então chegava no sábado a líder já tinha acionado toda a comunidade, daí eles subiam pra balança pra desenvolver trabalho de reforça escolar, gincana, atividade esportiva. Pegava os meninos e levava para uma quadra de esportes e fazia um campeonato entre eles de futebol de sete, essas coisas todas, aí em vez de eu levar a bola eu nomeava um líder dos meninos para guardar a bola e essa tinha que estar intacta no outro fim de semana. Ainda exigia deles: eu não quero que ninguém venda essa bola, porque essa bola vai nos acompanhar até o final do projeto ou até ela se extraviar de vez. Aí nós compramos outra, mas foi comprada com sacrifício e nós vamos cuidar ela pra vocês ter um futebol todo o fim de semana. Aí foi tão bacana, que eu lembro que isso foi num sábado, na quinta-feira um menino ligou pro meu celular a cobrar, eu atendi: tio Renato hoje não tem aula é feriado, nós podemos jogar bola no campinho com bola? Ah, pode, mas cuidado com a bola. Entende-se? Então eles começaram a... Chegava no sábado tava lá a bola inteirinha de novo, foi bacana assim deles não terem extraviado, não terem vendido a bola, não terem trocado.

17. Que projetos mais marcaram a comunidade entre os anos de 1998 e 2005, na sua opinião?

Bom, ah, o principal eu acho que foi o projeto de construção da sala de aula. Nós pensávamos, nós conversávamos um com o outro. Meu Deus, se eles não querem irem nem pra escola, tu imagina se eles vão perder o sábado. Isso foi em 1999. Eles não querem nem ir pra escola, eles vão perder o sábado a tarde aqui estudando? E quando vê tudo começou a dar certo, os adultos pediram para participar do projeto pra poder assinar o nome, que eles tinham vergonha de chegar no banco, os aposentados e colocar o dedo na caixinha do carimbo pra poder a assinar. Então tens que ver, foi coisa assim que nos motivou muito a alegria de dois três idosos, trazendo um caderno com seu nome assinado, tava assinando o, nome já. Esse foi um dos projetos e o outro quando nós tomamos a decisão de invadir o terreno, em 2002, aqui e desenvolver o projeto das casas. Foi outro grande momento e marcou muito porque nós também não acreditávamos que nós iríamos tirar aquele pessoal de lá daquele lugar, porque eles tinham tanto vínculo com aquele lugar; residiam lá cerca de quinze vinte anos. E o que mais nos surpreendeu é que tinha gente que tinha casa de alvenaria ali, desmanchou e foi pra lá, foi pra Ceval. Foi dois projetos, o escolar e o de invasão do terreno, foi muito importante. Foi marcante.

18. Quando vocês começaram a se reunir para fazer assembléias e discutir os problemas da comunidade?

Eu não tenho certeza, mas nós levamos um tempo pra aproximar a comunidade do nosso grupo, o fator confiança e essa coisa toda, que eles tinham receio quanto a alguns homens da comunidade, traficantes e alguns outros empecilhos que impediam de nós termos uma aproximação mais rápida da comunidade. Mas primeiro nós fizemos todos um trabalho de atração da comunidade, através de gincanas, sopão, levávamos grupo de pagode, eles dançavam eles cantavam, eles... é... Papai Noel... Pegamos um senhor da comunidade, que é ainda gordo, e vestimos esse morador de Papai Noel. Ele chegou de carroça, Papai Noel de carroça. Então aí eles começaram a ter confiança no nosso trabalho e a partir de um determinado momento, não sei se a partir de uns seis meses depois nós começamos, então bom pessoal, agora nós vamos traçar algumas metas que é: resgate da cidadania de vocês, crianças na escola, qualidade de vida melhor, luz, água, limpeza do local, conseguimos o exército. Três quatro caminhões do exército, máquina para limpar aquele local, e aí eles virão que as coisas começaram a mudar e viram que poderiam confiar em nós e a partir dali, então, as vidas começaram a se mobilizar, se mobilizaram, né, e dali em diante não paramos mais, né, só conseguimos conquistar coisas boas pra eles.

19. Como eram tomadas as decisões na comunidade antes do ecomunitarismo? E agora? Bom, antes eles não tomavam decisões nenhuma. Era cada um por si, era terra de ninguém ali. Se discutissem entre eles e tivessem que dar um tiro um no outro, é... Tanto é que quando nós assumimos lá, tinha um morador com um, tiro na perna porque o outro lá não sei o que, pegou a cachaça dele, se davam um tiro por nada. Esfaqueamento assim, por nada, por bobagem, coisa assim de um querer mostrar que era mais líder do que o outro, que tinha mais força do que outro. Depois nós buscamos a organização das decisões. Fazíamos assembléias, fazíamos votação, e incrível assim que quando um discordava, um morador discordava de alguma coisa os demais conseguiam – não precisavam nem da nossa ajuda – trabalhar esse morador pra que ele conseguisse acompanhar as decisões do grupo. Inclusive até no momento de mudar pra Ceval, tinha morador que de jeito nenhum não ia e hoje está lá com uma rica casa e satisfeito, com o local onde está morando.

20. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarismo? Quais são hoje as fontes de renda e como vocês organizam estas fontes de renda? (individual, cooperativa, etc.)

Bom, eles faturavam a venda do papelão... Eles eram muito explorados. Eles buscavam o papelão no comércio no centro, passavam acumulando papelão toda a semana, pilhas de papelão. Se chovesse naquela semana o papelão molhava. O atravessador que comprava o papelão deles que levava pra Porto Alegre, pegava esse papelão molhado e bom: Não pra pesar esse papelão molhado, vou levar pro depósito, vou esperar secar e depois digo pra vocês quanto é que deu. Só que tu imagina, o cara explorava esse pessoal, dizia que tinha dado dez reais, no entanto dava cinquenta, quarenta reais. Entendesse. Eles eram extremamente explorados. E a média lá, tinha famílias que faturavam cento e oitenta, tinha umas de duzentos reais, mas era essa média de duzentos reais. Essa renda provinha do papelão e do outro lado do peixe, do pescado. O pescado dava uma renda maior. Era a comunidade que nós dizíamos que era uma comunidade mais rica, porque eles não ficavam só no pescado também, eles cortavam a palha do santa fé, a palha do santa fé, e vendiam pra esses galpões, aqueles quiosques que eles fazem com santa fé era caro aquilo. Aquilo ali teve pescador que eu lembro na época que numa venda daquilo ele faturou mil e quinhentos reais. Bem, com a vinda pra cá nós acabamos com o atravessador. Agora é venda direta, e agora com a cooperativa todos vão produzir juntos e o montante vai ser maior. Não tinham, organização nenhum, a no tempo do Trevo. Eles roubavam papelão um do outro. Na madrugada iam lá e roubavam papelão do outro, o outro daqui a pouco via que sumia papelão queria dar tiro não sei em quem porque sumiu o papelão dele. E essas armas que usavam eram roubadas.

21. O que melhorou, o que piorou e o que resta fazer, na sua opinião?

Olha, pior do que eles estavam lá, impossível. Não tem como. Acho que pode piorar, pode piorar, hoje que eu tenho certo receio é a de uma desintegração da comunidade, que eu acho que não vai acontecer. O que é que melhorou? A união deles, a vontade de ter uma melhor qualidade de vida, eles descobriram que tem força, que unidos eles tem força. O que é que vai melhorar? Uma organização da cooperativa, porque o que tem a fazer nós já fizemos que foi fazer que eles cainhassem com as próprias pernas. Porque o encerramento do projeto agora? Porque na análise da professora Jara, que

é coordenadora junto com o grupo, agora, eles tem plenas condições de administrarem a cooperativa o a condomínio onde eles moram, porque hoje nós podemos afirmar que tem quatro ou cinco pessoas qualificadas e tocar o negócio deles pra frente.

22. Que sonhos vocês ainda têm para o futuro da comunidade?

Tem. O trabalho que nós desenvolvemos e brigamos muito por isso, que é a inclusão das crianças na escola. E eu acho que essas crianças tendo roupa pra ir à escola, tendo material escolar e refeição, a esperança é essas crianças saírem desse ambiente e ainda proporcionarem uma melhor qualidade de vida pra própria família. A esperança é nas crianças. Então a esperança é esta, de as crianças mudarem a vida daquela comunidade num trabalho de base.

23. Existia solidariedade na comunidade antes do projeto? E hoje?

Não, nenhuma! Solidariedade, é... uma coisa que nós percebemos, assim, um fato que nós percebemos, que tinha um ou dois morador que um tinha um carro muito velho, outro tinha um fuca, e eles tinham preocupação com a saúde da comunidade e não sei como, quase sem combustível eles conseguiam levar na madrugada o doente para o pronto socorro... Essa questão assim de doença, de casos graves, na saúde eu acho que havia uma preocupação deles. Fora isso era cada um por si. Hoje eles são preocupados. Hoje o fulano ao invés de ir pro boteco tomar cachaça ele fica toda a tarde de sábado construindo a casa do outro.

24. Como convivem com as diferenças religiosas, sexuais, políticas, dentro da comunidade? *As pessoas respeitam as diferenças?*

Olha, essas diferenças eu acho que não são muito percebidas por eles. Não tem muita noção disso. Religião é a grande maioria ali, que eu percebi, são umbandistas, boa parte da comunidade é ateu, não acredita em nada praticamente, outros são católicos e vivem com respeito em relação ao outro quanto a questão de religião, nunca tiveram divergência nenhuma, nunca soube de nada de divergência nenhuma entre eles. Quanto à sexualidade, também acho que nunca teve problema de preconceito.

25. Quais os principais objetivos (e atividades) desenvolvidas na comunidade, ao longo desses sete anos, na sua opinião?

Inclusão escolar, inclusão na sociedade, entre aspas, falta muito pra se fazer, de repente agora

com a cooperativa pode melhorar alguma coisa pra eles. Respeito pela da sociedade pela comunidade. Hoje, não é qualquer um que entra na comunidade e faz o que quer. Eles construíram uma liderança entre de que eles... qualquer coisa que for ser feita a comunidade tem que passar com essa liderança e então eles vão decidir juntos. Não é mais ali o morador da frente que diz: "Não pode trazer aqui a luz e botar ali daquele lado". Tudo hoje é consensual.

26. Quais os principais resultados obtidos, em vista do que se pretendia?

É como eu te disse, muitos objetivos foram atingidos, não é. Pra mim o principal é a inclusão escolar. O objetivo maior desde o início, sete que nós vínhamos brigando com a prefeitura é a formação de uma cooperativa, e agora eu acho que nós vamos conseguir. Estão com toda a estrutura para uma cooperativa, foram a Porto Alegre tiveram um curso, estão qualificados para montar uma cooperativa. Então os objetivos eram fazer um trabalho de base, com as crianças, inclusão da comunidade infantil que estavam fora da escola na escola e a inclusão das mulheres no mercado de trabalho. Nós fizemos até uma página na internet para as mulheres pra trabalhar de faxineira, baba, caseiros. Não sei te afirmar se ainda está funcionando, mas a princípio estava, uma página na internet aonde está os dados da Cica por exemplo, que é uma das líderes, então ali tem nome, endereço, telefone pra contato, que geralmente é meu, da Jara. É uma forma de inclusão no mercado de trabalho.

27. Em que atividade você participou e quanto tempo permaneceu no projeto?

Na realidade eu participei de quase todas, embora no finalzinho dando aula e fazendo mestrado, então eu tive pouco tempo pra participar, eu me afastei nos dois últimos anos.

28. Mudou o seu ponto de vista político?

Eu já tinha uma noção da vida política, social, dessa classe de pessoas que são excluídas da sociedade. Até porque eu fui muitos anos militar e eu vivi muito tempo envolvido com esse tipo de comunidade. Sempre me preocupava com essas questões, e foi o que me atraiu e bom, agora nesse projeto é que eu vou conseguir executar o que eu sempre fiquei com... penalizado pela situação ou praticando assistencialismo e elas doavam alguma coisa... Então não me surpreendeu muita coisa eu já tinha noção do que era isso. O lado positivo é que eu consegui perceber que nós conseguimos, as pessoas conseguem mudar muitas coisas se tu acreditar naquilo que tu estas fazendo. Tornar as

peças mais humanas, tornar as peças mais éticas, mais integradas, então, tu nunca sabes tudo, a aprendizagem é permanente, eu adquiri algumas experiências, até o uso da prática. Eu tinha muita teoria trabalhando nesse projeto aí e vendo que é possível mudança.

29. Mudou o seu ponto de vista em relação (*aos pobres*) as comunidades carentes?

Não, eu já conhecia muito bem o lado da comunidade carente e o meu ponto de vista é que as pessoas que são excluídas elas tem condições, tem as mesmas condições de desenvolver qualquer atividade que uma pessoa que faz parte da sociedade consegue desenvolver. É só tomar cuidado com a pessoa, trabalhar ela, tem que querer. Ela tem que ter vontade que ocorra essa mudança, ela tem que ter força de vontade, essa pessoa tem que estar aberta pra ela própria ter uma condição de vida, uma qualidade de vida melhor do que já tem. Então eu vejo assim muito é, como é que eu vou te dizer? Eu vejo que as pessoas é possível desenvolver um trabalho de conscientização mesmo a pessoa ignorante, porque ela tem a faculdade da vida. Isso foi uma coisa que eu aprendi muito com eles. Eles têm a faculdade da vida, eles sabem quando tem que dar um conselho pra não fazer quilo ali, porque aquilo ali vai dar problema. Eles podem não saber como tomar uma pílula de anticoncepcional mas eles tem outras coisas pra te ensinar que tu pensa que tu sabes mas tu não vivenciou isso e eles vivenciam tudo que é tipo de experiência que tu pode imaginar eles já vivenciaram até pelo próprio nível de vida que eles tem.

30. Mudou a visão que você tinha em relação ao seu papel na comunidade (*sociedade*)?

Mudou. Tu acredita que mudou pra melhor. Porque todo esse trabalho que nós realizamos lá, muitas vezes me deu vontade de desistir, não só em mim, mas na própria Jara provavelmente. Informalmente nós conversando, poxa, mas é difícil trabalhar assim. Mudou porque eu descobri que uma força que tu tens, quanto mais tu vê as pessoas querendo mudar de vida mais vontade te dá de fazer essas pessoas mudarem de vida. Então tu deixas de ser o bonzinho por uma vez no por ano de ajudar aquelas pessoas uma vez no ano. Para aí, se ela quer se ajudar e eu quero ajudar, fechou, encaixou. Então nós começamos a trabalhar, trabalhar, trabalhar e ver só resultados positivos, resultados positivos. Um negativo no meio desses cem positivos e vimos que nós tínhamos muita força e eu próprio vi que bom esse trabalho que eu estou fazendo. Que legal, até reconhecido por vários ramos da sociedade eu fui reconhecido por estar

desenvolvendo esse tipo de trabalho. Na própria escola que eu dou aula, até hoje nós tivemos uma gincana e uma das tarefas era da gincana é a equipe que mais trás alimentos pra escola, e esses alimentos, ah..., eu envolvi a escola em doações pra comunidade e agora na gincana passada nós levamos uma tonelada e meia em alimentos pra comunidade. E a escola... eu sou reconhecido na escola de uma forma gratificante, positiva. A direção mesmo da escola pediu pra trabalhar comigo entregar esses materiais pra eles. Então é assim, antes da gincana a direção já começa a se mobilizar, oh Renato vamos se mobilizar pra tal dia, não sei o que vamos lá deixar pra próximo do dia da criança, vamos deixar pra próximo doutra data e isso envolve a vida das pessoas; e acaba te envolvendo e tu vê que as pessoas que estão ao teu redor querem, te reconhecem e querem te ajudar.

31. Mudou sua visão em relação à Universidade?

Eu acho que a Universidade teve um papel importante nesse projeto e eu não os culpo por não acreditarem inicialmente nesse projeto, porque nós próprios não acreditávamos. Não é que não acreditávamos, mas tínhamos receio de que alguma coisa não fosse dar certo e vontade de desistir porque uma série, inúmeros obstáculos que nos enfrentávamos e a Universidade a mesma coisa. O que será que passava pela cabeça da reitoria, não é. Vale a pena nós investir, será que não vai trazer problema pra nós? Porque tudo tem que ser pensado, e se não dá certo? Lidar com o fracasso não é fácil. Mas eu acho assim, que a Jara fez um trabalho bom de articulador, que nós trabalhamos muito... é... bom de articulador significa um ensino teórico e prático, teoria e prática sendo trabalhadas, a Universidade nos apoiou e eu acho que não teve muita mudança... eu acho que é difícil de conseguir uma instituição pra te ajudar, pra te auxiliar num trabalho desses. Eu acho que Universidade cumpriu o papel dela.

E a Universidade como um todo? Eu tive uma visão diferente, e eu acho que esse trabalho é muito pequenininho em relação a Universidade que tu falas. O trabalho pequeno é aquele lá do beija flor com agulha no bico apagando o incêndio na mata. Mas eu acredito que se todo o universo de que tu fala desenvolvesse trabalhos na área do social a mudança seria maior. Não consigo ver uma mudança isolada no universo. Vi mudança de pessoas. O que me surpreendeu muito foi a comunidade em geral, onde tu pedias um apoio esse apoio era dado, então isso foi importante porque contagiou a comunidade.

Hoje em dia tu falas no projeto ecomunitarismo muitas instituições aqui mesmo da própria Pelotas sabem o que é porque ajudaram o projeto, fizeram parte do projeto. Tanto é que eu acho que tu veio aqui na entrega de prêmios, não é, e faltou muita gente e teve muita gente que participou que não aparecia no projeto. Então eu acho que nós atingimos um universo muito grande.

32. O que você acha que mais mudou em você? Teve algumas mudanças na questão de sensibilidade, eu me tornei um cara mais sensível. Hoje eu consigo ver as coisas numa maior profundidade, eu consigo me transportar para o lugar daquela que tá mendigando, que tá passando um trabalho. Eu não consigo hoje se ver uma pessoa caída, eu não consigo não parar e não botar essa pessoa dentro do meu carro e não levar para um pronto socorro, de tanto sofrimento que eu já vi, de tantos problemas na própria comunidade que eu já passei com eles, entendesse. Tu ficas com o coração mais mole como a gente diz, não é. Tu te tornas uma pessoa mais sensível. E gratificado, né, gratificado por tudo que tu fez, não fiz sozinho, se trabalhou em equipe, a Jara não fez sozinha e coisa boa... Sabe que eu não dava bola pra isso, mas hoje um carroceiro passa por mim e oi seu Renato, não sei o que juntando papelão na rua e oi, oi. Às vezes até não me vêem e eu abano, chamo atenção: cuidado com essa carroça sem carteira. Tem carteira pra carroça? Faço aquela brincadeira. E aí as pessoas que estão comigo, outros professores..., o quê?! Da onde tu conheces essa gente?!

Comentário livre da Cooperativa

O que eu sei é que eles vão comprar todo o material pra prensar papelão, toda a estrutura para que eles possam trabalhar com a separação do lixo. Eles ao invés de irem, ali, na antiga fábrica de papel, vender o lixo, eles vão trabalhar essa seleção, vão prensar, e eles mesmo vão encaminhar. Vai ter uma fonte de renda única a partir dali. Com essa associação eu acho que é o momento de eles decolarem, com as crianças na escola, um mínimo de qualidade de vida eu acho que eles vão adquirir.

Entrevista com Neuza C. da Silva

Ecóloga e Pedagoga Pela Universidade Católica
de Pelotas
Mestranda do MEA

**Período de atuação - 6 meses em 2003 de
março a agosto**

1. Você sabe o que é ecomunitarismo? Caso saiba, explique.

Sim. É a comunidade que vive em comunhão, trabalha de forma de liderança sempre tendo uma pessoa liderando o grupo e que essa liderança seja passada pra outros do mesmo grupo, então que todos tenham a oportunidade de serem líderes.

2. Você sabe o que é EA? Caso saiba, explique.

Sim. EA, no meu entendimento, é onde nós trabalhamos o desenvolvimento da sensibilização da consciência do ser humano pras questões ambientais.

3. Você sabe o que é educação ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Sim. Educação ecomunitarista é aquela educação feita através da comunidade em conjunto. É uma educação construída.

4. Você sabe que tipo de ação social busca essa educação ambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Acredito que seja uma ação comunitária, uma ação que seja voltada pra todos da comunidade ecomunitária.

5. Você sabe o que é ordem socioambiental ecomunitarista?

Não

6. Você sabe quais são as três normas fundamentais da ética?

Imagino.

7. Como era a comunidade quando o pessoal morava no Trevo e como é agora na Ceval?

Quando era no Trevo essa comunidade ela não tinha sua residência, não tinha o seu lote, não era proprietária da sua casa. Viviam no meio de um banhado, com sérias dificuldades e hoje eles vivem num lugar melhor que não é uma área de banhado e cada um tem o seu terreno e sendo construído sua casinha.

8. Como era a saúde no Trevo e como é agora na Ceval?

Quando era no Trevo eles estavam mais acessível a doenças e agora estão mais

protegidos. Acredito que agora eles estão mais próximos, com recursos, eles não estão numa área úmida eles estão mais protegidos. Acredito que eles tenha melhorado a situação.

9. Tinha escola para a comunidade antes do projeto? E agora?

Não tinha no Trevo e nem na Ceval. Que eu saiba não.

10. Como era o relacionamento humano entre os integrantes da família no Trevo, e como é agora?

Entre marido e mulher – Acredito que a mesma coisa que era agora. Talvez tenha mudado alguma coisa no sentido de bem estar.
Demais itens sem resposta.

b. pais e filhos? E agora na CEVAL?

c. entre os irmãos? E agora na CEVAL?

d. demais integrantes familiares? E agora na CEVAL?

11. Havia água luz e esgoto no Trevo? Nem água, nem luz nem esgoto. E agora na Ceval? Água e luz com certeza já tem.

12. Em 98 no Trevo como foram combatidas as drogas?

Com trabalho social junto ao projeto da UCPel. Projeto Ecomunitarismo.

E agora na Ceval? Amenizou e esse acompanhamento continua. E de forma está sendo feito esse trabalho para resolver o problema das drogas? Está sendo feito através dos profissionais da psicologia, medicina, os profissionais, cada um dentro da sua área. Porque há um entrelaçamento entre o saber da Universidade com o saber popular desta comunidade, que eu acho muito importante.

13. O que faz com que essas pessoas usem drogas?

A falta de perspectiva emprego, a falta de perspectiva de futuro.

14. Como era o deslocamento do Trevo a outros pontos da cidade? E agora?

Acredito que da mesma forma. Eles andam muito de charrete, de bicicleta, a pé...

15. Como eram as casas no tempo do Trevo? E como é agora?

As casas no tempo do Trevo eram precárias e agora, na Ceval, começaram a construir casas de alvenaria, casas bem melhores.

16. Como a comunidade participa e ajuda a professora Jara quando ela realiza algum trabalho na comunidade?

Eles trabalham realmente em equipe, trabalham todos por um e um por todos.

17. Que projetos mais marcaram a comunidade entre os anos de 98 e 2005?

Não sei te dizer quais os que mais marcaram. Eu sei que eu tenho uma passagem neste período dentro dessa comunidade que eu trabalhei o reaproveitamento do lixo fazendo oficinas gerando renda com vinte duas mulheres da comunidade, e foi provado pra elas, elas mesmo provaram, pra si próprias, que através do lixo gera renda.

18. Quando o pessoal começou a se reunir para fazer assembléias e discutir os problemas da comunidade?

Datas assim, não sei.

19. Como eram tomadas as decisões na comunidade antes do projeto ecomunitarismo e como são tomadas agora?

Não sei.

20. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarismo, quais são hoje essas fontes e como o pessoal organiza essas fontes de renda?

Acredito que não tenha mudado muito, as fontes de renda não tenha mudado muito. Ali tem profissionais que trabalham com lixo, tem faxineira, têm serviços gerais, papeleiros, catadores.

21. O que melhorou, o que piorou e o que resta fazer, na tua opinião?

O que melhorou é que agora, acredito que eles tem mais dignidade, eles podem dizer que tem onde morar, o terreno é deles, a casa vai ser deles também e isto é uma coisa muito importante para o ser humano. Eles têm um referencial. Não saberia dizer o que piorou. Resta fazer muita coisa. Ainda tem que criar um centro em que possam fazer um encontro, fazer um curso que me parece agora já vai ser construído – um centro social. Tem que trabalhar bastante as questões ambientais com eles, colocar esgoto que não colocaram.

22. Que sonhos ainda tem para o futuro da comunidade?

Ah, acho que muitos sonhos.

23. Existia solidariedade na comunidade antes do projeto? E agora?

Não sei dizer por que não acompanhei antes do projeto, mas eu acho que solidariedade sempre se tem, sempre se tem. Não digo que total, mas sempre tem solidariedade.

24. Como a comunidade convive com as diferenças religiosas, sexuais, políticas?

Acho que convivem tranquilamente, acho que se respeitando mutuamente. Acho que o projeto ajudou.

25. Quais os principais objetivos (e atividades) desenvolvidos na comunidade ao longo desses sete anos?

Sobrevivência. *E isso era um objetivo do projeto?* Acho que também, não só, mas acho que também.

26. Quais os principais resultados obtidos, tendo em vista o que se pretendia?

Não posso falar muito do projeto né, não fui eu que..., mas eu acredito que foi alcançado já alguns objetivos bem significativos.

27. Em que atividade você participou e quanto tempo permaneceu no projeto?

Participei seis meses do projeto fazendo oficinas, eco-renda, pra gerar renda pra quem não tinha trabalho e precisava sobreviver.

28. Mudou o teu ponto de vista político?

Mudou. Antes de trabalhar lá eu não sabia o que se passava dentro da comunidade. A partir do momento em que fui pra lá trabalhando diretamente com essas mulheres, eu pude sentir a necessidade que essa comunidade tem financeira, de apoio, até vontade de crescer, muitos sonhos a alcançar. E eu mudei porque eu acho que eu consegui fazer parte desse sonho.

29. Mudou o seu ponto de vista em relação (aos pobres) as comunidades carentes?

Não. Sempre fui a favor de um trabalho comunitário e continuo da mesma forma. Só com vontade de fazer mais.

30. Mudou a visão que você tinha em relação ao seu papel na comunidade (sociedade)?

Não

31. Mudou sua visão em relação à Universidade?

Sim. Eu acho que esse trabalho da Universidade, como eu falei antes, esse entrelaçamento, é muito importante. Então esse é um projeto que mostra pra comunidade que tem que haver esse entrelaçamento entre Universidade, entre Universidade e o saber popular. Então, esse trabalho em conjunto com a Universidade e a comunidade é muito importante.

32. O que você acha que mais mudou em você?
O que mais mudou é que agora, depois de ter feito esse trabalho eu tenho certeza que sempre vale a pena e a gente sempre consegue o que a gente quer, basta ir ter vontade e trabalhar.

Entrevista com Marcus Siqueira da Cunha

Professor de direito Civil da Escola de Direito da UCPel

Especialista em Direito Comunitário Europeu pela Università Degli Stuo di Genova
Licenciado em História pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel

1. Você sabe o que é ecomunitarismo?

Bom, faço uma idéia pelo nome, pelas pessoas que a gente conhece que trabalham naquele projeto a gente faz uma idéia. Mas dizer assim, eu conheci o ecomunitarismo até para começar falando sobre esse tema através da professora Jara e de um amigo que participava do projeto e que me convidou para me aproximar daquela comunidade onde estava sendo desenvolvido aquele projeto. Eu entendi que é um projeto de além de auxiliar as pessoas em coisas praticas, também tem um caráter pedagógico, que procurava também valorizar a vida daquelas pessoas e nesse sentido, o ecomunitarismo seria uma coisa muito mais ampla do que simplesmente, vamos dizer assim, uma visão voltada para as questões ambientais, mais questão de inserção do ser humano mesmo numa condição melhor de vida. Entendi como um projeto que buscava um resgate daquelas pessoas que estavam completamente abandonadas, não é, e que aqui em Pelotas era simbólico embaixo da ponte, não é, de Rio Grande para resgatá-las a uma vida digna.

2. Você sabe o que é EA? Caso saiba explique.

A gente faz idéia assim, do que ouve, não é, educação ambiental... eu, um conceito mais amplo eu acho que é um pouco assim de reeducação do ser humano pra se relacionar do ser humano com o meio ambiente onde ele vive, e isso não passa só pela relação do homem com os vegetais ou os animais, mas também com o próprio homem, quer dizer, uma coisa mais ampla na verdade. A educação ambiental é também levar em consideração que o ser humano tem relação com os outros seres humanos e nesta relação também é preciso também se reeducar. Eu sempre pensei como educação ambiental isso, fazer uma reflexão levando em consideração outros aspectos que a gente não está habituado a levar, fazendo uma reflexão sobre a nossa condição no mundo e as relações que nós travamos, não é, que muitas vezes são irracionais, não é. Então fazer, uma reflexão agora... um novo olhar sobre tudo isso.

No sentido mais amplo acho que é uma educação ambiental não só no sentido de cuidar da natureza, mas de saber que o homem está inserido nesse contexto todo de relações com os outros homens, com os animais com os vegetais, estão inseridos nisto tudo aí.

3. Você sabe o que é educação ecomunitarista? Comente.

Sob esse nome eu presenciei algumas atividades e participei até como advogado nesse sentido de o ecomunitarismo seria não só aquela questão de cuidar dos rios, das árvores, do vento, da atmosfera, do ar que nós respiramos, mas cuidar daquela comunidade especificamente para que ela fosse... reinserisse na comunidade de Pelotas, na nossa região com cidadania, com aqueles princípios assim de relação com outros seres humanos também em pé de igualdade, que estavam completamente abandonados. Então pra mim é, a educação ecomunitarista é, a experiência que eu tive foi essa de participar de um projeto que estava tentando fazer o resgate de uma comunidade na verdade precisava se reinserir num sistema maior que a comunidade pelotense, aqui, no caso específico.

4. Você sabe que tipo de ação social busca a educação social ecomunitarista?

Eu entendi que também fosse essa a visão, não é, a de fazer daquelas pessoas que estavam, primeiro, num estágio completamente abandonadas, não só passassem para um patamar de pessoas assim numa condição melhor, cada uma pudesse cuidar da sua vida individualmente, mas que também chegassem num estágio superior que seria aquele de, vamos dizer assim, de equipar essas pessoas para atuarem como cidadãos mesmo, assim, atuando mais na sua comunidade através de uma experiência de resgate mesmo da auto estima, de resgate dos valores não só humanos individuais, mas também coletivos. Eu acho que nesta perspectiva de poder ser cidadão.

5. Você sabe o que é uma ordem socioambiental ecomunitarista? Comente.

Não, assim, entendido como conceito de ordem socioambiental ecomunitarista não, não saberia responder.

6. Você sabe quais são as três normas que fundamentam a ética ecomunitarista?

Não.

7. Como era a comunidade São Gonçalo quando moravam no Trevo e como é agora na Ceval?

Eu tive uma experiência rápida, agora na Ceval. A minha presença maior foi quando era ainda

ali a margem da BR, embaixo da ponte. Ali era visível, era até assim, era um exemplo que se dava de situação desumana mesmo. Foi a pior situação que eu vi em Pelotas, entre nós, não é. A pior situação de pessoas vivendo em situação de miséria absoluta foi aquela que eu presenciei ali na comunidade São Gonçalo, na ponte do Rio Grande. Eu participei, sou pelotense, nasci e cresci aqui, e não só como ativista político, também já freqüentei já várias situações de bairros afastados com problemas sociais graves, mas nunca tinha visto tamanha degradação como eu vi ali na comunidade São Gonçalo. E hoje, na comunidade do Ceval, que eu presenciei, no início como estou dizendo, ultimamente não tenho até estado presente lá, mas, se verificava uma série de razões que nos levava a crer que o projeto de resgate daquelas pessoas tinha atingido pelo menos naqueles passos iniciais de fazer com que aquelas pessoas que viviam em situação de miséria absoluta agora pudessem ter, pelo menos, a perspectiva de terem um lote descente, numa zona mais urbana, mais próxima do centro e com uma infra-estrutura mínima que seria um processo que deveria estar se completando agora, até, com a construção de moradias com tijolos, de alvenaria.

Eu presenciei esse período, né. Eu vi a situação dramática que eles vivem e vi que houve uma melhora substancial, numa série de fatores, inclusive isto, que eu acho que criou uma expectativa positiva para as pessoas muito grande, e isto é muito importante para fazer com que a auto-estima das pessoas se eleve.

8. Como era a saúde quando essas pessoas moravam no Trevo e como é agora na Ceval?

Como eu posso dizer? Posso dizer que...eu não da área da saúde, eu sou um advogado, professor. Poderia dizer assim: a situação que era antes era de precariedade total. A situação da comunidade quando vivia as margens da BR era uma situação degradante completa, no meio da água, no meio do lixo. Não poderia haver situação mais degradante do que aquela. Poderia haver uma situação igual aquela, pior do que aquela é difícil de se pensar. Agora, o simples fato de ser retirada da beira da água, dos ratos, de ser transferido para uma zona urbanizada, mais próxima do centro, isso já deu uma qualificação... Imagino que já deve ter havido um salto qualitativo imenso em termos de saúde pública, ali. Não sei aferir porque não sou um técnico dessa área, não conheço os dados dessa área.

Havia muitos óbitos naquela ocasião? Imagino que sim, porque as condições eram as piores, imagina no inverno, por exemplo, as pessoas

mais idosas e as crianças o que deviam padecer de doenças respiratórias, ali. Posso imaginar, mas não sei aferir. Se tu me perguntasses o que eu acho, acho que sim, mas, não posso atestar isso porque realmente não tenho os dados.

9. Tinha escolas para essa comunidade, antes do projeto ecomunitarista? E agora?

Que eu saiba, a única experiência, assim, de educação, que se teve ali, foi o projeto que a professora Jara deu início.

10. Como era o relacionamento humano entre os integrantes da família no tempo do Trevo? Entre marido e mulher, pai e filho, as relações familiares?

Não, isso eu não tenho conhecimento.

11. Havia água, luz esgoto, infra-estrutura no tempo do Trevo?

Não, isso eu recordo que não havia. Era uma luta antiga, porque, claro... o poder público ao mesmo tempo...luz parece que só tinha até um trecho parece. Água não tinha e luz só tinha até um trecho. Eu lembro de uma passagem que me chamou a atenção, porque, claro, como o poder público não tinha a interesse em fixar com aquelas pessoas naquela localidade, até por razões óbvias, ali é realmente perigoso, não é, tivemos até um acidente ali, grave, com carga de toras de árvores que caíram e atingiram crianças naquela localidade, que eu até advoguei em favor dessas crianças, estou ainda em processo. Claro que era uma situação de perigo, de desastre iminente. Qualquer acidente ia ter uma repercussão catastrófica muito grande. Então o poder público não tinha interesse em fazer com que aquelas pessoas fossem assentadas ali, realmente. Então essa coisa ficou muito assim, me parecia que era sonogado também o serviço público numa forma de fazer..., de desestimular que essas pessoas fossem para aquela localidade. E ao mesmo tempo o poder público não tinha uma outra área, pelo menos, que atendesse aos interesses daquela comunidade, como a comunidade era formada em grande parte por pescadores e catadores de lixo, era bem dividida a comunidade ali. E como tinham catadores de lixo e pescadores, eram pessoas que... Os catadores de lixo queriam ficar perto do centro pra poder coletar o lixo do centro e os pescadores queriam estar perto da água. Então ninguém queria sair dali, porque ninguém foi pra li por acaso; foram pra li porque era um lugar interessante pra eles, pra desenvolverem as atividades deles. Porque quando o poder público queria interferir, queria oferecer lotes lá no Getúlio Vargas, ninguém quis, claro, porque

um lote no Getúlio Vargas significaria não ter trabalho, seria não ter a chance de obter o lixo, próximo ao centro, não ter a chance de não ter o pescado. Então as opções que eram dadas pelo poder público não iam ao encontro das expectativas daquela situação. Quando a Ceval foi oferecida, bom, aí contemplou em parte, acho, grande parte da comunidade, se sentiu contemplada porque pode ficar perto do centro e pode ficar perto da água para desenvolver sua atividade.

12. Em 98, no Trevo, como foram combatidas as drogas?

Não. Noventa e oito, eu acho que me aproximei em noventa e nove, dois mil; não, não tenho conhecimento do que aconteceu.

13. Como se fazia o deslocamento dessas pessoas no tempo do Trevo e como é feito agora?

Posso contar um pouco do que eu vi. Eu vi muitas pessoas que ajudavam assim... voluntariamente. Quando tinha algum problema à professora Jara levava com o carro, de um amigo, de um conhecido, eram coisas feitas voluntariamente. Não existia um transporte organizado. Eu pude perceber naquele momento que o deslocamento das pessoas no centro da cidade era feito de charrete, ou a pé, de bicicleta, ou empurrando os carrinhos mesmo de coleta de lixo, não é, que a gente via muito naquela localidade coletores de lixo, não é. Então em grande parte a gente via esse tipo de deslocamento, porque não havia naquele momento um transporte coletivo, não é, que fizesse aquela linha, e servisse até mesmo; eu acho que a capacidade econômica daquelas pessoas também, mesmo que tivesse eu acho que não haveria ali possibilidade das pessoas pagarem para o transporte coletivo. Essa era a minha impressão, que eu tinha naquele momento. Mas efetivamente nós não tínhamos uma rede de transporte coletivo que servisse aquela comunidade de moradores da beira da estrada, da comunidade São Gonçalo. Então eu acho que hoje, até pela localidade, eu não sei também, pessoalmente, agora, não te dizer se hoje nós temos ali transporte coletivo, mas presumo que seja bem mais próximo, devido a localidade agora, do loteamento do Ceval, que facilita um fácil acesso à avenida Brasil e dali tem uma rede grande de ônibus que serve ao centro da cidade. Eu acho que é mais ou menos isso.

14. Como eram as casas no tempo do Trevo e como são agora na Ceval?

Eu pude ver muito mais ver as moradias no Trevo do que eu vi agora. Agora eu vi muito mais rapidamente, bem no início né. Eram casas localizadas, praticamente, dentro d'água, eram palafitas em grande parte e que inundavam em boa parte do ano e o lixo que era ali separado inundava nos pátios das casas... era uma situação ao extremo, como eu tinha narrado inicialmente. Agora claro, até pela condição de ser num lugar seco, um lugar mais salubre, o simples fato da localidade ser melhor as casas estão numa condição muito melhor. No início, eu disse quando as primeiras famílias foram construindo as suas casas logo se percebia que era outra condição. Um lugar muito mais limpo, muito mais seco, um lugar muito mais habitável.

15. De que forma a comunidade participa ou ajuda a professora Jara quando ela realiza algum tipo de trabalho nessa comunidade?

Eu acho que tem algumas lideranças na comunidade que auxiliam nessa relação da professora Jara com o grupo maior. Eu percebi sempre, desde o início, algumas lideranças é que fazem essa ligação, vamos dizer assim, que reúnem o pessoal, transmitem as informações que fazem com que a comunicação se dê de forma mais facilitada. Eu sempre vi isso, a professora Jara ligada a algumas lideranças que davam acesso ao contato com a maioria da população daquela região.

16. Que projetos marcaram mais a comunidade neste período de 98 a 2005?

A primeira coisa foi essa de conseguir mesmo, pra mim a coisa que eu acho que foi fundamental aí... Claro que tem muitas coisas que a gente pode dizer, mas se tivesse que dizer uma que eu acho que é fundamental, até pelo meu modo de ver as coisas, eu diria que foi a conquista do terreno da Ceval, pra mim foi revolucionária ali naquele contexto; porque, porque era coisa que... não adianta a gente oferecer também coisas assim que são de um nível superior, se as coisas de um nível inferior básicas não estão sendo supridas. Esta é a minha visão, não é. Eu acho que se a gente não tem um mínimo de condição física, de uma realidade assim do dia a dia das pessoas viverem num lugar minimamente aceitável é difícil de avançar em outra direção. Então, hoje, o que eu vejo, que foi revolucionário, acho que foi ter conseguido aquela área da Ceval que contemplava grande parte das expectativas daquela comunidade. Claro, daí por diante surgem outras coisas muito importantes que vão se acrescentando. Hoje, nesse instante em que nós estamos conversando, pelo menos eu leio nos jornais, agora eu conversei com algumas

peessoas, mas nesse instante nós estamos (?) as casas de alvenaria. Quer dizer, é um outro momento, nós vamos ter um bairro ali, em breve, com uma outra feição, humanizada, quase como um bairro qualquer que nós temos na cidade. Ele está inserido na cidade como era o projeto lá inicial mesmo, de reinserção daquela comunidade. Eu acho que é um sucesso total nesse sentido. Claro que nós temos muitas dificuldades, eu acho, imagino, e vejo até porque como eu advogo para muitas pessoas daquela localidade, também percebo as atividades gerais, não é, de informação de... econômica básica, mas eu percebo que o simples fato das pessoas estarem agora mais próximas do centro, urbanizadas, isso já, digamos assim, já elevou a auto estima daquela população e eles se sentem muito mais cidadãos.

17. Quando começaram a se reunir, vocês, alunos e a comunidade para fazer assembléias e discutir os problemas dessa comunidade?

Eu participei, eu comecei a participar em 99, me parece, e alguns aos sábados à tarde, vários encontros eu tive, muito mais como observador na verdade, muito mais como alguém que levava algumas informações jurídicas básicas e ouvia muito. É daquelas coisas assim que a gente aprende muito ouvindo os outros mesmo. Na verdade eu aprendi muito com o projeto, neste sentido, porque a partir dali eu pude perceber que várias coisas que eu coloco em pratica na sala de aula como professor de direito civil e que eu vou mencionar depois como advogado também, foram marcados por aquela experiência, porque eu passei a ter uma visão diferente da minha cidade a partir da minha experiência com aquela comunidade São Gonçalo. Eu diria assim até eu hoje advogo na área previdenciária em grande parte por influência do próprio projeto ecomunitarismo, por quê? Porque eu com o meu direito civil podia fazer muito pouco às vezes por aquela comunidade. Agora, com o direito previdenciário a gente pode fazer muita coisa numa área pobre da cidade que tem muitas carências, não é. Em grande parte eu fui influenciado e hoje sou advogado na área previdenciária, continuo na área de direito civil, mas sou advogado na área previdenciária hoje muito em função desse contato que eu tive com o ecomunitarismo ali.

18. Como eram tomadas as decisões na comunidade antes do ecomunitarismo e como são tomadas agora?

Eu tinha conhecimento de muitos atritos naquela comunidade em razão daquela divisão

que existia ali entre pescadores e catadores. Então havia uma disputa muito grande, uma briga muito grande e alguns atritos até permaneciam, até mesmo depois as tentativas de tentar organizar melhor, não é, aquela comunidade, que foi uma tentativa também que a professora Jara tentou auxiliar. Mas eu acho que foi muito proveitoso, eu acho que essas reuniões, vamos dizer assim, como sempre acontece, o desconhecido é sempre hostilizado, nos coloca em uma situação de risco, eles não sabem o que pode vir, o que pode esperar, e a simples aproximação que foi feita, propiciada pelo projeto da professora Jara eu percebi que foi possível a partir dali um diálogo maior. E aqueles atritos que eram freqüentes foram sendo menos freqüentes a partir do momento que aquela comunidade teve de se conhecer.

19. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarista e quais são hoje?

A respeito das fontes, claro, eu tinha conhecimento de doações, de ajuda que foram feitas, voluntariamente, da própria Universidade Católica de Pelotas, que de alguma maneira, também colabora, porque propicia que a professora Jara também tenha esse projeto e nós temos que pensar assim: várias parcerias que foram feitas, não é, mas eu, precisamente, talvez não soubesse apontar todos aqueles que colaboraram, mas muitas pessoas individualmente e instituições colaboraram. Outros eu vejo que evoluiu para uma coisa mais institucional no sentido de... e agora eu vejo que a prefeitura municipal auxiliava; eu me lembro também da participação de secretários municipais, tentando também colaborar, mas hoje eu acho que evoluiu para uma coisa mais institucionalizada e eu participei de uma reunião com a prefeitura municipal com o secretário Fabrício a respeito daquelas verbas que já tinham sido requeridas, agora, então, por fim, já haviam chagado para a conclusão das casas de alvenaria nesse projeto de mutirão de construção das casas que eu acho que é um passo importantíssimo aí que está sendo dado, que eu acho que consolida mesmo, né... de uma certa maneira eu diria que atinge os objetivos básicos pretendidos lá, inicialmente, pelo projeto ecomunitarista que agora se concretizam. Claro que tem muita coisa daí pra diante, mas eu acho que foi um passo importantíssimo.

20. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarismo, quais são hoje e como se organizam estas fontes de renda?

Não tenho conhecimento.

21. O que tu achas que melhorou e o que piorou no decorrer deste projeto?

Eu vejo uma melhora substancial, claro que eu não sou capaz assim, até pela minha forma de aproximação com o projeto, eu posso avaliar assim, é, superficialmente, não tenho como avaliar. Eu avalio mais como um espectador, propriamente, e olhando para a situação que nós tínhamos foi uma revolução para aquela comunidade. Por mais que nós tenhamos problemas, hoje, se enfrentamos esse ou aquele problema, eu duvido que a situação anterior pudesse ser de qualquer forma melhor do que a de hoje. Foi um sucesso total nesse sentido. Realmente a atividade desenvolvida com aquela comunidade foi espantosa. Pode-se dizer que foi um sucesso total. Claro que pode-se dizer que ah, isso, ou aquilo, era melhor aqui ou lá... eu não saberia dizer, pra mim olhando como expectador, eu diria que houve uma melhora visível de todas as condições básicas e eu acredito, pelo que eu ouvi dizer, inicialmente, uma visão de mundo também. Eu acredito que se estas questões básicas são melhoradas todas as demais são melhoradas.

22. Que sonhos tu crês que essa comunidade ainda tem para o seu futuro?

O sonho de uma comunidade pobre assim como qualquer outra comunidade eu acho que primeiro é esse que eles estão atingindo agora da casa própria que é fundamental para qualquer ser humano, não é, e que eu acho que eles estão conseguindo atingir mais até rapidamente que muitas pessoas. Tem muitas pessoas que “isoladamente” estão aí e não conseguem durante a vida ter a sua casa própria, de material, então agora nós estamos evoluindo para uma situação que coletivamente organizada e estão obtendo algo que individualmente dificilmente conseguiriam. Isso é um, acho que é fundamental que eles estão eles estão conseguindo.

Agora, é claro, depois disso o que é que se quer. Depois que se tem onde morar, que se tem a casa dos filhos, se quer um trabalho, uma renda, se quer fazer parte do sistema previdenciário, poder contribuir para o INSS, poder ter uma carteira assinada, os sonhos são aqueles de todo o ser humano, quer dizer, de ter um teto, de ter uma moradia descente para sua família, e quer ter recursos pra poder prover a sua subsistência e da sua família, minimamente, dignamente. Acho que os sonhos são esses basicamente, não é. E se estava muito longe para aquela comunidade, hoje estão muito mais próximos de serem atingidos; até porque eu presumo, eu não

sei, não sei esse dado, mas presumo que o simples fato das pessoas viverem em uma comunidade melhor até para conseguir um emprego vai ficar mais fácil. É mais fácil uma pessoa conseguir um emprego morando na localidade da Ceval do que dando como endereço a margem da BR no São Gonçalo. Ali a comunidade é discriminada até pela própria localidade.

Dar um emprego para uma pessoa que morava na beira da estrada é uma coisa, dar um emprego para uma pessoa que tem um endereço certo, numa região central, dentro da cidade, eu acho que é outra coisa. Até o status vamos dizer assim da comunidade melhorou e isso deve ter facilitado, presumo, não sei, mas deve ter facilitado, também, o acesso ao trabalho.

23. Existia solidariedade na comunidade antes do projeto? E agora?

Eu acho que só pode ter havido, eu acho assim oh, é, pelas conseqüências do eu vejo o desenvolvimento. Só pode ter... eu só acredito que só possa ter havido esse progresso com aquela comunidade porque de alguma forma os valores de solidariedade se sobrepuseram aos egoísmos. Mas claro que egoísmo deve ter havido e deve haver. Os seres humanos, nós temos essa dualidade, não temos só os instintos e os impulsos pró-solidariedade. Nós temos, também, os impulsos individualistas e egoístas, mas prevaleceu, eu diria, sem dúvida nenhuma, que só pode uma comunidade crescer e também digo isso olhando como espectador, só pode crescer e atingir os objetivos que atingiu se conseguiu fazer prevalecer os valores da solidariedade.

24. Como convivem essas pessoas com as diferenças religiosas, sexuais, políticas no seio da comunidade?

Eu tenho muito pouco contato sobre esse aspecto. Eu não saberia te dizer, porque é um aspecto que eu muito pouco convivo, nesse, sobre esse enfoque, não é. Eu disse, como advogado eu sempre fui para as reuniões para ouvir e para aprender com a comunidade e depois muito mais para orientá-los naquela direção, juridicamente falando. Não lembro de ter visto, assim, e presenciado atritos dessa natureza, mas presumo que deve ter havido como qualquer outra comunidade há atritos dessa natureza. Não sei ali dizer especificamente como isso se desenvolveu. Como é que a coisa evoluiu.

25. Quais seriam os principais objetivos e atividades desenvolvidas na comunidade ao longo desses sete anos?

Acho que o objetivo fundamental nesse tipo de caso viu, o fundamental era reerguer aquela comunidade no sentido de trazê-los a uma situação de cidadania, assim né, no sentido amplo, né. As pessoas agora vivem numa condição mais digna, mais humana, mas também são pessoas que agora, então, também, passam por uma nova etapa de poderem até reivindicar mais, de poderem se organizar, de poderem perceber que organizados tem força para atingir os objetivos, os sonhos que são de cada um, não é.

Eu acho que isso, esse objetivo que é o fundamental, que era retirá-los da situação de miséria absoluta, mesmo de pobreza, mas de maior dignidade, eu acho que esse é objetivo, eu diria, até com folga. Agora, é claro, eu acho que não para aí, né. Quando a gente consegue atingir uma determinada etapa e gente quer andar mais adiante. Mas eu diria que é um sucesso já. Aqueles que pretendiam colaborar e ajudar na organização daquela comunidade que estava completamente abandonada, hoje tem uma condição de dignidade muito maior diante daquela situação só pode ser motivo de orgulho mesmo e satisfação.

26. Quais os principais resultados obtidos tendo em vista o que se pretendia?

Eu presumo que conhecendo um pouco essas coisas de gente que sonha e depois quer colocar em pratica, há uma grande distância entre o que se sonha e o que se conseguiu realizar. E há uma tendência da gente depois como sonhador, lamentar que os sonhos não foram atingidos, não é, mas vezes a realidade surpreende mais do que os sonhos da gente. Eu acredito muito nisso hoje, mas eu compreendo que muitas pessoas,... não mas que nós sonhamos com mais do que isso e agora... por exemplo, deve ser uma questão agora colocada, também presumo, até também eu não sei, assim especificamente não tive contato pra dizer, mas presumo que daqui há pouco tem a briga agora pra o que vai construir a casa de material primeiro, o outro que não vai construir, e o medo de que não construam pra mim, ou eu vou ficar fora agora. A minha casa é de madeira a outra é melhor do que a minha. Claro que essas coisas devem aparecer agora e devem ser um fator de preocupação e de desagregação até do núcleo, de disputas. É mais que humano, não é. A gente percebe que em qualquer lugar é assim. Eu imagino que o desafio agora é lidar muito com essas coisas do egoísmo, não é. Nós conseguimos juntos atingir o objetivo de conseguir verba pra conseguir as moradias de alvenaria, mas agora vamos conseguir fazer a divisão dessa conquista de uma forma

equilibrada, de uma forma justa? É um outro momento, não é. Eu repito, eu já tinha isso, eu acho que... são problemas, são criados porque se evoluiu, porque se cresceu, porque se avançou, porque se conseguiu ultrapassar outros limites, se não estaríamos discutindo ainda como é que iríamos sair da beira da estrada. Não é essa a discussão agora. E é claro que novos problemas aparecem, novos desafios aparecem, mas nós não podemos nos esquecer de onde partimos. Não podemos esquecer da situação que se tinha antes. Para que se possa fazer uma avaliação séria, nós temos que pegar todas as etapas. E aí o momento de todas as etapas, eu não tenho a menor dúvida de dizer que foi um sucesso o projeto e que nós vamos avaliar aí em termos de objetivos atingidos eu acho que pode ter até pretendido muito mais, mas o que se conseguiu foi superbem.

27. De que atividades tu participastes e quanto tempo tu permanecestes no projeto?

É como eu disse, a minha atividade sempre foi, primeiro, talvez uns dois anos eu tenha ido mais frequentemente em sábados à tarde em reuniões da comunidade, depois disso eu comecei a atividade de advogado na área previdenciária, eu comecei muito mais aí atendendo até mesmo no meu escritório pessoas que vinham da comunidade pra poder auxiliá-los assim com questões objetivas, como advogado aí, não é. A minha participação deixou de ser tanto, lá, presencial e muito mais assim de, vamos dizer assim, auxiliar, extra núcleo da comunidade. Porque essa é uma atividade que eu não deixei de fazer até hoje, nunca me desvinculei nesse sentido e até participei, recentemente, exatamente da reunião da comunidade com a prefeitura municipal a respeito de como seria, então, o repasse desses recursos para a construção das casas. Então eu sempre me coloquei a disposição e atendo a comunidade no meu próprio escritório agora, diferentemente do eu fazia inicialmente que é, eu ia até a comunidade e lá prestava o serviço de orientação. Como eu já fiquei conhecido e a professora Jara já me apresentou aquela comunidade, bom, agora as pessoas já vão até o meu escritório e eu distribuí cartões e tal, o pessoal vai até o meu escritório, que até pra mim fica mais fácil de me organizar na agenda. Então o meu contato por agora é muito mais assim, profissional, individualizado, ou coletivamente às vezes, mas mais individualizado do que presencial do que eu fazia inicialmente.

28. Mudou em alguma coisa o teu ponto de vista político?

Muito, mudou muito. Eu, no sentido assim, sob o ponto de vista político eu passei a perceber com maior clareza na coletividade, na cidade como um todo, nós temos que eleger prioridades e eu acho que nós temos que ter clareza que antes de se ter estradas pavimentadas, antes de se ter prédios bonitos, pintados, nós temos que cuidar das pessoas que vivem na comunidade em situação de miséria absoluta como era o caso daquela comunidade do São Gonçalo. Eu tenho clareza pra mim hoje que como assim um pai de família na sua casa. Se tem um filho que não tem sapato pra colocar nos pés, eu não posso pensar em comprar uma bicicleta nova pro outro filho, não é. Tenho que conseguir o mínimo necessário pra que todos tenham uma condição mínima. Eu tenho que estar atento pra isso. Eu não posso pensar em trocar de carro se eu não tenho as condições mínimas da minha família supridas. E se nós pensamos em termos de cidade temos que pensar assim, olhar pra nossa comunidade com esse olhar: em nossa comunidade quem é que mais precisa? Eu preciso construir, arrumar as estradas para os automóveis passearem, circularem, muito bom também, muito bem, isso é muito interessante, mas o número de pessoas que tem automóvel é muito reduzido e o número de pessoas que se beneficiam desse investimento público é muito reduzido. Então muito antes de eu dar pavimentação acesso a moradia até as pessoas que vivem em situação de miséria. Isso ficou claro e eu vi que isso é possível, desde que se tenha uma organização da comunidade pra poder também ganhar visibilidade do poder público.

29. Mudou o teu ponto de vista em relação aos pobres?

Não, eu já tenho há muitos anos, eu já... eu, eu, a minha formação, não é, eu há muitos anos eu participo desse tipo de comunidades pobres, embora eu seja de classe média, eu sempre atuei muito, vamos dizer assim, em comunidades pobres, ou seja, primeiro até junto a igreja, a igreja católica, que eu participei quando era muito jovem e depois na adolescência e depois já na atividade política, eu sempre tive muito envolvimento com comunidades pobres. Eu tinha a percepção de que a realidade das pessoas que vivem em situação de pobreza não é diferente, enquanto seres humanos, das outras pessoas.

Existem pessoas admiravelmente sérias, corretas, descentes e existem outras que não são, assim como existem no seio da classe média, da classe alta, da mesma forma, caráter de boas pessoas e más pessoas, existem bons e maus caracteres em qualquer dessas comunidades

vamos dizer assim. Claro que a situação do pobre é agravada pela falta de suprimento das questões básicas mínimas que atrapalha muito as pessoas, complica, agrava muito. Se eu tenho uma pessoa de classe média, ou média alta que entra em depressão, eu tenho acesso a um psiquiatra, eu tenho acesso a. até ao conhecimento de que é uma questão psiquiátrica, até sei dizer qual é a questão que eu tenho que enfrentar. Se é uma pessoa pobre muitas vezes isso é visto na comunidade como uma fraqueza qualquer, uma outra doença, não se enfrenta o problema de base. Eu vejo, por exemplo, as questões materiais mínimas, elas agravam em muito os problemas das pessoas. É muito mais fácil, eu diria, uma pessoa pobre se enredar na vida porque é pobre, porque não teve acesso aos, a informação, porque acaba tendo filho quando não queria ter, acaba doente sem saber, agrava a situação. Mas não é que a questão da pobreza, em si, seja um diferencial, assim, das pessoas, fundamental. Eu não diria isso. Tem algo de fundamental nas pessoas que eu diria até que é inato. Tem coisas são inexplicadas pra mim. Tem coisas que vem com as pessoas e que constatasse. Tem coisas que tem uma dignidade impressionante e vivem em condições absurdas, e tem pessoas que são completamente mau caracteres vivem em condições excelentes. Não é por aí, não, não, essa visão eu não tenho há muito tempo. Claro que foi confirmada com essa proximidade a essa comunidade pobre, não é, confirmou, pra mim, mais uma vez isso tudo que eu estou dizendo. A condição de pobreza ela não, vamos dizer assim, consegue aplacar, ao contrário, se torna ainda mais admirável como que pessoas nessa condição ainda conseguem ter uma dignidade humana impressionante e, conseguem reagir diante dessas circunstâncias. Prova a força do ser humano, na verdade diante da diversidade total conseguem reagir.

30. Mudou a visão que você tinha em relação ao seu papel na comunidade?

Mudou, neste sentido mudou. Mudou até o meu foco em certo sentido. Eu percebi que eu poderia ser muito mais útil, pensando em questões de direito social, por exemplo, pensando em questões que são muito mais, assim, necessárias para as pessoas do que aquelas que eu teoricamente, enquanto estudante, e depois até como profissional vinha trabalhando. Eu tinha afirmado, já, em outro momento, que grande parte da minha convivência com essa comunidade me levou a estudar e a aprender e depois a advogar na área de direito previdenciário. Eu verifiquei justamente isso, que é uma extremamente

necessária pras pessoas que vivem nesta condição de miserabilidade, de pobreza extrema, muito mais útil é o direito previdenciário do que o direito civil, por exemplo, em geral. Então é muito interessante, porque eu sempre fui estudante atento e sempre gostei e me tornei professor de direito civil. É claro, até hoje, de teoria eu gosto muito e na pratica até advogo nesta área também, mas é um direito muito mais voltado pra quem tem a propriedade, pra quem tem condições mínimas. Aqueles que não têm condições mínimas precisam muito mais do direito previdenciário.

31. Mudou sua visão em relação à Universidade?

Ah, isto tudo está inserido. Na verdade isto tudo está muito vinculado. A Universidade Católica possibilitando, estimulando o projeto do ecunitarismo que capitaneado pela professora Jara, eu acho que demonstrou também que a Universidade pode sim fazer projetos de inserção na comunidade de uma forma menos acadêmica, não é, no sentido clássico assim, não é. Pode sim estar presente na comunidade e interferir, como interferiu efetivamente aí, neste caso, como instituição colaboradora. Instituição que de uma forma ou de outra também estimulou e possibilitou até mesmo que a professora Jara desenvolvesse este trabalho. Eu acho que sim, eu acho que a Universidade aí mostrou que tem condições de cumprir um papel pra além daquele papel que é natural de preparação acadêmica, também fazer com que a comunidade menos, é,... a mais desprotegida também possa sentir a presença da Universidade.

32. O que você acha que mais mudou em você?

Eu que acho que me, me, vamos dizer assim..., não é que tenha mudado isso em mim, porque isso na verdade, isso eu vou dizer pessoalmente isso já existia em mim, não é, mas fixou em mim, não é, mais do que mudar, fixou em mim a visão esta, não é, de que na verdade, na nossa comunidade, e no nosso dia, e a minha vida, se eu for pensar individualmente, como um indivíduo de classe média, eu vivo num outro mundo na verdade; o meu mundo é outro. Eu vivo vinculado, eu posso estar vinculado na internet, conversando com os meus amigos na Itália, eu posso estar assistindo a minha TV à cabo e vendo programação dos outros, enfim eu acesso as Universidades, eu sou professor, eu tenho acesso a informação, eu tenho acesso a bens materiais, a tranquilidade... O meu mundo não é todo mundo. Eu faço parte de uma elite da minha cidade que é uma parte muito pequena da população na verdade e, o que ficou fixado em

mim a partir da convivência neste projeto é de que amanhã ou depois, e até mesmo na minha profissão e até mesmo enquanto comunicador social, eu também participo de programas de rádio, participo de programas de na televisão, que eu tenho o dever de sempre de quando fizer uma análise assim do todo, não esquecer que a maioria das pessoas da nossa cidade não vivem no mundo que eu vivo, não esquecer que na verdade, na hora que eu for fazer uma análise daquilo que é importante pra minha cidade não posso deixar de levar em consideração que é isso que eu presenciei; que grande parte da população de Pelotas vive numa situação de abandono, vive numa situação de grande precariedade; e que pessoas como eu que tem acesso aos meios de comunicação, que tem acesso a informação, que tem acesso a uma série de coisas, não é, de bens materiais e imateriais, não pode abandoná-los. Eu fiquei muito mais comprometido num certo sentido. Não é que isso seja novidade pra mim, eu já sentia isso, mas, isso se solidificou em mim. Eu fiquei muito frustrado, muito marcado pra mim e eu me pego sempre fazendo isso e acho bom que muitas vezes, no meu ambiente, onde as pessoas não tem essa experiência e que na hora de fazer uma análise da situação que nós vivemos, na hora de fazer uma reflexão sobre a cidade que nós queremos, eu percebo que muitas vezes eu consigo trazer pra discussão, pra reflexão, elementos de realidade que muitas vezes não são percebidos por pessoas da classe média, da classe bem estande da nossa cidade. Isso eu acho que é uma contribuição que eu posso dar e que tem a ver exatamente por ter participado do projeto, por ter assim, convivido com pessoas que vivem uma realidade completamente diferente da minha, e que me ajudaram muito a perceber que a minha realidade é uma realidade de poucos, de privilegiados da minha cidade, e eu tenho o dever de quando pensar na cidade como um todo não abandoná-los, não deixá-los esquecidos. Então eu tenho isso muito presente pra mim. E eu acho que isso foi uma mudança, uma mudança nesse sentido, não é, uma fixação em mim desses elementos que foram muito importantes.

Entrevista com a Sra. Geneci da Silva Freitas (D. Cica)

Líder da Comunidade de Catadores de papel

1. O que é ecomunitarismo para a Senhora?
Para mim é um trabalho, uma melhoria, não é. Melhorou as moradias, os terrenos, casas.
2. O que é EA para a senhora?
Ah, pra mim é a limpeza, manter tudo limpo.
3. A senhora tem idéia do que seja educação ecomunitarista ?
Educação pra mim é as crianças mantendo nas escola. Serem educadas pelos pais, pra mim é isso aí. Pra mim isso seria educação ecomunitarista.
4. No seu entendimento, a senhora saberia me dizer que tipo de educação social busca essa EA?
Desconheço.
5. A senhora sabe o que seria essa ordem socioambiental ecomunitarista?
Desconheço.
6. A senhora já ouviu falar das três normas da ética que fundamentam o ecomunitarismo?
Não.
7. Como era a Comunidade São Gonçalo no tempo do Trevo e como é agora na Ceval?
Ah! Aqui é bem melhor! Lá no Trevo era enchentes, acidentes, sujeira. Isso foi há sete anos atrás. Eu morei lá vinte e dois anos. Disparando das enchentes, voltando, indo e voltando.
8. Como era a saúde no tempo do Trevo e como é agora na Ceval?
Lá as crianças vivam doentes e aqui não. A saúde é melhor aqui. Porque aqui tem menos sujeira, não tem contato com águas podres que vinham das enchentes. Ratos, lá tinha à revelia. Os ratos andavam desfilando nos pátios.
9. Tinha escola para a comunidade antes do projeto, no tempo do Trevo, e agora na Ceval?
As crianças estudavam no Dr. Simões Lopez, alguns. E aqui eles continuam no mesmo colégio.
10. No tempo do Trevo como era o relacionamento entre os integrantes da família?

Na minha continua sempre na paz, não é, e continua aqui. Na vida dos outros eu também não posso te dizer nada, não é.

11. Havia água luz e esgoto no tempo do Trevo? E agora na Ceval?
Os que podiam colocar colocavam luz. A maioria, todos botaram luz. Água também era uma bica comunitária, e todo mundo puxou mangueiras pros seus pátios. Esgoto não havia. Aqui não temos esgoto ainda, mas temos água e luz. Agora vai sair os esgotos aqui.
12. Em 98, no Trevo, ouve problemas com drogas? E agora na Ceval? De que forma a comunidade trabalha para combater este problema?
Tinha. E aqui na Ceval ainda tem, mas sempre tem um que denuncia. Existe um movimento da comunidade em defesa de própria. Esse rapaz que morava lá no canal até te preso de novo, que vendia. Ele ia pra lá, vendia um pouco e ia embora, denunciavam e ele ia embora. Aí ele teve aqui também, agora depois ele foi preso, tiraram o terreno dele, a gente até nem fez questã de dá pra outro e ele foi embora. Houve uma melhoria.
13. O que faz com que essas pessoas usem drogas?
Ah, isso aí eu não entendo porque é que fazem. Porque tem em tudo que é lugar agora, não é. Há pouco tempo aqui pegaram, na rua 05 aí, um traficante que nem eu sabia que ele morava aí, que vende dentro da comunidade. Nem eu sabia que ele vendia. Mas também já foi embora.
14. Como era o deslocamento dos moradores a outros pontos da cidade antes do projeto? E agora?
De bicicleta, a pé, até hoje é assim. Ônibus não tem. A linha mais próxima da minha casa da uns três quilômetros, mais ou menos isso aí.
15. Como eram as casas no tempo do Trevo e como são agora na Ceval?
Barracos, e como continuam aqui, não é, os barraquinhos até sair essas casas. As casas de alvenaria já estão em andamento.
16. Como a comunidade participa, ajuda a professora Jara quando ela realiza algum trabalho na comunidade? A comunidade sempre colaborou como hoje? Por quê?
Ela vem aqui, fala pra mim que ela vai formar um trabalho, uma limpeza aqui, um mutirão de limpeza. Aí eu saio junto todo o pessoal e vamos pegar na limpeza.

Lá no Trevo a gente fazia mutirão também e limpava.

17. Que projetos mais marcaram a comunidade entre os anos de 1998 e 2005, na sua opinião?

Foi a Jara. Olha, é que a gente não teve nada assim... de bom o que nos apareceu foi a Jara. Que era todo mundo..., atirados, todos por si e Deus por todos. Aí a Jara apareceu lá, ninguém se interessava em limpar uma valeta, e a Jara apareceu lá e incentivou todo o pessoal, todos gostavam. Chegava os sábados: a Jara vem! Vamu limpa e aí pegava todo o mundo.

18. Quando vocês começaram a se reunir para fazer assembléias e discutir os problemas da comunidade?

Pra isso aí começamos aqui na Ceval. No Trevo a gente fazia reuniões assim pra mutirão, pra educação das crianças, reunir as mães pra fazer alguma coisa, mas reuniões assim, pra ganhar terrenos, isso foi aqui. Na minha barraca ainda. Essas reuniões foi a partir do projeto da Jara que começou.

19. Como eram tomadas as decisões na comunidade antes do ecomunitarismo? E agora?

Não, não tinha nada assim oh. Se eu quisesse melhorar eu ia fazer por mim, o vinho ia fazer por ele. Não tinha ninguém pra dar um apoio e dizer: vamos se juntar todo mundo, vamos fazer uma reunião, vamos dar um apoio e vamos melhorar.

20. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarismo? Quais são hoje as fontes de renda e como vocês organizam estas fontes de renda? (individual, cooperativa, etc.)

21. O que melhorou? O que piorou e o que resta fazer, na sua opinião?

Na minha opinião a gente está esperando fazer, ... ajeitarem as ruas, os esgotos e essas casas. Aí vai melhorar mesmo! E melhorou porque lá a gente morava de posseiros, né. Aqui a gente já tem os terrenos no nosso nome, já é nosso. Já semo dono do terreno. Já tem dois anos do documento de propriedade.

22. Que sonhos vocês ainda têm para o futuro da comunidade?

Ah, o nosso sonho é a gente ter uma escolinha pras crianças, a creche que eles prometeram, a associação que vai sair.

23. Existia solidariedade na comunidade antes do projeto? E hoje?

A solidariedade é mais organizada, é que apareceu gentes doutros lugares. No tempo do Trevo existiam entre os pescadores e aqueles dali daria na razão de setenta e poucas famílias e hoje aqui tem noventa e poucas. Umhas quatrocentas e poucas pessoas.

24. Como convivem com as diferenças religiosas, sexuais, políticas, dentro da comunidade? *As pessoas respeitam as diferenças?*

Essas diferenças são respeitadas dentro da comunidade.

25. Quais os principais objetivos (e atividades) desenvolvidas na comunidade, ao longo desses sete anos, na sua opinião?

É, é essas brincadeiras que vem professores vem aí, vem brincar com as crianças, inducar alguns, né. E o que a gente queria é que continuasse também é essa escolinha que a Jara ... e parou né, e as crianças já estão cobrando que não vem professora que não vem isso... Teve, acho que uns vinte dias de aula pra eles, aulinha pra os pequenininhos e agora eles estão cobrando. Os professores eram alunos da Jara da Católica.

26. Quais os principais resultados obtidos, em vista do que se pretendia?

A gente veio pra cá, a gente veio lutar por uns terrenos, e aconteceu que caiu as casas também. Porque a gente brigou pelas terras e não por casas, a gente queria os lotes e não casas, mas como surgiu as casas já foi um passo maior, né.

27. Em que atividade você participou e quanto tempo permaneceu no projeto?

São sete anos de luta junto com a Jara. A Jara foi a pessoa mais importante que apareceu, a Jara. O que mais me tocou foi as reuniões que ela juntava todas, que fez as pessoas entender muitas coisas. Tem gente que vivia brigando e ela... não é assim, vamos conversar. Vamos conversar e ela trazia aquelas idéias e a gente todo mundo reunido e muitos pais que batiam e espancavam os filhos e isso tudo foi acabando. No tempo do Trevo havia esse problema de relacionamento. É que terminou aquilo assim, os pais qualquer coisinha não conversavam com os filhos já vamu espancar. As relações melhoraram entre todas as pessoas. Crianças pequenas de oito, dez anos andavam roubando! Não é assim, vamos conversar. A Jara pegava eles dava brincadeiras, dava aulinha de capoeira. Quer dizer que as crianças pararam com aquilo ali. Mudou bastante.

28. Mudou o seu ponto de vista político?

Continua o mesmo. A gente vai muito assim: A gente tá com pobrema assim, oh. Não sabe o que vai decidir, liga pra Jara. Jara vem aqui, o quê que a gente devo fazer e ela faz assim, assim... Porque lá a gente vivia perdido, não sabia pra que lado ia pegar e a Jara... aquilo eu acho que mandaram do céu.

29. Mudou o seu ponto de vista em relação (*aos pobres*) as comunidades carentes?

Dá nossa melhorou, mas dos outros a gente não sabe, né.

30. Mudou a visão que você tinha em relação ao seu papel na comunidade (*sociedade*)?

Ah, mudou bastante! Antes eu não me preocupava com nós, eu me preocupava só com os meus, só com a minha família. E aí com esse trabalho da Jara eu tinha que me preocupar com as outras famílias. Nas primeiras reunião da Jara, lá, fui escolhida a primeira líder, não aceitei. Eu não vou tá me incomodando. Daí votaram todos em mim e eu não quis. Aí fizemos nova votação e fizemos as primeiras lideranças. Depois aquelas não deu certo, me botaram de novo e eu não quis. Aí eu entrei não querendo, nem sabia que eu tava! A Jara me botou sem votação sem nada. Claro, a gente já fomos, já viemos pra cá e eu tive que assumir. Fui eleita três vezes, na primeira fui votada todo mundo votou em mim. Isso foi lá em 98. A Jara chegou lá escolhendo as liderança, que entre os pescadores ficou a Gracinda. Fui votada e não quis aceitar, mas depois na segunda fui de novo e também não quis. E entrei pelum acausu, fui colocada sem saber. Aí tive que assumir. É cansativo, é cansativo! É cobrança toda hora, toda hora. Tudo é cobrado de mim. As outras lideranças não chegou a durar seis mês.

31. Mudou sua visão em relação à Universidade?

É, porque fazem uns trabalho junto com a Jara e dão bastante apoio, né. É porque a Jara bastante se incomodou por causa nossa aqui, né, então a gente tinha a Universidade como um monstro. Ela foi lá onde a gente estava nas enchentes, dava uma fugida, deixava os alunos e dizia; ai, vou me incomodar, vou me incomodar. Então todo mundo achava, bom, o quê que é isso aí, né. Mas, não, a gente já viu que é outra... A gente sente mais próxima agora. A gente também teve uma reunião lá com o Reitor e a gente viu que não era aquele monstro que a gente tava pensando. Ele falou pra nós que podendo nos ajudar ele ia nos ajudar. Isso foi o ano passado. Aqui tem três anos já e nesses três anos houve uma conquista das maior.

32. O que você acha que mais mudou em você? Tudo. Ah, melhorou a moradia, claro, não do num conforto, essa casa é pequena, né, ainda, por enquanto. Porque lá eu tinha oito peças de casa, aqui eu tenho três. Dentro de mim de ver a comunidade feliz. Eles tando feliz, pra mim eu também to. É um futuro que também a gente deixa pros filhos, casa, um lugar bom pra eles morar, não tem perigo. Tu pode largar eles aí a vontade e todo mundo se conhece. Eu ganhei, mas eu também perdi. Ganhei muito mas também perdi muito. Perdi o meu filho com vinte e cinco anos. Perdi o meu pai primeiro e no dia das mães mataram o meu filho. Quer dizer que eu faço essa luta, mas também... Quer dizer que eu gosto de ver a comunidade feliz, né. É como eu digo pra eles: eu ganhei muito, mas também perdi muito, né. E às vezes eles querem desistir e eu digo: “não, vão à luta!” Vontade tive de ir embora quando perdi ele, né, queria até ir embora. Mas depois fica pensando, eu falo, ah vamu embora e eles dizem: eu vou di trás, eu não vou ficar aqui. Então tem de ficar aqui.

BASTIDORES

O que a senhora acha que daria pra se fazer assim de imediato? Olha, já estava bom essa escolinha que eles já tinham feito pros pequeninhos, porque os outros tu coloca na escola uns de manhã, outros de tarde, e as mães quê querem ajudar nas paredes? Onde vão deixar essas crianças? Já o nosso causo aqui. Eu tenho aquele anjinho que tava lá, que subiu comigo lá. Ele ficava na escolinha de tarde pra gente trabalhar, da uma e meia as cinco e meia da tarde. É um horário bom, mas pra mim trabalhar a guria tem que ficar, pra guria trabalhar eu tenho que ficar cuidando ele. Muitas aí tem quatro cinco pequeninho.

(...) e a Jara chegou lá e é claro, ela não podia aparecer, ela não ia arriscar o serviço dela também né. Mas a gente já tinha combinado. Nós andamos procurando aí por uns lugar terreno, aí eu digo: Jara vamos que eu vou te mostrar um lugar. Eu gostei daqui. Eu digo, Jara, qualquer coisa a gente vai invadir. Eu mandei chamar ela, ela chegou com esse advogado lá... e eu disse: olha! A gente vai invadir aquilo lá! Tu tem casa, tu não ta dentro d'água! De noite a coitadinha andava aqui nessas escuridão. Isso aqui era tudo escuro e ela andava aqui de noite. Arriscava, a meia noite a Jara andava aí.

E já era alto o terreno como é agora?

Não, isso aqui era só caco de vidro quando a gente chegou aqui. Era tudo deserto quando aqui. Mas era uma área boa, depois a prefeitura... era muros, era um monte de coisas!

Precisava tu vê como era isso aqui. E fomos a luta e disseram pra nós que a gente não ia ganhar e a Jara indo pra frente e vamo que vai e vamu ganha e vamu ganha e ela junto muito amigo dela. Porque teve uma gente que ta aqui nos fundo que fizeram uma invasão num lugar, só que eles não tiveram o mesmo apoio que nós tivemos. Eu peguei e ainda disse pra ela assim: Quem tem Jara tem tudo! Eu digo: Nós temu! E a mulher veio aí e pediu pra nós colocar eles aqui, que tiraram eles e aí o Alan trouxe pra cá. E olha, muita gente não acreditava porque isso aqui era área particular, da Ceval. O seu Paulo foi processado. Tá sendo ainda.

Essa ação está também na mão do Marcus?

É ta com um advogado, pareça que ele é que ta cuidando do caso. É foi difícil, e hoje se tem uma comunidade organizada. É que ainda o povo não entende muito as coisas. Eles acham que, vamos supor essas fundação aqui. O meu marido tá deusde o início. Aí o fulano ali. Eu vou pega só quando saí na minha casa, então não é o certo. Isso é um mutirão! Às vezes as mulher tão tudo trabalhando e os omi tão sentado tomando mate. Acho que não, vou pegar na minha. Quer dizer então que o meu marido vai pegar na dele, e ele não pode pegar nessa aqui. Aqui começou num mutirão mulher e omi, agora, quando chegou lá no fundo ninguém quer pegar. Esse daqui não ir pra lá e tem que ta brigando com a firma essa e com a prefeitura daqui.

Qual é a firma que está fazendo isso?

É uma firma particular. Tu vê que essas casas já eram pra ter paredes alevantadas. Faz dois meses que já fizeram as fundação e é quinze dias pra secar. E o pessoal desacorçoa. Agora tão lá no CEFET cortando ferro pra segunda vão começar levantar as paredes.

E não fizeram nenhuma reunião, Dona Cica, pra tentar melhorar o mutirão?

Já, já...!

É assim oh. Tu não qué ajuda, tem duas casa aqui, essa minha guria que vai morar aí do lado não tá ajudando, vamu pulá a casa dela. Vamu faze outra, porque senão o pessoal não vai...

Entrevista com o Sr. Paulo Silva

Técnico em Eletrônica pela ETP – Escola
Técnica de Pelotas
Membro da liderança da Comunidade São
Gonçalo

1. Você sabe o que é ecomunitarismo? Caso saiba, explique.

O que é ecomunitarismo para ti?

Agora tu conseguiu me apertar. O que é ecomunitarismo? É uma integração de comunidades, com o ecossistema.

2. Você sabe o que é educação ambiental? Caso saiba, explique.

O que é EA para ti?

É uma coisa quase que precária aqui. Principalmente nessa comunidade aqui em que ninguém respeita meio ambiente. Ninguém respeita meio ambiente. Aqui joga-se qualquer coisa no meio ambiente para poluir mais ainda do que já está poluído. Inclusive estou indo hoje a Porto Alegre pra conferência do meio ambiente a realizar-se no salão de eventos do parque da Harmonia. A EA para nós, aqui, seria uma reeducação da comunidade, como deveriam tratar o meio ambiente, como deveriam cuidar dos dejetos que jogam.

3. Você sabe o que é educação ecomunitarista? Caso saiba, explique.

O que é Educação Ecomunitarista para ti?

É procurar adaptar o pessoal nesse sistema de EA, porque praticamente todo mundo é leigo nisso aí. A grande maioria é leiga. E outra coisa, teria que ter alguém que se interessasse em fazer um estudo com o pessoal sobre o meio ambiente, porque não adianta dizer: eu sou ambientalista se eu não cuido do meio ambiente. Se eu mesmo vou poluir o meio ambiente como é que eu vou me considerar um ambientalista.

4. Você sabe que tipo de ação social busca a educação ambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Qual a ação social que busca a EA Ecomunitarista?

Esse sistema que a Jara tava fazendo aí. Ela procura uma educação ambientalista, mas muito precária, muito precária. Ela é daquelas pessoas que... Ela fala muito e age pouco, porque não adianta nada tu querer dar uma educação ambiental pras pessoas tentando socioeconomicamente as pessoas, ajudando com mantimentos, não. Não se ajuda. Tem que ensinar a pescar e não dar o peixe.

5. Você sabe o que é a ordem socioambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Essa aí eu vou ficar te devendo.

6. Você sabe quais são as três normas fundamentais da ética? Caso saiba, explique.

Não.

7. Como era a comunidade São Gonçalo quando vocês moravam no Trevo? E como é agora na CEVAL?

Noventa e nove ponto nove melhor, aqui, do que lá. Lá as pessoas vivam marginalizadas. Viviam praticamente a margem da sociedade. Hoje aqui, não. Hoje aqui o pessoal se sente cidadãos, foi resgatada a cidadania, o que não se tinha lá embaixo. Lá todo mundo vivia a margem da sociedade. Era a miserabilidade total. Aqui o pessoal já se conscientizou que não são o que pensavam que eram, são cidadãos, agem como tal enquanto que lá vivi-se jogado. Lá eles se achavam pequenos, eram pequenos não tinham... Qualquer pessoa chegava e dizia é assim; seguia aquilo ali. Agora, não. Agora cada um tem a sua opinião.

8. Como era a saúde quando vocês moravam no Trevo? E como está agora na CEVAL? Tinham muitas mortes naquela época devido a problemas de saúde? E agora na CEVAL?

A saúde continua precária igual, porque a gente depende desse posto médico aqui do Simões Lopes que o atendimento médico é precaríssimo. Aqui pela infra-estrutura já melhorou, porque lá tu não tinhas a infra-estrutura que tens aqui, água, luz, a canalização de esgoto que começa segunda feira.

9. Tinha escola para a comunidade antes do projeto, no Trevo? E agora?

Agora tem uma escolinha das crianças aqui. Escola sempre teve, Simões Lopes, Nossa Senhora Aparecida, mas era aquilo né, um dia iam, dois três não iam a escola, agora não, agora as crianças estão frequentando a escola constantemente.

10. Como era o relacionamento (humano) entre os integrantes da família quando moravam no Trevo?

a. marido e mulher? E agora na CEVAL?

b. pais e filhos? E agora na CEVAL?

c. entre os irmãos? E agora na CEVAL?

d. demais integrantes familiares? E agora na CEVAL?

Acho que relacionamento familiar é o mesmo. Cada um é cada um, cada um age dentro da família conforme acha que deve agir, procurando fazer na orientação dos filhos o

melhor possível. Entre vizinhos melhorou muito, e depois com a orientação da Jara e mais a equipe de acadêmicos, que orientaram muito se não... Foi um trabalho excepcional. Eu acompanhei ao logo de sete anos esse projeto. Tinha aula de capoeira pras crianças, tinha as aulas ali na balança velha na beira da faixa, de relações sociais co'os acadêmicos, conselhos pras famílias... Foi o que ajudou muito.

11. Havia água, luz e esgoto? E agora?

Lá na baixada, lá no canal, não. É, no Trevo não tinha. Tinha luz, A água era precária, porque era uma bica que a gente puxava água do posto pra todo mundo. A água lá era precária, mas não tinha esgoto, não tinha nada. Aqui também, esgoto a gente ainda não tem, mas é outro ambiente, é outro ambiente. *Tem previsão de esgoto seu Paulo?* Tem. Acho que a partir de fevereiro já começa a fazer a canalização do esgoto aqui. E isso é verba já aprovada do convenio prefeitura e a caixa e o SANEP já está com o projeto pronto, já aprovado, tudo.

12. Em 1998, no Trevo, como foram combatidas as drogas? E agora na CEVAL, continua esse problema? E se ainda existe, o que está sendo feito para resolver esse problema?

Droga sempre existiu, mas, não incomodavam, não. Na comunidade era raro. Lá era raríssimo; era um dois que usavam drogas, mas não incomodavam, não. Agora aqui, acho que continua a mesma coisa, são raras exceções. A comunidade não faz nada pra combater esse problema.

13. O que faz com que essas pessoas usem drogas?

Olha, isso aí é falta de orientação. Eu acho que teria que ser um, como é que eu vou te explicar? Um estudo entendesse, que fumam maconha, um outro troço é conversar com eles, eu acho que resolveria noventa por cento.

14. Como era o deslocamento dos moradores a outros pontos da cidade no tempo do Trevo? E agora na Ceval?

O transporte coletivo aqui é bem mais fácil, tem duas linhas de ônibus, uma ali, outra aqui na ponta da Av. Brasil. Lá teria que caminhar do Trevo até o Simões Lopes pra pegar um ônibus, talvez três quilômetros.

15. Como eram as casas no tempo do Trevo? E agora, na CEVAL?

Praticamente essas mesmas que estão aqui. Com exceção dessas agora que estão fazendo, mas as casas de lá pra cá são as mesmas. Todas chalés.

Lá se morava na beira d'água praticamente, hoje aqui se mora muito longe da água.

16. Como a comunidade participa, ajuda a professora Jara quando ela realiza algum trabalho na comunidade? A comunidade sempre colaborou como hoje? Por quê?

Sempre abraça junto. Até limpezas aqui, tanto aqui como lá no Trevo a Jara juntava a gente, ia junto; o trabalho era de mutirão.

17. Que projetos mais marcaram a comunidade entre os anos de 1998 e 2005, na sua opinião?

Tiveram vários trabalhos que marcaram. Vários. Acho que o projeto em si já marcou muito.

18. Quando vocês começaram a se reunir para fazer assembleias e discutir os problemas da comunidade?

Isso começou a acontecer era aqui com as reuniões pra fundação da associação, outros projetos que não foram viabilizados, mas que se discutiu aqui em comunidade. Já foi aqui, lá não havia isso ainda. A organização só de três anos pra cá.

19. Como eram tomadas as decisões na comunidade antes do ecomunitarismo? E agora?

Antes não tinha liderança. Depois do ecomunitarismo é que a Jara botou os líderes e aí tudo passava pela mão deles. Se não me falha a memória primeiro foi a Patrícia, depois a Cheli, depois a Cica, eu e depois retornou a Cica de novo.

20. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarismo? Quais são hoje as fontes de renda e como vocês organizam estas fontes de renda? (individual, cooperativa, etc.)

As fontes de renda continuam sendo as mesmas, porque todo mundo é catadores de papelão, então a atividade continua sendo a mesma. Cada um cuida do seu negócio.

21. O que melhorou? O que piorou e o que resta fazer, na sua opinião?

Melhorou muito, de lá pra cá melhorou muito. As enchentes, as cheias, acabou. Aqui não tem mais aquela preocupação de quando começava a chover levantar tudo que era moveis pra salvar. Transporte, infra-estrutura...

22. Que sonhos vocês ainda têm para o futuro da comunidade?

O sonho de todos é ver isso aqui como um bairro estruturado. E já está sendo concretizado. Acho que até junho do ano que vem já estará concretizado.

23. Existia solidariedade na comunidade antes do projeto? E hoje?

Prefiro deixar sem comentários, tá. Mas melhorou, é muito mais harmônica, mais confraternização. As relações todas melhoraram.

24. Como convivem com as diferenças religiosas, sexuais, políticas, dentro da comunidade? *As pessoas respeitam as diferenças?*

Ninguém comenta um do outro, fica cada um na sua. Eu não me meto na vida do vizinho, ninguém se mete na minha e assim vai se levando para ter um bom relacionamento. As pessoas respeitam as suas diferenças.

25. Quais os principais objetivos (e atividades) desenvolvidas na comunidade, ao longo desses sete anos, na sua opinião?

Falta muita coisa. Tem muita coisa para ser realizada. Principalmente quem vivia lá na beira de um canal, hoje eu quero ver isso com calçamento, talvez com uma capa de asfalto nas ruas.

26. Quais os principais resultados obtidos, em vista do que se pretendia?

Noventa e novo por cento. A Ceval, que é uma realidade, os títulos de propriedade dos lotes, água, luz, telefone, o esgoto sendo implantado a partir da semana que vem. Ao mesmo foi o que eu o secretário me afirmou, aqui dentro.

27. Em que atividade você participou e quanto tempo permaneceu no projeto?

Eu fui líder da comunidade um ano e depois voltei a ser líder novamente aqui. Continuo ainda. Bom político não pode fugir a regra.

28. Mudou o seu ponto de vista político?

Se mantém a mesma coisa.

29. Mudou o seu ponto de vista em relação (*aos pobres*) as comunidades carentes?

Em relação às comunidades carentes é como eu já te expliquei na primeira pergunta. Eu não gosto de, esse negócio de assistencialismo... Eu acho que a pessoa tem que ir buscar o que precisa. Ir à luta e buscar. Deve haver um a auto-organização. Hoje se tem uma comunidade totalmente organizada que não se teve antes. É com orientação, orientação que os acadêmicos da Jara trouxeram incutindo na cabeça das pessoas e eles foram se auto-organizando. Tudo foi feito de forma consensual e hoje ainda se mantém. E hoje com a associação, melhor ainda.

30. Mudou a visão que você tinha em relação ao seu papel na comunidade (*sociedade*)?

Não, não mudou nada. Se tiver que lutar pela comunidade eu estou sempre lutando.

31. Mudou sua visão em relação à Universidade?

Não. A Universidade auxiliou muito nesse projeto. A visão que as comunidades carentes têm da Universidade é que é um sonho distante, que jamais o pobre pode chegar a uma faculdade o que eu acho que é bem possível, basta ter força de vontade.

32. O que você acha que mais mudou em você?

Pra mim não mudou nada, porque eu continuo sendo o que eu era. O que eu sou hoje é o que eu era quando fui para a comunidade. Eu não sou emotivo, eu trabalho em vários movimentos sociais como MTD, MST, agora na comunidade aqui. Eu já vivo de movimentos sociais.

Entrevista com o Sr. João Lázaro Ferreira da Silva

Atual líder da Comunidade (Ceval)

1. Você sabe o que é ecomunitarismo? Caso saiba, explique.

O que é ecomunitarismo para ti?

Não, não tenho muita idéia do que é. Mas é coisa de ecologia, de comunidade em geral.

2. Você sabe o que é educação ambiental? Caso saiba, explique.

O que é EA para ti?

Cuidado com o meio ambiente, com a água e a árvore e etc.

3. Você sabe o que é educação ecomunitarista? Caso saiba, explique.

O que é Educação Ecomunitarista para ti?

Não tenho idéia.

4. Você sabe que tipo de ação social busca a educação ambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Qual a ação social que busca a EA Ecomunitarista?

Busca preservar o meio ambiente as reserva de, naturais, acredito que seja isso.

5. Você sabe o que é a ordem socioambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Não.

6. Você sabe quais são as três normas fundamentais da ética? Caso saiba, explique.

Não.

7. Como era a comunidade São Gonçalo quando vocês moravam no Trevo? E como é agora na CEVAL?

No tempo do Trevo era muito ruim. Tivemos grandes melhorias. Lá era muito sofrido. Aquele trânsito de caminhões, arriscando, enchentes a toda hora era muito ruim mesmo. Aqui ta mais sossegado. Bem melhor. Era ruim devido ao lixo, muito lixo, mosquito, o lodo que tinha ali também, aquele canal e a faixa. Lá era muito ruim mesmo.

8. Como era a saúde quando vocês moravam no Trevo? E como está agora na CEVAL? Tinham muitas mortes naquela época devido a problemas de saúde? E agora na CEVAL?

Por enquanto não tivemos grandes melhoras, mas já está um pouco melhor do era lá.

A infra-estrutura colaborou para a melhoria da saúde na Ceval, concorda Lázaro.

9. Tinha escola para a comunidade antes do projeto, no Trevo? E agora?

Não. Tinha a do bairro Simões Lopes e aqui continua na mesma escola.

10. Como era o relacionamento (humano) entre os integrantes da família quando moravam no Trevo?

a. marido e mulher? E agora na CEVAL?

b. pais e filhos? E agora na CEVAL?

c. entre os irmãos? E agora na CEVAL?

d. demais integrantes familiares? E agora na CEVAL?

Acho que está havendo melhora sim. Tá melhorando essa parte aí. As pessoas se comunicam mais, vão trabalhando juntas, construindo as casas e vão se ajeitando, não é.

11. Havia água, luz e esgoto? E agora?

Não. Tinha luz e água era uma bica pra todos. Agora aqui já tem, desde o ano passado já tem água e luz e acredito que o esgoto em breve.

12. Em 1998, no Trevo, como foram combatidas as drogas? E agora na CEVAL, continua esse problema? E se ainda existe, o que está sendo feito para resolver esse problema?

Dessa parte aí eu não sei assim. A Cica talvez saiba alguma coisa. Eu tive trabalhando muito tempo pra fora na granja, né.

13. O que faz com que essas pessoas usem drogas?

Desconheço.

14. Como era o deslocamento dos moradores a outros pontos da cidade no tempo do Trevo? E agora na Ceval?

Não! Ônibus era difícil, tinha que ir lá dentro do Simões Lopes, ou até mesmo lá no Guanabara. Mais ou menos dois quilômetros.

15. Como eram as casas no tempo do Trevo? E agora, na CEVAL?

Era precária, era muito ruim mesmo. Quase tudo com parede de papelão. Agora aqui todo mundo procurou fazer um chalezinho, uma coisinha melhor, mas o que se espera mesmo é essas casas de alvenaria. É o que se está esperando.

16. Como a comunidade participa, ajuda a professora Jara quando ela realiza algum trabalho na comunidade? A comunidade sempre colaborou como hoje? Por quê?

Sempre ajuda. Eu por exemplo, inventei de fazer uma festa junina no ano passado. Ela colaborou bastante, trazendo fantasias, coisas pras crianças, fizemos várias brincadeiras. Dia da criança ela faz também bastante coisa aqui.

17. Que projetos mais marcaram a comunidade entre os anos de 1998 e 2005, na sua opinião?

Acho que fazer os cursos pras pessoas, que ela conseguia. Cursos pra fazer sacolas, artesanato em geral. Os cursos realizados durante esses sete anos.

18. Quando vocês começaram a se reunir para fazer assembléias e discutir os problemas da comunidade?

Não. Isso começou aqui. Porque até então, lá no Trevo era cada um por si. Afora aqui teve que se organizar para conseguir a principio a terra, depois abrir ruas, demarcar lotes e aí tiveram que se organizar. O projeto foi fundamental para isso aí.

19. Como eram tomadas as decisões na comunidade antes do ecomunitarismo? E agora?

As decisões eram tomadas eu acho que era cada um por si, né. Não tinha organização, né, cada um decidia por si e resolvia o... Era individual. Hoje já, é mais como a associação aqui, né, entre todos, a gente decide e traz pra associação e define como... É por votação, na maioria dos casos.

20. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarismo?

Quais são hoje as fontes de renda e como vocês organizam estas fontes de renda? (individual, cooperativa, etc.)

Quais são hoje as fontes de renda e como vocês organizam estas fontes de renda? (individual, cooperativa, etc.)

Eu mesmo trabalhava com borracharia. Eu era borracheiro, mas a maioria do pessoal era nessa mesma área de reciclagem, coleta de material reciclável. A organização é como já havia dito a idéia do associativismo, de um CNPJ para todos.

21. O que melhorou? O que piorou e o que resta fazer, na sua opinião?

A mudança pra cá melhorou o negócio de cada um, porque fica mais próximo do centro pra quem trabalha nesse negócio de catador de papelão. Ficou bem melhor, não é.

22. Que sonhos vocês ainda têm para o futuro da comunidade?

Daqui por diante é o esgoto, mais adiante uma creche, né, que nós já temos o espaço, área institucional, pra gurizada não ter que se deslocar, né, que o colégio fica a quase dois quilômetros daqui até o Simões Lopes e a criança tem que ir de a pé ainda, né. A idéia é conseguir esse tipo de coisa agora. Daqui pra

frente, já que temos as casas, né, em andamento, tem a promessa do esgoto, temos água e luz, a idéia é conseguirmos essa praça e essa creche pras crianças.

23. Existia solidariedade na comunidade antes do projeto? E hoje?

Só que nessa parte de, não digo que não fosse de se dividir o que se tem, não é, mas num caso de doença que algum precisasse do outro, uma ajuda assim, nesse tipo de coisa, até que nessa parte todos se ajudavam. Mas eram muito de ajuda mutua de passar mantimentos de um pro outro já era cada um por si. Aqui já melhorou.

24. Como convivem com as diferenças religiosas, sexuais, políticas, dentro da comunidade? *As pessoas respeitam as diferenças?*

Não, acho que cada um se respeita. Respeita a religião do outro.

25. Quais os principais objetivos (e atividades) desenvolvidas na comunidade, ao longo desses sete anos, na sua opinião?

A moradia. É o que resta agora é a parte de regularização dos lotes que está correndo.

26. Quais os principais resultados obtidos, em vista do que se pretendia?

Foi o que eu disse.

27. Em que atividade você participou e quanto tempo permaneceu no projeto?

Não larguei mais, porque atrás desses políticos quase que vinte e quatro horas por dia. Eu não to desde o início porque eu tive que sair pra trabalhar fora, mas desde que eu vim pra cá, quando eu vim de lá eles já estavam instalados aqui, mas desde aí eu não paro de andar atrás desses políticos aí. Estou a quatro anos de volta.

28. Mudou o seu ponto de vista político?

Mudou, mudou sim. Alguma coisa que eu pensava, porque político pra mim era tudo uma coisa só, e apareceu alguns que se destacaram um pouco melhor aqui pra nós. Eu acho que melhorou um pouco.

29. Mudou o seu ponto de vista em relação (aos *pobres*) as comunidades carentes?

Mudou, mudou. É que tem muita gente que se acomoda, né. Não foi o nosso caso aqui, não é, a gente foi a luta pra conseguir o que se... E tem muita gente que se acomoda. Fica esperando que o político venha trazer em casa, e isso aí nunca vai acontecer. Tem mais carência quem não luta pra conseguir seus objetivos.

30. Mudou a visão que você tinha em relação ao seu papel na comunidade (*sociedade*)?

Mudou. Porque aqui eu tive que assumir uma posição mais... lá eu era mais neutro, porque devido a Cica com problema de saúde e o pessoal não tomava uma atitude de correr atrás de político. De conseguir o que a gente precisava, que era muita enrolação nessas casas e aí eu tive que botar a cara pra bater e eu acho que aí é que houve a mudança.

31. Mudou sua visão em relação à Universidade?

Mudou também. Pra mim, era uma instituição pra ensinar os seus alunos, pra mim era só ensino mesmo, e agora já vejo que eles entram em campo e fazem. “Lázaro acredita numa Universidade que se insere na comunidade, confirma.”

32. O que você acha que mais mudou em você?

Pelo menos eu tenho mais uma perspectiva de vida. Acho que daqui é só um passo, pelo menos já tenho onde morar, tenho casa, agora daqui pra frente é trabalhar e manter só. A gente sabe hoje que tem que ter mais cuidado com as coisas.

Associação

Coitada ainda nem foi instalada, porque não se consegue tempo pra se parar, mas acredito que o nosso objetivo é fazer a nossa associação pra se consiga o resto que é esgoto, essa creche, que é somente através da associação mesmo da gente se organizar e lá um poder de representando a comunidade conseguir essa escola essa creche. Ter maior representatividade na sociedade. Porque aí a gente tem acesso à imprensa aos órgãos públicos e conseguir aí tudo que a comunidade solicitar e pedir.

Já se pensou em formar uma cooperativa, só que já teve idéias de fazer uma cooperativa, só que os custos eram muito altos, então se pensou em associativismo. Seria várias empresas somente com um CNPJ, que sairia mais em conta pra todos. É parecido com cooperativismo, só que com o custo final é bem mais em conta. Idéia da Secretaria da Habitação da prefeitura do governo anterior.

Entrevista com a Sra. Gracinda Santos Feijó

Líder da Comunidade de Pescadores

1. Você sabe o que é ecomunitarismo? Caso saiba, explique.

O que é ecomunitarismo para ti?

Eu acho que não me lembro mais, que é o projeto, né, que a professora Jara, com nós lá, que eu sei que ele tem um significado que agora eu não me lembro.

2. Você sabe o que é educação ambiental? Caso saiba, explique.

O que é EA para ti?

Bom, EA pra mim... eu acredito que EA seja, não é só tu cuidar o verde, tu reciclar o lixo. Acho que a EA é tu saber de tudo um pouco, né. Por causa que a pessoa acha que a EA é só cuidar dos animais, dos verdes, eu acredito que não, eu acho que a pessoa tem que aprender também a, como é que eu vou te explicar? É, ah, como é que eu vou te explicar o que é EA? Eu to aprendendo agora. Eu não posso te explicar muito também. Mas eu acho que principalmente transmitir pras crianças, não é, o quê que é trabalhar com o meio ambiente, essas coisa assim, por causa que a EA tu tens que aprender a lidar tanto com as pessoas como com as coisas também. É explicar, como é que eu vou te dizer? É... agora não me vem as palavras. Como é que eu vou te explicar?

Pode ser com as tuas próprias palavras. EA pra mim, eu comecei a aprender isso com a professora Jara. É a gente aprender a lidar com os animais, com os verdes, com as crianças. Ensinar eles o que é o meio ambiente pra nós, cuidar da nossa água, até mesmo o nosso ar que hoje em dia anda tão poluído, não é. Eu acho que em geral é nesse meio assim. Eu acredito que seja isso.

3. Você sabe o que é educação ecomunitarista? Caso saiba, explique.

O que é Educação Ecomunitarista para ti?

Educação ecomunitarista? Bom a educação ecomunitarista, como é que eu vou te dizer? Eu acredito que tu saber a lidar com as pessoas, a viver assim... como é que eu vou te dizer? A conviver todos juntos, em harmonia sem atritos, aprender a conviver com os outros que isso aí, lá na comunidade era pouco que tinha, né. Então eu acredito que seja isso. Ter um pouco mais de paciência com as pessoas, um pouco mais de carinho com os outros também, né. Isso tudo vai conduzir a uma vida bem melhor a todos. Para uma comunidade melhor.

4. Você sabe que tipo de ação social busca a educação ambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Qual a ação social que busca a EA Ecomunitarista?

Essa ação social acho que vem ser ligado a mesma pergunta anterior, por causa que ação social no caso é fazer a união das pessoas. Eu acredito que tenha uma ação social já, por causa que... no caso, se eles eram todos desunidos e aprenderam a viver unidos, já é uma ação social, estão aprendendo a viver juntos. Tem mais harmonia, tem mais paz. Lá era um lugar onde tinha muitas brigas, muitas desavenças, as vezes até entre o casal mesmo; se batiam e tudo. Eu acho que isso aí já é uma ação social, né.

5. Você sabe o que é a ordem socioambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Não, essa eu vou ficar te devendo.

6. Você sabe quais são as três normas fundamentais da ética? Caso saiba, explique.

Foi muito conversado, mas agora me deu um branco.

7. Como era a comunidade São Gonçalo antes do projeto ecomunitarista e como ela é agora?

Como eu já explicava, não é, ela era uma comunidade separada. Ela tinha as antigas balanças do Trevo era os papeleiro, da antiga balança da ponte era os pescadores. Então a gente não tinha uma convivência, não se conversava, não se tinha amizade, por causa que era nós pescadores a gente era muito contra o jeito de vida deles. Que a gente achava errado aquilo ali, por causa que tinha muito traficante ali dentro, tinha muita droga rolando, a gente sentia aquilo, a gente tinha medo dos nossos filhos se envolver com aquilo. Dava muito tiroteio ali, muita briga de faca, então a gente não se misturava. Aí depois que a professora Jara foi pra lá e tudo, ela começou a juntar o pessoal, começou a fazer o pessoal entender e fazer denúncias, até eu mesma coloquei um guarda na casa lá e denunciei um traficante. Tive a minha casa tiroteada por causa disso. Quer dizer, depois que ela foi pra lá ela começou a conscientizar o povo, aí aos poucos eles começaram a entender que eles estavam errados naquilo ali. Muitos traficantes já foram presos, outros já morreram, até, com a policia, teve gente que morreu. Quer dizer que aos pouquinhos foi terminando e hoje é uma comunidade bem melhor. Tá certo a comunidade do Trevo tá na Ceval, mas assim mesmo, até onde eu saiba eles já estão bem mais calmos também, mais tranqüilo e tudo. Os pescadores estão no mesmo local, mas sempre foi uma comunidade calma. A mesma coisa que

está hoje, mas assim mesmo criou mais um vínculo de amizade entre a comunidade de pescadores e papeleiros. Quer dizer que a maior mudança que houve foi esta.

O que levou vocês a permanecer na ponte? Por causa que a gente tem muito barco. Se a gente ir pra Ceval, na Ceval não tem onde deixar os barcos. Na época a gente fez um acordo, a gente conversou com a Jara e tudo, a gente conversou com o prefeito Marroni por causa que a gente não tinha como ir pra Ceval e os nossos barcos ia deixar aonde? No São Gonçalo? Quando chegasse lá nem o barco existia mais. Iam roubar. Então a gente fez um acordo com ele da gente continuar ali. Que ali a gente esta perto da água, a gente está com os botes no fundo da água, a gente tá cuidando. Então pra nós ali é o essencial.

Quando a Jara chegou lá ela fez um trabalho e juntou os dois lados. Ela juntou o pessoal na brincadeira que ela fez foi que ela conseguiu juntar o pessoal, né. E dali ela começou a fazer trabalhos nos dois lados da comunidade. Como ela dizia vamos, juntar o norte com o sul e começou a unir o pessoal. Mas sempre tinha um que, eles achavam que nós era cheio. Aí um dia conversando com a outra líder que tinha ela disse? Não é que eles sejam cheios, é o jeito da gente que é assim. Por causa que nós tava sempre cuidando, cada vez que tinha reunião lá na casa, elas chegavam lá na casa e diziam tu é cheia, tá tudo sempre bem arrumado, bem limpo. Não é, eu fui criada neste ritmo eu disse pra ela. Não é porque eu sou pobre que eu tenho que ser relaxada. Aí ela ficou de mau comigo, que eu tinha chamado ela de relaxada. Eu disse: eu não chamei ninguém de relaxada, eu só tô te explicando. Aí a Jara conseguiu acalmar. Aí a Jara conseguiu conscientizar eles, fizeram ela ficar consciente de que não era porque eles ficavam ali, trabalhavam com o lixo que eles tinham que deixar aquele lixeiro na volta da casa. Aí conseguiram trazer o quartel, mobilizar boa parte da comunidade pelotense pra ir lá ajudar e tudo. Fazer um mutirão de limpeza e tudo. Nós fomos lá pro Trevo e ajudemos a limpar e tiremo caminhões e caminhões de lixo. Aí conseguiram dar uma boa limpada naquilo lá. Quer dizer que antes do projeto era praticamente a imundice e depois que o projeto entrou aí foi melhorando bastante, não é.

8. Como era a saúde antes do projeto e como é agora, sete anos depois?

É, no caso, a nossa parte lá, é praticamente a mesma coisa, né, dos pescadores lá, por causa que a gente sempre tomou muito cuidado com esse negócio de saúde, principalmente com as crianças, né. Agora, eu me lembro bem que na parte do Trevo ali era precário, por causa que eu

me lembro que a Jara levou uns estudantes de medicina aqui da Universidade pra ver quem é que tava doente e quem é que não tava, não é. Aí eu andava com as gurias de casa em casa. E elas chegavam nas casa e tinha uma senhora cheia de feridas no corpo, né. E pra mim, que eu conheço, aquilo é escabiose, não é, a sarna que eles chamam. E a guria perguntou pra ela se tinha alguém doente na casa, e ela disse que não tinha ninguém doente na casa. E aluna foi lá e disse pra professora Jara que a tia tinha dito que ninguém tava doente. Aí a Jara voltou e disse pra ela o que é isso aqui? E falou: Ah, isso aí é uma ferida, né, a senhora falou. Aí eu fiquei olhando, pra mim aquilo ali pode não ser doença, mas saúde também não é. Aí a Jara explicou pra ela que aquilo ali era um tipo de doença e se não tratasse amanhã depois ficaria pior, né. Aí aluna da Jara ficou meio assim, aí depois levaram os remédios tudo. Aí hoje eles sabem que se sair uma ferida eles vão no postinho e vão procurar um médico, mas antes não, antes era natural aquilo ali pra eles. Tinha bastante mortalidade infantil. Ali nos lados dos papeleiros, ali tinha muita morte de criança. E do lado dos pescadores eu não lembro de nenhuma criança que tenha falecido até hoje ali. Criança não, mas ali nos papeleiros tinha bastante. Várias crianças faleceram ali.

9. Tinha escola para a comunidade antes do projeto? E agora?

Não, a única escola que sempre teve foi do Simões Lopes, a Nossa Senhora Aparecida, o Balbino Mascaranhas e o próprio colégio Dr. Augusto Simões Lopes. Aí depois que a Jara colocou a escolinha pras crianças, né, e reforço escolar pros grandes. No Trevo ali a maioria não estudava, não ia a aula. Uma que naquela época não era exigido que não tivesse frequência na aula, então eles preferiam colocar as crianças pra trabalhar do que ir à escola. Eu achava muito errado isso aí, né. Os pescadores sempre estudaram. A minha filha mesmo já está quase formada. Só que ela não está aqui, está em Bagé. Ela agora foi embora pra lá. Tem uma sobrinha que está fazendo o segundo grau. A minha filha está tirando ecologia.

10. Como era o relacionamento (humano) entre os integrantes da família quando moravam no Trevo?

a. marido e mulher? E agora na CEVAL?

b. pais e filhos? E agora na CEVAL?

c. entre os irmãos? E agora na CEVAL?

d. demais integrantes familiares? E agora na CEVAL?

Daí era muito crítico lá. Era uma situação que eu mesmo muitas vezes me dei mal de me mete. Por causa que eles tinham mania, os homens do

lado de lá, eles tinham mania assim, eles bebiam ou se drogavam e batiam nas esposas. Espancavam os filhos. Se drogavam dentro de casa. Aí dava muita confusão por causa disso. Aí tinha um lá sempre dizia isso, ah chama a Gracinda. Aí eu ia lá e me metia. Eu era fundunça lá no meio, né, então aconteceu muito isso lá. Eu sempre dizia pra elas, pra elas não ficarem quietas, não é. Porque onde a mulher mostrar medo pro homem ele sempre vai querer fazer a mesma coisa. Aí depois que a Jara Foi pra lá, que começou a mostrar pra elas que elas tinham que ter autoridade sobre elas mesmas, que aí é que terminou um pouco disso aí. Acredito que não tenha mais agora lá na Ceval, mas antes tinha bastante. E na comunidade dos pescadores isso aí nunca houve, era uma comunidade bem mais calma mesmo.

11. Havia água, luz e esgoto? E agora?

Não, a luz a gente conseguiu, puxar rede pra lá, pro lado dos pescadores; o Trevo tinha algumas casas com luz. A luz com os pescadores lá nós paguemo a nossa rede, pra puxarem. Naquela época não tinha poste, não tinha rede, então a gente pagou, se juntou todos e pagou. Na água ela vinha do Trevo pra nós, mas de 96, 97, por aí, no Trevo, eles cortaram o nosso cano. Aí nós ficamos sem água. Aí como nos pescadores ali, tem o clube Santa Bárbara, tem muito capitalista ali, pescadores de Iate, amador. Então eles sendo capitalista, eles compraram todo o encanamento e, no caso, os pescadores fizeram a escavação por dentro do banhado e puxemo uma rede de água. Então a nossa água vem do clube Santa Bárbara, que é da rede deles, não é, a gente não paga a água, mas temos água. Esgoto nunca teve. A luz nós mesmo paguemo a rede.

12. Em 1998, como foram combatidas as drogas? E hoje, continua esse problema? E se ainda existe, o que está sendo feito para resolver esse problema?

Não, ela não chegava a ser combatida antes do projeto. Tinha muito tráfico lá dentro. Ela foi combatida depois de um bom tempo de projeto. Aí é que ela foi combatida, por causa que aí é que o pessoal acordou e começou a denunciar. Eu tive a minha casa tirotiada por causa disto.

13. O que faz com que essas pessoas usem drogas?

Olha, eu acredito que isso aí acho que é liberdade demais que se dá pra filho. É a liberdade, como é que eu vou te dizer, soltam demais. Quer dizer, ficam tempo demais na rua, não tem aquela orientação dentro de casa. Porque se a gente orientar bem os filhos dentro de casa, não deixa ele anda com más

companhias, eles não vão ter porque procurar droga nas ruas. Se eles tiverem dentro de casa carinho de pai e mãe, atenção de pai e mãe, se tiver uma boa educação dentro de casa, eu acho que eles não vão procurar. Eu acho que um pouco culpados é os pais. Eu penso assim pelo menos. Esse é o meu pensamento.

14. Como era o deslocamento dos moradores a outros pontos da cidade antes do projeto? E agora?

De bicicleta, a pé, até hoje é assim. Ônibus não tem. A linha mais próxima da minha casa da uns três quilômetros, mais ou menos isso aí.

15. Como eram as casas antes do projeto? E agora?

A dos pescadores continua as mesmas, que era praticamente todas de material, né. A dos papaleiros, ali, a maioria era barraco. Até a Jara conseguiu umas verbas que veio, se não me lembro foi UNICEF. Veio uma verba, ela fez uma compra de tábua e eu acho que o resto foi doado. Aí eles conseguiram dar uma reformada nos chalés. E agora por causa da Ceval que eu saiba, que eu vi no jornal ta ficando muito bonita as casa ali. Ta ficando muito boa as casa de lá. Nos pescadores nem uma residência lá tem fossa, poço negro, essas coisas. Nenhuma.

Onde são lançados os degetos? Tudo no canal Santa Bárbara, nos fundos. O encanamento vai direto no canal, até o das garagens dos clubes.

16. Como a comunidade participa, ajuda a professora Jara quando ela realiza algum trabalho na comunidade? A comunidade sempre colaborou como hoje?

Não, nem sempre foi assim. Ali primeiro fizeram a liderança, né. No lado dos pescadores, desde 98 que eu fiquei com a liderança. O pessoal não quis trocar depois. Os papaleiros trocaram várias vezes de liderança. Mas ali já tinha um grande problema, por causa que a gente conseguia as coisas, que eu sempre ia pra rua, fui nas rádios, pedia as coisas pra montar uma escolinha, montar uma cozinha comunitária e tudo. Aí o meu marido ía lá com os amigos dele, fazia, levantava tijolo, parede, janela. No outro dia ia lá tava tudo quebrado. A própria comunidade ia lá e quebrava tudo, roubava, as cadeiras, as mesinhas que a gente conseguiu pras criança, eles foram lá e quebraram tudo... Aí eu já ia lá chorando pra Jara: "Jara, quebraram tudo de novo". Aí teve uma hora que a gente cansou. Eu não faço mais, porque não adianta, eu tô fazendo, fazendo, fazendo e tão sempre quebrando. A gente conseguiu pia e tudo. A gente foi lá e roubaram a pia, roubaram as janelas que gente tinha acabado de colocar. A gente deixava de trabalhar pra ir lá colocar pra

levar, né. Aí a gente desistiu disso aí. Qué dize que a gente tinha pouca ajuda da comunidade nesse ponto. Eles não queriam a Jara lá. Eles iam lá riscavam as paredes que não queriam a Jara lá. No caso pra mim, né, eram os próprios traficantes lá de dentro né, que sabiam que ela tando ali era uma ameaça pra eles. Com isto aí a gente custou muito. Era medo de perder o reinado, como perderam de fato. Teve que aparecer a professora Jara pra acordar o povo. Em parte a comunidade via fazerem as coisas e não faziam nada. Aí um dia eu cuidei, aí o meu marido foi lá e colocou as janelas lá... Aí eu não deixei nada lá dentro, levei tudo pra minha casa e o meu marido fez as paredes de novo, botou as janelas ele e uns amigos dele lá e eu peguei a bicicleta e saí. Eu disse; eu vou cuidar e vou pegar. Aí quando eu vinha perto do posto fortaleza, lá eu cuidava, né. Então eu vi quando dois estavam arrancando a janela. Aí quando estavam arrancando as janelas eu liguei pra Jara e chamei a outra líder, né, que ela tava olhando da casa dela e viu. Se tu tá vendo, tá pertinho, porquê que tu não fez alguma coisa?. Aí ela ficou meio assim..., mas era mulher de um deles também, não adiantava nada. Aí eu falei pra Jara, tirei a janela do cara, o cara disse que ia me dar um tiro. Então eu chamo a polícia. A janela é daqui tu vai levar a janela, eu tenho prova. Até era um dos caras que traficava pro outro, não é. Aí o meu marido achou a demora, veio atrás de mim, nós tiremo a janela e levemo lá pra casa a janela, e aos pouquinhos foram perdendo essa mania, perdendo esse jeito. Acho também que com tempo eles foram acostumando com a Jara ali, a Jara deu muita força também, até um deles trabalhou agora a pouco na casa da Jara. É uma pessoa que gente vê que ele mudou também, né. Aos poucos as pessoas foram mudando, foram se conscientizando. *Fala um pouco do primeiro contato, quando vocês viram a Jara pela primeira vez.*

Comigo foi muito bem. No início me dei muito bem com eles, que no início era o Renato Brito, né, o Ivan Vaz, a Marta, era uma turma grande, né.

Eles foram aceitos de imediato? Da nossa parte foi um aceite imediato, o pessoal aceitou eles muito bem e tudo. Agora, do outro lado teve um receio. Pelo próprio trafego eu acho, né. Falavam mau da Jara. Dizia que a Jara tava usando eles pra arrumar coisa pra ela. Teve uma lá que uma vez dei-lhe uma tunda nela por causa disso. Por causa que ia denunciar a Jara na rádio, que ia falar mal da Jara pra ela ficar mal com a Católica. E eu me invoquei e caguei ela de pau. Fiquei braba com ela. Mas no começo eles foram meios rebeldes com a Jara sim. Eu lembro que tinha um lá, me parece até que ele

faleceu, se eu não me engano, que ele uma vez queria até dar um tiro na Jara. E a Jara dizia pra ele: “Tu quer atirar tu atira”! E eu dizia pra Jara: “Jara, não é bem assim as coisas, tu não pode também te expor ao perigo, por causa que tu tens família, tens que te lembrar que tens os teus filhos, tens a tua família a tua casa, agora como é que tu vai te expor?”. Eles são louco, eles chegam e atiram. Aí foi, foi, e depois eles aceitaram bem a Jara. Hoje eu não sei como é na Ceval, mas eles aceitaram bem a Jara.

17. Que projetos mais marcaram a comunidade entre os anos de 1998 e 2005, na sua opinião?

Eu acredito que o que realmente marcou a comunidade foi a vitória que ela teve em conseguir as casas pro pessoal ali, né. É uma coisa que vai ficar marcada pro resto da vida, porque depois de tantos anos aquele povo mora ali e ela chegou ali e conseguiu tirar pessoal dali e colocar num lugar melhor, eu acho que é uma coisa que vai ficar marcada pro resto da vida. Tem gente ali que mora a praticamente quarenta ano ali, que tá na Ceval agora. E a comunidade dos pescadores mais ou menos o mesmo tempo.

18. Quando vocês começaram a se reunir para fazer assembleias e discutir os problemas da comunidade?

Foi mais ou menos em 99. É, em 98 ela chegou lá e tudo, e em 99 nós começamos a nos reunir. Por causa do próprio projeto eles começaram a se reunir, a conversar e tudo... Quer dizer, o projeto uniu eles. No caso o projeto da professora Jara, né, nunca sem ela. Foi o projeto ecomunitarismo que uniu o pessoal. Eles aprenderam com o projeto a se reunir, a sentar, conversar, ser civilizado. Que só sabiam na ponta da bala, na faca, como eles diziam, não é. Eles pararam com aquela bobagem de tem que ser brigando, gritando... A bala, lá, roncava dia e noite. Teve várias mortes em função disso.

19. Como eram tomadas as decisões na comunidade antes do ecomunitarismo? E agora? As decisões antes lá era como eu te falei, não é (referindo-se ao pessoal do Trevo, atual Ceval). Lá os pescadores, lá não, a gente já tinha um pouco mais de diálogo. A gente já conseguia antes do projeto da Jara a gente já tinha entrado em discussão com alguns problemas que a gente tinha e tudo né. E geralmente era eu que corria. Eu tinha vários problemas com esse negócio de IBAMA, PATRAN, né. Então a gente trabalha quase com os mesmos trabalhos, né, quase, que é a parte de santa fé e a pesca. Então eu tive pessoas multadas por causa da palha, eu tive pessoas multadas com o negócio de ratão, então aí a gente aprendeu a se virar sozinho. A gente não tinha ninguém né. Então quando pegaram

um pessoal com a palha, pegaram um amigo nosso e pegaram o meu cunhado eu procurei ajuda de outras pessoas. Naquela época eu não conhecia a Jara. Aí eu procurei outros órgãos e tudo, mandei carta pra Brasília pro presidente do IBAMA de lá, pro ministro, na época era o Marcus Marcolin, que era aqui de Porto Alegre e tudo e pedi ajuda pra ele e a gente conseguiu até mesmo tirar as multas, né. A gente entrou com a defesa, que não tinha condição de pagar, e eu tinha uma amizade boa com a Cecília Hipólito aqui do PT, e me orientaram bastante... Então a gente corria e conseguia resolver tudo. Agora, ali no Trevo, ali não, ali no Trevo antes eles não tinham um diálogo, nada, né. Lá não, lá nós já conseguia resolver os nossos problema. Claro, depois a Jara foi pra li ficou mais fácil. Ela nos orientou mais, ensinou mais as coisas que devia e não devia e pra nós ficou mais fácil depois que a Jara foi pra lá.

20. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarismo? Quais são hoje as fontes de renda e como vocês organizam estas fontes de renda? (individual, cooperativa, etc.)

Não, só tem cada um por si, né. Antes do projeto e até mesmo agora, por causa que nós lá, era assim: na época do prefeito Marroni, a gente conseguiu uma cooperativa de pescadores, mas lá na represa. Então a gente tá tentando colocar lá um quiosque pra fazer um tipo de um intermédio, não é. Que a gente deposita no quiosque o caminhão vem e carrega e leva pra cooperativa. O caminhão é da cooperativa que fica na Z3, que é a Lagoa Viva.

21. O que melhorou? O que piorou e o que resta fazer, na sua opinião?

O que melhorou foi o que eu disse, não é, praticamente melhorou 100% esse negócio de união, essas coisa assim, isso aí melhorou bastante. As pessoas aprenderam a viver melhor, porque viviam sempre em atrito, piorar não piorou nada, melhorou quase tudo. De pior não tem nada. A única que piorou agora foi que terminou o projeto, a Jara foi embora e o que tem pra fazer ainda, eu diria que o que tem que fazer lá que eu já entrei com o pedido no SANEP, é uma rede água pros pescadores, que eu já pedi, eles estiveram lá cavaram, mas nunca mais voltaram. Eu acho que seria isso aí, a rede de água pra nós lá que a gente ta precisando. E uma rede telefônica, que a gente já cansou de pedir e nunca conseguiu nada. Seriam duas coisas essenciais pra nós, lá. O transporte é uma coisa que a gente sabe que não tem como botar pra nós, né. As crianças vão pra escola de bicicleta ou a pé. Dá na base de três quilômetros até o Simões Lopes e continuam estudando com

o pessoal da Ceval, são tudo colega, jogam bola junto e tudo. Antes era tudo separado, agora sai o pessoal da ponte e vai lá na Ceval jogar bola. Hoje até se visitam.

22. Que sonhos vocês ainda têm para o futuro da comunidade?

Da comunidade até nem sei. O meu sonho, até temos conversado muito eu e o meu marido, é vender tudo e ir embora pra fora. Arrumar uma chácara e ir embora. Agora, o sonho da comunidade, eu tenho gente do meu pessoal, ali que tá tentando arrumar terreno na Ceval, isso eu sei. Tem três famílias lá que querem ir pra Ceval, que não são da pesca. O meu pessoal ali, da pesca, o sonho deles ali é conseguir material de pesca pra trabalhar na lagoa. No caso o nosso sonho seria esse.

23. Existia solidariedade na comunidade antes do projeto? E hoje?

Do nosso lado ali sempre existiu. Todos ali sempre ajudou uns aos outros, nunca teve esse tipo de coisa. E lá, do pessoal do Trevo, não tinha. Ali já era mais difícil. É claro, tinha as exceção, né, tinha famílias que tinha. O pessoal da Cica também foi muito bom também. O pessoal da Cica, nunca tive esse tipo de problema. Com a família dela ali, não. Tinha outras famílias boas que foram embora. Mas a gente vê que era muito pouca a solidariedade ali. Hoje os pescadores continua a mesma coisa. Muitas vezes pediram socorro pra nós, o pessoal do Trevo. Em várias ocasiões até. Coisas de briga, coisa assim, não é.

24. Como convivem com as diferenças religiosas, sexuais, políticas, dentro da comunidade? *As pessoas respeitam as diferenças?*

A gente respeita muito sobre isso, né. Religiosa ali, praticamente não tem nem assunto, por causa que a minha família é de origem católica e a família do meu marido também. Quer dizer, a maior parte ali é Stein, então a maioria ali é católico. Eu tenho ali três umbandistas, mas não é dentro da comunidade, eles saem pra fora, pra ir pra religião deles, mas também não se discute esse negócio de religião, né, então, quer dizer, que cada um tem a sua, e não se discute isso. A política ali a maior parte é PT, então não se discute isso também, todo mundo é petista, não tem problema nenhum. Sexualidade ali a gente teve um grave problema numa época lá, até a Jara sabe, um estropo que deu com uma menina, até eu nem sei se foi estropo, a Jara chama de estropo, eu não diria estropo, por causa que eu acho que quando a mãe sabe não é estropo, não é, a guria aceitava. Na época eu me revoltei muito com isso, a guria era uma criança. Foi o

único problema que nós tivemos lá foi esse. Até, ela no caso, pra mim já sabia o tava fazendo, com doze anos já sabe. Eu tenho uma filha de treze anos. E ele um homem de cinqüenta anos não respeitou aquela criança e ela como mãe aceitou aquele homem dentro da casa dela pra fazer aquilo ali. Eu me indignei com aquilo ali, na época. Aí a Jara até se meteu, que eu dei uma tunda na mulher, não era pra ter dado. Ela não cobrava, só por sem-vergonhice mesmo. Aí eu me indignei com aquilo, dei-lhe uma tunda nela, ficou todo mundo de mau. Eles foram embora de lá. O único problema que tivemos lá também foi esse. “Aí parou”.

25. Quais os principais objetivos (e atividades) desenvolvidas na comunidade, ao longo desses sete anos, na sua opinião?

Eu acho que foi a mudança pra Ceval mesmo. Esse projeto de dar uma vida digna pro pessoal, o principal deles. Graças a Deus foi conseguido. O pessoal se conscientizar, ficarem conscientes de tudo e uma coisa que eu acho muito importante também que a Jara conseguiu, que ali no Trevo eles tinham uma coisa assim, eles tinham uma mania que eles tinham que sempre ganhar. Eles viam uma sacola de rancho eles saiam matando todo mundo pela frente. Eu achava horrível aquilo ali, saiam se quebrando se empurrando, brigavam, pra pegar uma sacola de comida muitas vez e a Jara conseguiu dominar eles com aquilo ali. Lá na ponte eu nunca tive esse problema, porque quando iam lá fazer doação, porque era muito difícil ir pra lado de lá; até hoje. Bom, hoje mesmo não vai ninguém. Depois que a Jara foi pra lá, que ia algum carro lá pra entregar alguma sacola, alguma coisa, o meu pessoal dali, eles nunca saíram correndo pra pegar uma sacola. Eles ficavam nas casas esperando. Já no Trevo, já não, eles iam em cima da faixa correndo. Então eu dizia pra Jara, aquilo ali é horrível aquilo ali, parece que é um bando de animal. E a Jara um pouco tirou aquilo deles, quer dizer, a Jara não, o projeto, né. Ela conseguiu dominar um pouco deles disso aí, por causa que aquilo ali eles brigavam, batiam uns nos outros, beliscavam, mordiam, era horrível. Então aquilo ali, acabou aquilo ali.

26. Quais os principais resultados obtidos, em vista do que se pretendia?

A pretensão era tirar o pessoal dali. Em parte ela conseguiu tirar cinqüenta por cento, porque ela queria tirar todos, mas os pescadores ficaram como ela diz. Pra nós é melhor ali, então eu acredito que se conseguiu o 100% que ela queria, porque o pessoal que realmente precisava sair saiu, ta em lugar melhor. Porque é fim de avenida, eles têm água, eles tem luz, eles

tem telefone, eles vão ter telefone, vão poder dar uma melhor pros filhos deles. Agora, pra nós ali, é o essencial, eu sei que não é uma vida digna que a gente tem ali, porque eu não morei toda a vida ali. Eu, faz quinze anos que eu tô ali, eu já morei ali nomeio do Simões Lopes, eu sei o que é morar num bairro, então eu acredito que pra nós ali, tivesse esgoto ali, tivesse tudo direitinho, pra nós tava essencial. Mas pra nós sair dali fica difícil, por causa dos nossos barcos. Mas eu acho que o objetivo ali era tirar o pessoal pra... Além de ter uma entrada de cidade, de ficar melhor na entrada da cidade, o pessoal vai ta bem colocado nos terrenos lá, vão ter uma casas dignas. Se fosse depender deles não teriam condições de fazer, né, pela despesa e tudo de material e acho que o objetivo era esse, e foi conseguido. Eu acredito isso.

27. Em que atividade você participou e quanto tempo permaneceu no projeto?

Eu permaneci todo tempo, desde que começou até terminar. Participei de todas as atividades, até mesmo da invasão da Ceval, junto com eles, né. A gente apoiou eles nisso aí. Mesmo dizendo desde o início a gente não ia pra lá, que a gente ia brigar, mas não ia, a gente apoiou junto, a gente foi pra lá, calçou o pé junto na época. Então quer dizer que eu participei sempre do projeto, Desde que ele chegou até ele sair.

28. Mudou o seu ponto de vista político?

Não. Eu sempre fui PT. Meu ponto político não mudou em nada. A minha visão política sofreu sim, por causa que a imagem política que a gente, né, na política nunca se preocupou com nós, mesmo sendo esse partido ou aquele, não interessa. Eles nunca se preocuparam com o pessoal ali. Eles só se lembravam de ir lá na época de eleição, pedir voto e tudo. Então é uma coisa que a gente tem que considerar, né. Só se preocuparam depois que a Jara foi lá botou o projeto lá, que a Jara convidou todos eles pra ir lá, porque era época de eleição, foi em 2000. Nessa época a Jara fez o convite pra todos irem lá, não foi ninguém, só o Marroni. Foi o único que apareceu, não é. Na época lá foi o Marroni e o Mário Filho. A gente sentou, conversou com ele e tudo. Até foi dentro da minha casa mesmo, a gente conversou bastante com ele, qual era a pretensão que a gente tinha, né. Porque no caso a Jara só serviu de intermediária, né. Aí a gente falou pra ele o quê que era; que a gente queria um lugar descende pra morar, pra criar os filhos e tudo e daí ele deu cinco lugar pra gente escolher. Só que os cinco que a gente visitou, nenhum lugar deu. Foi quando o pessoal na volta resolveu invadir a Ceval. Aí no mesmo dia a gente foi pra lá e foi com tudo lá pra dentro e

fiqueмо lá até eles resolverem a da a Ceval. Depois de bastante negociação. Quer dizer, que antes disso política, nem pensar.

29. Mudou o seu ponto de vista em relação (*aos pobres*) as comunidades carentes?

Mudou por causa que agora eu sei que a comunidade carente ela tem como ela crescer, lutar por uma coisa melhor, e antes eu achei que uma comunidade carente era aquilo ali e ficaria naquilo ali. E agora a gente sabe que não. A gente sabe que tem condições de mudar.

30. Mudou a visão que você tinha em relação ao seu papel na comunidade (*sociedade*)?

Mudou por causa que eu antes, eu era..., como é que eu vou te explicar? Eu trabalhava ali pra nós, era só por nós que eu lutava e tudo, e agora não, agora eu sei chegar a qualquer hora num público, saber me expressar, eu sei brigar pelo que eu quero, pelo que a minha comunidade precisa, eu sei com quem eu tenho que falar, onde eu tenho que ir, como conversar. Antigamente eu tinha um pouco de vergonha, um pouco de respeito de chegar neles, né. Então quer dizer que mudou bastante sim.

E tu atribui a que essa tua mudança? Eu atribuo isso ao projeto ecomunitarista. *Tu poderias me dizer de que forma ele contribuiu para essa tua mudança?* Bom, ele contribuiu por causa que através dele eu comecei a ir a reuniões de prefeituras, de todos os órgãos públicos, eu viajei, eu aprendi através do projeto a me expressar. Até mesmo a me cuidar melhor. Antes eu não tinha tempo, era só trabalhar com peixe, cuidar dos meus filhos. E depois do projeto não, com o negócio da liderança eu aprendi que tinha que me cuidar melhor por causa das reunião que eu tinha que enfrentar, que eu não podia aparecer mau, então nesse ponto de vista foi que eu aprendi tudo.

31. Mudou sua visão em relação à Universidade?

Mudou. Por causa que eu sempre achei que a Universidade era só pra pessoa que era estabilizada na vida, pessoa que pudesse pagar. Hoje eu sei, que não é assim, eu já dei várias palestras na Universidade, aprendi a conhecer as pessoas; claro a gente sabe que assim como tem pessoas que aceitam uma favelada dentro da Universidade, como a gente diz, e tem aqueles que também não aceitam. Mas eu sempre achei que eles todos não aceitavam. Hoje eu vejo que não, que assim como tem os que não aceitam, tem os que aceitam também, e eu posso dizer que eu fui bem recebida dentro da Universidade, por todos, tanto pelos alunos como pelos professores. Pela Reitoria eu fui muito bem

aceita, muito bem tratada, e aí eu tinha outra visão dela.

Que visão era essa? Eu tinha uma visão assim que..., eu ia chega lá, que eles iam torce a cara pra nós, que a gente era pobre, era de beira de canal, era a visão que eu tinha da Universidade era essa. Iam nos menosprezar pela situação financeira que gente tinha. Hoje essa visão é o contrário. Eu achei que a Universidade era só pra filho de rico, né, agora a gente sabe que não é, por causa que eu aprendi e conheci que tem muito ali gente pobre que trabalham pra poder pagar a Universidade. Às vezes até atrasam a mensalidade, não é. Eu conheci bastante pessoas ali dentro assim, então quer dizer; não é só aquele que pode e que tem condições financeiras de estar ali dentro. Tem os que não tem também, mas só que estão se esforçando pra poder manter aquilo ali, pra ser alguém amanhã depois

32. O que você acha que mais mudou em você? O que mudou em mim é que hoje eu não sou tão envergonhada, hoje eu sou mais desinibida. Eu era bastante inibida na época, eu tinha bastante vergonha de conversar, de chegar nas pessoas e conversar, né. Hoje não, hoje de tanta entrevista que eu já dei, de tanta reunião que eu já fui eu já aprendi um pouco mais. Eu acho que a principal coisa que mudou em mim eu acho que foi isso.

Entrevista com Paulo Oppa

Arquiteto pela Universidade Federal de Pelotas
Ex-Secretário Municipal de Habitação – Gestão
2000/2004

Atual Vereador da Câmara de Pelotas pelo PT

Sempre militei na área da habitação popular como uma prioridade, e sempre acreditei que um dia um governo sério se preocuparia com essa questão da moradia. Então, quando o Marroni ganhou as eleições eu gestiono junto ao Marroni a criação de uma secretaria de habitação que acabou sendo criada, não é, mesmo o município tendo muito poucos recursos, mas a possibilidade de uma organização, de uma inteligência local que buscasse recursos federais, estaduais para resolver os problemas da moradia que acabou acontecendo. O programa PAR, o programa PSH; e nesse ínterim, também foi um período de muitas cheias na cidade de Pelotas, que agora está se revertendo em secas, não é, e no primeiro ano nós enfrentamos um período de muitas cheias naquela região ali, eu ainda era diretor do Departamento de Organização Popular, a secretaria foi criada no segundo ano, em 2002, e comecei a partir desse governo a ter contato com essa população.

O Marroni, prefeito, tinha ido até o DU pedir, e nos dito era prioridade nossa buscarmos um local para reassentarmos aquelas famílias ali, que era um símbolo da exclusão social da nossa cidade e, então, que nós tínhamos que reverter. Era simbólico para uma administração popular, não é, buscar a melhoria daquela comunidade. E assim como eu estou te dizendo, ele me disse. E eu, muito bem. Veio a primeira enchente, não é, e a gente começou os processos de negociação, não é, e aí foi que eu comecei a compreender melhor o problema, não é, quando cheguei próximo as pessoas ofertando, que o município tinha áreas próximas à Sanga Funda e como era uma população que criava porco, não é, a gente de repente transformá-los em uma produção agrícola, com alguma criação, porque a área é extensa, que a prefeitura tem lá. Ofertamos uma série de áreas da prefeitura e nenhuma delas foi aceita. E eu compreendi, porque na verdade eram noventa e oito famílias que a gente tinha contabilizado quando chegamos no governo, das quais quinze eram pescadores, não é, e setenta, setenta e cinco eram catadores de lixo no centro da cidade. Por isso essa relação, por estar naquela região ali. Porque a busca do local de moradia estava relacionado com a sobrevivência, porque não adiantava dar uma casa pra eles com todas as condições num local onde eles não pudessem sobreviver, auferir renda. Portanto, o fator determinante para

localização deles era ligado à possibilidade de auferir renda. Portanto essa distância do centro da cidade pra eles era fundamental, assim como os pescadores em relação ao canal, não é. Compreendido isso, não é, nós começamos a buscar alternativas.

Quando deu aquela grande enchente, eles acabaram tendo que sair e ocupando uma área. E eu tinha trabalhado na Ceval, tinha sido trabalhador da Ceval também por coincidência. Conhecia aquela propriedade e busquei, não é, o proprietário que tinha passado pra Bungue Alimentos, não é, e através de corretores de imóveis que eu conhecia e acabou me chegando um representante da Bungue me chegando a mim, não é, um mês depois que eu comecei a buscar, não é, e começamos a negociar aquela área. Eles fizeram uma oferta, não é. Nesse meio tempo aconteceu a enchente. Eu me lembro que o prefeito me chamou num sábado a tarde: “ô Paulo, vem cá que eu quero te mostrar uma situação. Temos que resolver isso aqui”, diz ele. Primeiro ano, eu sei que a dificuldade é grande... E eu: Prefeito, eu tenho uma alternativa. É, e aonde é que tu vais levá-los, porque o povo não quer ir para a Sanga Funda, diz ele. É, e com razão. Vamos ali pra onde está aquela chaminé. O quê que é aquilo ali? É a área da Ceval. Vamos agilizar. É alto o troço, protegido pelo dique e próximo ao centro. Aí começou a minha relação com aquela comunidade que acabou ocupando parte da propriedade da Ceval que eu também não sabia quando começou, porque quando o processo de negociação eu não sabia que eles já tinham ocupado parte da área da Ceval. Quando eu me dou conta nós estávamos negociando parte da área que eles mesmos já tinham ocupado. Coincidiu, né. E coincidiu também que a Bungue queria se desfazer do patrimônio, coincidiu que o Guanabara também queria uma área lá no prolongamento da Osório com a D. Joaquim, que estava prevista a abertura que atravessava uma área que era de propriedade do Guanabara, não é. A prefeitura também não tinha interesse em abrir aquela área, então vendeu aquela rua pro Guanabara e em troca o Guanabara pagou parcelas da área pra Bungue. Houve uma troca que foi feito que atendeu os interesses do Guanabara. E daquilo que a gente não tinha dinheiro, com muito pouco dinheiro a gente conseguiu fazer essa negociação. O que mostra o seguinte, que a população sabia pra onde queria ir, né. O que mostra que é possível; às vezes a gente acha que é impossível; a gente fica lá dentro do poder público, dentro da sala: pô, não tem solução pro problema, não tem dinheiro, e às vezes, né, conversando com um e com outro tu consegue, e com a própria comunidade, achar um lugar ideal pra eles, não

é. E a partir daí houve uma negociação longa do valor, negociação com o Guanabara, passar pela câmara de vereadores e por fim fechar toda a negociação, não é. E passamos a lutar por toda a infra-estrutura. Colocação de água, energia elétrica no local; algumas famílias não saíram enquanto não veio energia elétrica, não é. E também incluímos eles no PSH (Programa de Subsídio e Habitação de Interesse Social) que dava R\$ 4.500,00 a fundo perdido pra construção das moradias. Isso pegou o processo eleitoral que eu acabei deixando de ser secretário pra concorrer a vereador, não é. Uma necessidade do partido, não é. E esse dinheiro ficou depositado na Caixa Econômica Federal e agora o novo governo veio e de imediato começou a negociar com uma empresa a construção das moradias. Então o que a gente conseguiu fazer foi negociar a área, foi botar água, foi botar energia elétrica, foi deixar o dinheiro depositado para a construção das moradias, não é. O que pra eles, quando eu cheguei lá, era uma decepção muito grande. Eu te digo que até eu mesmo fiquei surpreendido com o..., embora o tempo, não é, três anos de governo pra conseguir isso tudo? Eles estavam lá há quanto anos? E vinha promessa, e vinha repromessa e aquelas coisas todas. Num lugar que eles mesmo escolheram. Eles estavam convencidos que tinham que sair dali, não é. Ele não agüentavam mais as águas, enchentes uma em cima da outra. Nesse meio tempo encontramos a Jara, com o programa dela, com o projeto dela, nos associamos, tanto é que muito tempo aquela área ficou lá com os lotes demarcados e não foram ocupados. A prefeitura não tinha como controlar, mas nós acordamos com as lideranças que não entrava ninguém lá sem nós acordar com a prefeitura junto com ela. E área foi mantida intacta, ninguém ocupou aquela área lá. Porque houve outras enchentes, outras pessoas também foram remanejadas, ali são cento e vinte e dois lotes, eles eram noventa e oito, quinze ficaram lá, os pescadores não saíram de lá, estão lá ainda, pela questão de sobrevivência. E a própria relação com a água. Eles estão acostumados com a água, tem barco, entendeu. Aquilo não afeta a vida deles porque é do cotidiano a relação com a água. As casas são mais em palafitas, são mais altas e muitos dos pescadores têm licença inclusive da marinha para estar lá, então a prefeitura não tem como... Os pescadores também cortavam Santa Fé, plantavam nas ilhas... O nível também de vida, eles se articulam, eles defendem os interesses deles, tem relação com o IBAMA, com a PATRAN. Tem uma família muito grande que é a família Stein. Um dia eu sentei lá pra conversar com a Gracinda e disse: ô Gracinda, nós temos que sair daqui. E como eu dizia: olha

esse pessoal, a natureza e o canal muito mais do que a gente. E nos deram verdadeiras lições de porque eles estavam lá e nós compreendemos isso, compreendemos as razões deles. E compreendemos que é possível que alguns fiquem ali sobrevivendo do peixe e aquela coisa toda que já estão acostumados, mas já têm as suas casas mais altas, mais protegidas. Eles têm água e têm energia elétrica, que foi colocado ali há mais de quarenta anos atrás. Os dejetos são lançados diretos no canal, no Santa Bárbara. Isso é um grande problema que precisa ser resolvido. Outra coisa que eu aprendi porque eu também convivi com outras comunidades lá no Pontal da Barra, preservar a natureza não significa retirar o homem do seu meio, é possível preservar a natureza como homem ali estabelecido, desde que tenha tratamento pro esgoto, tenha como lidar o manejo; e eles mesmos são conhecedores da natureza. Aliás, setenta por cento do esgoto da cidade in natura vai pro São Gonçalo. Ali são só mais quinze famílias que estão fazendo a mesma coisa, não é.

O loteamento era previsto para cento e vinte e duas pessoas, a comunidade total era noventa e oito, quinze ficaram lá, né, os pescadores. E teve mais umas quatro ou cinco famílias que se negaram terminantemente a saírem de lá. Então, sobrou espaço no loteamento, que a prefeitura diante daquela grande enchente que teve no ano de 2004, remanejou gente pra lá também, que começou a interagir com essa população que tinha uma organização bem mais antiga e se preservava e ainda se preserva, não é. Tem gente que não tem interesse que aquela comunidade saísse de lá, ali por trás se esconde um submundo, que está por trás daquelas pessoas ali e que portanto não quer que elas saiam dali, para poderem, então, continuar suas atividades. É um conflito muito grande que por trás disso essa população também se beneficia desse submundo, não é, porque acabam se compartilhando lá alguma coisa. E mais a cultura de que as pessoas são coitadinhas, são pobrezinhas... Então todo mundo vai lá entregar alguma coisa. O assistencialismo. E uma parte até pensava, que saindo de lá iria perder um pouco disso.

Claro que quando eu cheguei lá foi fundamental ter chegado com a população organizada. O que era organizada? Era minimamente organizada. Era saber que eu poderia negociar com a comunidade. Imagina se eu pudesse negociar com a comunidade? Se tem vários blocos fragmentados e eu não sei com quem eu estou negociando? Olha a dificuldade que geraria pra prefeitura se nós não tivéssemos uma centralidade política, entendeu... A Jara é dava o aval, vamos por aqui, vamos por lá. Então isso

foi importante até pra manter a própria área, porque eles ocuparam inicialmente, mas que não deixaram ninguém de fora. Porque sempre que há ocupação de terra urbana, há deslocamento, a periferia conversa com a periferia. Tu podes ter certeza disso. O que acontece aqui na periferia aqui dos Navegantes a periferia lá do Pestano fica sabendo. Há uma comunicação entre eles, e eles sabem quando há uma ocupação urbana. Então, sempre que há uma ocupação urbana acontece uma corrida do ouro. Então corre gente da periferia pra ocupar. Ocupar pra quê? Pra vender, pra negociar, então é difícil tu manter, ocupar e manter com as pessoas que realmente necessitam, aquela coisa toda e essa população conseguiu. Não foi a prefeitura, eles que conseguiram manter a área pra eles. E isso foi fruto das organização. Então, pra negociar, pra manter a área, pra manter eles unidos, e pra manter eles mobilizados, que muitas vezes a gente se utilizou da mobilização deles pra pressionar. Eu era só secretário da habitação, mas nós tivemos problemas d'água e eles se organizavam lá no SANEP, iam na CEEE e peticionavam e a mim mesmo eles pressionam, porque eu sou secretário, mas tenho mil pautas pela frente. É que coincide o trabalho da Jara com um governo que quer participação popular. Apesar de tudo isso a população tinha esperança, estava querendo lutar, estava lutando e tinha esperança.

Cooperativa

Eu sou um cara experiente na área de habitação, sou arquiteto da área da construção civil, trabalho há muito tempo nisso e tenho experiência com as cooperativas habitacionais uruguaias, que é bem diferente das cooperativas que a gente tem no Brasil. Tanto as de serviço, quanto as de habitação. Porque cooperativa é uma relação horizontal, não é uma relação em que um é dono e o resto... né. E as cooperativas que se instalaram no Brasil a maioria são verticais. A maioria das cooperativa que se estabeleceu no Brasil é uma forma de burlar a lei, a legislação e bota as pessoas a trabalhar pra elas sem carteira assinada, rebaixar salários sem os direitos sociais. E isso que aconteceu por conta da globalização, por conta do produto chinês que entrou com mão de obra escrava... Então, quando eu falo de cooperativa eu falo de um outro tipo de formação, de educação, de relação horizontal, de autogestão. Como é que uma cooperativa vai trabalhar onde um ou enriquecem? Eu não reconheço isso como cooperativa. Cooperativa de limpeza urbana, isso aí não é cooperativa.

As cooperativas que eu conheço são ligadas a FUCVAM (Federación Uruguaya de Cooperativismo de Viviendas por Ayuda

Mutua) e é desse movimento político que eu participo, é aí que eu tenho raízes. Sediada em Montevidéu e conhece a comunidade porque esteve presente na comunidade, não é. Então essa é uma cooperativa que se organiza a partir da vontade das pessoas que espontaneamente se juntam pra resolver os seus problemas, que passam por um processo de educação muito grande. Porque fundar uma cooperativa é uma coisa muito fácil, vai ali junta vinte pessoas e pronto. Mas não é isso, cooperativa é pra eles lá e pra mim uma opção de vida, de viver de forma coletiva, de resolver os seus problemas de forma coletiva, de uma relação de participação. E quando eu digo participação é efetiva participação. Lá nas cooperativas do Uruguai é obrigatória a participação, não é, se a pessoa não pode ir, bom vai a mãe, vai o filho, mas todos participam. Há uma relação efetivamente horizontal entre todos. Todos têm o mesmo poder de voto, todos definem o que tem que se definir. Lá por exemplo, eles compram áreas no Uruguai, se juntam pra comprar áreas, pra conseguir dinheiro junto ao Banco da República Oriental Uruguai. Então é uma organização espontânea, livre das pessoas que passa por um processo de educação longo, porque cooperativa é mudança de comportamento, mudança cultural e isso tu não faz de uma hora para outra, não é. Então eles têm um longo processo de informação e de educação, onde muita gente entra pra dentro da cooperativa e acaba saindo. Porque na verdade tu tens que optar. Tu vais entrar pra dentro de uma organização, tu tens compromisso com aquela organização de dar a tua contribuição, de participar dela, de discutir, de dar a tua contribuição financeira... Na verdade ela tem uma direção, um presidente, ela tem tesoureiro, ele tem secretario, ela tem um corpo dirigente, mas não um corpo pra dizer aos cooperados o que tem que fazer, mas um corpo pra executar a decisão dos cooperativados. Lá eles construíram mais de dezoito mil casas a partir desse sistema e também eles vão agregando serviços. Trabalho e renda, saúde, eles tem postos de saúde dentro das cooperativas habitacionais, a produção de alguma coisa pra própria cooperativa, compras coletivas. Dependendo de cada grupo e necessidades eles vão agregando outras coisas, mas a partir do tema moradia. O projeto é eles que contratam. Existe o Instituto Técnico no Uruguai, que faz os projetos pra eles. E tem lei no Uruguai que é obrigado a financiar cooperativa. Tu monta uma cooperativa e aí o nosso grupo é de vinte e cinco; onde é que nós vamos morar? Vamos ver onde é que vamos morar, contrata-se os técnicos, não pagam nada porque vão lá e desenvolvem os projetos que eles querem, das moradias deles... Não é essa

coisa de cima pra baixo aqui, que nem eles estão fazendo na Ceval, embora seja bom aquela coisa toda, mas não é fruto do processo da discussão e acúmulo daquela população. É muito melhor, mas ainda não é o ideal. Então, o que é que acontece? Funciona desta forma, o instituto técnico vai lá e faz os projetos. Quando sai dinheiro, isso vai pro banco da república oriental do Uruguai. Quando sai o dinheiro o instituto técnico recebe a sua parte por ter feito os seus projetos, acompanha, eles participam de mutirão; se não me engano quinze horas por semana cada família tem que participar, tem contratado o mestre da obra que ajuda a tocar a obra com reuniões semanais. O cooperativismo não é uma coisa simples, é uma coisa complexa e de decisão após um amplo conhecimento e educação é que as pessoas podem efetivamente tomar uma decisão que vão formar uma cooperativa naqueles moldes. Efetiva participação, relação horizontal, com uma direção pra cumprir o que todos os cooperados determinem e não o contrário que a gente tem nas organizações que acabam numa meia dúzia, pra não falar três ou quatro, acabam se apropriando da estrutura e dizendo para o grupo o quê que tem que ser feito, não é. Então, realmente exige muito trabalho, muita educação e nós na discussão com a comunidade ali, hoje comunidade Ceval, antiga comunidade São Gonçalo; nós explicamos pra eles que tinha uma outra forma de nós nos organizarmos que era através do associativismo, não é.

Uma associação comunitária como tantas outras que existem em Pelotas e pelo Brasil, fora que é mais simples e que não exige tanto das pessoas e que também num primeiro momento pode cumprir um papel de defender os interesses deles, de organizá-los, de dar legitimidade pra aquilo que estão à frente daquele grupo, não é, e de formalmente, constituindo um CNPJ. Eles, várias vezes tiveram participando, aliás, nós quando estávamos de secretários na verdade todas as nossas atividades nós convidávamos um movimento popular para nos acompanhar. Então quando nós estivemos no fórum social mundial, alguns deles estiveram presentes, no segundo fórum social em Porto Alegre. Quando nós estivemos visitando cooperativas habitacionais lá em Nova Hartz, eles estiveram presentes. Tem um conjunto de casas sendo construído lá, e orientado pela FUCVAM. Quando a FUCVAM vinha a Pelotas com seus dirigentes que viajam pela América Latina toda, não é. (A FUCVAM – Federación Uruguaya de Cooperativismo de Viviendas por Ayuda Mutua é sediada em Montevideú) Quando ela vinha a Pelotas, até mesmo porque a gente tinha um convênio, a prefeitura assinou um convênio com

a FUCVAM, não é, para que a FUCVAM viesse aqui e aportasse seu conhecimento. No Brasil não se conhece ajuda mútua, se conhece muito mutirão. Se conhece muito pouco desse mundo da ajuda mútua. A diferença é que no mundo da ajuda mútua todos têm que dar a sua contribuição. Isso é estabelecida lá no contrato social entre eles, qual é o que cada um tem que contribuir para a organização. Participação obrigatoriamente, não é. IMPOSSÍVEL participar de uma cooperativa se tu não participa. Segundo há a obrigação da família trabalhar, dependendo da cooperativa, quinze, dezesseis até vinte horas por semana pra cooperativa. Terceiro, tem a cota parte, não é, que são obrigações que são estabelecidas pelos cooperativados, além de toda a relação que existe dentro da FUCVAM estabelecida lá no contrato social, não é. Então quando nós fizemos este contrato com a FUCVAM, até tivemos aqui em Pelotas alguns contratemos, não é. Por que contratar alguém de Montevideú pra falar sobre cooperativismo se tem tanta gente aqui? Só que essa experiência é uma experiência diferenciada. Pra mim, a experiência número na América Latina. Pude constatar isso quando estive em Tegucigalpa, em Honduras, quando houve um encontro latino americano. Então esse convênio que a gente fez com a FUCVAM, trazia aqui os dirigentes da FUCVAM a cada quarenta e cinco dias. E também levava dirigentes aqui de Pelotas lá pras cooperativas, porque uma coisa é tu fala e outra coisa é tu vê as pessoas construindo as suas casas estabelecendo as suas relações de moradia. Então eles sempre estiveram presentes durante esse movimento da secretaria, quando a FUCVAM não vinha aqui alguém ia lá. Eles participavam das reuniões, nós promovíamos cursos. Fazia essa interação do movimento popular do Brasil, aqui de Pelotas, não é, e o de Montevideú. Possivelmente alguns deles lá devam ter diploma de participação de curso e cooperativismo habitacional. Vinha aqui em Pelotas o Ravier Vidal que era secretário, da informação, teve Gustavo Gonzáles, conhecido como Che Guevara da atualidade, hoje está sediado em Honduras, tem várias publicações da FUCVAM. E eles fazem uma experiência prática de vida. São engenheiros que também pegam no carrinho de mão, também, carregam os tijolos, que praticam essa relação de solidariedade.

Mas, então voltando à comunidade da Ceval, eu disse a eles que era mais prático num primeiro momento nós montarmos uma associação comunitária que com o tempo possa virar uma cooperativa. Porque como eu te disse a eles vamos nos educar, vamos nos preparar pra isto, porque o dia que montar a cooperativa todos

tem que estar conscientes das suas obrigações, porque na verdade a gente sempre fala dos direitos. Eu tenho direito a habitação, tenho direito a..., mas nós também temos deveres. Não existe sociedade só de direitos. *(Comentar a segunda norma da ética)*

A esquerda fala muito dos direitos e a direita fala muito dos deveres.

Na verdade, essa sociedade da ajuda mútua estabelece os direitos e os deveres, porque se não as pessoas acham que só tem direitos. O que é um equívoco! Tem que ter a contribuição de todos. Isto é estabelecido no CNPJ, como se deliberam as questões. Pra quê que se funda a associação, quais são os seus objetivos e como é que se delibera e que quorum deve ter. Registrado em cartório, essa coisa toda, que com o tempo poder se transformar numa cooperativa. Como eu disse, não é, no Uruguai eles levam quatro cinco anos num processo de educação, depois eles constroem em dezoito meses, porque o mais difícil não é construir a moradia. O mais difícil é mudar comportamento. É educação. Isso é que é difícil! É nós tirar das pessoas a questão do individualismo, é tirar das pessoas essa coisa que se pensa só nela, não é. Tirar essa coisa mercadológica e colocar outros valores, da solidariedade, da igualdade. Por isso é que é importante que todos participem, todos. Não é porque o cara é presidente da cooperativa que não vai dar a contribuição dele. Ele vai dar sim, igual aos outros. E aí é que tu vais na prática, desenvolver na prática, desenvolver realmente a igualdade. Ser igual a todos e ter algumas tarefas que tu tens que cumprir. Alguns são delegados pra exercer a executiva, exercer a direção, que inclusive na cooperativa ela tem que ser renovável. No máximo um terço da direção pode ser mantido, até porque eles também compreendem o seguinte: não adiante mudar tudo de uma hora pra outra. Há a preservação de um terço que é pra dar continuidade. Quem está na direção tem uma certa vivência, mas tu tens que oportunizar a renovação.

Temos que aprender a conviver nas diferenças. E como no trabalho lá uns vão rebocar, uns vão chapiscar, outros vão sentar tijolos, uns vão ter habilidades, mais pra uma coisa outros vão ter habilidades pra outras, outros vão ser segurança da obra, outros vão pintar. Então isso tem que ser compreendido, e compreendido o que cada um tem de valor pra agregar a organização. Porque não são todos iguais. Ah eu trabalho mais e o fulano trabalha menos! Então essas coisas as pessoas tem que perceber. Talvez trabalhe menos, mas talvez trabalhe com mais qualidade, não é. Talvez o trabalho dele seja mais qualificado, talvez ele não tenha tanta

força quanto outro tenha. Então tu tens que perceber as diferenças, não é, e ter um mínimo de compreensão. A FUCVAM foi fundada em 1970. Os parlamentares do Uruguai foram buscar essa experiência na experiência sueca, certo. Tem referência no centro cooperativo sueco, tem referência nos belgas. Quando eu estive na América Central, eu estive com eles. Estive com o centro de cooperativas sueco, estive com os belgas, que são quem deu sustentação inicial pra começar o sistema cooperativo, que começou no Uruguai a partir do movimento sindical. Eu tenho no Gustavo Gonzáles (uruguaio de Montevideu), como havia te falado antes, como o Che Guevara da atualidade. Da luta não armada, mas da luta da mudança de comportamento, da mudança de valores da sociedade. Hoje ele é contratado pelo centro cooperativo sueco, pra ti entender, ele é mais ou menos comparando com o futebol ao nosso Ronaldinho. Esse cara é o cara que está contratado pelo centro de cooperativas sueco para fomentar cooperativas na América Central. Inclusive eles estão montando uma cooperativa habitacional que está em andamento. Porque lá o movimento ele funciona, não é, lá no Uruguai. Porque há um respeito muito grande pela diferença. Porque quando nós estamos num movimento nós estamos num movimento. Não estamos com um bótton do PT ou do PC do B. Não há confusão partidária. Um movimento cooperativista ele é apartidário, não é. Ele não pode ter vinculação partidária ideológica, nenhum tipo de discriminação ideológica, ele é aberto, livre. Só que os conceitos que ele trás são os conceitos da liberdade, da democracia. Conceitos que a esquerda trabalham. Então 95% deles são da “frente ampla.” É uma esquerda que conseguiu se construir enquanto esquerda, as lideranças da FUCVAM não concorrem a nada. Há um pacto entre eles. Nós somos um movimento social. Se algum dia algum de nós tem que se afastar do movimento tem que deixar passar bastante tempo pra depois concorrer. Quem está na liderança de qualquer uma das cooperativas do movimento não pode concorrer. A mudança na comunidade Ceval ainda vai depender muito deles, por que nós queiramos mudar. Por isso que a mudança é cultural. A gente faz a propaganda, dos princípios, não é, mas a gente não vai obrigar ninguém a participar, então nós temos é que despertar a importância disto, ajudar eles a lutar coletivamente e experimentar. Luta, quando a gente experimenta lutar coletivamente a gente experimenta uma energia que passa pra todo mundo e que todo mundo experimenta. Tô lutando, e a gente às vezes conquista alguma coisa e essa conquista às vezes nos anima. E nota que coletivamente a gente pode chegar lá,

individualmente a gente nunca vai chegar. Quem experimenta a luta coletiva com certeza nunca mais vai se esquecer disso. *Na medida em que jamais será o mesmo.*

Tem gente que pergunta: Tu vais para câmara pra lutar pelos outros? Eu digo: Não, eu vou para a câmara pra lutar junto com os outros. Não adianta eu lutar por ti. Tu tens quê querer. Para uma organização funcionar tem que haver um clima de confiança mútua. Se tu errar eu não vou achar que errou pra prejudicar me prejudicar ou prejudicar a organização. Existem recursos no governo federal pra eles trabalharem, como no MMA. E isso é uma coisa que eu posso ajudar, e a Universidade pode ajudar também através da formatação do projeto.

Questões de cunho técnico referentes ao do ecomunitarismo

1. Tu sabes o que é ecomunitarismo?

Olha, o que eu sei do eco-comunitarismo é o que eu acompanho do trabalho da Jara, que busca a organizar a comunidade e despertar pras questões ecológicas ambientais. Integrar a comunidade a esses conceitos, não é.

2. Tu sabes o que Educação Ambiental?

EA pra mim é trazer consciência para a população com relação a água ao solo ao ar; a consciência de que todos como diz o Eduardo Galeano como dia naquele livro dele, “De pernas pro ar”, onde um índio dizia que todos são filhos da natureza, então quando a gente agride a natureza estás agredindo a gente mesmo. Então é o despertar desses conceitos, conceito da natureza, da necessidade da preservação do meio ambiente que preservar o meio ambiente é preservar as pessoas e construir a sustentabilidade do planeta, não é. Eu inclusive participado de alguns debates sobre isso aí. Acho interessantíssimo e do momento, não é, a preocupação com o ambiente é algo que está presente na mídia nacional, internacional e que hoje é lei nas escolas. Eu fui numa escola, Padre Anchieta, aqui no Areal, e fiquei sensibilizado com crianças da quinta série discutindo meio ambiente. Acho que está se dando uma educação que eu não tive oportunidade na minha época, e sei que terão conseqüências positivas para o planeta todo esse processo de educação.

3. O que é educação ecomunitarista pra ti?

É como eu bestava te dizendo antes, não é. Primeiro, comunitário vem de comunidade, então, comunidade é as pessoas perceberem que são vizinhas umas das outras, conjuntos e que precisam se organizar para enfrentar seus

problemas comuns. Juntando, como eu tinha dito antes, a questão do ecomunitarismo com a questão do meio ambiente. Porque nós também não podemos ver o meio ambiente como uma coisa separada das pessoas. As pessoas fazem parte do meio ambiente. Portanto, a qualidade de vida delas e acesso aos serviços e com consciência do que elas acessam, o canal do São Gonçalo, o canal do Santa Bárbara, pra mim é isso, não é, é essa questão ambiental com essa questão da comunidade, da consciência.

4. Que tipo de ação social busca a EA Ecomunitarista?

Ela busca uma educação que, por exemplo, que é bem simples, que é até aproveitamento dos resíduos sólidos, papel papelão, não é. Então ela busca a reutilização, que é um dos erres, um dos três erres que é reciclar, reutilizar e despertar a consciência porque disso, não é. Porque tem uma máxima da química que nada se cria tudo se transforma. Então você desperta isso na comunidade, se busca projeto social desses conceitos e a partir daí auferir renda da reciclagem.

5. O que é a ordem socioambiental ecomunitarista?

Isso aí eu não saberia te dizer.

6. Tu tens conhecimento das três normas fundamentais da ética ecomunitarista?

Não. Não tenho conhecimento.

Questões de cunho pessoal

7. Esse trabalho de alguma forma mudou o teu ponto de vista político?

Com certeza. Ele veio reafirmar alguns conceitos nossos de que é de que as pessoas devem definir o seu futuro. Mas ela me mostrou que populações bastante pobres, como essa que a gente esta falando, bastante empobrecida e de exclusão social, que é possível a organização, que é possível um mínimo de relacionamento, um mínimo de ética e que é possível despertar conceitos em relação ao meio ambiente que eu, nas experiências que eu vivo por aí, isso é muito difícil. Porque as pessoas tem que pensar o quê que eu vou comer hoje, se eu vou ter alguma coisa pra comer, será que eu vou conseguir sobreviver. Ainda ficar pensando em comunidade, ficar pensando em meio ambiente é algo que eu realmente não acreditava. Ao chegar numa comunidade tão pobre como aquela, e aí é que tá o trabalho do ecomunitarismo, o trabalho da Jara, que estavam preparados. Minimamente preparados, mínimas condições pra conseguir pelo menos vislumbrar pra onde eles deveriam ir. Coisa que nós da administração não sabíamos. E com

certeza os meus conceitos em relação a essas comunidades mudaram de que é possível sim, mas é possível a partir de processo de educação como o que foi feito lá.

8. Mudou o teu ponto de vista em relação às comunidades carentes (pobres)?

Na verdade eu te diria o seguinte: o pessoal quanto mais pobre, menos ético, mais vendido no processo eleitoral, menos confiável. Uma população de quê quem passou por último e deu o último saco de arroz e deu o último sacolão leva, não é. Eu te diria o seguinte: que é possível, mesmo com essa população..., mas é claro, num processo de médio prazo, longo, vários anos, mas mostra que ainda o ser humano diante daquela situação que eles viviam ainda são seres humanos, ainda são sensíveis, que é possível resgatar sim. Coisa que toda a minha leitura, todas as minhas relações davam conta do contrário, ou que as experiências da América Latina não dão conta dessa possibilidade. Tanto é que quando eu FUCVAM eu falo em uma população de dois três salários mínimos pra cima, pra baixo a gente acredita que as pessoas estão tentando sobreviver. Isto me mostrou que é possível. Com muito aporte de educação é possível sim.

9. Mudou a visão que tu tinhas do teu papel na sociedade?

Olha o meu papel na sociedade. Não, eu acho que ele consolidou, me deu mais consciência do que ele é. Até hoje tenho uma relação muito respeitosa com aquela comunidade, porque também não a utilizo como massa de manobra, tenho uma relação respeitosa com eles, ética com eles, não é. E com certeza me deu a consciência maior ainda de que o compromisso é com os excluídos da sociedade, que alias é uma mudança que o partido dos trabalhadores também tá chegando nesse povão. Não faz muito tempo o meu partido deu muito em cima da classe média, com os intelectuais e chagava pouco lá na ponta, não é. Porque um pouco da vitória do Lula se deu por ele ter conseguido chegar mais na ponta, no povão mesmo, não é. Mas pra chegar lá, o PT teve que fazer muitas mediações, que estão aí pra gente discutir, questionar em relação a isso aí.

10. Mudou a tua visão em relação à Universidade?

Em relação à Universidade, eu fiquei mais crítico. Porque se por um lado a gente vê o trabalho, o trabalho da Jara, ela é uma guerreira, que foi muito mais por ela ter acreditar por um ideal, do que por iniciativa da Universidade. Aquilo não é um projeto de iniciativa da Universidade. Eu não vi a Universidade por trás

daquele projeto, eu vi a Jara, enquanto seu compromisso social, enquanto acreditação naquilo ali que conseguiu mobilizar parte da Universidade a se inserir naquele projeto ali. A Universidade ainda é elitista, excludente, não é, é ainda dos setores médios da sociedade que faz muito discurso, critica... Eu estou falando tanto da Universidade Católica quanto da Universidade Federal. Ainda a Universidade é algo totalmente a parte. E quando eu acho que é um dos grandes problemas nossos aqui; porque nós temos a prefeitura que é uma máquina de fazer política, de programas de inclusão social, mas nós temos as Universidades, e que são aqueles que produzem, que investigam e que fazem ciência, e que muitas vezes acabam criticando o próprio poder público municipal aqueles que deveriam discutir também, não só fazendo críticas aos governos em geral mas também apontando soluções. Eu te pergunto, por exemplo, qual é solução do lixo em Pelotas? A Universidade Católica discute isso? A Universidade Federal discute isso? Não discute. É um dos grandes dilemas o que fazer com o lixo? Com quase cento e setenta toneladas de lixo por dia. O que fazer com isso? Então não há discussão. Então pra mim a Universidade está distante da sociedade, ainda é de uma elite e que não tem compromisso social, embora todo o discurso. Admito que existem trabalhos pontuais em várias áreas, mas a Universidade não está voltada pra isso, a Universidade Católica e a Universidade Federal. A Universidade brasileira de forma geral está desconectada. Por quê? Eu sou o saber, eu discuto..., tá bem, a Universidade é o lugar da dúvida, do questionamento, tá ótimo, entendeu? Só que ela tem que estar inserida lá na comunidade sabendo o que está acontecendo e propondo isso, propondo realmente a transformação. E eu não vejo a Universidade fazendo isso. Nem a Católica nem a Federal. Eu vou dizer uma coisa aqui pra ti. Eu também não acreditava. Sabe o que é que chegava de informação aqui pra mim do governo? A Jara era uma pessoa, uma pessoa que acredita naquela gente, só louca pra acreditar naquela gente, não tem crédito. Então me chegou informação de tudo que é tipo. Só que eu não sou um cara preconceituoso. E fui lá ver quem era essa Jara, o que é que ela tava fazendo e aprendi a respeitá-la, assim como ela respeitou o meu trabalho. Pra mim foi algo de muito valor ter recebido aquela lembrança. Depois de, um sem ser mais secretário, sem ser secretário ainda, eu acho que estavam ali as pessoas que valorizaram o meu trabalho.

11. O que tu achas que mais mudou em ti?

É muito difícil, a gente nunca é mais do que a gente era antes, não é. Tem um ditado que diz que tu não vai ser hoje o que tu já foi ontem, não é. Tu tá sempre acumulando, sempre mudando. E eu aprendi com aquela comunidade lá, de acreditar no ser humano. Essa coisa de igualdade de solidariedade, isso firma mais na gente os conceitos que gente tem. Conceitos bonitos que a gente pode falar sobre eles, discutir sobre eles. Uma coisa que emana das pessoas que é legal, que qualquer barraco que tu entra tu sentes a energia que emana das pessoas. Por mais sofridas que seja as pessoas, tu sentes a energia que do amor da esperança, da solidariedade. Tu firmas estes conceitos. Então firmaram em mim esses conceitos de igualdade. Ela foi muito feliz no que ela disse no encerramento: “Eu tava lá lutando e fui achando parceiros, fui achando os meus anjos”. E a gente ajudou a consolidar.

MAPAS E FOTOS

VISTA AÉREA DO TREVO, CEVAL E LOCAL DAS ANTIGAS MORADIAS





Brito, com microscópio, mostrando microorganismos à criança da comunidade



Antigo local, às margens do Canal Santa Bárbara



Antiga balança do Trevo onde funcionou a primeira escola



Ruína das balanças



Vista das primeiras bases de concreto



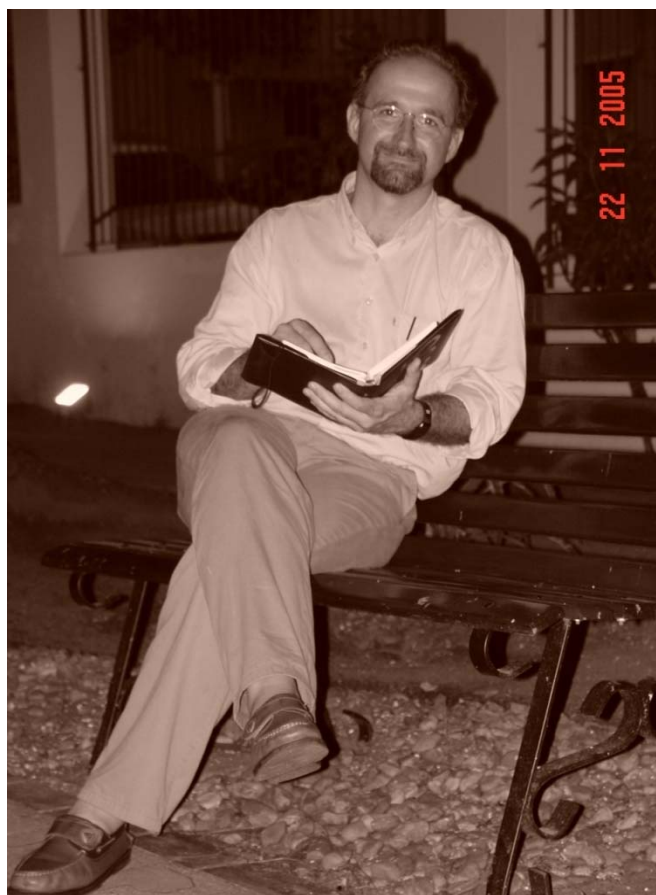
A realidade das moradias hoje



O que para a comunidade é passado



A realidade presente se concretizando na Ceval



Prof. Marcus S. da Cunha



Profa. Neuza C. Silva



Prof. Renato Brito



Vereador Arquiteto. Paulo Oppa



Líderes: Sr. Paulo Silva, Sra. Geneci Freitas e Sr. João Lázaro Ferreira



O que ficou para trás



Professora Jara Fontoura da Silveira



Líder comunitária Sra. Gracinda Feijó

BANCA EXAMINADORA

Dr. Gomercindo Ghiggi, Dr. Humberto Calloni e Dr. Sirio Velasco (Orientador)